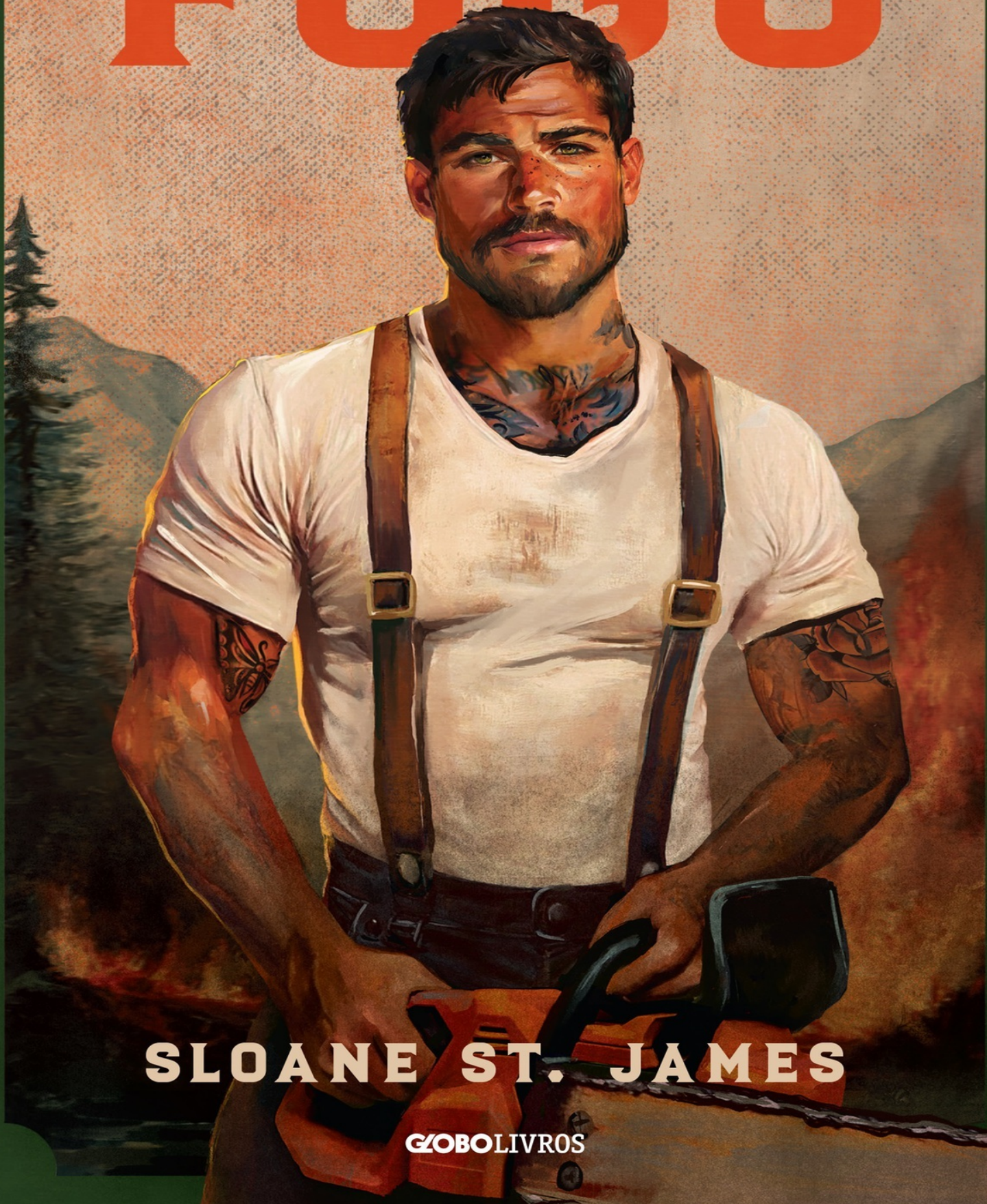
BOMBEIROS DE SKY RIDGE

FOGO



SLOANE ST. JAMES

GLOBOLIVROS


BOMBEIROS
SKY RIDGE

SLOANE ST. JAMES

FOGO

Tradução:
Gabriela Peres Gomes

GLOBOLIVROS

SLOANE ST. JAMES vive em Minneapolis, Minnesota. Autora premiada, conquistou milhares de leitores com romances que combinam protagonistas femininas fortes e bem-humoradas a heróis intensos, carismáticos e apaixonantes. Quando não está escrevendo, gosta de viajar, passar tempo com a família, assistir a jogos de hóquei e, é claro, ler romances.

Sumário

Pular sumário [»»]

Organograma

Dedicatória

Prólogo – Callahan

1 – Scottie

2 – Callahan

3 – Scottie

4 – Scottie

5 – Callahan

6 – Callahan

7 – Scottie

8 – Callahan

9 – Scottie

10 – Callahan

11 – Callahan

12 – Scottie

13 – Callahan

14 – Scottie

15 – Scottie

16 – Callahan

17 – Scottie
18 – Callahan
19 – Scottie
20 – Scottie
21 – Callahan
22 – Callahan
23 – Scottie
24 – Callahan
25 – Scottie
26 – Callahan
27 – Callahan
28 – Scottie
29 – Callahan
30 – Scottie
31 – Callahan
32 – Scottie
33 – Callahan
34 – Scottie
35 – Callahan
36 – Scottie
37 – Callahan
38 – Callahan
39 – Scottie
40 – Callahan
41 – Scottie
42 – Callahan

43 – Scottie
44 – Callahan
45 – Scottie
46 – Callahan
47 – Callahan
48 – Scottie
49 – Callahan
50 – Scottie
Epílogo – Callahan
Agradecimentos
Glossário
Playlist
Créditos

Temas

Romance no ambiente de trabalho, *enemies to lovers*, falta de comunicação, garota nova na cidade, uma cama só, nós contra a natureza, ex-playboy e protagonista feminina forte em perigo.

Gatilhos

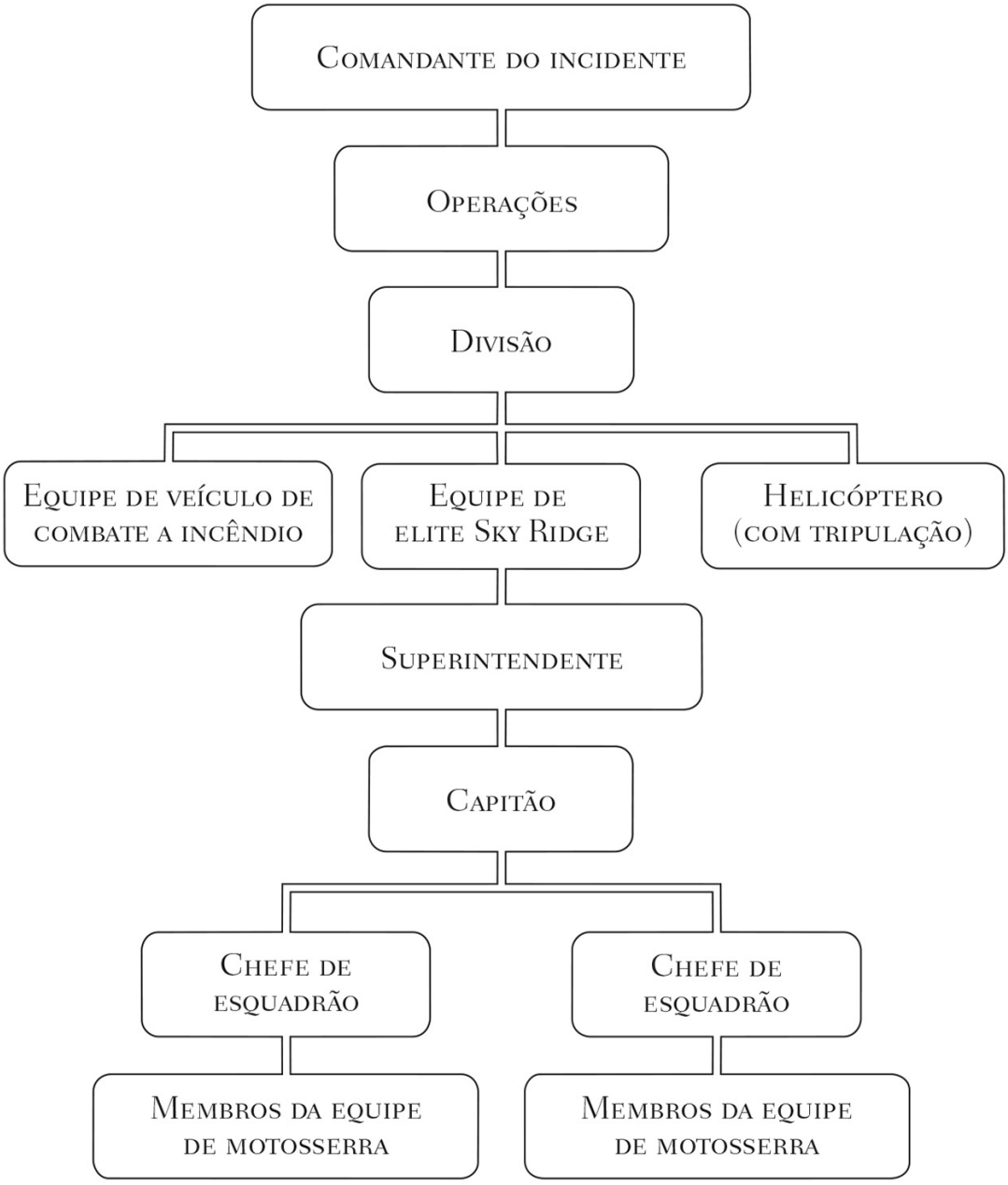
Este livro apresenta representações de trauma religioso abusivo, incluindo terapia de conversão e homofobia. Também há descrições de claustrofobia, desastres naturais, encontros próximos com incêndios florestais, transtorno de estresse pós-traumático complexo, ataques de pânico e flashbacks de morte testemunhada. Se essas situações provocam algum desconforto em você, é melhor evitar esta leitura.

Conteúdo

Este livro contém linguagem obscena e descrições sexuais explícitas, incluindo enforcamento consensual, uso de amarras, manipulação de sêmen, masturbação mútua, penetração sem fricção, elogios sexuais e xingamentos leves.

Organograma

Milhares de pessoas, de diversas equipes de comando, são envolvidas nas operações de combate a incêndios florestais. No entanto, para simplificar, estão listadas apenas as funções mencionadas na série Bombeiros de Sky Ridge.


Comandante do incidente
Operações
Divisão
Equipe de veículo de combate a incêndio
Equipe de elite Sky Ridge
Helicóptero (com tripulação)
Superintendente
Capitão
Chefe de esquadrão
Chefe de esquadrão
Membros da equipe de motosserra
Membros da equipe de motosserra

Para S:
Este livro parece ser tão seu quanto meu.
Obrigada por tudo.

Prólogo

Callahan

Cinco anos antes

Quando foi que velórios passaram a ser tratados como algo digno de elogios? Quem começou com essa palhaçada? Eu adoraria empurrar o responsável por isso escada abaixo.

O dia foi recheado de comentários positivos sobre o funeral, como se fosse a única conversa fiada disponível. Velórios são velórios. Todos são horríveis. Mas este… este é o pior de todos, porque eu o vi morrer, e a imagem daquele corpo sem vida ainda está fresca em minha memória. O único consolo é saber que foi uma morte rápida.

É um alívio sair da funerária, mas dirigir até o duplex de Garrett parece tão assustador quanto todo o restante. Talvez até mais. Não sei onde eles vão enfiar tanta gente nessa casa. Estaciono minha picape atrás de vários outros carros de amigos e familiares na ruazinha residencial.

Garrett Macomb era nosso líder, o superintendente da nossa equipe de elite e pai de um dos meus melhores amigos. Muita gente da equipe dizia, aliás, que ele era um pai para todos nós.

— Você está bem? — pergunta minha noiva, Molly, enquanto abaixa o quebra-sol do passageiro e retoca o batom.

Embora tente me apoiar e ser solidária, há um tom subentendido na voz dela. Está frustrada comigo, e não a culpo. Ando cada vez menos presente desde que testemunhei a morte de Garrett. Eu vivo distraído, perdido em meus

próprios pensamentos.

Com minha rotina de trabalho, o tempo que passo com Molly é curto e precioso. Estamos juntos desde o ensino médio. Construímos uma vida em Sky Ridge, Washington, onde eu pude realizar meu sonho de combater incêndios florestais enquanto Molly começava sua carreira de professora em uma ótima escola da região. No início, tudo era ótimo, mas a cada nova temporada de incêndios nosso relacionamento parece mais desgastado. As missões de combate ao fogo duram duas semanas, e depois só tenho alguns dias em casa para descansar um pouco e repor as energias antes de ser enviado a outro lugar.

Vez ou outra, somos designados para projetos por perto e podemos passar mais tempo juntos. Ela é minha prioridade quando estou em casa, mas está se afastando. E, nos últimos tempos, só tenho cabeça para o trabalho. Todas as noites, quando vou dormir, aquele dia se repete sem parar na minha mente. Preciso superar esses bloqueios mentais. Feito isso, posso descobrir como consertar as coisas para tudo voltar ao normal entre nós dois.

— Estou, sim — minto. — Te encontro lá dentro. Só preciso de um minuto.

Com um suspiro, ela sai da picape e ajeita o vestido. Eu a acompanho com o olhar conforme desaparece dentro da casa. Preciso me recompor, ou vou perder Molly também.

Tento reunir coragem para entrar na casa de Garrett, onde acontecerá a recepção pós-funeral. Depois de um tempo, enfim abro a porta e desço da picape. Respiro fundo e, conforme avanço, uma mulher mais velha, vestida de preto, aparece ao meu lado. É Ruth Haggleberg, a fofoqueira da cidade. Eu estava tão distraído que, a princípio, nem reparei nela, nem na travessa de comida coberta com papel-alumínio que ela carregava.

— Quer ajuda? — ofereço.

— Ora, muito obrigada! — responde Ruth, e me entrega a travessa. Seguimos juntos em direção à casa enquanto ela me observa, radiante, com um sorrisão animado no rosto. — Foi um funeral *tão* bonito.

Jesus Cristo. Inspiro o ar com força pelo nariz. Tudo o que consigo oferecer é um sorriso rígido, de lábios apertados.

— Hum.

Ela começa a tagarelar sobre todas as coisas *bonitas* que disseram sobre Garrett durante o velório, mas não dou ouvidos. Fico me perguntando se sobrou um restinho de tequila na garrafa que o King trouxe mais cedo. Demos alguns goles antes da cerimônia para conseguir aguentar o tranco.

Aperto a travessa contra o corpo quando chegamos aos degraus da frente e

abro a porta para ela.

— Que cavalheiro! — arrulha Ruth.

Ela dá um leve tapinha no dorso de minha mão e segue adiante, marchando à minha frente.

— Pode deixar que eu levo a travessa pra cozinha — aviso, antes que ela desapareça no mar de convidados.

Entro no corredor e serpenteio entre os corpos que lotam a sala de estar, abrindo caminho até a cozinha, onde coloco a travessa na bancada com um baque nada delicado. Não faço ideia do que a velhota preparou, mas é mais pesado que chumbo.

Ao me virar, procuro Molly com o olhar, mas não a vejo. Algumas pessoas passam por mim, e saio do caminho até acabar encostado na parede. Então meu olhar pousa em Xander. Eu me forço a encarar meu melhor amigo, mas mal o reconheço. O luto domina seu semblante. Ele nunca mais será o mesmo.

É como se Xander estivesse oco por dentro, esvaziado pela morte do pai, e eu fosse o responsável por segurar a faca. O dia em que precisei contar a meu melhor amigo que o pai dele havia morrido foi o pior de minha vida. Vai demorar muito até que a luz retorne aos olhos dele.

— Cadê a Molly? — pergunta King, me assustando, antes de se apoiar na parede ao meu lado.

Fico feliz de saber que está aqui também. Ele é meu outro melhor amigo da equipe.

— Deve estar por aqui…

— Aposto que foi encurralada pela velha Ruthie.

Solto uma risadinha abafada.

— Eu a ajudei a carregar uma travessa de comida. Vou te falar, viu, já empunhei machados que pesavam menos.

King balança a cabeça com um sorriso de canto, e ficamos observando a multidão, ainda encostados na parede.

— E você, como está se sentindo com a promoção?

Quando conquistei minhas qualificações para o cargo de capitão, fiquei em êxtase. O plano era simples. Garrett Macomb ia se aposentar no fim da temporada de incêndios, o que permitiria a Xander assumir como superintendente da equipe de elite de Sky Ridge. Eu tinha ralado pra caramba me preparando para a aposentadoria de Garrett, com a intenção de que, quando Xander subisse de posto, eu assumisse o lugar dele como capitão. Essa promoção era coisa grande.

A mudança de cargo vinha acompanhada de um aumento salarial mais do que bem-vindo, que me permitiria dar a Molly o casamento de seus sonhos. Já estamos noivos há sete anos, e prometi a ela que nosso casamento seria perfeito. Não vou aceitar menos que isso. Com o aumento, também vamos enfim sair do aluguel. Estou de olho em uma casa específica desde que me mudei para cá. Está meio capenga e vai precisar de uma boa reforma, mas cabe no nosso orçamento e tem muito potencial. Pode levar um tempo para deixar tudo nos trinques, mas com um pouco de carinho e dedicação, tenho certeza de que vai dar certo.

Molly e eu estávamos animados com a ideia de começar uma vida nova com essa promoção. Contudo, com a morte de Garrett antes do fim da temporada, as coisas mudaram. Aquela que deveria ser uma ocasião feliz foi manchada pela morte de nosso superintendente, e não parece haver motivo para comemoração.

Encolho os ombros.

— Queria que fosse em outras circunstâncias, sabe?

— Todos nós.

— É estranho estar aqui, né? — acrescento, passando os olhos pelo ambiente. — Com todas as coisas dele.

Há pequenos vestígios de Garrett em cada cantinho desse lugar abarrotado de gente. A poltrona reclinável onde ele assistia a jogos de beisebol está ocupada por um sujeito qualquer equilibrando um prato de comida no colo. Fecho a cara quando uma porção de molho escorre pela lateral do prato e cai no chão. Com certeza vai acabar sendo pisoteado pelo carpete inteiro quando alguém passar por ali depois.

Fotos de Xander e da família decoram as paredes. A mãe e os irmãos vieram de Michigan para o funeral. Ouvi dizer que Xander vai ficar com o duplex e, em algum momento, vai ter que mexer nas coisas do pai. Não faço ideia de como ele vai lidar com essa dor.

Pelo canto do olho, vejo Jacob, outro cara de nossa equipe, passar pela porta. A irmã gêmea dele, Vi, vem logo atrás. Um burburinho constante ecoa por toda parte. As conversas parecem quase alegres, como se fosse uma festa de casamento ou um baile de formatura. É o som de pessoas botando o papo em dia e contando histórias de Garrett. Eu tenho evitado pensar nele. Toda vez que faço isso, as lembranças logo são engolidas pela imagem dele instantes antes de morrer. Foda-se essa merda.

Molly diz que eu preciso dar um jeito de seguir em frente. Estou tentando, mas às vezes tenho a impressão de que nunca vou superar isso, por mais que eu

queira. Cheguei a me consultar com um terapeuta, mas, depois de voltar para casa exausto e esvaziado, não me senti nem um pouco melhor e ainda fiquei sem energia para me dedicar a Molly, o que acabou virando uma grande briga. No fim, ela foi dormir na casa de uma amiga. Sejam lá quais forem os problemas acumulados na minha cabeça, não posso deixar que ferrem com minha vida. Preciso soterrar todos eles fundo o bastante para que nunca mais venham à tona. Ou, no mínimo, não posso deixar transparecer. Ninguém entenderia essa mudança de personalidade. Não sou assim. Eu sempre fui o cara tranquilo.

— O mais esquisito é estar aqui com tanta gente — comenta King, endireitando a postura para dar espaço a alguém que passa carregando um buquê de lírios brancos. Viramos a cabeça para a esquerda para não levar uma pétala na cara. Ele acena em direção ao pequeno grupo de bombeiros do condado reunidos em um dos cantos da sala. — Não sei como aqueles ali ainda não começaram a botar gente pra fora. Estamos acima do limite de lotação.

Dou uma risada.

— Pelo menos Dave não está aqui.

As palavras escapam antes que eu consiga conter a língua.

Dave e Molly foram vizinhos a vida toda. Ela diz que ele é como um irmão, mas eu não ficaria surpreso se Dave fosse apaixonado por ela desde criança. Acho suspeito ele ter vindo parar na mesma cidade que nós. Além do mais, ele vem tentando fazer a transição de bombeiro estrutural para combatente de incêndios florestais. Para agradar Molly, dei a ele uma vaga em nossa equipe sazonal, o que foi um grande erro. O cara deu trabalho desde o primeiro dia. Na equipe, era um filho da puta convencido, sempre se achava superior a todo mundo, questionava ordens o tempo todo e nunca cuidava dos companheiros de equipe. Fora isso, tinha uma ética de trabalho horrenda e derrubou mais motosserras do que qualquer pessoa que já vi.

Quando Garrett me perguntou se deveria dar a ele uma vaga permanente, minha resposta foi um sonoro "nem fodendo". Mas, como Sky Ridge é um ovo, a notícia acabou chegando aos ouvidos de Dave, e ele tem sido um pé no saco desde então.

— Aposto que ele não quis dar as caras depois de ter sido rejeitado — comenta King, que é tão fã de Dave quanto eu.

A altura de Xander faz com que ele seja facilmente identificado enquanto se aproxima.

— E aí, cara?

Ele se posiciona a nosso lado, encostado na parede.

— Ah, e aí?

— Uma pena que ninguém apareceu — diz King, com a voz carregada de sarcasmo.

— Acho que meus irmãos subestimaram quantas pessoas viriam. Eu bem que tentei avisar…

A voz dele está vazia. Eu odeio isso.

Estamos espremidos feito sardinhas entre a sala de estar e a cozinha, e agradeço aos céus por estarmos lado a lado na parede. Ver a expressão desolada de Xander seria uma tortura. Foi terrível ter sido o responsável por lhe dar a notícia. As palavras saíram dos meus lábios com um gosto podre. Eu teria engolido todas elas em um piscar de olhos se fosse possível.

O burburinho constante das conversas ao nosso redor se dissipa aos poucos conforme minha mente é arrastada de volta àquele dia. A expressão no rosto de Garrett pouco antes de morrer… Um milhão de palavras passaram entre nós. Essa imagem vai ficar gravada para sempre em minha memória. Não havia nada que eu pudesse fazer para impedir a queda daquela árvore. A tristeza no rosto dele vai me assombrar pelo resto da vida. Garrett sabia que ia morrer. Eu vi em seus olhos, e ele não estava pronto.

Fico aliviado que Xander não estava lá para ver a cena, e levarei a lembrança comigo para o túmulo. Só espero conseguir enterrá-la tão fundo dentro de mim a ponto de nunca mais a encontrar. Quero esquecer que ela existe. Infelizmente, vem à tona toda vez que vejo fotos de Garrett, que hoje estão por toda parte. O ambiente parece ficar mais abafado conforme eu me afundo nesses pensamentos. De repente, é como se já não conseguisse respirar. "Reage, porra." Lanço um olhar para a porta da frente, mas está bloqueada por pessoas se despedindo.

Preciso de ar.

— Vou procurar um banheiro — aviso, me afastando da parede.

Sigo pelo corredor dos fundos, torcendo para que o quarto de hóspedes esteja vazio. Quero me trancar lá dentro enquanto tento me recompor. Meu coração dispara a cada passo, e a única coisa que consigo ouvir é a pulsação martelando em meus ouvidos, enquanto minha visão se afunila. "Caralho, será que vou infartar?"

A impressão é a de que meus pensamentos estão me levando pelo ralo e sou incapaz de escapar do redemoinho. Por mais que eu tente, não consigo me distrair.

"Respira fundo." Meu peito está apertado demais para puxar o ar, e parece que estou sendo esmagado sob o peso enorme de tudo o que aconteceu. Meus dedos tremem quando tento afrouxar a gravata no pescoço. Ela parece mais uma forca.

Enfim chego ao quarto e envolvo a maçaneta, depois forço a porta, prendendo a respiração e esperando que o alívio me atinja.

Mas ele não vem.

Em vez disso, levo um soco no estômago ao dar de cara com minha futura esposa dando pra outro homem.

Pelo visto, Dave resolveu aparecer.

1

Scottie

PRESENTE

AS LÂMPADAS FLUORESCENTES PISCAM na sede da prefeitura caindo aos pedaços, mas ninguém parece estar nem aí. O lugar está silencioso, exceto pelo *tec-tec* dos teclados e pelos cliques dos mouses vindos de cubículos e salas nos arredores. De vez em quando, o silêncio é quebrado pelo toque de um telefone.

Passo as mãos nas calças para alisar o tecido. Os secadores do vestiário feminino não eram potentes o bastante para tirar todos os vincos da minha blusa de algodão, mas até que deram para o gasto. É o que acontece quando se mora no próprio carro, munida apenas do que cabe em uma malinha de mão.

Espero que a roupa não seja um fator decisivo para conseguir o emprego de socorrista. Se eu receber uma proposta, poderei pagar o sinal de um estúdio pequeno em Sky Ridge. O proprietário disse que o aluguel poderia ser pago em espécie, mês a mês. Já concordei em fechar o contrato sem nem visitar o local. Desde que eu tenha um teto, quatro paredes e um banheiro, não me importo com a aparência. Coloquei o endereço desse estúdio nos meus documentos e, até agora, ninguém verificou.

Um homem surge de um dos escritórios.

— Oi, Prescott? Sou Noah, conversamos ao telefone mais cedo.

Forço um sorriso e encontro o olhar gentil do sujeito grandalhão. Ele é o gerente de RH da prefeitura, responsável por algumas vagas para serviços essenciais do condado, como o cargo de socorrista em que estou de olho.

Eu me levanto, ansiosa, e estendo a mão.

— Sim, sou eu. Muito prazer.

Aperto a mão dele com firmeza. Não sou fraca. *Não sou fraca*.

Tenho as qualificações necessárias. Já trabalhei no ramo, preenchi toda a papelada. Conquistei isso sozinha. Sou conduzida ao escritório dele e me sento na cadeira em frente à mesa enquanto ele se acomoda do outro lado.

O tampo de metal bege está repleto de documentos e calendários. Engulo em seco conforme ele remexe as pilhas até agarrar uma pasta de papel pardo. Quando a abre, vejo meu nome.

— Parece que todas as suas qualificações e documentos estão em dia — murmura, folheando parte de minha papelada sem nem me olhar.

Aceno que sim.

— Isso mesmo, senhor.

— Quando você pretende começar?

— O quanto antes.

Será que fui com muita sede ao pote? Não quero que ele saiba o quanto estou desesperada.

— Acho que podemos dar um jeito — garante Noah, e volta a folhear os papéis, procurando alguma coisa. — Você enviou seus comprovantes de vacinação por e-mail?

"Droga."

— Ah, achei que tinha feito isso — minto, inclinando o corpo para dar ênfase, como se me surpreendesse por não estarem no arquivo. — Perdão. Seria possível enviar uma cópia ainda hoje?

Ele fecha a pasta.

— Tudo bem. Como você sabe, temos uma vaga de socorrista no Corpo de Bombeiros de Sky Ridge. Fica na County Road 2, não muito longe daqui.

Já passei na frente pelo menos uma dúzia de vezes, sempre fazendo uma oração silenciosa aos deuses do RH. A concorrência não é muito alta nessa cidadezinha minúscula, e isso aumenta minhas chances.

— A equipe de lá é ótima. Acho que você vai se encaixar bem.

Noah tira outro papel da pasta. Parece um documento de contratação. Sinto o coração disparado e me esforço para segurar o choro.

— Carga horária de 36 horas por semana. Três dias de trabalho, quatro de folga.

"Perfeito."

— Estou acostumada a turnos de doze horas.

— O salário é de 21,50 por hora.

— Ótimo.

"Por favor, quero assinar logo o contrato."

— Mais alguma pergunta?

— Não, senhor. Eu adoraria o emprego.

Noah pega uma caneta, pelo jeito satisfeito por se ver livre de mim.

— Excelente. Já preparei a papelada.

Ele me entrega para que eu dê uma olhada no documento, e eu aceno de leve, resistindo ao impulso de soltar um gritinho de alegria.

— Vamos finalizar o contrato assim que recebermos seus comprovantes de vacinação. Se estiver tudo certo, enviarei uma cópia do documento por e-mail. Aí é só assinar e devolver. Assim você não precisa voltar aqui.

Ele dá um pigarro.

— Quando o processo estiver concluído, você estará autorizada a começar na próxima terça-feira. Pode ser?

— Maravilha! — Abro o primeiro sorriso genuíno em um bom tempo. — Não tem o menor problema. Enviarei uma cópia ao senhor assim que voltar. Obrigada.

"Eu arranjei um emprego."

Ele se levanta e eu faço o mesmo. Trocamos um aperto de mãos, agradeço mais uma vez e sigo meu rumo.

Ao sair do escritório, vou até meu carro, parado no canto mais distante do estacionamento. Não posso arriscar que alguém bisbilhote e descubra que ele tem sido minha casa nas últimas semanas. Mas estou dando um jeito.

Acontece que a mensalidade da academia sai bem mais barata do que o pacote de um mês nos hotéis, e ainda consigo tomar todos os banhos quentes que quiser, além das outras comodidades. Só falta a cama. Por sorte, os funcionários pensam que sou só uma rata de academia, e não uma mulher sem-teto que precisa de um lugar para tomar banho. O lado bom é que eu nunca estive tão em forma.

Estou me escondendo do outro lado do país. É muito longe da cidadezinha onde cresci e da comunidade que parece determinada a tornar minha vida um inferno.

Se alguém de lá tiver a ideia de pesquisar meu nome nos registros públicos, há uma boa chance de ligarem para meu local de trabalho e me causarem problemas, mas já se passaram semanas desde que fui embora. A lata de café que escondi no fundo do armário da cozinha vinha sendo preenchida com

moedas e dinheiro vivo por quase um ano.

Isso me trouxe até Sky Ridge, em Washington, o ponto mais distante de casa possível, e eu nunca estive tão feliz.

Observo os arredores como quem não quer nada antes de destrancar a porta do carro e entrar. Saio do estacionamento e vou direto para a biblioteca municipal para usar os computadores de lá e baixar minha carteira de vacinação e enviar para Noah.

Em qualquer outra circunstância, eu teria ligado pro consultório do meu médico e pedido que enviassem os documentos por e-mail. O problema é que a informação chegaria ao conselho em menos de uma hora assim que descobrissem pra onde os registros seriam enviados. Talvez nem se importem com minha partida, mas não quero arriscar.

Enquanto estou na biblioteca, atualizo meu e-mail sem parar, esperando o contrato de trabalho. "Calma, Prescott. Eles não vão enviar logo de cara." Tenho algumas horas à toa até lá.

Poderia ir até a academia e correr na esteira, mas a monotonia só vai me deixar mais ansiosa do que já estou. Nunca gostei de correr entre quatro paredes. Preciso estar ao ar livre, onde posso me distrair fácil com os arredores.

Ao sair da biblioteca, volto pro carro, ligo o rádio e dirijo até uma das trilhas da região. É um dia lindo para uma caminhada.

O estacionamento está vazio no meio da manhã, nada incomum para um dia de semana, quando todo mundo está no trabalho. Troco as roupas sociais e os sapatos por uma calça legging, um casaco fresquinho e botas. O contraste do céu azul intenso com o horizonte de árvores é deslumbrante.

Apesar de vir de uma região montanhosa, só vi montanhas de verdade quando cheguei em Washington. Aqui, elas são tão altas que os cumes ficam cobertos de neve, perfurando as nuvens. Tão vastas que não dá para saber onde começam nem onde terminam.

No segundo em que minhas botas tocam a trilha, sinto o sorriso se formar em meu rosto. Nunca me sinto tão feliz como quando estou na natureza. O solo tem um tom profundo e cálido de terracota, coberto por agulhas de pinheiro caídas. Encho os pulmões com o ar fresco e úmido do outono e inspiro o aroma das coníferas, deixando a sensação de contentamento se instalar em minha alma. Esse lugar poderia ser minha casa. Eu poderia me perder nessas florestas para sempre. Depois de apenas algumas semanas, já desejo criar raízes nas montanhas.

Após cerca de dois quilômetros, a floresta se abre em uma clareira. Os raios

de sol aquecem meu rosto enquanto inclino a cabeça para beber água. A trilha fica menos visível em terreno aberto, então sigo os marcos de pedra, pilhas altas dispostas pelas equipes da trilha pra orientar os caminhantes. Deve haver um mirante a alguns quilômetros daqui. Mantenho a atenção nesse objetivo em vez de pensar no celular pesando no bolso. Ainda é cedo demais para ter recebido o contrato por e-mail.

Meus pensamentos correm soltos conforme aumento o ritmo e admiro a paisagem, apreciando as marmotas que vez ou outra espreitam por trás de uma formação rochosa, como aquela que acabou de soltar um ganidinho para mim.

— Oi, amiguinha. Só estou de passagem.

A patinha dela se mexe perto da barriga amarelada e felpuda, e eu sorrio ao passar. Hoje vai ser um bom dia. Vou receber a oferta de emprego e, em seguida, falar com o proprietário para fechar o aluguel do estúdio. Quem sabe eu não me mude antes do fim da semana? Apesar de não ter móveis, posso contar com meu colchão inflável. Para ser sincera, seria mais confortável dormir no chão do que ficar toda espremida no banco de trás do carro, como tenho ficado nas últimas semanas.

Além do mais, sempre dá para encontrar móveis usados de graça nos classificados da internet. Já vi o estado do prédio por fora, e, se o interior do apartamento for parecido com a fachada, há um bom motivo para ele estar vazio há tanto tempo. O lugar é uma pocilga, mas está prestes a ser *minha* pocilga. Lixão, doce lixão.

Mais adiante, vejo outra placa com uma setinha apontada para a esquerda, indicando o mirante. Sigo por ali e continuo sonhando acordada com meu futuro. É minha primeira vez nessa trilha, mas espero uma vista de tirar o fôlego no topo do morro.

Não demora muito para eu chegar ao mirante. No fim do caminho, um vale enorme se abre para um lago deslumbrante, com o reflexo do sol cintilando nas margens. Morros e florestas se estendem até onde a vista alcança. É maravilhoso.

É. Esse lugar poderia mesmo ser meu novo lar.

2

Callahan

No canto mais afastado da rua principal, há um grande letreiro de neon que diz bar, com uma setinha apontando pro prédio de tijolos gastos logo abaixo. Mae e Jack são donos daquele ponto de esquina desde antes de eu me mudar para cá. Só alguns sabem que o bar se chama Shifty's, e só essa galera vem beber aqui — e a maioria faz parte da equipe de elite também. Nem todos moram na cidade, mas, anos atrás, o lugar acabou virando uma espécie de ponto de encontro.

Leva um instante para meus olhos se ajustarem do pôr do sol ofuscante lá fora à luz baixa do barzinho quase sem janelas. Mais letreiros de neon decoram o interior do ambiente, em sua maioria propagandas de cerveja. A porta pesada se fecha atrás de mim, e logo sou recebido pelo cheiro familiar de mofo e pelo som das risadas dos meus amigos, que já devem estar na segunda rodada.

Viemos comemorar o fim do último incêndio. Foi um inferno, e estamos todos exaustos, mas é uma boa desculpa para sair e beber umas geladas com o pessoal. King e Xander estão acomodados no meio do bar, então puxo um banco e me sento ao lado deles. Na mesma hora, uma garrafa de cerveja trincando aparece em minha frente sobre o balcão de pinho, a madeira amarelada de tão antiga. Levanto dois dedos e aceno para agradecer a Lou, o velho bartender que nos conhece muito bem.

King e Xander riem de algo que Bobby acabou de dizer, e em seguida dou um gole na cerveja e me deixo levar pela conversa.

— Aí ele deixa os nossos caras torrando naquele estacionamento quente para caralho na Flórida, enquanto o pessoal de Washington estava naquele

almoço chique com buffet e tudo, porque a gente que se foda, né? Eles lá se empanturrando de frutos do mar no ar-condicionado geladinho enquanto os bombeiros nem podiam sair para pegar algo para comer, só pro caso de algum bambambã aparecer querendo dar uma olhadinha nos caminhões e na equipe. Como se fosse a porra de um circo.

Bobby dá uma risada antes de retomar a história.

— Depois de horas no sol, acabou a palhaçada, certo? E quem aparece todo-todo, com os bolsos cheios de camarão? O filho da mãe do Wyatt Bradley. O imbecil olha pros caras e solta: "Que pena que vocês não puderam entrar, a comida estava boa demais!". E continua ali, comendo camarão do bolso!

— Nem fodendo que o chefe do Serviço Florestal estava com os bolsos cheios de camarão — comenta Xander, descrente, levando a garrafa de cerveja aos lábios.

Bobby ergue a mão.

— Juro por Deus.

Reviro os olhos e sorrio. Essa história já rodou por aí algumas vezes. Se bem que, na última versão que ouvi, o chefe estava com a camisa abotoada errado e o cinto do avesso.

Voltamos a trocar histórias e boatos, além de comentar sobre as missões dos próximos dias. Quando a temporada de incêndios acabar, vou ter algumas semanas à toa para fazer o que me der na telha antes de começar um bico na equipe de patrulhamento em uma estação de esqui da região. É uma baita oportunidade. Tempo livre nas pistas e todas as esquiadoras que couberem em minha cama. Nada mal para ganhar um dinheirinho extra. Começo a pensar nos planos que tenho para a baixa temporada.

— Acabaram de contratar alguém novo — conta Xander, me arrancando do devaneio. — Um socorrista, se não me engano.

Fico boiando no assunto.

— Quem contratou um socorrista? — pergunto, tentando acompanhar a conversa.

— Os internos.

Ou seja, o corpo de bombeiros responsável por lidar com incêndios estruturais.

As notícias se espalham mais rápido no Shifty's do que no jornal local.

— Um *cara* novo… ou uma mulher? — pergunta Tex. — Porque esse é um detalhe importante.

Já faz anos desde a transferência dele do Texas, mas o apelido pegou.

Curly fica olhando pro nada.

— Lembra daquela loira, a Abigail? *Cacete*. Ela era um absurdo.

— Cara, aqueles olhos azuis… — concorda Dixon, soltando o ar devagar. — Abby era sensacional.

"Os boquetes dela eram sensacionais mesmo."

Metade dos caras no bar concorda com a cabeça. Alguns encaram as próprias garrafas de cerveja com nostalgia, relembrando a habilidade oral dela. "Puta merda."

Xander ri.

— Ainda não conheci, mas como o primeiro nome é Prescott, imagino que seja um cara.

— Mas que merda — reclama Tex, virando o resto da cerveja antes de colocar a garrafa vazia no balcão com um estalido oco.

Lou já está abrindo outra para ele.

— Mesmo que o novato seja uma mulher — intervém King —, Matt ainda vai ser o paramédico responsável. Ele só não é mais garanhão do que o Woods aqui.

Ele dá um tapa em minhas costas.

Abro um sorrisinho debochado.

— Ei, nada de me julgar por ser promíscuo.

Não vou para a cama com uma pessoa diferente toda noite, mas sou um cara solteiro que viaja muito a trabalho e tem sérios problemas com compromisso. Depois que peguei Molly com Dave no funeral de Garrett Macomb, me fechei para qualquer possibilidade de relacionamento futuro.

Já existe traição demais nessa profissão. Devido o tempo que os bombeiros passam longe dos parceiros, isso acontece em igual medida dos dois lados. Eu nunca traí ninguém. A mera ideia me enoja em um nível visceral. Em quase todas as equipes em que trabalhei, um terço está comprometido, um terço é divorciado e o restante está curtindo a vida. Eu faço parte desse último grupo. A vida é curta. Transar é bom. Desde que todo mundo esteja de acordo, que diferença faz?

De vez em quando, a solidão bate forte, ainda mais quando ouço alguns dos caras comentando sobre ter uma namorada esperando em casa. Mas só de pensar em descobrir outra traição, logo desisto. Prefiro manter distância de qualquer envolvimento sério. Tenho muitos traumas para enfrentar e não preciso jogar esse peso nas costas de mais ninguém.

É mais fácil transar sem compromisso. Só diversão, sem sofrimento. Além

do mais, a maioria das mulheres com quem fico está atrás da mesma coisa. Elas querem algo passageiro, e fico feliz em ajudar. As que procuram relacionamento sério, que acham que podem me "consertar", não precisam de muito para descobrir que esse esforço é inútil. O espaço que meu coração um dia ocupou está estéril. Não adianta tentar plantar algo ali, porque nada vai florescer.

Dou mais um gole na cerveja. O bar vai enchendo aos poucos, com mais moradores de Sky Ridge chegando conforme a noite avança, então nem dou muita bola quando ouço a porta se abrir, até que um silêncio toma conta do lugar. Viro a cabeça para a direita para ver o que deixou todo mundo quieto. Deve ser alguém de fora em busca de informações.

Bato o olho na mulher deslumbrante que se aproxima do bar. Não é da cidade. Se estiver perdida, a levo para casa e a acompanho até o quarto com o maior prazer, só para garantir que chegue em segurança.

É difícil dizer se ela é ruiva ou loira com todas essas luzes, mas o cabelo cai em ondas soltas sobre os ombros. Está em forma, mas tem curvas, e o conjunto da obra, além dos lábios carnudos, fazem dela um espetáculo de mulher.

— É minha — avisa Caleb, se afastando do balcão. Ele é novato, acabou de encerrar sua primeira temporada de incêndios. Esse garoto é o sujeito mais ingênuo que já conheci.

— Senta aí — ordeno, olhando para a frente.

Apoio a garrafa no balcão e, de canto de olho, observo a mulher. Ela é muita areia pro caminhãozinho de Caleb.

— Lá vamos nós — murmura Xander.

Tudo bem… Talvez eu *mereça* a fama que tenho.

Inclino a cabeça na direção dele, que me responde com uma encarada sugestiva.

Sustentando aquele olhar julgador, decido recalcular a rota.

— Sabe de uma coisa, Caleb? Retiro o que disse. Por que você não vai lá tentar a sorte? Você viu primeiro, nada mais justo. Eu fico com a próxima.

Xander desvia o olhar e solta uma risada com a cerveja perto dos lábios antes de dar um gole.

Caleb me observa, meio ressabiado, e eu dou de ombros. Ele não perde tempo e sai do banco para se apresentar a ela. A mulher nem se acomodou ainda. Como era de esperar, ela sorri com educação, mas parece um pouco desconfortável, de costas pro balcão, enquanto ele se apressa em soltar sua melhor cantada, que eu adoraria ouvir, nem que fosse só para dar umas boas risadas. Dou a ele um minuto para fazer papel de tonto.

— Lá vem… — avisa Curly.

A mulher o encara com dó, e sinto um sorriso querendo despontar em meus lábios. Coitadinho. Ela o devolve para nós como um filhote abandonado. O canto de minha boca se ergue, e eu rio baixinho. Caleb devia ter adivinhado, mas agora aprendeu a lição. Ele volta arrastando os pés para nosso lado do bar, afunda no banco e resmunga um "babaca" com a bebida encostada na boca.

— Mais sorte na próxima, parceiro — diz um dos caras, dando um tapa forte nas costas dele.

Dou um gole na cerveja e sinto os olhos dela em mim. Quando espio de relance, ela desvia o olhar na hora e se senta diante do balcão. O burburinho dos clientes volta ao normal. Ela tira a carteira da bolsa, depois a coloca aberta no colo e passa os dedos por um dos compartimentos. Os lábios se movem, como se falasse sozinha.

"Está contando dinheiro."

Depois de alguns segundos, acena para si mesma, e Lou se aproxima para anotar o pedido. Em seguida, ele se vira, pega uma garrafa de Jack Daniels da prateleira e um copo vazio. Meu palpite é que ela teve um dia difícil ou veio comemorar alguma coisa. Observo o modo casual como se recosta no banco e pressiona os lábios um contra o outro. Com os braços estendidos, tamborila os dedos no balcão, avalia o ambiente e toma nota dos rostos desconhecidos com um sorriso suave.

"Veio comemorar."

O olhar dela encontra o meu e assim permanece até Lou quebrar o encanto, colocando a dose de uísque no balcão. Ela assente em agradecimento, e ele informa o valor do pedido.

Ela retira uma das notas contadinhas.

Dou um pigarro.

— Pode colocar na minha conta, Lou — ofereço.

Escuto o resmungo irritado de Caleb.

O olhar da mulher se prende ao meu de novo, e ganho um sorriso radiante. Ela levanta o copo, articulando um "obrigada" com os lábios.

Aceno de volta e pisco para ela, dando um gole em minha cerveja, antes de me virar de volta pros caras e retomar a conversa.

E, de repente, Dave Banner se aproxima do balcão, bem ao lado dela.

Dave, o cara de quem nunca gostei. Dave, que não conseguiu entrar na equipe de elite. Dave, que dormiu com minha noiva, Molly, depois a engravidou e se casou com ela. De que buraco ele saiu? O segundo filho deles nasceu há

poucas semanas. Ele não tem o direito de olhar para essa mulher assim. Contraio a mandíbula. Nunca achei que Molly e Dave fossem perfeitos um pro outro, mas, pelo visto, me enganei. Esses dois se merecem. Poucas coisas são mais nojentas do que a traição deles. Eu não desejaria isso para ninguém.

— Está tudo bem aí? — pergunta King ao meu lado.

— Tudo certo — respondo, desviando o olhar da cena que se desenrola a poucos metros.

Dave está perto demais para meu gosto, e pela linguagem corporal da mulher, ela também não está muito feliz. Foi engraçado quando Caleb tentou dar em cima dela, e até pensei que eu teria uma chance depois. Mas, agora, com dois caras no pé dela na mesma noite, não tem a menor chance de eu me meter na disputa. Nossa cidade já está se mostrando um antro de idiotas desesperados. Ela não precisa de mais um.

A mulher balança a cabeça, rejeitando a investida dele. Mas, ao contrário de Caleb, Dave não aceita o fora. Coloco a cerveja no balcão e apoio as mãos para me levantar, e de repente Xander se estica e grita atrás de mim.

— Ei, Dave!

Ele se vira para nos encarar. Desvio o olhar, relaxo os braços e me inclino para a frente. Não preciso que aquele imbecil veja a raiva que ainda sinto dele.

— Como vai o bebê? É seu segundo ou terceiro filho com Molly? Foi mal, sempre esqueço.

Abro um sorriso e tomo um gole de minha cerveja.

— Segundo — sibila Dave.

— Ah, certo. Bom, parabéns… Mande um abraço pra sua esposa por mim.

Dave recua, talvez para voltar à mesa onde alguns outros caras do corpo de bombeiros local estão sentados.

— Você não precisava ter feito isso — resmungo para Xander.

— Precisava, sim.

Ele dá uma golada na garrafa de cerveja.

— Até que eu gosto bastante do climinha dessa pocilga, e não sei se o Lou aqui — continua ele, e gesticula com a garrafa em direção ao barman, que está sorrindo para nós — ficaria muito animado em nos deixar voltar a este belo estabelecimento se você arrancasse a cabeça de Dave. Tenho certeza de que Mae e Jack também não iam ficar muito felizes. E, pela sua cara, imagino que a situação logo ia descambar para esse lado. — Ele lança um olhar de volta ao barman. — Estou errado, Lou?

King é esperto o bastante para não rir, mas consigo sentir o sorriso dele do

outro lado de Xander.

— Está certíssimo — responde Lou, com uma risada contida. — Mae acabou de trocar todos os tapetes do bar.

— Eles acabaram de trocar os tapetes, Cal! — enfatiza Xander, gesticulando pros tapetes com a mão aberta.

Olho feio para todos eles e bebo o restinho de minha cerveja.

— Mais uma? — oferece Lou.

— Sim, senhor.

Ele tira a tampa e troca a garrafa pela minha vazia.

— Essa é por conta da casa. Não deixa aquele cara te afetar.

— Que cara?

Faço uma careta. Dave não me afetou. Não preciso dessa puxação de saco.

— Calma lá! Se não me engano, só *eu* confrontei as palhaçadas do Dave — protesta Xander. — Cadê minha cerveja de cortesia, Lou?

Sinto o olhar dela queimando, subindo por meu pescoço.

"Que se foda."

Enquanto Xander e Lou discutem feito velhos rabugentos, escorrego do banco e caminho sem pressa até a outra ponta do balcão, sentando-me ao lado da mulher. Fico quieto, com o olhar voltado para a frente, e ela faz o mesmo.

Alguns minutos se passam.

O ar entre nós fica cada vez mais carregado de expectativa, enquanto ambos nos comprometemos a não dar o primeiro passo. É como um jogo e, por incrível que pareça, bastante divertido. Ela não olha para mim, eu não olho para ela, mas estaria disposto a apostar uma boa grana que estamos pensando a mesma coisa. Bebo quase toda a cerveja sem dizer uma única palavra. O uísque dela também está nas últimas.

Por fim, ela quebra o silêncio.

— E aí, você vai dizer alguma coisa ou vai ficar só sentado aí?

Engulo o restinho da cerveja e bato dois dedos no balcão, pedindo mais uma rodada.

— Vou ficar só sentado aqui.

— Ah, beleza.

Lou se aproxima, recolhe a garrafa vazia e a troca por uma gelada.

— A moça precisa de mais uma dose — aviso.

Ele se vira, pega a garrafa de uísque e despeja o líquido âmbar no copo.

— Obrigada — agradece ela quando Lou lhe entrega a bebida.

Dou um aceno para ele antes que se afaste.

— Eu posso pagar por minhas próprias bebidas — insiste ela.

— Que bom, porque eu não vou pagar por essa. A de antes foi exceção, porque fiquei com pena de você.

Ela dá um gole no uísque.

— Essa é a hospitalidade de Sky Ridge de que eu tanto ouço falar?

Estalo a língua.

— A própria.

— Por que você me acha digna de pena?

— Olha, vou mandar a real… Não sei se alguém já te disse isso… — começo, inclinado na direção dela, e baixo a voz. — Mas, hum, você é bem feia.

Isso a faz gargalhar, alto o suficiente para Dave ouvir, aposto, e eu rio junto.

— Não devo ser tão horrível assim se seu amigo ali tentou me levar pra casa antes mesmo de eu conseguir me sentar…

Faço uma careta.

— Peço desculpas por ele, a gente o achou na rua.

— Essa deve ser a primeira coisa honesta que você disse desde que sentou aí.

Dou de ombros e tomo um gole da cerveja.

— Sou um mentiroso compulsivo.

Ela beberica o uísque.

— Ah, que bom, tenho uma quedinha por mentirosos.

— Sério? Então talvez seja bom eu te passar meu número.

— Uau — diz ela, impassível, e se vira para me encarar.

Meu Deus, ela é ainda mais linda de perto. O cabelo ruivo combina com as sardas fraquinhas que pontilham o nariz.

Sou maluco por sardas… e ainda mais maluco por comer mulheres sardentas.

— Ei, tem muita gente nesta cidade que morreria pra ter meu número.

— Lá vêm as mentiras de novo…

Ela começa a se abanar, como se estivesse com calor, e eu dou risada. Em seguida, estreita os olhos para mim, e tomo mais um gole da cerveja, me recusando a interromper o contato visual. Eu poderia passar o dia inteiro assim. Os olhos dela não são daquele tom frio que em geral se associa a olhos azuis. São profundos e tempestuosos, como um mar revolto.

— Tudo bem.

Sorrio quando ela tira o celular do bolso e o entrega para mim, mas fecho a cara ao ver o aparelho. É um celular de flip. A porra de um *celular de flip*?

Nunca vi essa garota na cidade, nem sei o nome dela, e ela me aparece com um telefone descartável? Quando abro a agenda de contatos e vejo que só existem dois, Chefe e Locador, é como um festival de alertas vermelhos. Finjo não perceber e começo a digitar meu número enquanto alarmes disparam em minha cabeça. Ergo o olhar e, cacete, ela é a coisa mais bonita que já vi. Foda-se, vermelho talvez seja minha nova cor favorita. Termino de anotar meu telefone e salvo o contato como "Cal, o Mentiroso" antes de devolver o aparelho.

— Vai me dizer seu nome, pelo menos?

— Scottie.

Ela estende a mão para um aperto, e eu a seguro.

— Callahan Woods — digo. — Vai me mandar mensagem, Scottie?

— Duvido muito — responde ela, ainda apertando minha mão e sorrindo.

Dou uma risada e solto a mão dela.

— Bem, foi péssimo te conhecer.

Ela esboça um sorrisinho de canto.

— Digo o mesmo.

Saio do banco.

— Talvez a gente se veja por aí — acrescenta ela.

— Espero que não.

Dou uma piscadinha e volto para junto dos caras, reavendo meu lugar ao lado de Xander e King.

Ela vira o resto do uísque do copo, acerta a conta com Lou, deixa algumas notas sobre o balcão e se levanta, saindo pela porta sem sequer relancear em minha direção.

Xander balança a cabeça a meu lado.

— Então, quem é sua nova amiga? — pergunta King.

— Scottie — respondo, lançando mais um olhar furtivo para a porta. — Scottie, a gostosa.

Caleb suspira, ainda arrasado com o fiasco de antes.

Passamos as horas seguintes bebendo cerveja e recontando histórias do incêndio do qual acabamos de sair. A cada rodada, as vozes ficam um pouco mais altas e menos articuladas. Vai ser uma longa noite. Tivemos uma boa temporada. Mais algumas missões e estaremos no fim da jornada. Estou prestes a pagar a conta quando o celular vibra em meu bolso.

NÚMERO DESCONHECIDO

Obrigada pela bebida de hoje.

Um sorriso ilumina meu rosto enquanto digito a resposta.

Quando quiser.

3

Scottie

ENQUANTO PRENDO O CLIPE com meu crachá no cós da calça, Matthew abre alguns armários no quartel de bombeiros.

— Aqui é onde guardamos o estoque extra.

— Entendi — respondo a meu novo colega socorrista, que está fazendo um tour comigo pela estação do condado. Todo mundo nesta cidade é bonito? Será a água? Devo me hidratar mais?

Matt é atraente como um boneco Ken. Fico olhando para ele como um cientista estudando um espécime em laboratório. Ele é tão… *bonito*. Por sorte, não sinto um pingo de atração sexual por ele, então acho que vamos nos dar bem. Ele é simpático, experiente e me trata como uma igual, ao contrário do que acontecia em outros quartéis nos quais trabalhei, que adoravam zoar os novatos.

Os bombeiros parecem legais também. Um dos caras, Dave, se apresentou no bar. Acho que ele tinha bebido um pouco demais naquela noite. Um outro sujeito até chamou a atenção dele por ter esposa e filhos em casa. Para ser sincera, não tenho certeza se ele lembra o que aconteceu, porque não me lançou nenhum olhar estranho até agora. Ainda bem.

Matthew abre outro armário com manequins de RCP e outros materiais de treinamento. Um pacote lacrado contendo rostos de bonecos de reanimação despenca no chão. Parecem os lanchinhos do Hannibal Lecter. "Tudo bem aí, pessoal?" Eu o coloco de volta no armário e fecho a porta, depois sigo Matthew por outra passagem que leva a um cômodo amplo, com janelas de fora a fora na parede frontal. Bem lá no meio, há mesas de pebolim e de pingue-pongue. Em

outra parede, há uma televisão e um sofá de couro que já viu dias melhores.

— Sala de recreação.

— Legal.

— Alguns dos caras do corpo de bombeiros levam os jogos bem a sério — conta ele, apontando para a parede com dois grandes quadros brancos, um preenchido com a tabela de pebolim e o outro com os placares de pingue-pongue.

— É, eu não chego nesse nível. Pelo menos não mais. Poderia ter virado profissional na faculdade, sabe, mas…

Concluo a frase com um suspiro nostálgico.

— Você se lesionou? — pergunta ele, entrando na brincadeira.

— Que nada, só não aguentei a pressão. Os fãs, as mulheres, o dinheiro… Pesou muito. Aí, claro, virei socorrista.

— Esse é o desfecho lógico.

Matt ri de leve, e eu sorrio. Pelo menos meu colega tem um pouco de senso de humor. Essa piadinha boba não teria colado em meu último emprego.

— Acho que você vai se dar bem aqui. Laurel e Pete foram atender uma ocorrência, mas quando voltarem, apresento vocês.

— Beleza, estou ansiosa pra conhecer os dois.

Aproveito o tempo livre para avaliar a ambulância e a mochila, decorando onde ficam os suprimentos e equipamentos. Cada estação tem seus próprios detalhes e pormenores, e quero ter certeza de que não vou meter os pés pelas mãos.

— Aqui é a ambulância 23, a caminho com um paciente de 54 anos que caiu de um telhado de cerca de cinco metros. Escala de coma de Glasgow normal. Deformidade no pulso esquerdo, sem sangramento ativo. Nenhuma outra lesão identificada no exame físico.

Dou uma espiada no dorso da minha mão enluvada, onde anotei os sinais vitais com caneta permanente.

— Pressão arterial doze por sete, pulsação setenta e nove, frequência respiratória dezoito, saturação noventa e oito. Colar cervical colocado. Previsão de chegada em sete minutos.

Depois de darmos entrada no paciente, entrego o relatório para a enfermeira da triagem no pronto-socorro. Em seguida, meu celular vibra no bolso, me trazendo uma pontada de empolgação. Ignoro para não sorrir enquanto explico à

enfermeira sobre o pulso quebrado do paciente. Quase ninguém tem esse número. Só o dono do apartamento, o trabalho e *Cal*.

Cal, o Mentiroso, como ele mesmo salvou o contato em meu telefone. O cara tem muita pinta de pirralho cafajeste para alguém que já deve ter passado dos trinta, mas a confiança e a aparência dele me tiraram do prumo. Ele é bonito para caralho. Barba por fazer, mandíbula marcada, olhos castanho-claros e um sorriso irresistível que me fez corar. Ele parece um lenhador de filme pornô. Sem falar que me arrancou a primeira risada genuína em muito tempo. A conversa fluiu bem e, durante os poucos minutos que passamos juntos, consegui tirar da cabeça todos os problemas de que tanto queria fugir. Não fiquei ansiosa nem preocupada. Pude ser apenas Prescott Timmons e curtir um pouco a vida.

— Pronta? — pergunta Matt depois que terminamos tudo no pronto-socorro.

Faço que sim e tiro as luvas, jogando-as na lixeira do corredor. Puxo o celular do bolso e sorrio ao ver o nome dele na tela.

CAL, O MENTIROSO

E aí?

Oi.

CAL, O MENTIROSO

Onde você tá?

No hospital, por quê?

CAL, O MENTIROSO

Tá tudo bem?

Sim, tô trabalhando.

Matt e eu saímos pelas portas automáticas, voltamos para a ambulância e colocamos os cintos de segurança. Ele pega o rádio e avisa à central que estamos a caminho. Enquanto ele dirige, começo a preencher o prontuário do paciente. A equipe nova usa um programa um pouco diferente do que estou

acostumada, então preciso me familiarizar.

CAL, O MENTIROSO

Ah, você é da área da saúde.

Penso um pouco antes de responder. Sempre que conto a alguém que sou socorrista, recebo uma enxurrada de perguntas do tipo "Qual foi a pior coisa que você já viu?" ou "Alguém já morreu na sua mão?". Além do mais, eu mal conheço esse cara. E, tecnicamente, sou *mesmo* da área da saúde.

Isso. E você?

CAL, O MENTIROSO

Sou treinador de golfinho.

Reviro os olhos. Vou dar o braço a torcer: pelo menos o cara leva o apelido a sério.

...

CAL, O MENTIROSO

Público difícil. Trabalho na área florestal.

Isso explica o bronzeado. Deu para ver bem naquela noite.

Lenhador?

CAL, O MENTIROSO

Às vezes até parece.

O trabalho aí deve tá tranquilo, então.

CAL, O MENTIROSO

Não, pior que tá bem corrido. Mas eu tava pensando em você, então...

Mais uma mentira?

CAL, O MENTIROSO

Não, mas essa é...

Espero que seu dia seja péssimo, Scottie. 😉

Balanço a cabeça enquanto um sorrisinho repuxa os cantos de minha boca.

Valeu. Espero que o seu seja uma merda.

Fecho o celular de uma vez e o enfio de volta no bolso, com uma sensação conflitante no peito. Não estou em um momento propício para me envolver com alguém, então nem sei por que estou dando trela para esse cara. Eu vim aqui para começar uma vida nova. Ele é meio engraçado, isso é verdade… e gostoso. Como é que ter uma quedinha por alguém pode parecer tão precipitado e, ao mesmo tempo, algo que já deveria ter passado?

Volto ao meu apartamento com um sorriso satisfeito no rosto depois de sobreviver ao primeiro dia de trabalho sem ferrar tudo. Eu queria muito causar uma boa impressão. Vou ter muitos dias pela frente para errar, mas queria que o primeiro desse certo.

Abro os armários quase vazios da cozinha e penso no que vou fazer para o jantar. Pêssegos em calda ou vagem enlatada? Pego a vagem, encontro meu fiel abridor de latas e arranco a tampa. O sorriso em meu rosto se alarga quando escorro a água: eu tenho uma pia de verdade! Morar no carro faz a gente dar valor a coisas bobas como encanamento. Chega de tomar banho na academia. Chega de usar banheiro de posto de gasolina.

Pego um garfo de plástico na gaveta e vou até a janela. Com o pé, empurro o colchão inflável contra a parede, depois me jogo ali, bem em frente à janela, e apoio o cotovelo no parapeito. A ruazinha lá fora não é tão movimentada quanto a principal da cidade, mas vejo umas pessoas caminhando em frente ao prédio, e isso é quase tão bom quanto ver televisão. Espeto a vagem com o garfo e enfio tudo na boca. Estão bem salgadinhas, um pouco enceradas, mas parece uma refeição digna de restaurante cinco estrelas. Para ser sincera, eu jantaria isso mesmo se não estivesse falida.

Interrompo a garfada a meio caminho da boca quando vejo uma mulher de chapelão laranja empurrando um carrinho de bebê… feito para gatos. E lá está

ele, um gato malhado gorducho esparramado no assento, avançando aos sacolejos pela rua esburacada. Dou risada com o jeito que ele se balança no carrinho. Essa cidade tem cada figura… Meu celular vibra. Apoio o garfo e a lata no parapeito da janela.

Mais uma mensagem de Cal.

CAL, O MENTIROSO

Como foi seu dia?

Bom. E o seu?

CAL, O MENTIROSO

Bom. Tô com fome. Quer sair pra jantar?

Como mais uma bocada de vagem, depois largo o garfo dentro da lata vazia.

Acabei de comer, foi mal.

CAL, O MENTIROSO

Que pena. Tá livre no sábado à noite?

Aquele dia eu fui ao bar tomar uísque para comemorar o emprego novo. Queria me sentir como uma pessoa normal e estar cercada de outras pessoas normais. Tenho me sentido tão sozinha desde que saí do Arkansas, então precisava daquela noite no bar, mas, por ora, o resto de meu dinheiro está reservado para emergências. Vou sobreviver de comida enlatada até o primeiro salário cair.

Até hoje, só saí com Jonathan para encontros assim. Será que os homens ainda pagam a conta? E se Cal quiser ir a um lugar chique? Não posso me arriscar a ter que dividir o jantar e ver minha conta bancária sofrer o baque.

Desculpa, já tenho planos pro fim de semana. Fica pra próxima? Talvez semana que vem?

CAL, O MENTIROSO

Tá marcado.

Que merda estou fazendo? Não faz nem duas semanas que me mudei para a cidade e já tenho um encontro marcado?

No auge dos meus 32 anos, sei que faz bem mais de uma década desde meu último primeiro encontro, e nem sei se aqueles realmente contam. Sei que está errado, mas, caramba, foi tão gostoso flertar. Eu quero normalidade, e isso significa sair da zona de conforto. Por mais que eu não devesse me envolver com alguém, parece algo tão natural. Qual é o problema?

"Você está arrumando sarna para se coçar."

Depois das mensagens, a culpa me leva a abrir o Facebook. As pessoas deixaram mensagens carinhosas e ofertas de apoio a Jonathan. Alguns membros mais ousados da comunidade me xingaram de tudo que é nome. Eu me recuso a fazer parte daquela vida. Fico inconformada por ter continuado por tanto tempo. Avisei várias vezes que chegaria o dia em que ele acordaria e eu não estaria mais lá. Era a única maneira de escapar.

Ainda assim, me preocupo com ele. Por que não veio comigo? Poderíamos ter ido embora juntos. Recomeçado a vida em outro lugar e vivido *de verdade* pela primeira vez.

Estado novo, trabalho novo, pessoas novas, começo novo. Não tem jeito melhor de recomeçar.

É estranho num momento estar cercada de gente o tempo todo e de repente não ter… ninguém. Tenho três números salvos no celular: o dono do apartamento, o trabalho e um estranho que conheci no bar. No começo, eu encontrava paz no silêncio, mas nos últimos tempos ele parece alto demais. Agora é um desses momentos.

Preciso de ar fresco. Hora de sair para correr e dar uma olhada na minha casa dos sonhos. Espairecer um pouco e me livrar dessa ansiedade.

4

Scottie

MINHAS PREOCUPAÇÕES VÃO EMBORA quando chego à rua e respiro fundo, sentindo o efeito restaurador do ar fresco de setembro. Está frio, mas não dou tempo para o corpo sentir isso antes de começar a correr. Meus pés batem no calçamento em um ritmo constante enquanto tento me concentrar nos pontos de referência e no traçado de Sky Ridge, desviando a atenção dos pensamentos sobre o Rebanho, Jonathan e a possibilidade de eu ser uma completa idiota.

— Rua Hemlock — murmuro, passando pela placa sob a luz alaranjada do poste.

A cada cruzamento, repito o nome, na esperança de memorizar a região. Tenho certeza de que vou conhecer a cidade de trás para frente em cerca de um mês.

— Marshall…

Corro mais um quarteirão.

— Payne…

Mais um quarteirão.

— Spencer.

Viro à direita e sigo pela ruazinha lateral. Esta é minha rua favorita em Sky Ridge. As casas bem cuidadas se alinham dos dois lados. É uma típica cidadezinha norte-americana, saída direto de uma pintura de Norman Rockwell. Admiro a arquitetura vitoriana histórica, que sempre me fascinou com suas varandas e torres. A maioria das casas são versões modestas em estilo vernacular, provavelmente construídas na virada do século. A luz quente que se insinua pelas janelas me faz imaginar como são as famílias que vivem aqui.

Quase todas as casas têm uma varanda pintada de branco com pilares ornamentais. Vasos decorativos com crisântemos de outono e abóboras

alaranjadas enfeitam os degraus de madeira. É tudo muito diferente das fileiras de casas simples onde cresci.

Todas as casinhas da rua têm seu charme, mas uma delas é a minha favorita. Não sei bem o que me encanta tanto, mas toda vez que a vejo, sinto uma pontada de esperança no peito. Sinto uma conexão com ela. Ela me traz conforto e me enche de otimismo em relação a meu futuro aqui. Gosto de acreditar que, um dia, poderei ter uma casa como aquela e fazer dela meu lar.

Depois de passar pela encantadora casa número 218 da rua Spencer, exploro o restante do bairro, encontrando novos detalhes arquitetônicos para admirar. As pessoas que moram por aqui devem ter tomado boas decisões ao longo da vida. Foram inteligentes. Pensaram por conta própria. Trabalharam muito até conquistar o que queriam. Um estranho sentimento de nostalgia me invade, mas como sentir saudade de algo que nunca existiu de verdade?

— Scottie! — chama alguém atrás de mim, e eu congelo.

Viro o rosto bem devagar, solto o ar e relaxo os ombros quando um rosto familiar corre em minha direção. Callahan.

Enxugo o suor da testa e sorrio. A brisa sopra em meu cabelo, preso em um rabo de cavalo, e arrepia a pele úmida na nuca.

— Ah, oi — respondo, ofegante, e levanto a mão em um aceno tímido.

Ele veste calça de moletom e jaqueta leve, e fica uma delícia com ambos. Diria que tem cerca de 1,80 de altura, o que o deixa uns vinte centímetros mais alto que eu. Pelo jeito, não sou a única que aproveitou o ar fresco da noite para se exercitar um pouco.

— Ei — diz ele, sem fôlego. — Veio correr?

Meu sorriso se alarga.

— Como você sabe?

— Bom, no começo eu não tinha certeza, mas a roupa e a corrida meio que entregaram o jogo. Além do mais, não vi ninguém te perseguindo.

Então aponta para as leggings e os tênis. Juro que o olhar dele demorou um segundo a mais do que o normal.

— Suas habilidades de dedução são impressionantes.

Volto a correr, e ele ajusta o ritmo para me acompanhar.

— Valeu.

Corremos em silêncio por alguns instantes.

— Então… você mora por aqui?

Solto uma risada curta e diminuo o passo depois da pergunta dele. Apesar de ser meu sonho morar em alguma dessas casas um dia, acho o timing dele

bastante engraçado.

Cal vira a cabeça ao perceber que fiquei alguns passos para trás, para e espera que eu o alcance.

— Qual é a graça?

— É meio estranho perguntar a uma mulher se ela mora por perto quando está correndo sozinha.

Ele dá de ombros.

— Parece que você já está se arriscando só de correr à noite.

Dou uma risada.

— É, seria péssimo se algum estranho aparecesse do nada e começasse a perguntar onde eu moro…

— Ainda bem que eu não sou um estranho, então, né?

Viro o rosto e ele me dá uma piscadinha. Que inferno de sorriso bonito. Dentes brancos, retinhos e perfeitos. Cheio de confiança.

— É, acho que sim… Mas, no geral, evito ficar amiga de mentirosos, sabe?

— Até os mentirosos que correm à noite? Talvez a gente possa correr junto qualquer dia desses, quando eu não estiver viajando a trabalho.

— Muito ocupado viajando pra treinar golfinhos por aí?

Ele abre um sorriso.

— Com certeza. Mas falando sério, se algum dia quiser companhia para correr, me manda uma mensagem.

Qual é a dele? Eu o encaro, intrigada.

— Você está dando em cima de mim?

Ele estende o braço a minha frente, e diminuímos o ritmo até pararmos no cruzamento com outra rua.

— Vou mandar a real. Não foi só uma cantada. Tem muita gente de passagem na cidade por causa de trabalho. Eu não ia gostar que você topasse sozinha com algumas delas. Eu diria a mesma coisa para minha irmã.

Recupero o fôlego e observo as feições dele, procurando algum sinal de falsidade.

— Não sou muito fã de conversar enquanto corro.

— A gente não precisa conversar.

— Só estou tentando me orientar pela cidade.

— Quer um tour particular? Beleza, agora talvez eu esteja dando em cima de você um pouquinho.

Lá vem aquele sorriso de novo. O cara é persistente.

— Talvez. Mas acho melhor eu ir pra casa — digo, virando à direita no

cruzamento. — Tenho que acordar cedo amanhã.

— Foi bom trombar com você.

Dou tchau e recuo alguns passos.

— Tome cuidado, viu? — brinco. — Fiquei sabendo que tem uns esquisitos nesta cidade.

Cal abre um sorrisinho de canto.

— Vai considerar minha proposta?

— Vou pensar no assunto.

Dou meia-volta e retomo o ritmo da corrida.

— Isso não é um não — grita ele atrás de mim.

— Também não é um sim — respondo, virando a cabeça.

Dobro à direita no cruzamento seguinte e sigo de volta para meu apartamento. Sorrio ao ver o prédio, sentindo crescer a confiança em minha recém-descoberta independência. Contudo, assim que passo pela porta, o sorriso desaparece. Depois de ver todas aquelas casas lindas, o cenário é deprimente: um colchãozinho no chão e um cesto de roupa com alguns poucos pertences. O caminho até a rua Spencer vai ser longo. O apartamento tem um cheiro úmido e abafado, e preciso me lembrar de comprar uma vela aromática ou algo assim quando tiver um dinheirinho sobrando.

No banheiro minúsculo, puxo o moletom por cima da cabeça. As manchas vermelhas em meu peito combinam com as das bochechas depois da corrida no ar frio. Abro o chuveiro e faço uma careta com a pressão fraca da água. Meu celular vibra no bolso da calça. Eu o tiro de lá enquanto me livro das leggings.

CAL, O MENTIROSO

Só pra ver se você chegou bem em casa.

👍 Até tranquei a porta pra deixar a ralé do lado de fora.

Callahan Woods. Vou nas configurações de contato e mudo o nome dele para Callahan.

CALLAHAN

Que espertinha.

Mordo o lábio enquanto aquele friozinho na barriga volta com força total. Conversar com Callahan é como receber uma dose de dopamina. É revigorante.

Gosto de flertar com ele. É uma sensação divertida, empolgante e nova. Faz com que eu esqueça quem sou e de onde vim. Depois de tirar o top de academia e a calcinha, entro debaixo do chuveiro e puxo a cortina frágil do boxe.

— Um dia… — prometo em voz alta. — As coisas vão ser diferentes.

Desta vez, o silêncio não ameaça me dominar. Talvez seja apenas a euforia da corrida, mas meu coração parece quase… leve.

Cantarolo baixinho uma música que ouvi no rádio. Até a música é melhor lá fora.

5

Callahan

Recebo a notificação de um novo incêndio ativo no Oregon.

— Mas que merda.

Não é surpresa. Este outono está bem mais seco do que o normal. Uma chuva bem que viria a calhar. Afinal, um incêndio florestal pode devorar aquelas folhas secas em um piscar de olhos. Começo a organizar a papelada de fim de temporada que venho tentando colocar em dia desde que voltamos do último incêndio. Dou uma olhada no relógio. Tenho cerca de meia hora para me equipar e pegar a estrada.

Em outras circunstâncias, eu estaria empolgado. Mais uma missão antes do fim da temporada? Porra, aí sim. Receber um chamado costumava me deixar de pau duraço, mas desde aqueles acidentes horríveis anos atrás, quando perdemos Garrett e Jacob, fico apreensivo a cada missão. Cada susto desde então se acumulou em uma inquietação que nunca vai embora. Rouba meu sono, meus pensamentos, minha paz. É difícil superar o trauma quando você continua sendo exposto a ele. Ainda amo o fogo e sempre vou amar, mas agora é diferente. Desconfio que Xander esteja passando por coisa parecida. Ele perdeu muito mais do que eu naquele dia. Não é de admirar que ele nunca volte para casa.

Enquanto pego minha bolsa tática vermelha, percebo que vou ter que remarcar meu encontro com Scottie. É só eu fazer planos que tudo vai pro caralho. Já virou até tradição: se eu quiser ser chamado para combater um incêndio, é só fazer planos ou encher a geladeira de comida. Contudo, como as coisas tendem a se acalmar perto do fim da temporada, resolvi arriscar.

Não sei bem o que me atrai em Scottie, mas fazia tempo que não me esforçava tanto por causa de mulher. Deve ser a perspectiva de algo novo. Faz meses que não sinto esse gostinho de conquista, e acho que isso deve aumentar o charme dela. Arranjar mulheres para ficadas casuais sempre foi moleza, ainda mais entre uma missão e outra. E, por mais que isso seja bem conveniente, que graça tem se não houver desafio? Esse joguinho de sedução é a melhor parte. Puxo o celular do bolso e mando uma mensagem para ela.

Foi mal, preciso viajar a trabalho. Vou ter que cancelar nosso jantar de sábado. A gente pode deixar pra outro dia?

SCOTTIE

Sem problemas.

Recebo outra mensagem. Dessa vez de Xander, o superintendente.

XANDER

Só pra avisar: um amigo meu tá lá no incêndio e falou que a coisa tá feia.

Opa, diversão garantida. A equipe já tá arrumando tudo. Qual é o horário previsto?

XANDER

15h35

Beleza

Pouco depois, Xander chega e a gente carrega as coisas no caminhão. Como sou capitão, vou no banco da frente. Xander assume o volante, e o restante dos caras se divide entre os dois *buggies*.

* * *

O céu vai ficando cada vez mais fechado conforme as horas passam. A fumaça sobe em uma nuvem gigantesca quando nos aproximamos das coordenadas do GPS, tingindo todo o céu de laranja à medida que se mistura ao anoitecer.

Depois de umas três horas e meia de estrada, chegamos ao acampamento temporário.

Nossos celulares apitam com uma notificação do grupo. Abro a mensagem, dou uma risada e balanço a cabeça. Vazou a notícia sobre a quantidade de pessoas mobilizadas para o incêndio, e alguns dos caras já começaram a se animar com as chances de pegar uma socorrista gostosa. Reviro os olhos.

— Puta merda, a ambulância nem chegou e os malucos já querem saber de boquete.

Xander zomba de mim por ser hipócrita, e o pior é que nem posso reclamar. Já tive minha cota de pegação em incêndios. No geral, me envolvo com alguma garota da equipe de helicóptero ou alguma bombeira voluntária. Nunca fiquei com uma socorrista… Bom, pelo menos não durante uma missão, mas conheço vários caras que já tiveram essa experiência. Isso só reforça o velho estereótipo: enfermeiras e bombeiros combinam tanto quanto tequila e decisões ruins. Uma combinação infernal.

Pelo que consigo ver, nem parece ter uma ambulância por aqui, então talvez continue assim. Nada como dividir o acampamento com um bando de socorristas novatos que nunca chegaram perto de um incêndio florestal antes. Meu sonho.

Mais combatentes devem chegar amanhã ou ainda esta noite, dependendo do lugar de onde estão vindo. Pelo que Xander ouviu, achei que já teria mais gente por aqui, mas fico aliviado por conseguirmos nos posicionar primeiro. O céu está escuro quando descemos do caminhão e alongamos os braços e as pernas. Os caras saltam dos *buggies* e todo mundo pega suas coisas, trabalhando rápido para montar acampamento. Xander e eu procuramos o supervisor da divisão para avisar que chegamos.

Quando terminamos a reunião com a chefia, estou acabado. Estendo meu saco de dormir na parte do chão frio que parece mais confortável e me enfio lá dentro. Não tem nada de macio. É duro que nem pedra. Leva alguns minutos até o saco de dormir aquecer com o calor de meu corpo. Não tem poluição luminosa aqui, já que estamos no meio do nada, mas a fumaça ofusca todas as estrelas, então só fecho os olhos e uso o tempo que me resta para dormir. Amanhã vai ser um dia longo.

O sol mal nasceu quando avisto a ambulância a certa distância. Eles devem ter chegado bem tarde ontem à noite. Eu me endireito dentro do saco de dormir e

forço a vista para enxergar de longe. Está escrito SKY RIDGE na lateral. Outro dos caras acorda e vê a mesma coisa.

— Ei — digo, acenando para Xander, que toma café em uma caneca de metal fumegante. — Você sabia que era o pessoal de Sky Ridge?

Meu hálito sai em forma de fumacinha no ar frio da manhã.

— Então nada de comer uma socorrista gostosa — interrompe Tex de algum lugar atrás da gente. — É aquele cara novato, um tal de Preston, Prescott, ou sei lá o quê, né?

Dou uma risada e abro o zíper do saco de dormir, fazendo uma careta quando minhas articulações estalam ao me levantar. Olhando pro horizonte, tiro um momento para apreciar o nascer do sol, depois viro a cabeça em direção ao incêndio que vamos enfrentar hoje. Temos muito trabalho pela frente.

6

Callahan

O CHEIRO DE UM INCÊNDIO FLORESTAL É ÚNICO e, ao mesmo tempo, familiar. É esfumaçado, com uma camada extra que pode ser doce ou acre, a depender dos compostos orgânicos liberados durante a queima. Algumas espécies de pinheiro exalam um aroma adocicado, quase de baunilha. Os álamos, por outro lado, têm um cheiro amargo.

Enquanto a equipe abre caminho entre árvores e vegetação rasteira, os típicos ventos vindos do leste nessa época do ano continuam a alimentar as chamas e a tornar nosso trabalho um verdadeiro inferno. De vez em quando, nossos olhos são atingidos por rajadas de terra e fumaça, fazendo com que cada piscada arranhe e arda um bocado.

Os operadores de motosserra e o restante da equipe se esforçam para limpar uma área de uns cinco metros de largura ao longo da encosta da montanha, derrubando árvores e arrancando arbustos que poderiam levar o fogo até os galhos mais altos. O pessoal rastela a vegetação e outros detritos naturais no caminho do incêndio, na tentativa de sufocar a fonte de combustível. É um processo cansativo e enfadonho, mas as linhas de contenção são abertas a cada machadada.

Incêndios florestais como este são exemplos explícitos de por que precisamos de mais queimadas controladas. O matagal serve de combustível, permitindo que o fogo se espalhe mais rápido e por áreas maiores, causando ainda mais destruição. Contudo, se conseguirmos livrar as florestas do excesso de material combustível no solo, teremos a chance de conter o fogo por conta própria e evitar que incêndios naturais, às vezes causados até por raios, saiam

do controle. É por isso que este trabalho é tão importante. Nós não apenas combatemos incêndios florestais. Também tentamos evitar que eles aconteçam.

A cada ano, menos e menos vagas são preenchidas. Menos bombeiros florestais significam menos combate a incêndios e menos medidas preventivas. No entanto, recrutar gente nova é complicado demais quando os "benefícios" incluem dormir no chão, passar semanas ou meses longe da família, trabalhar até a exaustão dia após dia e arriscar a própria vida em ambientes hostis, tudo isso pelo mesmo salário-base de um barista do Starbucks.

Tem que ser meio maluco para escolher essa profissão. Cada pessoa na equipe só está aqui porque é apaixonada pelo meio ambiente e se importa com as florestas do nosso país. Ou porque gosta de botar fogo nas coisas. O que, sendo justo, coloca a maioria de nós em algum nível do espectro da piromania.

Para ser sincero, tem partes incríveis. Eu trabalho ao ar livre, ajudo a preservar a natureza, viajo por alguns dos lugares mais lindos e intocados do planeta e tenho colegas que são mais família do que companheiros de trabalho. Quando você confia a própria vida a sua equipe, a proximidade é inevitável. Alguns chamam isso de vínculo traumático. Seja lá qual for o nome, ele é forjado no trabalho pesado, no suor e na dor. Tudo o que fazemos é um esforço coordenado, e a gente se dedica de corpo e alma. Aqui, não existe essa de equilíbrio entre vida pessoal e trabalho. É tudo ou nada.

Temos três bombeiros com tochas de gotejamento, ateando pequenos focos de incêndio conforme avançam, eliminando qualquer bolsão de combustível ao longo da linha de contenção. É quase impossível conter um incêndio florestal intenso de frente, mas podemos fazer a queima antecipada e abrir caminho até lá. Ao remover o combustível e interromper o avanço do fogo, aumentamos as chances de conter o incêndio ou, no mínimo, de desacelerar as chamas.

Tomo um gole de água e enfio a garrafa de volta na bolsa tática. Hoje, estou mais ativo no controle de qualidade, mas, de vez em quando, me abaixo para recolher galhos ou qualquer material orgânico que arrancamos pelo caminho, jogando tudo na direção do mato. O vento fica mais forte, e eu me endireito no mesmo instante que King. E então ouvimos: o crepitar inconfundível de uma árvore sendo tomada pelo fogo. *Merda*.

Viramos a tempo de ver um dos pinheiros mais altos se transformar em uma pira colossal, com chamas subindo pelo tronco e alcançando as copas. Bolsões de seiva fervem e explodem da casca com estalos altos enquanto a árvore é engolida pelas chamas, e o ar é sugado em direção ao fogo, que se alimenta do oxigênio fresco.

O vento carrega uma faixa densa de fumaça sobre nossa linha de contenção, e uma onda de ar quente e sufocante atravessa a mata, lançando cinzas incandescentes e brasas vivas do incêndio para o meio das árvores ainda intactas, como mil vaga-lumes furiosos.

Faíscas brilhantes caem entre as agulhas de um dos pinheiros, e o galho começa a pegar fogo bem devagar. As chamas da primeira árvore se espalham para a vizinha, que já está se incendiando com a chuva de brasas. Sinto o coração apertar quando mais duas árvores são tomadas pelo fogo. Outros focos menores logo se espalham pelo solo da floresta.

King finca a lâmina do machado no chão e se apoia no cabo.

— Bom, agora foi pro caralho.

Apesar de haver algo hipnotizante em árvores gigantescas sucumbindo em um pandemônio infernal, a situação toda parece um grande "vai se foder" vindo diretamente da Mãe Natureza.

— Chuva de brasas! Cinquenta metros! — grito, alertando os líderes de esquadrão mais à frente, que ecoam o aviso pro restante da equipe.

Pego o rádio e peço reforços dos esquadrões Alfa e Bravo. Precisamos cobrir a área para garantir que o foco secundário seja contido antes de sair do controle. Já vi brasas causarem incêndios a quase um quilômetro do ponto central. Se o problema não for resolvido rápido, uma simples mudança no vento pode desfazer oito horas de trabalho árduo.

Uma brasa escorrega por baixo da gola e desce pelando pelas costas da camisa amarela do meu traje.

— Mas que porra — rosno entre os dentes, batendo a mão contra a pele para apagar a brasa. Odeio quando isso acontece. É pior do que aqueles besouros atraídos por fogo.

Depois de pedir reforços, entro em contato com a divisão para solicitar que o helicóptero faça um voo de reconhecimento e alguns lançamentos de água sobre a região, a fim de conter possíveis focos que não conseguimos ver. Se encharcarmos os arredores, podemos retardar um pouco o avanço do fogo. Contudo, por enquanto, a prioridade é recuar para uma distância segura, reforçar a linha, atacar pelos flancos e conter o foco principal.

A estática do rádio interrompe os estalos e as crepitações da madeira queimando, e recebemos a confirmação de um lançamento de água. O lago ali perto garante um retorno rápido.

Menos de dez minutos depois, o barulho constante das hélices do helicóptero cresce ao sobrevoar nossas cabeças, despejando uma enxurrada de

água e espalhando névoa para todos os lados. Enquanto ele se afasta, outra transmissão entra no rádio:

— Todas as unidades no incêndio Mahonia, permaneçam de prontidão para uma atualização meteorológica do incidente.

O meteorologista do incidente comunicou pelo rádio que uma tempestade violenta estava a caminho. Enquanto controlamos o foco secundário, recebemos a informação de que o tráfego aéreo está sendo suspenso. Não demora para recebermos ordens de voltar ao acampamento.

O pessoal se amontoa ao redor de algumas fogueiras para jantar, todos empoleirados em tocos de árvore. Um silêncio esquisito domina o ambiente enquanto todos enchem a boca de comida, sem a conversa e a zoeira de sempre. Quem já terminou de comer começa a montar as barracas. Na maioria das vezes, dormimos direto no chão, dentro dos sacos de dormir. Equipes e funcionários correm pelo acampamento para reforçar a segurança, preparando-se para o que promete ser uma tempestade daquelas. Até o meteorologista comentou que vai ser o maior pé-d'água que ele viu na última década.

Assim que termino de devorar a comida, vou em direção à ambulância. Eles devem ter recebido as mesmas atualizações sobre a tempestade, mas, como se trata de um veículo de Sky Ridge, acho melhor conferir, só por educação. Estão estacionados em uma área gramada, mas, se ficarem ali, podem acabar atolados quando toda a região se transformar em lamaçal.

Ainda não sei quem é o paramédico responsável pelo novato, mas Matt é um dos socorristas de Sky Ridge, e já tomamos algumas cervejas juntos. É um cara legal, então, se ele estiver por perto, não custa nada dar um oi. Corro até a ambulância bem na hora em que Matt sai pela porta lateral.

— E aí, cara — digo, sorridente. — Não sabia que você vinha pra cá também.

— Pois é, nem eu. Temos uma pessoa nova na equipe — conta Matt. — Nunca esteve em um incêndio florestal. Aí o chefe quis dar um treinamento extra antes do fim da temporada e ver se podemos oferecer ajuda.

Ele abre um dos compartimentos externos da ambulância e tira algumas pastas com materiais de instrução.

— E o treinamento, como está indo?

— Ótimo! — responde ele, apontando com o polegar por cima do ombro. — Prescott está lá atrás, se quiser se apresentar.

— Ah, beleza. Na verdade, vim avisar que tá pra cair a maior tempestade. Talvez seja melhor colocar a ambulância no acostamento logo, assim não ficam atolados na lama depois.

— Valeu pelo aviso.

Matt dá a volta na cabine e entra pelo lado do motorista com seus documentos e panfletos. Dou uma batidinha na porta lateral para conhecer Prescott, o que nem era necessário, mas já que Matt sugeriu, não posso escapar agora. Recuo um pouco quando ouço a maçaneta e quase caio para trás quando Scottie se apoia com a mão acima da porta. Meu sorriso aumenta.

Ela parece tão confusa quanto eu.

— Oi?

— Oi… Eu estava procurando o Prescott, mas isso também serve.

Ela aponta o dedo para o próprio peito e sorri.

— Prazer, Prescott.

Só então minha ficha cai. Eu abaixo a cabeça, assentindo.

"Porra, estava na cara."

— Claro… Scottie, apelido de Prescott. Entendi.

Que imbecil. Quando olho de volta, o sorriso dela se alarga.

Ela levanta o queixo, gesticulando em direção às colinas fumegantes.

— É, bem que você falou que trabalhava na área florestal.

Dou de ombros.

— Sou bombeiro. Acho que eu devia ter sido mais claro, mas sempre que falo minha profissão, a galera pensa nos bombeiros normais, e aí vem uma enxurrada de perguntas sobre incêndios florestais e…

Ela levanta a mão.

— Nem precisa me explicar. É a mesma razão pela qual não contei que sou socorrista. Queria evitar aquele interrogatório do tipo "Qual a pior coisa que você já viu?".

Acho que nenhum de nós é muito fã de falar de trabalho. Um silêncio paira entre nós, e o olhar de Scottie vai de um lado para outro.

— Então… Você queria alguma coisa ou…

Já está me botando para correr. *Bacana.*

— Não, não. Só vim dar um toque no Matt sobre a tempestade. E, já que estava por aqui, resolvi me apresentar pro novato, mas parece que já nos apresentamos.

Esfrego a nuca e dou uma espiada para trás. Minha equipe ainda está montando as barracas.

— Está vendo aqueles caras ali? — pergunto, apontando. — São um bando de idiotas. Se te derem muito trabalho, me avise.

— Até agora, você é o único que está me dando trabalho.

Ela inclina a cabeça com um sorriso amigável.

— E espero que continue assim. Tenho que ir lá ajeitar minhas coisas, mas aproveite o resto do dia, *Prescott*.

Viro as costas e volto para o acampamento.

Ela ri.

— Você também.

A porta da ambulância se fecha atrás de mim com um estalo. Balanço a cabeça. Quais são as chances?

No caminho de volta, tiro o celular do bolso e mando uma mensagem bem quando as primeiras gotas de chuva começam a cair.

Talvez aquele jantar ainda role, afinal.

7

Scottie

Se não fossem as barracas, o acampamento ia parecer uma cidade fantasma. Matt e eu passamos as últimas duas horas e meia sendo sacudidos de um lado para o outro enquanto rajadas de vento atingiam as laterais da ambulância. No começo, era quase cômico ver a galera tentando montar as barracas no meio daquele toró. A capa de chuva de um dos caras saiu voando para longe e não voltou até agora. Outro não tinha barraca, então só se enrolou em uma lona e ficou por isso mesmo. Deve estar horrível lá fora. Estico os dedos na frente das saídas de ar quente, grata por estar seca e aquecida.

Por fim, todas as equipes entraram nas barracas, e desde então não vimos mais ninguém. O vento e a chuva deram uma trégua, mas, de acordo com o radar, essa tempestade dos infernos ainda está longe de terminar.

Enquanto isso, Matt e eu ficamos no interior da ambulância tentando matar o tempo, e o tédio começou a bater. Fizemos alguns exercícios de treino no fundo do veículo. Ele me testou para ver se eu sabia onde cada coisa estava. A essa altura, eu conseguiria me localizar de olhos fechados.

— A da esquerda vai ganhar — diz Matt. — Escuta o que estou falando.

— Nem a pau. A da direita ainda vai passar por duas outras gotas e acelerar. Você vai perder feio.

Estamos apostando corrida com as gotas de chuva do para-brisas desde que acabaram as outras distrações. Por enquanto, o placar está dezessete a doze para mim.

— Não vai conseguir me alcançar — provoco, bem na hora que minha gota alcança o limpador de para-brisas. — Dezoito!

— Você trapaceou.

Ele dá risada, depois se inclina para a frente e observa o acampamento, procurando sinais de vida. Quando não encontra nada, suspira.

— Quer ver outro filme?

Faço um gesto indiferente. Matt veio preparado com filmes baixados no celular. A gente viu alguns ontem, mas eram todos protagonizados pelo Rob Schneider, e chega uma hora que cansa.

A estática do rádio enche a cabine com um anúncio da divisão, e interrompemos nossa conversa para ouvir.

— Devido a enchentes e tempestades fortes se aproximando, vamos realocar as equipes pra alojamentos na região. Não haverá reabastecimento nos primeiros dias, então, certifiquem-se de que têm todos os recursos necessários. Uma colônia de férias da região se prontificou a disponibilizar dormitórios. Respeitem a propriedade alheia e não se comportem feito degenerados. Uma reunião por rádio será conduzida no canal de comando às sete da noite para as equipes na nova instalação. Por enquanto, as ordens são esperar a tempestade passar. Se não tivermos uma trégua na chuva ou uma melhora nas condições climáticas, vamos começar a recolher as equipes. Alguma pergunta?

Sinto um sorriso repuxar os cantinhos de minha boca. Isso significa chuveiros quentes e um banheiro de verdade. Morei muito tempo em meu carro, não preciso ficar enfurnada em uma ambulância também.

Já até imagino o chororô dos bombeiros de elite que se orgulham de viver enlameados e de dormir ao relento como se isso fosse lhes render alguma medalha. Eles são fora de série, mas se até o terreno de cascalho está virando um atoleiro, tenho certeza de que a floresta está dez vezes pior. Isso deve melhorar o humor deles.

O rádio chia de novo.

— Entendido. Divisão, podemos levar os caiaques até o acampamento das garotas pra uma festa do pijama?

A central não responde à pergunta. Imagino que tenha vindo de um dos bombeiros da equipe de elite.

Depois que recebemos nossas ordens, Matt digita as coordenadas no GPS, e o comando de voz indica nossa primeira rota. Só tem uma estrada para entrar e sair deste lugar.

Carregamos o equipamento, prendemos tudo e amarramos as macas para a mudança. O acampamento volta à vida conforme todos desmontam barracas de lona e carregam mesinhas dobráveis. Depois de um tempo, alguns bombeiros

partem nos grandes *buggies* verde-água, e os faróis saltam pelo caminho de cascalho.

Mais alguns caminhões partem e, em poucos minutos, estamos na estrada, deslizando pelo asfalto preto e espelhado enquanto mais gotas de chuva escorrem pelo para-brisas. Os limpadores se movem de um lado para o outro, lutando para acompanhar a enxurrada. Pela janela do passageiro, ainda é possível ver densas colunas de fumaça no ar úmido. Como pode existir um emprego em que a pessoa seja obrigada a correr para dentro de uma floresta em chamas armada apenas com uma pá, um machado e, vez ou outra, uma motosserra? Inacreditável.

Depois de quase meia hora na rodovia, saímos da via principal e pegamos outra estradinha de cascalho, onde um portão grande está aberto. A ambulância desacelera ao passar pela grade de metal, avançando por um caminho estreito. Está em condições bem melhores do que a estrada que deixamos para trás no acampamento anterior.

Depois da curva, somos recebidos por um enorme portal de troncos com pelo menos cinco metros de altura. Uma placa de madeira pendurada no tronco horizontal acima me lembra das que vi nos ranchos em minha viagem pelo país. Inclino o corpo para a frente e forço a vista para ler o nome através da chuva: ACAMPAMENTO CÉU AZUL.

Uma bela pitada de ironia.

A ambulância sacoleja ao passar por buracos na pista e, por fim, seguimos em direção a um prédio de três andares com revestimento de tábuas sobrepostas. É um dos vários que seguem a mesma estrutura. Este é um dos dois com as luzes externas acesas. Matt abaixa a cabeça, observando a placa esculpida cravada em frente ao prédio: SALÃO DO BEIJA-FLOR.

— É aqui.

Uma enorme entrada circular se estende entre os chalés idênticos mais à frente, talvez usada como ponto de desembarque de ônibus para os campistas. Matt encontra um lugar vago perto do fim da fileira. Não é bem um estacionamento, mas foi improvisado como um, já que todos os outros caminhões e *buggies* também pararam ali.

Estacionamos algumas vagas adiante e tiramos os cintos de segurança. O celular de Matt vibra no suporte do painel, e uma notificação de mensagem pisca na tela. Ele o tira do encaixe e desliza o dedo pelo visor.

— O pessoal está combinando uma partida de pôquer daqui a pouco — murmura ele, digitando uma resposta. — Você sabe jogar?

— Acho que sei. Eles vão apostar alguma coisa?

Se for o caso, estou fora.

— Acho que só comida e coisas assim. Tenho um saco de salgadinho e mais algumas besteiras.

Eu tenho uma caixa de bolinhos e uns pacotes de miojo, mas prefiro não perder nenhum deles. Por outro lado, posso abrir mão de meus sacos de pipoca caramelizada caseira… É barato de fazer, mas a última leva rendeu tanto que estou até enjoada.

— Tudo bem.

Jogo a mochila por cima do ombro, pego a garrafinha de água e desço da ambulância ao mesmo tempo que Matt. Andamos apressados em direção à entrada da sede, desviando das poças como podemos. Assim que entramos, balanço os braços para me livrar das gotas de chuva e observo nossos alojamentos temporários. O cheiro de terra molhada se mescla ao ar abafado do ambiente. Botas enlameadas estão alinhadas perto do corredor, com algumas bolsas de equipamento empilhadas ao longo da parede.

A entrada se abre para um saguão amplo, com teto abobadado. À direita, há uma grande escadaria que leva ao andar de cima, cercada por alguns sofás e mesinhas de centro. Passos pesados e vozes vindos do patamar superior indicam que as pessoas estão se acomodando nos quartos.

Matt sobe as escadas enquanto perambulo sem rumo pelo térreo vazio. Há portas duplas escancaradas em frente à escadaria e, acima da entrada, uma plaquinha de madeira com os dizeres: REFEITÓRIO. Lá dentro, vejo pelo menos vinte mesas redondas espalhadas, com as cadeiras viradas de cabeça para baixo sobre os tampos.

Meus passos ecoam conforme avanço pelo corredor. À esquerda, há dois banheiros; à direita, uma grande vitrine interna que parece pertencer a uma cantina ou uma lojinha de presentes. Um manequim infantil está acomodado atrás do vidro, vestindo um moletom e um bandana com o bordado ACAMPAMENTO CÉU AZUL. Algumas caixas rústicas de madeira ficam ali perto, exibindo outras lembrancinhas e bugigangas.

Não tem nada de religioso ali. É só uma… colônia de férias.

Faço uma curva no fim do corredor e encontro mais algumas portas. Uma delas parece ser a entrada da cozinha. Espio o interior do cômodo iluminado, observando as bancadas de aço e os utensílios de ponta. Mesas metálicas ocupam o centro do ambiente, destinadas ao preparo dos alimentos. Vejo caixas de papelão sobre o tampo, todas salpicadas de manchas escuras deixadas pela

chuva durante o transporte. São as caixas de comida vindas da base de nossa operação, provavelmente fornecidas pela empresa que apresentou a proposta mais barata no pregão do governo federal. Meu estômago ronca, e saio pela porta, contornando o último trecho do corredor em formato de ferradura antes de seguir escada acima.

Tomo um susto quando ouço Matt chamar meu nome do patamar superior.

— Foi mal, não quis te assustar. Separei um quarto pra você no fim do corredor. Talvez seja uma boa deixar suas coisas lá antes que alguém tente pegar primeiro.

Dou um aceno de leve e ajeito a mochila no ombro.

— Valeu!

Tem um espacinho em um mezanino no topo da escada, aberto para o andar de baixo, e dois corredores se estendem a partir dali, seguindo um projeto em formato de ferradura semelhante ao do piso principal.

— É no de cima.

O último andar é idêntico aos outros. Pelo visto, a maioria dos quartos tem três conjuntos de beliches. Matt aponta para uma porta no fim do corredor, bem em frente ao banheiro.

— Aquele ali é o seu. O meu é o do lado.

— Perfeito. Valeu por guardar pra mim.

Não sei se Matt pretende dividir o quarto com mais alguém, mas imagino que eu vá ficar sozinha. Não por eu ser mulher, mas porque não faço parte da equipe de elite. Tenho a impressão de que fomos jogados para escanteio, o que até faz sentido. Só estamos aqui para cumprir o cronograma de treinamento e, até agora, não tratei nem uma bolha sequer. Aposto que esses caras durões cortariam um dedo fora e o colariam de volta com fita adesiva antes de virem pedir nossa ajuda.

Ao contrário dos outros quartos que vi de passagem, o meu tem dois beliches e uma cama de solteiro. Largo a mochila sobre a cama e me jogo em um dos colchões de baixo do beliche.

Dou um suspiro, fechando os olhos, e agradeço ao universo por estar onde estou. Escondida.

— E aí, vai jogar?

Eu me ergo com um pulo, batendo a cabeça no beliche de cima.

— Puta merda!

Faço uma careta e esfrego o calombo na testa. Acho melhor dormir na cama de solteiro. Quando abro um dos olhos, vejo Matt no corredor, fazendo careta

também.

— Caramba, você se assusta muito fácil. Da próxima vez, tento fazer mais barulho ao chegar.

— Bota um sino no pescoço — sugiro, e jogo as pernas para fora da cama, abaixando a cabeça dessa vez. — E, sim, vou jogar. Só vou vestir uma camisa seca primeiro. Onde o pessoal está?

— Se não me engano, lá no refeitório.

— Beleza. Já desço.

8

Callahan

Quando mandei mensagem para Matt, eu esperava que ele chamasse Scottie para vir junto. Ele não é do tipo que deixa a pessoa novata de fora. Confesso que sinto uma pontada de decepção quando o vejo entrar sozinho no refeitório.

Matt puxa uma cadeira e levanta o queixo para cumprimentar King, Caleb e os outros caras, Opie, Bobby e Dixon. Xander resolveu bancar o responsável do grupo e colocar a papelada em dia enquanto a gente joga pôquer.

— Já estava na hora de eu jogar um carteado com vocês — comenta Caleb, recostado na cadeira de plástico. — As mensagens nunca chegam pra mim.

King corta o baralho.

— Engraçado como isso sempre acontece…

— Será que não é de propósito? — pergunta Opp.

— Não, seu imbecil.

Ele joga uma embalagem de petisco na direção dele.

Opp dá risada e acrescenta o lanche à própria pilha.

— Vou guardar como taxa de entrada.

Caleb franze a testa.

— Ninguém mais pagou pra jogar!

— Não mesmo. — King balança a cabeça e começa a distribuir as cartas.

— Ah, pode separar umas pra Scottie também. Ela já está descendo.

A mesa fica em silêncio.

— Scottie, *a* Scottie? Tipo, a Scottie gostosa? — murmura Caleb, quase num sussurro. — O sorriso daquela mulher incendeia qualquer floresta, puta merda. Cara, uma noite com ela e…

— Continua a falar essa merda pra você ver o que acontece — retruco, um pouco rápido demais.

— Qual é, cara? — protesta Matt, repreendendo Caleb ao mesmo tempo que eu.

Olho feio para ele.

— Parabéns, recruta, você vai viver à base daquele omelete de legumes pavoroso por uma semana.

Nem todo o molho de pimenta do mundo consegue dar jeito naquele crime gastrointestinal.

— Calma lá, cara — implora Caleb, erguendo as mãos em rendição. — A marmita só falta explodir quando a gente abre a tampa!

Opp faz uma careta.

— Pra quem sempre quis tornar um peido algo tangível…

— Aproveita seu banquete de omelete sabor vômito — reitero, depois pego minhas cartas e solto o ar. — Vai ser uma semana difícil pro seu estômago, camarada.

Bobby sorri.

— Se quiser, a gente troca por sopa de marisco…

— Não! — exclama Caleb. O olhar dele vai de jogador em jogador, mas não recebe nenhuma migalha de compaixão. — Se bobear, é quase tão ruim quanto o omelete.

Quase.

— Podem botar quantos conservantes quiserem, mas nenhum marisco deveria ter validade de vinte anos — argumenta Bobby. — Ou não é marisco, ou não dura vinte anos.

Dixon entra na conversa:

— Minha teoria é que a sopa de marisco da ração operacional não passa da cola de papel de parede que sobrou do governo da era Truman.

Alguns de nós assentem. É plausível.

— E a linguiça de porco, então? — sugere Opp, entrando na onda. — Vem com placenta de brinde.

— Mesmo assim não é pior que o omelete de legumes — acrescenta King. — Mas dá pra atacar só as sobremesas.

Scottie entra apressada pela porta, bem na hora e, por sorte, alheia à conversa da mesa.

— Oi!

Me seguro para não sorrir enquanto King coloca o baralho na mesa. Alguns

dos caras levantam a mão para dar oi quando ela puxa uma cadeira em frente a minha e leva as cartas contra o peito. Ela trocou as roupas de antes por jeans e moletom. Só de ver o rabo de cavalo, já me imagino agarrando aquele cabelo com força, o que me faz pigarrear e afastar os pensamentos. Como quando sacudimos uma daquelas lousas mágicas de brinquedo até a imagem granulada começar a desaparecer. Scottie tira uns saquinhos do bolso do moletom.

— O que você trouxe aí, Scottie? — pergunta Dixon, espichando o pescoço para espiar o estoque dela.

— Pipoca caramelizada.

— Caseira?

— Isso.

Eu adoro pipoca caramelizada, ainda mais feita em casa. Levanto a pontinha das minhas duas cartas. Sete de copas e quatro de paus.

King vira as três primeiras cartas coletivas da mesa: um cinco, um seis e um valete. Tenho chance de sequência.

Fazemos uma pausa para avaliar nossas cartas. Coloco um pacotinho de cheetos na mesa. Opp desiste. Caleb entra com uma barrinha de flocos de arroz, e Dixon acrescenta um copinho de gelatina com pedaços de fruta.

Bobby pega o copinho e o vira na mão.

— Que porra é essa?

— Gelatina de frutas — responde Dixon.

— Só tem abacaxi nisso aqui, filho da puta, e venceu há seis meses. Você não tem nada que preste? Scottie traz pipoca caramelizada feita em casa e você me aparece com gelatina vencida? Faz favor, né.

O sotaque sulista dele aparece no final, arrancando risadas de alguns de nós.

Dixon oferece um copinho de gelatina de pêssego.

— Pronto. Suas gulosas.

Scottie larga as cartas.

— Estou fora.

Bobby joga uma barrinha de cereal no monte de comida.

A quarta carta da mesa é um oito de ouros, então ofereço um bolinho recheado meio amassado.

Todo mundo desiste, e eu fico com o monte de lanchinhos. Jogamos mais algumas rodadas, e Scottie desiste em todas elas. Sem dar muita pinta, tiro o celular do bolso e mando uma mensagem para ela:

Não vai apostar essa pipoca caramelizada nunca?

Não tiro os olhos dela enquanto a rodada continua. Tenho um par de setes na mão, e Dixon colocou outro sete na mesa, além de uma dama e um dois. Scottie relanceia em minha direção e fica vermelha enquanto digita debaixo da mesa.

SCOTTIE

Só se eu tiver uma mão boa.

Quem não arrisca não petisca.

SCOTTIE

Só tá falando isso porque quer muito comer minha pipoca.

Porra, quero mesmo.

A vez de Scottie chega, e ela sorri, colocando o saquinho de pipoca lotada de caramelo na mesa.

SCOTTIE

Então vem pegar.

Eu aposto a barrinha de flocos de arroz que ganhei na rodada anterior. Dixon revela a próxima carta: dois de paus. *Full house*. Todos desistem, menos Scottie. Coloco um pacote de biscoito e ela joga seu segundo saco de pipoca. Dixon solta a última carta da mesa, uma dama, e eu coço o queixo.

— O que mais você tem pra apostar?

— Tenho miojo na minha mochila lá em cima… mas não vou precisar.

Eu até sinto o sorriso no cantinho da minha boca.

— Papinho típico de novata. Bem ousado da sua parte.

Os olhos tempestuosos dela brilham com malícia. Ela tem um lado travesso.

— Ousadia com medo é coragem. Ousadia sem medo é confiança.

Lanço um olhar para ela.

— E você está se sentindo corajosa ou confiante?

— Vocês dois pretendem jogar ou vão só trepar aí na mesa? A gente está

esperando a próxima rodada. Andem logo.

Scottie fica roxa de vergonha, e dou uma risada, jogando o saquinho de cheetos no monte e revelando minhas cartas: *full house*, setes e damas.

Ela revela a mão.

— Valetes com damas.

— Scottie é uma sniper — brinca Caleb.

Dou de ombros e empurro minhas cartas para Prescott, já que é a vez dela de distribuir. Ela parece bastante satisfeita com seus novos ganhos.

Confiante?

SCOTTIE

Nunca vai saber.

Eu a observo do outro lado da mesa, e ela desvia o olhar quando consigo dar uma espiada rápida nas duas cartas que me entregou. Nada que preste.

Vou roubar essa pipoca.

SCOTTIE

Eu divido com você.

Divide, é? A gente vai fazer um piquenique mais tarde?

SCOTTIE

Haha, claro, pode ser.

Talvez a gente consiga conversar sem ser por mensagem.

Dessa vez, sinto o olhar dela vidrado em mim… e eu gosto da sensação.

SCOTTIE

Conversar, é?

Palavra de escoteiro.

SCOTTIE

Você foi escoteiro?

Estou sempre pronto, se é isso que você quer saber.

SCOTTIE

Como você flerta, né?

Só com socorristas atraentes.

SCOTTIE

Ah, então você também trata o Matt assim?

Só até você aparecer. Não viu como ele tá tristonho?

Scottie ergue os olhos do celular e dá uma espiada em Matt, todo carrancudo enquanto confere suas cartas pela quarta vez. O cara não sabe nem esconder quando a mão está ruim. Ela solta uma risadinha do outro lado da mesa e tenta disfarçar com uma tosse, enfiando o celular no bolso.

Então está decidido. Vamos fazer um piquenique hoje à noite.

9

Scottie

Aos poucos, o boxe do chuveiro se enche de vapor. Eu vou mesmo levar isso adiante? Sinto aquele friozinho característico na barriga. Talvez ele nem tenha falado sério. Até porque nem fizemos planos concretos e tal. Eu topei o piquenique "mais tarde", mas nem sei bem o que isso significa. Pode ser hoje à noite, semana que vem ou quando eu estiver beirando os oitenta.

Se for hoje à noite, tenho um novo problema para resolver: um piquenique é só um piquenique mesmo? Ou é mais do que isso? Se for mais… o quê? Outra decisão.

Só sei de uma coisa: *eu quero me sentir viva*. Desejada, independente, espontânea. É egoísmo querer isso? Faz parte de minha nova versão. Eu posso dormir com outros caras agora. Só por diversão.

Recomeços trazem as dores do crescimento.

Entro debaixo do chuveiro, coloco um pouco de shampoo na palma da mão e massageio o couro cabeludo, lembrando dos dias em que ouvia sermões intermináveis que se tornavam cada vez mais confusos à medida que eu crescia. Eu observava o rosto das pessoas na congregação em busca de qualquer sinal de que sentissem o mesmo que eu. Não sentiam.

Eu tinha inveja de cada estranho do lado de fora, imaginava como seria sua vida e pensava no quanto queria trocar de lugar com ele. Nem que fosse só por um dia. Todo mundo tem suas próprias lutas, e eu entendia que não havia como saber se a grama do vizinho era mesmo mais verde, mas ia morrer de tédio ali de qualquer jeito, então valia a pena sonhar. No mínimo, teria uma mudança de ares.

Uma noite impulsiva com um bombeiro jamais poderia superar a vergonha de todos os anos que passei no Rebanho. Então, do que eu tenho tanto medo?

Enxáguo o shampoo e passo o condicionador. Depois, ensaboo as pernas e começo a me depilar. Como é o sexo quando acontece de forma orgânica, por escolha? A dúvida se insinua nos meus pensamentos. Talvez eu devesse ter transado com um completo desconhecido primeiro… E se não tiver nada a ver com o que estou acostumada? Não, isso nem faz sentido. O conceito é o mesmo. Eu posso seguir a deixa dele. No fim, pode ser só um piquenique mesmo, e estou eu aqui feito uma tonta surtando para comer a porcaria de uma pipoca.

Reviro os olhos.

"Para de pensar demais."

Depois de me enxugar com a toalha, viro a cabeça para baixo e uso os secadores de mão na parede para secar o cabelo enquanto desembaraço alguns nós. Ainda fica meio úmido, mas dá para o gasto. Escovar os dentes é uma delícia, como sempre é quando tenho água fria para enxaguar a boca. Em seguida, fico diante do espelho e passo sombra, blush e rímel, tudo produto baratinho de farmácia. Já melhorei bastante minha técnica desde que comecei a usar maquiagem, algumas semanas atrás.

Confiro o celular e vejo que Callahan ainda não mandou mensagem. Será que ele ainda quer me ver? Encolho os ombros. Vou me sentir meio boba se tiver me maquiado à toa. O jantar terminou uma hora atrás, mais ou menos. Sentei com o Matt em outra mesa, mas peguei Callahan me olhando mais de uma vez, e gosto do jeito que ele olha para mim.

De volta ao meu quarto, pego o livro de bolso e tento ler, mas a cada poucos parágrafos eu me distraio e preciso reler tudo. Tem muita gente aqui. Mesmo com a porta fechada, está barulhento demais.

Pego a mochila e guardo parte dos meus ganhos no jogo de pôquer. Saí no lucro, o que significa que meu estoque de salgadinhos e doces está bem recheado. Sorte de principiante. Cal tanto fez que acabou conseguindo a pipoca caramelizada. Por fim, guardo também o manual de treinamento e o romance que eu estava lendo, fecho o zíper e jogo a mochila sobre o ombro.

Bato à porta do quarto do Matt.

— Pode entrar! — grita ele.

— Oi, posso pegar as chaves da ambulância?

Ele acena que sim e se vira de lado para alcançar o casaco, tateando os bolsos até encontrar.

— Vai buscar alguma coisa lá?

Ele joga as chaves na minha direção, e eu as pego no ar.

— Eu só queria ler um pouco. E talvez dar uma olhada no manual. Em paz.

— Nossa, nem me fale. Esses caras fazem uma barulheira dos infernos — concorda Matt, e as palavras dele são pontuadas por uma gargalhada escandalosa vinda do andar de baixo. — Quer ajuda com algum dos exercícios?

Nego com um aceno.

— Não precisa, tá tranquilo. Mas eu mando mensagem se surgir alguma dúvida — respondo, depois ergo a mão com as chaves. — Obrigada de novo.

— Sem problema. — Saio do quarto, e ele grita atrás de mim: — Vê se não trabalha demais, hein!

— Pode deixar!

No começo, estava meio friozinho na ambulância, mas a temperatura na parte de trás logo esquentou o suficiente para eu tirar o moletom. Apesar de fazer quarenta minutos que não recebo mensagem de Callahan, eu não estou nem aí. Estou só curtindo a solidão.

Estar rodeada de tanta gente em um lugarzinho apertado me lembra de casa. Por mais que tenha me divertido horrores com os bombeiros, é bom ter umas horas de silêncio. Trovões ressoam ao longe e gotas de chuva batem no teto da ambulância. É gostoso. Os sons da natureza me ajudam a escapar para as páginas já amareladas do meu livro.

Meu celular vibra. Sinto o coração acelerar um pouquinho, como sempre acontece quando recebo uma mensagem dele.

CALLAHAN

Tá acordada?

Tô, sim.

CALLAHAN

Tá fazendo o quê?

Lendo.

Tiro uma foto da capa do livro e envio para ele junto da resposta.

CALLAHAN

Onde? Eu acabei de passar no seu quarto.

Espio pela janela, mas com a luz interna acesa, só vejo meu reflexo me encarando.

Na ambulância.

CALLAHAN

Quer companhia? Tenho comida.

Sinto um aperto no estômago. Quase todas as nossas interações foram por mensagem. Fora isso, a gente só se viu em ambientes fechados, nunca a sós. Estar escondida na parte de trás da ambulância enquanto todo mundo está no dormitório é quase como estar em uma cabana isolada na floresta. Mas, na verdade, a segunda opção me parece bem melhor. Cabanas isoladas são românticas. Ambulâncias são… clínicas.

Claro, pode ser.

CALLAHAN

Já, já eu tô aí.

Respiro fundo e marco a página em que parei com uma notinha de posto de gasolina, depois, passo os dedos sobre o papel fino. Essa nota fiscal é importante para mim. Representa a decisão de ir embora do lugar que eu chamava de lar, e mesmo quando parei para abastecer, estava seguindo em frente. A data já desbotou, e, com o tempo, o resto da impressão também vai desaparecer, levando junto qualquer resquício de quem eu era. Apenas mais um pedaço de papel. Apenas mais uma mulher.

Não sou mais aquela mulher. Talvez nunca tenha sido. O presente sempre foi meu destino. Sinto isso bem lá no fundo.

Uma batida na porta lateral me afasta desses pensamentos. Eu me ajeito na maca que tenho usado como poltrona de leitura, penteio o cabelo com os dedos e desamarroto a barra da camisa. O nervosismo está diferente agora, mais elétrico do que hesitante. Um zumbido de expectativa percorre minhas veias.

Abro a porta, e Callahan está ali, segurando uma mantinha e uma sacola de papel pardo. Dou um passo para trás, abrindo espaço para ele entrar. Ele sobe para a parte de trás e mantém a cabeça baixa para não bater no teto. Está de cabelo molhado, talvez de um banho, ou da chuva. Deixa a sacola no banco lateral e fecha a porta atrás de si. Agora que estamos quase colados, sou envolvida pelo cheiro de pinheiro e sabonete.

— Oi.

Ele se acomoda no banco e olha ao redor, avaliando a ambulância.

— Que lugarzinho legal esse seu.

Dou risada e encolho os ombros.

— Obrigada. Eu gosto da privacidade.

Os olhos dele se enrugam nos cantos quando sorri.

— Eu também.

É difícil não ouvir as segundas intenções implícitas nas palavras dele. A voz rouca faz meu coração acelerar ainda mais, então desvio o olhar quando sinto o rubor subir pelas bochechas.

— Está com fome? — pergunto, abrindo o zíper da mochila.

— Ah, não. Hoje é por minha conta — avisa ele, depois estende a manta e despeja a sacola de lanches por cima. — Eu caprichei.

— Percebi. Esses sacos de pipoca caramelizada me parecem meio familiares.

Ele ri.

— É verdade. Mas eu trouxe uma toalha de piquenique. Ainda ganho pontos?

— Onde você arrumou a manta?

Ele vira uma das pontas, revelando o bordado com o nome do acampamento.

— Roubei da lojinha.

— Mente *e* rouba? É tão difícil achar um cara que faça as duas coisas! Que sorte a minha.

— Não se fazem mais homens como eu — graceja, com um sorriso convencido, antes de gesticular para a variedade de comidas industrializadas à nossa frente. — Vamos começar?

Saio do assento dobrável e me sento no banco, mantendo os lanches entre nós.

— Beleza, regras básicas. Tudo aqui é de todo mundo — estabelece, e então agarra os sacos de pipoca. — Mas esses aqui são só meus.

— Pode ficar.

— Você não gosta de pipoca doce?

— Gosto, mas só sei fazer de monte. Depois de comer pipoca umas doze vezes seguidas, fico bem feliz em dividir.

Callahan abaixa a cabeça e abre o saquinho.

— Vamos ver como ficou — diz, mastigando com atenção, saboreando, e então sorri. — Está divino.

— Obrigada. Eu te passo a receita.

— Beleza, mas se você mesma fizer mais, aí vou ter uma desculpa pra te ver.

Um sorriso cresce nos meus lábios.

— E por que você precisa de desculpa?

— Acho que não preciso… Quer dizer que já faturei um segundo encontro?

— É nosso primeiro encontro? — pergunto, erguendo as sobrancelhas.

— Claro, né! — confirma ele, e observa o ambiente ao redor. — Não deu pra sacar pela lata de Pringles pela metade e pela ambulância charmosa?

Dou risada.

— Você está colocando o sarrafo lá em cima. Como vai conseguir se superar depois dessa?

— Não vou. De agora em diante é só ladeira abaixo. Seu futuro inclui passeios de kart e jantares. Talvez até observar as estrelas. Coitadinha.

Ele abre um saco de salgadinho de queijo, e alguns rolam pelo chão.

— No geral, eu usaria a regra dos cinco segundos, mas nem quero pensar em todos os fluidos corporais que devem existir nessa ambulância. Deus me livre de pegar hepatite ou coisa parecida.

Levo a mão ao peito.

— Estou ofendidíssima! Minha ambulância é impecável de tão limpa. Está sempre um brinco.

Ele aponta com o ombro para o salgadinho de queijo caído no chão e diz:

— Come você, então.

Depois abre uma lata de refrigerante e dá um gole.

— Nem ferrando. Continua sendo uma ambulância.

O riso com ele vem fácil, e eu gosto da naturalidade entre nós.

— Beleza, vê se consegue pegar um — sugere, colocando a bebida de lado.

Eu me afasto um pouco no banco, e ele joga um salgadinho para o alto, mas eu fecho os olhos e erro o alvo.

— Ah, não!

Callahan ri de mim.

— Fica de olho aberto! Você está desperdiçando comida.

Inclino o corpo para a frente e roubo o saco da mão dele.

— É difícil! Mas tá bom, é sua vez.

Jogo um salgadinho para o alto, e ele alinha a boca com a trajetória da queda, pegando a bolinha no ar com uma mordida.

Ele estende a mão para o saco, e eu devolvo.

— Vamos lá, Scottie. Você consegue. Pronta? Desta vez, não feche os olhos.

Na segunda tentativa, consigo pegar o salgadinho no ar. Ergo os braços para comemorar e, sem querer, bato os dedos com tudo no armário acima.

— Ai, merda, você tá bem? — pergunta ele, rindo.

Aceno que sim e rio ainda mais, depois puxo a mão latejante contra o peito.

— Acertei em cheio.

Por um tempo, ficamos ali pegando salgadinhos com a boca e jogando conversa fora. Compartilhamos mais do que atração física. Há uma leveza, uma descontração natural entre nós que parece tão… familiar. Eu nunca experimentei algo assim.

— Então, por que você virou bombeiro florestal?

Callahan faz uma pausa e pigarreia.

— A aventura, a camaradagem, o trabalho que a gente faz… é viciante. Por outro lado, existe um isolamento das habilidades do mundo real que acaba nos deixando meio presos. Depois que você vira bombeiro florestal, não é tão simples largar tudo. É uma relação de amor e ódio com o fogo. Mas que outro emprego te paga para voar até o Parque Nacional de Yosemite, cortar árvores centenárias e depois botar fogo no lugar? Se der sorte, a equipe vira quase uma família. Você passa anos viajando com seus amigos, se aproximando por causa de sofrimentos compartilhados, resolvendo desafios únicos e superando dificuldades. Eu amo a natureza, e é bom demais saber que posso proteger tudo isso com meu trabalho. Já voei de helicóptero por partes do país que são inacessíveis para quase todo mundo, gerenciei milhões de dólares em recursos aéreos, resgatei pessoas nos piores dias da vida delas e ainda sou pago para morar em uma região lotada de natureza que muita gente desembolsa uma fortuna só para visitar.

Uau.

Faz poucos dias que passei a conviver com os bombeiros do trabalho, mas já deu para perceber que todos eles compartilham uma energia quase nômade. E eu respeito isso. Até invejo. Foi o que me trouxe até Washington. De repente, crio coragem de olhar no fundo dos olhos de Callahan e admitir algo que nunca

disse em voz alta:

— Eu desperdicei boa parte da minha vida ficando parada no mesmo lugar. Admiro seu senso de aventura.

Os dois segundos em que ele sustenta meu olhar parecem durar horas. O ar fica carregado de tensão, e os olhos famintos dele refletem a mesma necessidade que arde nos meus. A sensação de ser desejada é inebriante. Nunca quero abrir mão disso. Não há nada de artificial ou ensaiado quando ele me puxa e me coloca sentada em seu colo. Ele não está só cumprindo tabela comigo.

— Você beija no primeiro encontro? — pergunta com a voz rouca, áspera.

Nunca amei tanto minha vida quanto neste exato momento.

Aceno de leve com a cabeça. Cal não se apressa. A profundidade do olhar dele também é inebriante. É tudo calculado, intencional. As mãos dele sobem pelos meus braços, e uma das palmas se enrosca no meu cabelo com um toque poderoso. Os dedos massageiam meu couro cabeludo enquanto ele agarra as mechas com delicadeza. Fecho os olhos. É tão bom. Firme, exigente. Fervoroso de um jeito que nunca experimentei. A outra mão desliza até a minha lombar e me puxa ainda mais para ele.

Abro os olhos, e Cal puxa meu cabelo mais uma vez. Meu suspiro vira um gemido baixo quando ele leva minha boca até a dele.

É uma explosão de tensão sexual e desejo. Minha mente se enche de fogos de artifício e aleluias exaltados. Era tudo o que sempre julguei ser exagero nas descrições de beijos nos livros. Não era mentira. É *exatamente* assim.

O toque dele me desestabiliza. Ele solta meu cabelo e, com o polegar aninhado sob meu queixo, separa meus lábios e me marca com seu beijo, com gosto de caramelo. Ele solta um grunhido, e um calor se espalha entre minhas pernas. Deslizo as mãos dos ombros dele para o peito, onde agarro a camisa com força. Não quero o soltar nunca, então o puxo para mais perto, precisando dele mais do que do próximo fôlego.

Se beijar Callahan é assim, qualquer coisa além disso pode acabar comigo. A risada baixa e ofegante dele me diz que está tão surpreso com esse beijo quanto eu. A língua dele desliza contra a minha, e as mãos descem para minha cintura, apertando as laterais do meu quadril e me encaixando sobre a virilha dele. Eu hesito de repente, sem fôlego. Puta merda, ele está de pau duro. Por minha causa.

Fecho os olhos quando a costura da calça jeans pressiona meu clitóris.

Cal planta um beijo logo abaixo da minha orelha, os dentes raspando de leve

na lateral do meu pescoço.

— Tudo bem aí?

— Tudo — sussurro, ofegante.

Ele abre o zíper do meu jeans, depois encontra a barra da blusa e a puxa por cima da minha cabeça. Eu solto o fecho do sutiã, e ele o desliza pelos meus ombros, deixando-o cair no chão.

— Porra — murmura ele.

Meus mamilos endurecem quando ele os acaricia com o polegar e belisca de leve, com a língua ainda enroscada na minha.

— Tudo bem aí? — pergunta de novo.

Eu solto um gemido baixinho. Cal me afasta do colo e desliza meu jeans pelas pernas antes de se endireitar um pouco e admirar cada pedacinho do meu corpo. Retribuo o olhar, constrangida com o silêncio dele. Abaixo a cabeça e examino meu quadril e a barriga. O que ele está olhando?

— Você é um espetáculo, Scottie.

Cal abre um sorriso ainda maior e se levanta, arrancando a camiseta com um puxão só. O peito dele é coberto por uma tatuagem de uma águia com uma cobra nas garras. Desvio os olhos quando ele desafivela o cinto, e logo tiro os sapatos com a ponta dos pés e me livro da calça jeans. Ele faz o mesmo, arrancando a calça e as botas, e o volume marcado na cueca boxer até me tira do prumo. Nem sei o que fazer com tudo isso. Em seguida, ele desliza minha calcinha pelas pernas, e eu cambaleio para trás, caindo no banco coberto pela manta. Não tem a menor chance de a gente devolver isso para a lojinha do acampamento.

Ele cai de joelhos, e eu fico sem acreditar quando ele afasta minhas pernas. Caramba, ele é atrevido.

A boca dele acaricia a parte interna da minha coxa, depois dá uma mordiscada. Eu tomo um susto, e ele passa a mão por trás dos meus joelhos e me puxa de volta para a beirada do banco.

— Posso continuar?

Nunca fiz isso.

— Pode.

Callahan deixa uma trilha de beijos na minha coxa esquerda enquanto passa a mão pela outra, e a expectativa se multiplica quando o polegar dele roça minha entrada.

— Sempre — respondo.

"Sempre pode."

Jogo a cabeça para trás quando ele desliza dois dedos para dentro de mim, depois os retira e repete o movimento. Deixo escapar um gemido enquanto ele chupa a parte interna da minha coxa e faz movimentos de vaivém com os dedos, curvando os dois para massagear um ponto que eu só alcançava com brinquedos. Ele ri baixinho quando gemo outra vez.

— Qual é a graça? — pergunto, e mal consigo respirar.

Cal se afasta um pouco, deixando a marca da boca na minha pele.

— Eu gosto dos sons que você faz.

Mordo o lábio.

Ele se endireita e me observa enquanto me provoca. É tão sexy. Depois, enfia mais um dedo, e eu fico vermelha quando o barulho da fricção molhada ecoa pela ambulância.

— Inacreditável — murmura, sorridente. — Passei a noite inteira sonhando em chupar essa bocetinha.

Ele me puxa mais para perto e sela a boca em mim, passando a língua pelo meu clitóris enquanto me encara de baixo, entre minhas pernas.

— Meu Deus — sussurro, tremendo.

Dá vontade de gritar. Absorvo a imagem dele me lambendo, o fogo nos olhos enquanto faz isso. Tenho a nítida impressão de que ele sabe exatamente o que está me causando e quer mais.

Nossos olhares se encontram, e ele abre um sorriso de lado.

— Gostosa pra caralho.

Callahan achata a língua e me lambe bem no meio, sem desviar os olhos dos meus, roçando a virilha contra o banco enquanto me devora. Eu fico em êxtase, mas quero mais.

— Diz que você tem camisinha. — Nenhuma resposta. — Me come, Cal… por favor!

Ele ergue o olhar e balança a cabeça.

— Ainda não terminei de te chupar.

Enrosco a mão no cabelo dele e relaxo contra o banco, inclinando a cabeça para o lado enquanto admiro a beleza absurda desse homem que me dá mais prazer do que jamais senti. Ele desliza os dedos para dentro de mim de novo, e uma sensação desconhecida cresce lá embaixo. É uma delícia, mas ainda falta alguma coisa. Agarro o cabelo dele enquanto a sensação se intensifica, mais e mais a cada segundo. "Será que eu vou…"

Os lábios dele se fecham ao redor do meu clitóris, chupando sem parar.

— Puta merda. Cal… Cal!

Uma luz branca explode atrás dos meus olhos, e fico impotente enquanto me entrego à euforia.

Consegui.

Eu gozei.

— Assim mesmo, gatinha, está tão bom. Caralho, você fica linda gozando.

É a primeira vez que um homem me faz gozar. Estou sem palavras.

Cal se estica para o lado e puxa a carteira do bolso de trás, revelando uma camisinha.

Um sorriso presunçoso se forma nos lábios dele, e eu seguro seu queixo, passando o polegar pela barba rala, limpando um pouco da umidade que deixei ali. Ele puxa meu polegar até a boca e o chupa. No momento, não quero mais nada no mundo além de ser comida por Callahan Woods até esquecer quem sou.

Ele se levanta e tira a cueca. O pau dele é grosso e enorme, mesmo em comparação com a mão grande enquanto coloca a camisinha. Depois de jogar as embalagens de salgadinho para o chão, ele me ordena:

— Deita aí.

Engulo em seco e me ajeito de costas na manta macia. Até que enfim. Ele apoia um joelho entre mim e o encosto do banco, mantendo o outro pé firme no chão. Não tem muito espaço para qualquer outra posição. A cabecinha dele se insinua para dentro de mim, e eu me acomodo ao redor da espessura.

— Nossa… nossa — murmuro, agarrando os ombros dele.

— Porra, você é tão apertadinha — rosna ele, com o queixo erguido quando encontra meu olhar. — Relaxa, Scottie.

Respiro fundo, bem devagar, forçando os músculos a cederem apesar da resistência. É a dor mais deliciosa do mundo. Eu não deveria querer mais, mas quero. Quero tudo dele.

A voz de Cal é um convite suave:

— Olha pra mim.

Solto o ar quando ele recua. Por que parou? Apoio os cotovelos no banco, mas qualquer reclamação morre na garganta quando ele cospe na minha entrada.

— Sua bocetinha é tão linda.

Cal espalha a saliva, empurrando o polegar para dentro e me dilatando antes de se posicionar de novo. Desta vez, a dor diminui à medida que ele avança devagar. Meu corpo se acomoda ao redor dele, e eu relaxo contra o banco.

Ele sorri.

— Assim mesmo, minha garota.

Com a respiração ofegante, absorvo a sensação de estar preenchida por Callahan. A mão dele sobe pela minha barriga, passando entre meus seios. Os mamilos endurecem sob o toque. Aos poucos, ele começa a arremeter, e eu sinto tudo. A manta escorrega bastante sobre o vinil do banco, e apoio os braços no armário atrás de mim para ter firmeza.

— Cal… isso é…

— Eu sei, gatinha — murmura ele, ofegante. — Pra mim também.

Eu me jogo de cabeça. É tudo intenso demais, repentino demais. Sempre imaginei que o sexo poderia ser melhor, claro. Já visitei sites que mostram pessoas se divertindo com seus parceiros. Mas nada poderia ter me preparado para as repercussões emocionais. A conexão. A enxurrada de sentimentos fortes demais que me atingem de uma vez só. Não sei o que fazer com isso. Paixão é uma droga poderosa.

A atração entre nós é inegável, e isso é um grande passo para mim. Meus olhos se enchem de lágrimas, então o puxo para baixo até nossos peitos se encostarem. Passo os braços ao redor do pescoço dele para que não veja as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. É uma mistura de felicidade, alegria, liberdade. Ele não entenderia.

Enxugo o rosto com um gesto discreto e solto o ar para me recompor. Em seguida, o beijo com toda minha força. As estocadas ficam mais agressivas e frenéticas. É maravilhoso. Cal recebe de bom grado cada gemido e crava os dentes no meu lábio inferior. "Puta merda." Finco as unhas nos ombros dele e arranho suas costas. O rosnado que ele solta é animalesco, e não sei dizer se eu sou o coelho ou a raposa.

— Porra, Scottie.

Callahan é generoso e exigente ao mesmo tempo. Ele desliza para fora de mim e se levanta, me puxando junto. Sinto a mente girar, inebriada e ávida por mais. Ele se joga na maca reclinável no meio da ambulância, depois me vira de costas e me ajuda a andar para trás. Abro mais as pernas para montar no colo dele, e ele envolve minha cintura com um braço, alinhando minha entrada com a cabeça do pau.

— Posso te elogiar quando você estiver sendo uma boa menina?

Puxo o ar e aceno que sim. "Misericórdia." Cal me puxa para baixo e encaixa a cabeça dentro de mim. O braço ao redor da minha cintura me prende com força junto ao seu peito. Ele cospe na mão livre e a esfrega contra o clitóris, despertando uma onda de desejo por todo meu corpo.

— Ah!

— Boa menina — elogia. — Agora senta direitinho.

Chego a revirar os olhos de prazer quando afundo com força no colo dele.

Callahan desliza as mãos por baixo das minhas coxas e ajeita minhas pernas para que fiquem do lado de fora das dele, abrindo as próprias ainda mais, me deixando exposta a qualquer um que passe pelas portas envidraçadas da ambulância. O risco de ser pega intensifica cada sensação. Ele cobre minha mão com a dele e a posiciona logo acima do meu púbis, antes de pressionar com força. Sinto o contorno sutil da ereção e jogo a cabeça para trás, usando o ombro dele de apoio. Está gostoso demais.

— Está me sentindo aí dentro? — pergunta ele.

O desejo atravessa meu corpo e me faz estremecer.

— Eu preciso disso.

A outra mão dele afasta meu cabelo para o lado enquanto os lábios roçam minhas costas.

— Tão apertadinha… Continua sentando.

Eu obedeço direitinho, *como uma boa menina*. Cal solta minhas mãos, e eu mantenho a pressão contra minha pele quando ele segura as laterais do meu quadril e me faz quicar no pau dele.

— Caralho! — grito, e minha voz sai ainda mais alta.

— Assim mesmo, gatinha. Você é tão boa nisso.

Ele ri, provocante, depois desliza a mão por baixo do meu queixo e agarra meu pescoço sem apertar.

— Ainda comigo?

Aceno que sim.

— Sempre.

Asfixia intencional no fundo de uma ambulância? Essa é nova.

Ergo os olhos para o teto, com a nuca ainda apoiada no ombro dele, mas só vejo estrelas. Começo a me contorcer e, por fim, cedo ao impulso de rebolar no colo dele.

— Eu sei que você quer rebolar, meu bem, mas fica com as perninhas abertas pra mim.

Agarrar as laterais das coxas dele é tudo o que consigo fazer para me segurar. Estou tremendo sem parar, e um suor frio brota na minha testa enquanto outro orgasmo se aproxima. Solto um grunhido com os dentes cerrados. É tão difícil ficar parada.

Meus olhos encontram as janelas traseiras, e fico hipnotizada com o reflexo

de Callahan me comendo por baixo.

— Olha só como você fica linda rebolando no meu pau. Vê sua carinha feliz quando eu meto bem fundo?

Ele dá uma batidinha no meu clitóris e, em seguida, me mete fundo, comigo em seu colo. Abro a boca quando ele volta a agarrar minha cintura e me usar como se eu fosse um brinquedinho. Os gemidos saem cada vez mais trêmulos enquanto sou quicada em cima dele. É um prazer implacável. Não há um único músculo no meu corpo que não esteja envolvido.

— Olha pra frente.

Volto a observar as janelas à nossa frente, vendo quanto ele está lindo no reflexo. Callahan balança a cabeça.

— Não é pra olhar pra mim — acrescenta Callahan. — Só pra você. Quero que se veja gozar.

— Cal… Não para.

Meus peitos pulam a cada estocada. Por mais estranho que pareça, tem algo restaurador em me ver sendo devorada por esse homem. Um sorriso se forma no meu rosto. Mal reconheço a mulher que me encara de volta. Ela é desinibida, ousada, destemida. Eu amo isso. *Amo sexo*. Como poderia ser visto como pecado? É lindo.

— Vamos, gatinha… — rosna ele, com a voz grave e autoritária. — Goza no meu colo. Assim mesmo. Está tão apertadinha. Quase lá.

As palavras dele me levam ao limite, e meu queixo cai em um grito silencioso.

— Isso, Scottie!

Os dentes dele arranham minha pele, arrepiando meu corpo inteiro e me fazendo estremecer. Fecho os olhos por instinto, mas ele grita meu nome e eu os abro de novo, assistindo a mim mesma sendo dominada por um prazer avassalador.

— Porra, eu amo seus gemidos.

Eu nem me lembro de ter feito qualquer som. Nesse momento, não me lembro de nada. Só sinto um prazer ardente. Cal me tira do devaneio, bem devagar, e o suor no peito dele faz nossos corpos deslizarem um contra o outro.

— Vira de frente — ordena, ainda sem fôlego.

Eu me levanto com as pernas bambas.

— Calma, vai devagar.

Ele me segura firme e me puxa de volta para baixo. Não consigo recuperar o fôlego, mas monto no colo dele de novo e solto um grunhido rouco ao ser

preenchida mais uma vez, agora frente a frente. É bem mais íntimo do que antes. Ele encosta a testa na minha, e agarro os bíceps dele, me apoiando nos músculos fortes.

— A gente pode descansar um pouco, só rebola.

É eletrizante. A adrenalina faz minha pele formigar. É como a primeira vez que fiquei bêbada e me perguntei por que alguém escolheria ficar sóbrio. Será que amanhã, ao acordar, vou sentir que estou pagando uma dívida… ou vou querer tudo de novo? Ele abaixa a cabeça e solta o ar devagar, apreciando o espetáculo dos nossos corpos em sincronia.

— Tão linda… — murmura ele, depois abocanha meu mamilo e chupa com vontade.

Sentir a boca de Callahan em mim enquanto rebolo no colo dele é uma experiência totalmente nova. Meu corpo está exausto, os músculos fatigados, mas eles não desistem. Nunca senti tanto prazer na vida e não tenho como saber se vou sentir algo assim outra vez.

Nossos olhares se encontram e é como se o tempo parasse, mesmo que só por um instante. O sorriso dele é magnético. Genuíno, verdadeiro. Ele está tão presente, vivendo o momento. Com os olhos dele nos meus, tudo ao redor desaparece. Callahan desce o olhar até meus lábios, me agarra pela nuca e me puxa para um beijo intenso. Continuo a rebolar, arrancando um gemido dele. Adoro saber que consigo devolver as sensações que ele me causa. Com as mãos apoiadas na minha cintura, logo acima da dobra da bunda, ele me guia para cima e para baixo no seu colo, buscando mais prazer.

— Caralho, ainda não tô pronto pra gozar.

Em um piscar de olhos, ele agarra minha bunda, me vira de costas e me deita na maca, reclinada até ficar quase plana.

— Você gosta de amarras? — pergunta, ofegante.

Olho para as tiras grossas de velcro.

— Eu… nunca… Não sei?

— Quer descobrir?

Não sou nenhuma virgem, mas isso não se compara às experiências que tive. Levada por um desejo bruto incontrolável, respondo:

— Com certeza.

Sinto o rosto arder enquanto me arrasto um pouco para o centro da maca, soltando as pernas nas laterais. Callahan apoia o joelho na superfície e desprende o velcro com um som seco.

— Qual vai ser sua palavra de segurança?

— Palavra de segurança? — pergunto, e sei que já li sobre o assunto. Tem algo a ver com semáforo. — Vermelho?

— Vermelho, então.

Ele posiciona meus pulsos nas tiras de velcro e as prende com firmeza.

— Pronta?

Faço que sim. Ele levanta minhas pernas e apoia minhas panturrilhas em seus ombros antes de se afundar em mim. É o paraíso na terra.

Solto um gemido e ele sorri.

— Gostou?

Eu amei.

É entrega total. Cal poderia fazer qualquer coisa comigo que eu não teria como impedir, só aceitar. Quando arqueio as costas, meus peitos se projetam na direção dele. Deixo escapar um murmúrio baixinho.

— Tudo bem… — diz. — Quero ver você gozar de novo.

Mais um orgasmo. É sério? Eu pratico corrida e tal, mas ele é um bombeiro de elite. Não tem nem competição. A resistência dele é muito maior. O cara está fazendo todo o trabalho sozinho e sou eu que estou sem ar. Meu peito sobe e desce rápido. Mal consigo respirar.

— Tudo bem aí?

— Desculpa. Acho que esqueci como se respira.

— Merda, eu também.

Ele ri e eu acabo rindo junto.

— Cacete, Scottie, adoro ver você rir enquanto te fodo.

Isso me faz rir ainda mais. Ele geme. Minha risada vai morrendo quando ele me encara nos olhos.

— Assim mesmo.

A técnica desse homem deveria ser crime. Ele alterna entre estocadas lentas e provocantes, demoradas, e outras rápidas, famintas. Cada uma é cronometrada com perfeição. Cada movimento de vaivém aumenta o desejo. É demais e nunca o suficiente. Não consigo acreditar que essa é a minha vida agora.

Ergo o rosto e sustento o olhar dele enquanto ouço o ritmo constante das estocadas. Isso não é sexo, é outra coisa bem diferente. É muito mais intenso, mais erótico. Meu coração bate tão forte atrás das costelas que parece que vai explodir.

Fecho bem as mãos e uso cada resquício de força e flexibilidade para acompanhar cada arremetida. Não adianta. Callahan não cede, só continua e

nunca diminui o ritmo. Minha respiração fica cada vez mais rasa e ofegante. Estou muito perto de gozar de novo.

Ele estreita os olhos, e eu balanço a cabeça com veemência. Antes que ele consiga perguntar se estou bem, respondo:

— Tô ótima. Continua.

Não tenho um pingo de fôlego. Como é que ele ainda aguenta?

— Vamos com calma — decide, diminuindo o ritmo, e então pega uma das máscaras de oxigênio na parede e coloca sobre meu rosto, sorrindo. — Respira devagar. Isso. Bem devagarinho… É só relaxar.

Uma parte de mim quer rir dessa situação absurda, mas a outra está alucinada por receber ordens de inspirar oxigênio enquanto ele desliza para dentro e para fora de mim. Não consigo fazer nada além de obedecer. Meu corpo estremece de prazer. Será que essa é a sensação de ficar chapada? Estou nas nuvens.

— Puta merda… essa bocetinha foi feita pra mim. De onde você saiu?

— Do Arkansas — balbucio.

Callahan se inclina para a frente e solta uma gargalhada rouca, depois tira a máscara do meu rosto e coloca no dele, dando uma tragada de oxigênio antes de jogá-la de lado.

— Agora, por que você não me mostra que é uma boa menina e faz essa bocetinha gostosa gozar no meu pau?

Arregalo os olhos com as palavras dele e vejo o sorriso que domina seus lábios. Eu faria quase tudo por esse sorriso. Afasto as pernas dos ombros dele e ele pressiona a boca na minha, depois agarra a parte de trás da maca para se firmar e arremete com tudo em mim. Cada estocada me leva para mais perto do orgasmo. O corpo dele se ajusta ao meu, afundando até alcançar o ponto G.

Callahan sussurra elogios o tempo todo.

— Isso, não para. Você consegue. Vamos, mais um.

De repente minha mente esvazia, concentrada apenas no prazer carnal que ele me proporciona. A testa dele encosta na minha, franzida enquanto procuro seu olhar.

— Mostra quanto você ama isso, Scottie — exige. — Goza no meu pau.

Mais uma vez, as palavras dele invadem meus pensamentos, intensificando cada sensação física com uma emocional. Ele acaricia meu clitóris com o polegar, os movimentos mais e mais frenéticos, enterrado até o fundo, quando nós dois explodimos em sincronia.

Não é tão intenso quanto os dois primeiros, mas mesmo assim eu gozo mais

forte do que em qualquer outro momento da vida. Cal deixa escapar um grunhido, ainda empenhado com estocadas longas e vigorosas, mordendo meu pescoço e rosnando no meu ouvido enquanto goza. Fico sem palavras.

— É… é sempre assim? — pergunto, com a voz entrecortada.

— Não.

Ele abaixa o queixo e balança a cabeça enquanto recuperamos o fôlego juntos. Quando seu olhar encontra o meu, ele solta um suspiro profundo e sorri.

— Não, Scottie. Nem sempre é assim.

Cal dá um beijo na minha têmpora. As palmas dele envolvem meus pulsos, soltando o velcro e massageando as marcas vermelhas onde as tiras apertaram minha pele. Nunca imaginei que dedos tão calejados pudessem ser tão delicados.

Descansamos juntos e ouvimos a chuva forte batendo no teto da ambulância, enquanto nossa respiração volta ao normal.

O momento é interrompido por um trovão ensurdecedor que sacode a ambulância inteira, e de repente somos inundados com a luz mais forte que já vi na vida. Callahan se joga para trás, batendo contra um dos armários.

— Cacete!

A adrenalina faz meu coração disparar.

— Está tudo bem?

Ele não responde. Parece perdido.

Uma das luzes externas do acampamento se acende. Enfio o braço pela janela até a cabine e apago a lâmpada interna da ala do paciente, mergulhando tudo na escuridão.

Leva um momento para meus olhos se ajustarem, mas quando conseguem, pego a calça jeans, visto rapidinho e jogo a camisa por cima, pulando a calcinha e o sutiã.

— Cal…

Estendo a mão e percebo que ele está tremendo. O que aconteceu?

— Tudo bem aí? Ei. Callahan?

— Estou bem — rebate, seco. — Só preciso de um minuto.

Recolho as roupas dele e deixo tudo no banco, depois, me sento ao seu lado e entrelaço nossos dedos. Não sei o que está acontecendo, mas quero que saiba que não está sozinho. Ele aperta minha mão com força. Meus olhos caem para nossas mãos entrelaçadas com firmeza, mal visíveis na penumbra.

Menos de um minuto depois, vozes surgem perto da entrada do dormitório. Eu me estico toda para espiar por uma das janelas e vejo alguns caras lá fora

fumando. Cal solta meus dedos, tira a camisinha e dá tapinhas no banco ao lado dele, tateando em busca das roupas. Veste a cueca boxer, depois pega a calça.

— Não se mexa muito ou vai balançar a ambulância — sussurro.

— Se a ambulância tá balançando, não venham bater à porta — brinca ele, mas a voz soa vazia.

Nunca vi alguém se fechar tão rápido.

— Precisa de alguma coisa?

— Tô de boa.

Ele se move com cautela enquanto se veste. Nós dois vasculhamos o chão em busca das roupas que jogamos mais cedo. Coloco o moletom, depois encontro o sutiã e enfio no bolso.

"Cadê minha…"

— Não estou achando minha calcinha.

— Está no meu bolso. Vou ficar com ela.

— Ladrão e mentiroso.

Estreito os olhos e balanço a cabeça com um sorrisinho.

— E apostador… — acrescenta Cal, soando mais como ele mesmo. — Quem sabe um dia desses você não joga comigo pra pegar sua calcinha de volta?

— Você é péssimo.

Dou uma risada e tateio o chão em busca das meias. As embalagens de alumínio dos salgadinhos fazem barulho quando passo os dedos por cima delas. Graças a Deus ninguém se machucou, senão ia ser difícil explicar a situação. O que fizemos aqui foi arriscado demais. Não pode se repetir.

10

Callahan

BOBBY ESTÁ RONCANDO FEITO uma britadeira no quarto ao lado. Estou a ponto de arrombar a porta dele na base do chute e obrigar esse mané a dormir lá fora. A gente sempre o coloca para dormir bem longe do resto do grupo no acampamento para não ter que aturar essa barulheira dos infernos. King está no beliche em frente ao meu, e a respiração profunda entrega que ele também já pegou no sono. Os alojamentos até que são bons. Mas, apesar de o colchão ser macio e quente, não consigo ficar confortável.

Levou quase duas horas para limpar a parte de trás da ambulância. Scottie deixou bem claro que, de agora em diante, aquele espaço está fora de cogitação. Aposto que amanhã os caras vão se perguntar por que estou com cheiro de desinfetante, e não é da conta deles. Não me incomodei nem um pouco em ajudar na faxina. Scottie e eu demos um jeito de tornar a tarefa divertida. Passo a mão pelo rosto e me viro de lado, encarando a escuridão. Merda. Por que isso está estranho? Tem uma pontada de alguma coisa me rasgando por dentro, uma emoção tentando escapar do meu peito. Dúvida? Arrependimento? Não. Com certeza não é arrependimento.

No geral, não sinto nada depois de uma transa, só alívio. E isso não é ruim. Não sinto que esteja faltando alguma coisa. A maioria das minhas ficadas se assemelha a uma noite de bebedeira no bar. Eu me divirto muito, só que quando acaba, *acabou*. E pronto.

Desta vez, não sinto que acabou.

Eu xingo em silêncio o maldito trovão que me deixou todo desestabilizado. Quando travei na frente dela, me senti um completo idiota, ainda mais logo

depois de transar. Não foi muito legal, mas agradeço por ela não ter me pressionado nem tentado conversar sobre o assunto. Não há nada a discutir. Em vez disso, ela só sentou comigo e me deu a mão, e era justo o que eu precisava naquele momento.

Mais um minuto se passa enquanto dou uma olhada no relógio do celular. Ainda dá para pegar umas quatro horinhas de sono se eu dormir agora.

Fecho os olhos e me cubro com a manta de lã que levei para a ambulância. O cheiro do shampoo de Scottie me acalma um pouco. Relembro os sons que ela fez e a maneira como seus olhos azul-escuros pediam por mais.

Seja lá qual for o sofrimento que me traga o amanhã, valeu a pena passar uma noite com Scottie.

11

Callahan

O BURBURINHO DO REFEITÓRIO vai desaparecendo ao meu redor enquanto troco mensagens com Scottie e falo besteiras com os caras entre uma garfada e outra. A gente passou o dia inteiro flertando por mensagem. Está me deixando maluco. O trabalho foi pesado hoje, com uma porrada de lama e sujeira para atrapalhar nosso avanço. Estou acabado, mas isso não significa que eu não esteja contando os minutos para todo mundo ir dormir, só para eu ir de fininho até o quarto dela.

Durante o jantar, ficamos trocando olhares de canto, como se fosse a porra de um joguinho.

Essa mulher é hipnotizante demais.

Quero ver aquela boquinha linda no meu pau. Quero sentir a boceta dela se contrair quando a chamo de boa menina. Quero ver os peitos dela pulando enquanto eu a fodo.

Eu quero tudo.

Metade dos caras está de olho nela, e eu ainda tive que gritar com alguns durante o expediente quando ela virou assunto de conversa. Por algum motivo, não estou disposto a compartilhar desta vez. Scottie despertou um lado possessivo em mim. Ela é só minha. Eu quase sempre evito me envolver com alguém durante uma missão, e mesmo quando acontece, não passa de uma vez. Estabelecer limites garante que todo mundo saiba onde está se metendo desde o começo. Assim, ninguém se apaixona nem acaba com dor de cotovelo.

Depois de uma noite com essa mulher, estou disposto a abrir uma exceção. Até porque ela não vai estar em todas as missões. É temporário. Vamos só tirar

proveito da situação. Ainda assim, acho importante a gente estabelecer algumas regras para ela entender que o lance é só físico e nada mais. O sexo é maravilhoso, mas não vai passar disso. Ainda não estou pronto para me envolver a sério com ninguém, e não seria justo dar esperanças a ela.

Aquela pipoca só não era mais docinha que sua bct.

SCOTTIE

MEU DEUS

Passei o dia inteirinho provocando Scottie por mensagem. Para ser justo, foi ela que começou quando me mandou uma foto toda borrada da parte de trás da ambulância.

Ué, que foi?

SCOTTIE

Você sabe muito bem.

Ah, qual é. Eu falei coisa muito pior ontem à noite...

Dou uma olhada para o outro lado do refeitório e vejo Scottie ficar toda vermelhinha enquanto fecha aquele celular de flip esquisito. É divertido flertar com ela.

Você ficou vermelha.

Ela tenta ignorar a mensagem, mas não resiste e acaba abrindo o celular de novo.

SCOTTIE

Deve ser alergia.

Hahaha

Posso te ver mais tarde?

SCOTTIE

Você vai parar de me provocar?

Ah, por favor… Hoje a provocação está partindo dela.

Não sei. Você vai ser uma boa menina?

SCOTTIE

Você é péssimo.

Nunca neguei.

Nossos olhares se encontram, e ela me encara com ar de censura. Em troca, ofereço um sorriso e uma piscadinha.

Todo mundo está andando por aí só de meia por causa da lama, o que ajuda bastante quando preciso me esgueirar sem fazer barulho até o quarto dela. Bato de leve na porta com o dorso da mão e abro um sorriso só de ver o movimento da maçaneta. Só que eu não estava preparado para ver Scottie com nada além de uma camiseta larga ao abrir a porta. A gola esticada me dá uma visão do ombro nu, e o tecido quase chega aos joelhos. Meu peito aperta. Não gosto da ideia de ela estar usando a camisa de outro homem.

Ela se afasta um pouco, abrindo espaço para eu entrar. Passo as mãos pela minha blusa de lã, torcendo para que não esteja muito amassada. É difícil manter a roupa alinhadinha quando se carrega a vida dentro de uma mochila. Algo me diz que Scottie não liga para essas coisas.

O quarto é parecido com o meu, mas tem dois beliches e uma cama de solteiro com cobertor. Os pertences dela estão espalhados em uma das camas de baixo. Não tem nada fora do lugar. A mochila está ao lado de roupas dobradas em pilhas. Na outra ponta da cama, os lanches que ela ganhou no pôquer estão separados em grupos aleatórios, já que não estão organizados por marca nem por categoria. É como se ela tivesse pegado um de cada tipo e juntado ali, quase como se quisesse racionar a comida. Enfim, cada um com suas manias.

Dá para sentir o cheiro dela impregnado no quarto, as notas sutis de jasmim e baunilha. Respiro fundo e logo sinto uma paz reconfortante. É uma sensação

nova, mas acolhedora. Assim que ouço a porta se fechar atrás de mim, eu parto para cima dela.

Envolvo a cintura dela com as mãos, reunindo o algodão solto nas laterais da camiseta. Scottie levanta a cabeça, e aqueles olhos cheios de desejo ficam escuros feito o céu em dia de tempestade. Ela respira fundo, já corada. Um sorriso brinca nos meus lábios enquanto inclino a cabeça para um beijo. Gosto de tirar o fôlego dela. Deslizo a língua para dentro de seus lábios entreabertos enquanto a guio para trás, em direção à cama. Porra, esperei o dia todo por isso.

Antes que a gente se empolgue demais, eu me afasto. Não tenho nada contra rapidinhas, mas, já que vamos dividir o mesmo teto pelos próximos dias, o mínimo é ter uma conversa decente primeiro. Claro, a gente tem trocado mensagens, mas gosto de conversar com Scottie. Ainda nem dei oi direito.

— Oi — sussurro, mantendo a voz baixa.

— Oi.

Scottie dá uma risadinha adorável, depois massageia a nuca e faz careta de leve.

— Está doendo?

Ela só faz um gesto evasivo com a mão e aponta para o beliche cheio de comida.

— Está com fome? Tenho um baralho aqui se você quiser tentar ganhar alguns dos seus lanches de volta.

Dou um sorrisinho e aceno que não, depois afasto o travesseiro dela e me acomodo na cabeceira da cama, com as pernas esticadas à frente.

Ela faz menção de massagear a nuca outra vez.

— Vem cá — chamo com a mão estendida, e ela a aceita, permitindo que eu entrelace meus dedos com os dela enquanto a puxo para a cama comigo. — Deita de bruços, eu cuido do resto.

A gente se acomoda no colchão, a cabeça dela no meu colo, deitada entre minhas pernas, a bochecha apoiada na coxa esquerda, o cabelo espalhado sobre a direita. Um dos braços envolve minha coxa, o outro fica dobrado perto da lombar. As pontas dos dedos dela tocam a lateral do meu quadril.

— Está gostoso?

— Muito — confirma ela com um pequeno sorriso.

Scottie fecha os olhos enquanto vou apertando a nuca até encontrar o músculo travado.

— Caramba, está com um baita nó aqui. — Ela solta um murmúrio baixinho quando pressiono com os polegares. — Muito forte?

— Nada — ronrona. — E aí, como foi seu dia?

Não estou acostumado a ouvir essa pergunta. Como meu dia é quase sempre igual ao dos outros caras do meu convívio, nem faz muito sentido eles perguntarem.

— Ah, foi tranquilo, eu acho? — respondo, e como ela me dá brecha para continuar, vou em frente. — Não é muito divertido trabalhar na lama, né, ainda mais quando a mata é densa e nem dá para ver o sol direito no meio das árvores.

E sigo contando todos os acontecimentos do dia. Parece natural, como algo que um casal faria. Scottie não faz parecer um papo à toa. Ela me faz várias perguntas e, apesar de ficar cada vez mais relaxada com a massagem, demonstra interesse no assunto. Sei que ela está prestando atenção quando precisa pedir para eu explicar alguns termos mais técnicos do trabalho.

— E o seu dia, como foi?

Ela dá de ombros.

— Meio sem graça.

Deixo escapar uma risada. Nunca tive inveja dos socorristas de plantão. É muito tempo sentado. Deslizo as mãos pelas costas dela, traçando linhas e círculos por cima da blusa enquanto ela fala. Massageio ombros, braços, costas, tudo que está ao meu alcance. A cada toque, o corpo dela parece se derreter feito gelatina. Será que essa mulher está tão carente de contato físico quanto eu?

Scottie puxa a mão que estava atrás das minhas costas e a enfia por baixo da minha blusa de lã. Fico até sem fôlego. O toque dela, macio como uma pluma, percorre meu abdômen e me faz estremecer. Ela continua a contar sobre seu dia, alheia ao efeito que está causando em mim. Os dedos dela imitam os meus, massageando a barriga em um padrão semelhante ao que estou fazendo na nuca. Cacete. O toque me relaxa e me enche de tesão ao mesmo tempo. Eu precisava disso mais do que imaginava. Enterro a mão livre no cabelo dela, e ela solta um gemido no meio da história sobre os exercícios de treinamento que Matt tinha preparado para o dia.

Eu rio baixinho.

— Gostou, foi?

Ela sorri.

— Hum-hum.

— Vou me lembrar disso.

Fecho a cara assim que as palavras saem da minha boca. Eu não deveria dizer essas coisas. Não quero passar uma impressão errada sobre esse lance

entre nós.

— Desculpa interromper, pode continuar — acrescento, na esperança de que termine a história.

Ela fica em silêncio por alguns segundos e então solta uma risadinha.

— Do que eu estava falando mesmo?

— Exercícios de treinamento… — digo, ajudando-a a refrescar a memória.

Enrosco os dedos no cabelo dela, bem perto da raiz, depois fecho o punho e dou uma puxadinha.

Scottie faz um som baixinho, algo entre um resmungo e um gemido.

— Não importa mais. Nossa, isso é gostoso.

Repito o movimento, alternando entre brincar com as pontas dos fios e puxar as mechas mais próximas do couro cabeludo. Ela finca as unhas nos meus músculos com força suficiente para mudar a chavinha de "toque carinhoso" para "necessidade de meter meu pau tão fundo até a ouvir gritar".

— Gostei muito das mensagens que você me mandou hoje — provoco, deslizando os dedos por sua coluna.

Ela fica vermelha e afasta a mão da minha coxa para cobrir o rosto.

— Ai, que vergonha.

Solto uma risada indignada.

— Oi? Por quê?

— Eu nunca tinha feito essas coisas. Já tinha transado, claro, mas não… desse jeito.

Também foi minha primeira vez trepando na traseira de uma ambulância, mas Scottie parecia ter uma camada a mais de inexperiência que gostei muito de explorar. Foi bom demais ver a carinha de prazer dela como se fosse a primeira vez.

— Não… Eu gostei da foto que você me mandou na ambulância.

A lembrança dela amarrada àquela maca me fez companhia durante as longas horas de trabalho.

Ela se ajeita, apoiando o rosto bem na lateral da minha coxa.

— Ah, eu estava só brincando.

— Mas eu não.

Os dedos dela me apertam com um pouco mais de força, depois sobem pela coxa e começam a alisar meu pau por cima da calça jeans. Solto o ar entre os dentes cerrados. A tensão acumulada das conversas e dos toques inocentes se transformou em pura necessidade.

Passado um minuto, vem a confissão:

— Eu também não — sussurra com a voz ofegante e cheia de tesão. — Mas está tão gostoso assim que fica até difícil me mexer.

Deslizo a mão pelas costas dela e abro o botão da minha calça jeans. Scottie espalma as duas mãos na cama e faz menção de se sentar.

— Nada disso. Pode ficar deitadinha aí.

Depois de abrir o zíper, empurro a calça e a cueca até a metade da coxa, deixando o pau meia-bomba à mostra.

— Continua deitada no meu colo. Vou fazer carinho no seu cabelo enquanto você aquece meu pau nessa boquinha carnuda até eu mandar parar. Entendeu?

Ela acena que sim, com uma cara de tesão absurda, e então se posiciona em cima da minha perna direita. Solto um suspiro quando a língua dela começa a deslizar pela base.

— Isso, assim mesmo — sussurro. *Perfeito*.

Puta merda. Ela manda bem mesmo. Volto a mergulhar a mão no amontoado de cabelo, passando os dedos entre os fios. Levanto o queixo dela um pouquinho só para encarar aqueles olhos de tempestade. Uso o polegar para fazer carinho na bochecha macia e encovada enquanto ela chupa a cabecinha.

— Linda.

Deslizo a mão até o ombro e dou uma puxadinha na blusa até deixar a bunda dela toda de fora. Merda, se eu tivesse feito a massagem nas costas, a gente já estaria quase nos finalmentes agora. Se bem que, por mais tentador que seja, gosto mais assim. Criar expectativa é a melhor parte.

— Porra, olha só você, peladinha por baixo da blusa — murmuro com a voz bem baixa. — Parece até que você quer que eu te coma de novo, Scottie.

Afundo os dedos no cabelo dela e a sinto estremecer. *Caralho*.

— Eu acho que é isso mesmo que você quer… Tão insaciável.

Ela solta o ar com força pelo nariz, deixando escapar um barulhinho. Já estou todo duro com os movimentos vagarosos dela.

— Tem ideia de quantos caras aqui querem você?

Ela chupa mais forte. *Interessante*.

— Tive que mandar uns quatro irem pastar hoje. Ou porque estavam falando de como você é linda ou porque estavam te olhando de um jeito que só eu posso.

Sinto o gemido dela contra mim.

— Aposto que a maioria bateu punheta pensando em você hoje.

Ela se afasta por uma fração de segundo e balança a cabeça.

— Exagerou.

Meus ombros tremem quando tento segurar a risada.

— É, tem razão. Eu também não gosto de pensar nisso.

Um sorriso curva seus lábios quando ela volta a abocanhar meu pau, calando minha risada na hora. Afasto o cabelo para trás dos ombros, brinco com as mechas, admirando cada pedacinho dela.

— Boa menina — elogio. — Você chupa tão gostoso, gatinha. Continua.

Scottie fecha as pernas com força, então eu tateio o bolso de trás do meu jeans, ainda na metade da coxa, pego a camisinha e a deixo de lado no colchão.

— Você gosta de provocar, Prescott… Aquele monte de mensagens safadas. Fiquei maluco. Não parava de pensar na sua carinha gozando — continuo, e a vejo inspirar fundo pelo nariz. — Nem em como você ficou linda depois que eu te comi direitinho.

Consigo ver as sardinhas no rosto corado.

— Aposto que você quer gozar de novo agora, não quer? Lembra quando você gozou na minha língua? Tão docinha.

Solto um grunhido quando Scottie se ajeita e me leva ainda mais fundo.

— Caralho, isso.

Agarro o cabelo ruivo com uma das mãos, deixando a outra apoiada na nuca de Scottie. A base do meu pau está toda coberta de saliva, e eu adoro saber que ela está cada vez mais empenhada.

— Isso, aí mesmo. Você fica linda assim.

Prendo algumas mechas soltas atrás da orelha dela e continuo a fazer carinho no cabelo, me sentindo triunfante toda vez que a faço estremecer.

O leve afeto misturado com o toque dos lábios dela é maravilhoso. Esse boquete não é tão frenético ou intenso quanto costumo gostar, mas é bem o que preciso agora. É íntimo.

Íntimo. Meu peito aperta. É, isso parece mais do que só uma ficada. Do jeito que ela está me acariciando, as coisas vão descambar para o lado emocional logo, logo. Preciso dar um basta nisso.

"É só uma foda."

— Abre as pernas pra mim.

Assim que ela obedece, começa a se esfregar em mim. Dá até para ouvir como está molhadinha, e a pressão no meu peito diminui. Estou mais familiarizado com isso.

Volto minha atenção para Scottie, que parece quase frustrada enquanto me chupa. É divertido ver o corpo dela buscando a fricção de que tanto precisa.

— Por que você me mandou aquela foto da ambulância?

Eu a agarro pelo cabelo quando dá uma rebolada contra mim. Ela geme baixinho, e eu trinco os dentes por causa das vibrações que isso causa no meu pau. Puta merda, essa mulher vai me chupar até não poder mais.

— Vamos, gatinha, responde.

Dou outra puxada no cabelo e a afasto de mim. Seus lábios inchados se abrem com um estalo úmido, e ela me olha com uma expressão irritada.

As palavras saem ofegantes.

— Porque eu queria te lembrar de como foi bom, assim você viria até aqui me comer de novo.

"Ah, agora sim."

Limpo a baba daquela boquinha rosada.

— Tira a camiseta — vocifero.

Eu me levanto e arranco as roupas enquanto Scottie se endireita na cama. Ela morde o lábio quando dá uma conferida em mim. Não é a primeira vez que uma mulher me olha desse jeito, mas algo na encarada dela me dá uma sensação maior de aprovação. Ela se atrapalha para tirar a blusa e revelar aquele corpo formidável.

Fico de joelhos e envolvo as coxas dela com os braços, arrastando sua bunda para a beirinha da cama. Ela se apoia nos cotovelos e sorri como o gato de Cheshire. Depois, se arreganha ainda mais, apoiando os calcanhares na lateral do colchão.

— Continuo? — pergunto.

Ela me olha de soslaio.

— O que você acha?

Nego com a cabeça.

— Nada de adivinhação. Preciso ouvir de você.

— Claro — responde ela, com o máximo de eloquência possível.

Aí eu enfim me permito olhar para a boceta dela. Puta merda, está encharcada. Passo o polegar sobre o clitóris.

— O que te deixou molhadinha assim, Scottie?

— Você.

— Ficou desse jeito só de esquentar meu pau na sua boca, foi?

Ela arregala os olhos. Pelo jeito, gosta de me ouvir falando putaria.

— Hum — responde, quase suplicante.

Eu a encaro enquanto deslizo dois dedos para dentro dela, depois curvo a ponta e acaricio aquele lugarzinho específico que a leva à loucura. Scottie

agarra o cobertor e joga a cabeça para trás. Ergo o olhar e dou risada quando as coxas dela tremem e a respiração fica entrecortada. Ela está quase lá, e é um tesão do caralho assistir.

— Será que consigo te fazer gozar antes de terminar uma frase?

Como se fosse combinado, Scottie se desmancha, arqueando as costas ao atingir o clímax. Ela se contorce toda, agitando o quadril e curvando os dedos dos pés. Eu estalo a língua e dou uma maneirada no ritmo, prolongando o orgasmo e saboreando cada espasmo dos músculos dela nos meus dedos.

— Boa menina, eu sabia que você ia dar conta.

O peito dela sobe e desce enquanto recupera o fôlego. Ela abaixa o rosto e encontra meu olhar. Péssima ideia. A imensidão daqueles olhos azuis me atinge em cheio, como um fio interligando nós dois. Intenso demais, rápido demais. Engulo em seco e me forço a erguer aquela barreira outra vez, depois desvio o olhar e corto qualquer tipo de comunicação.

"Só uma foda."

Engancho as pernas dela por trás dos joelhos e as separo antes de abocanhar o clitóris e começar a chupar. Ela pousa a mão no meu ombro com um tapa, os nervos sensíveis fazendo seu corpo tremer enquanto tenta se debater para longe. Nem fodendo. Achato a língua e a deslizo bem devagar de uma ponta à outra, depois volto a chupar com gosto até que ela não consiga mais se segurar.

Quando percebo que ela não vai parar quieta, afasto as pernas dela para o lado e faço sinal para a cabeceira da cama, mantendo o olhar baixo enquanto abro a embalagem e coloco a camisinha.

— Ainda comigo? — pergunto.

— Sempre — consente ela.

Eu a viro de bruços, de frente para a cabeceira. Fico aliviado quando ela se coloca de quatro e fica arrebitada para mim.

— Morde a fronha.

Eu me sinto meio babaca por poupar palavras, mas é o único jeito de não perder o controle.

Assim que Scottie abafa a boca no travesseiro, eu deslizo para dentro dela e a sinto se contorcer e rebolar, gemendo por mais. Acaricio a bochecha dela com a mão esquerda enquanto a outra traceja toda a extensão de suas costas. Com a maior delicadeza possível, empurro seus ombros contra o colchão, e ela arqueia a bunda.

Scottie fica uma delícia curvada assim, com essa bunda perfeita para o ar. Essa mulher é um espetáculo.

Encontro as curvas da cintura e apoio as mãos ali para me firmar a cada estocada. Ela é tão apertadinha que quase me tira do prumo. Depois de um tempo, percebo que ela assumiu o controle. Afrouxo meu aperto na cintura e observo a avidez dela tomar conta.

— Isso, assim mesmo. Mostra como você está com vontade, Scottie. Mostra que estava doidinha pra rebolar no meu pau.

"Que mulher é essa?"

Enquanto a boceta dela pulsa ao meu redor, fico impressionado com a facilidade com que ela melhorou meu dia. Penso no seu rostinho lindo e sorridente. Naqueles olhos azuis irresistíveis e nas carinhas de safada que faz quando goza. Quero ver de novo, mas não posso arriscar que os outros caras escutem a gente. Não quero compartilhar os gemidos dela. São meus e de mais ninguém.

— Não sei se vou aguentar por muito tempo — choraminga.

Apoio a palma da mão ao lado do ombro dela no colchão e me inclino até meus lábios pairarem a meros centímetros de sua orelha.

— Você vai rebolar no meu pau até o talo e gozar em mim. Entendeu?

Ela assente.

— Boa menina. Até o talo, Scottie. Rebola mais.

Minha mão serpenteia até encontrar o clitóris e começa a traçar círculos ali. Fecho os olhos e tento guardar os tremores dela na memória.

Eu a beijo logo abaixo da orelha quando percebo que está prestes a gozar. Continuo esperando o orgasmo a atingir com tudo, mas ele se arrasta mais e mais e a faz estremecer, e nem consigo imaginar a dor da expectativa. Ela deve estar agonizando. Ela contrai a mandíbula e fecha os olhos com força. Ver o sofrimento dela derrete algo dentro de mim, então suavizo a voz.

— Pode se entregar. Estou aqui.

— Callahan — sibila entre os dentes cerrados.

Adoro meu nome nos lábios dela. Estou começando a desconfiar de que essa mulher vai acabar comigo. O jeito como me agarra… está quase lá. Adoro como ela se contrai quando está prestes a gozar. Ela se debate, tentando acompanhar o ritmo, mas oscila quando seu corpo é tomado pelo prazer de enfim cruzar a linha de chegada. É magnífico.

Eu a agarro pelas laterais e assumo o controle, sem diminuir o ritmo. Ela ofega, vira a cabeça para o lado com os lábios entreabertos e prende a respiração enquanto se contrai. As mãos dela batem sobre as minhas quando a penetro bem fundo, sentindo seus dedos trêmulos cravados na pele.

A sensação eletrizante vem com tudo e eu perco o controle. Começo a dar estocadas cada vez mais fortes, como se fosse um castigo por ela me fazer sentir mais do que apenas atração física. Scottie puxa o ar e tapo sua boca com a mão, abafando seus gemidos. Deixo escapar um grunhido enquanto gozo na camisinha.

Desacelero o ritmo das estocadas conforme me desmancho até a última gota, depois desabo na cama estreita ao lado dela, nossos peitos subindo e descendo com a respiração ofegante.

— Puta que pariu — murmuro, depois dou um nó na camisinha e a jogo na lixeira do outro lado do quarto.

— Pois é — concorda ela, arfante. — Pois é.

Com um sorriso no rosto, viro a cabeça para o lado. Aquele brilho está ali de novo. Porra, essa mulher é de tirar o fôlego. Eu a envolvo com os braços e a puxo para junto de mim, virada de costas, na esperança de preservar o pouco de autocontrole que ainda me resta perto dela.

— É divertido ficar com você.

Meu hálito roça o ombro dela, e ela esfrega a bunda em mim.

— Digo o mesmo.

Por mais que eu queira transformar isso em algo recorrente, sei que é melhor estabelecer limites.

— Antes que isso vá além, preciso deixar claro que só estou atrás de diversão — começo a dizer e, mesmo sentindo a tensão dela no meu abraço, sigo em frente. — E esse lance entre a gente é muito bom, então, se você estiver a fim de algo casual, eu ia gostar de continuar assim até vocês serem mandados para casa. Talvez até depois de a gente voltar para Sky Ridge? Você é que sabe.

Scottie engole em seco e pigarreia.

— Posso pensar no assunto?

— Claro.

Merda, acho que estraguei tudo. O problema é que sempre que durmo mais de uma vez com a mesma mulher, ela acaba se apegando ou esperando mais do que posso oferecer. Mas, porra, o sexo com Scottie é tão sensacional que não estou nem aí. O corpo dela reage tão bem ao meu. É como se fosse a primeira vez dela. Fica difícil não levar isso como elogio. Posso ser um babaca quando o assunto é relacionamento, mas pelo menos eu assumo.

12

Scottie

Matt cantarola a música do rádio enquanto a paisagem passa depressa pela janela. As árvores e as montanhas são magníficas. Não sei se algum dia eu teria coragem de ir embora dessa região, mesmo se quisesse. Recebemos ordens de voltar para casa mais cedo, e os bombeiros vão embora amanhã. Até agora, a viagem de volta parece bem mais rápida do que a de ida. Talvez seja porque minha cabeça não para de reviver a semana com Callahan. Meu coração acelera toda vez que me lembro das palavras dele, da voz, do jeito como tocava meu corpo. Primeiro na ambulância, depois quando se esgueirou para meu quarto por três noites seguidas.

Não sei em que pé estamos. A gente queria aproveitar e assim foi, mas e agora? Ele disse que era só diversão, mas não tenho certeza se entendo como isso funciona. Apesar de tudo, eu me pego fantasiando com algo a mais. Meu lado racional sabe que isso não é nada saudável, que não passam de sentimentos nascidos da atração momentânea e da solidão, para não mencionar a falta de experiência. Não é inteligente se apaixonar perdidamente. É apostar todas as fichas no mesmo lugar, o que nunca é uma boa ideia, mas ele é o primeiro cara de quem me permito gostar em pelo menos uma década. Merda, sou toda errada.

Matt é amigo dele, e isso deve ser bom sinal. Callahan parece ser próximo de todas as pessoas decentes da equipe. Se tem alguém com caráter questionável aqui, talvez seja eu. Arriscar meu emprego por uma transa casual na ambulância? Onde é que eu estava com a cabeça?

Dou um bocejo. Preciso tirar o atraso do sono.

— Nem comece — reclama Matt, tentando falar em meio ao próprio bocejo. — E está cansada de que, aliás? Você dormiu até tarde e perdeu o café da manhã quase todos os dias da semana. Dorme feito pedra. Ainda não me conformo que você não acordou durante aquela tempestade. Aquilo foi insano.

Espero que minha risada forçada seja convincente.

— Pois é, uma pena eu ter perdido toda a diversão.

A história que inventei para Matt foi que li meu livro por um tempo, fiquei entediada, limpei a ambulância e fui dormir cedo… e, no fim, acabei me esquecendo de devolver as chaves para ele. Uma baita mentirosa. Fui a primeira na fila da diversão.

Descruzo as pernas e as cruzo de novo. Quando foi a última vez que fiz algo tão imprudente? Não posso perder o juízo por causa de um tiquinho de liberdade. Se bem que… quando foi a última vez que ignorei as consequências e fiz o que me deu na telha? Nunca. Apesar de não ter sido a decisão mais inteligente que já tomei, não me arrependo de nenhuma noite com Callahan. Desde que eu não transforme esse comportamento irresponsável em um hábito, vai dar tudo certo.

— Na maioria das vezes, essas missões de sobreaviso são um porre e a gente acaba sentado na ambulância por horas encarando uma colina em chamas. Pelo menos tivemos um tempinho para interagir com a equipe e fugir da rotina.

Concordo com a cabeça e tento desviar o assunto dos meus hábitos de sono antes que ele desconfie de algo.

— Fazia um tempão que eu não jogava pôquer.

Outra mentira. Eu nunca tinha jogado pôquer antes daquele dia. Jogos de azar eram proibidos. Falei para Matt ir na frente sem mim só para ter tempo de pesquisar as regras. Passei algumas rodadas só observando os outros, para ter certeza de que tinha entendido tudo. Eu estava com muito medo de entrar no jogo, até o incentivo de Callahan.

É mais fácil fingir confiança perto dele. Mas, às vezes, ainda me sinto como uma alienígena tentando se passar por humana… Ainda bem que lá em casa me deixaram continuar como socorrista, ou eu estaria bem pior. Sem aquele emprego, acho que nunca teria ido embora. E de que modo seria diferente? Que habilidades eu teria? De onde viria o dinheiro? O carro? Ter uma profissão foi minha "recompensa". Eu deveria ter feito isso antes. Agora não importa. Afasto o pensamento e sorrio para Matt.

— Foi mal por ter roubado seus lanches — digo, rindo.

Uma vibração no bolso me faz pegar o celular.

CALLAHAN

Me avisa quando chegar em casa.

Tento disfarçar o sorriso enquanto digito a resposta.

Pode deixar! Vê se não apronta muito hoje à noite.

CALLAHAN

Como vou aprontar alguma coisa sem você aqui?

Sorrio ainda mais e fecho o celular no colo.

— Achei que você estava blefando daquela vez — responde Matt, e também ri. Depois inclina a cabeça, meio intrigado. — Ei… tem alguma coisa rolando entre você e Callahan?

Franzo a testa.

— Como assim?

Guardo o celular no bolso e me repreendo por ter ficado tão ansiosa.

— Sei lá, só achei que devia te avisar que ele é meio… galinha.

Merda! Será que Matt viu, ou pior, ouviu alguma coisa no dormitório? Faço um gesto indiferente, olho pela janela e volto para o assunto do pôquer.

— Ele só estava de graça pra ganhar minha pipoca.

— Ah, pode ser. Só quis te deixar a par do histórico caso ele tente alguma coisa. Não quero ser inconveniente, mas você é bonita, e ele é… bem, ele é o Callahan.

Ele é o *Callahan*? O que isso quer dizer? Tenho medo de perguntar e parecer ainda mais culpada do que me sinto. Matt vai sacar na hora.

— Por acaso ele é um criminoso foragido ou algo assim? — pergunto com ar de tédio, olhando para minhas unhas.

— Não! De jeito nenhum. Ele é um cara legal, só que é mais da curtição. Algumas mulheres acham que conseguem dar jeito nele e acabam decepcionadas. Apesar de ser charmoso, tem muita fama. Entende o que quero dizer?

— Claro.

Engulo em seco. Meu estômago se contorce mais do que eu esperava. Queria voltar no tempo, para antes de Matt dizer aquilo. Quando eu podia sonhar acordada com todas as coisas boas que viveríamos juntos, quando tudo era divertido e emocionante. A versão que Matt pintou dele abre um buraco

feio e oco no meu peito.

Apesar de tudo, continuo apegada às palavras de Cal na ambulância: "Não, Scottie. Nem sempre é assim".

13

Callahan

É A ÚLTIMA NOITE da equipe no Oregon. Entre controlar o incêndio na mata e me esgueirar pelos cantos com Prescott, tive uma semana boa pra caralho. Ela e Matt foram mandados de volta para Sky Ridge hoje de manhã. Matt estava doido para voltar. Não dá para culpar o cara. Não tem graça ficar à toa esperando algo acontecer.

Como manda a tradição, viemos tomar umas para comemorar o fim da missão no estabelecimento mais próximo com permissão para vender bebida alcoólica. Já entornei umas três cervejas e estou me sentindo ótimo. Amanhã vou dar uma bela dormida na viagem de volta para compensar o sono perdido.

Meu celular vibra, e o tiro do bolso. Espero que seja Scottie. Estou esperando mensagem dela. Já era para ela ter me respondido a uma hora dessas.

SCOTTIE

Desculpa não ter respondido antes. Acabei pegando no sono.

É, a gente teve umas noites bem longas.

SCOTTIE

Verdade.

Seria uma pena se a gente não repetisse a dose.

Não contei a Scottie que Dixon me pegou saindo de fininho do quarto dela

na última noite, quando ele levantou para mijar. Ele vai ficar de boca fechada, mas me lançou um olhar severo, só para me lembrar de como aquilo era imprudente.

Ele está sentado à minha esquerda agora e se inclina para espiar a tela do meu celular.

Reviro os olhos e bloqueio o aparelho.

— Está procurando alguma coisa?

Ele acena que não, mas encosta o ombro no meu e abaixa a voz.

— Só fiquei meio surpreso por você estar ficando com ela.

— Como assim?

Tudo bem, não faz meu estilo sair várias vezes com a mesma pessoa. Aprendi a cair fora quando as coisas começam a ficar muito sérias, porque, se eu não fizer isso, a outra pessoa faz. Não é uma atitude das mais louváveis, eu sei, mas estou tentando melhorar…

— Ela só não faz muito o seu tipo.

— Ué, ela é gostosa. Esse é meu tipo.

No fundo, sei que Scottie é bem mais do que isso, mas, para fins dessa conversa, está bom assim. Não é como se fosse a primeira vez que faço algo parecido.

— Ela é casada.

— De que porra você está falando? — pergunto, dando risada, e dou um gole na cerveja. — Ela não é casada.

— A Judy, lá da prefeitura, cuidou da papelada dela. Aí foi almoçar com minha mãe esses dias e comentou que Prescott Timmons marcou a opção "casada" nos formulários. E, além do mais, ouvi dizer que ela ficou com Dave… Seu queridão.

Contraio a mandíbula. Não tem como. Dixon está enganado.

Balanço a cabeça.

— Que nada. Devem estar confundindo com outra pessoa.

Scottie não é casada. Não usa aliança e não está ficando com Dave. Os dois trabalham no mesmo quartel, mas ela não faria isso. A dúvida começa a martelar na minha cabeça.

"Você também trabalhou com ela."

Mesmo assim, acho que ela não sairia com Dave. Ele deu em cima dela na noite em que a gente se conheceu no bar e… Bem, tecnicamente, ela nunca o rejeitou. Foi Dave quem se afastou depois que Xander perguntou sobre o filho recém-nascido dele. Balanço a cabeça outra vez.

— Acho que suas fontes estão meio furadas, cara.

— Só estou te dizendo o que ouvi.

Levo a garrafa de cerveja aos lábios e dou um gole longo.

— Você ouviu errado.

Que se foda o Dave. E que se foda o Dixon por espalhar esses boatos de merda.

— Você podia perguntar pra ela.

Dou uma espiada no celular e vejo meu reflexo me encarando de volta no vidro preto da tela, e então enfio o aparelho de volta no bolso. Não é uma questão de ela ficar com outros caras, mas *traição* é gatilho para mim. A ideia de ela dormir com um homem casado sendo uma mulher casada me deixa puto da vida, e Dave, logo ele… É por causa dele que não estou casado e com dois filhos agora. Não quero pensar que ele também seja o motivo de eu não conseguir mais ver Scottie com os mesmos olhos.

Se tiver um pingo de verdade nesses boatos, eu tô fora. Fico com o estômago embrulhado só de *cogitar* arruinar a vida de algum pobre coitado do mesmo jeito que Dave arruinou a minha.

Talvez seja melhor eu perguntar logo para Scottie. Mas… e se ela confessar? Porra. Começo a suar frio. Foda-se, Dave pode ficar com ela. Eu me recuso a me enfiar em um triângulo amoroso desgraçado desses e acabar com duas famílias.

Dou um gole na cerveja.

— Ela não faria isso. É esperta demais.

— Como é que você sabe, porra? — dispara Dixon, revirando os olhos. — Só estou tentando cuidar de você. Não quero te ver passar por isso de novo.

14

Scottie

Talvez o celular tenha vibrado no bolso e eu nem percebi. Dou mais uma conferida. Nada. Já faxinei a ambulância de cabo a rabo para espairecer um pouco e tentar me livrar desse nervosismo. Não seria tão ruim se a gente tivesse alguma ocorrência para resolver, mas está tudo parado desde cedo. Leio as últimas três mensagens dos últimos três dias, e todas são minhas.

Tô no mercado. Os salgadinhos de queijo estão em promoção.

Espero que seu dia esteja sendo legal.

Tá tudo bem?

Não que ele tenha me cortado de vez, mas também não anda tão falante. Antes do incêndio, a gente trocava mensagens o dia inteiro. Tenho certeza de que só está muito ocupado, mas, por causa do trabalho dele, já vou logo pensando no pior. Eu me acostumei a ter um amigo. As coisas não pareciam tão solitárias nessa cidadezinha minúscula.

Será que eu o usei como muleta? Fecho a cara.

— Que merda, Prescott — murmuro, me xingando.

Estou caindo de novo no padrão de depender de outra pessoa. Eu não sou assim. Estou aqui porque sei me virar sozinha. Enfio o celular no bolso, irritada. Chega de olhar. Tem vários amigos em potencial por aí. É só sair e procurar. O primeiro eu conheci no bar onde todos os locais se reúnem. Pode ser que eu arranje outra amizade lá. Ou, quem sabe, em um café. Acho que tem um legal

na cidade.

Vou arrastando os pés até a sala de recreação, onde Matt está vendo TV, e me jogo com tudo em uma das cadeiras.

— Estou entediada.

— Ei! Calma lá! — exclama Matt, olhando ao redor para checar se alguém ouviu. — Não pode sair falando essas coisas. Dá azar. Os deuses vão ficar irritados e punir a gente com um monte de pepino pra resolver.

Reviro os olhos.

— Não é assim que funciona.

— Ô se é.

Meus cotovelos escorregam dos braços da cadeira, e deixo a cabeça cair para trás, encarando as placas do teto. Solto um suspiro frustrado.

— Humanos gostam de padrões, só isso. Adoram coincidências que podem ser confundidas com provas de um poder maior.

Matt solta uma risada incrédula.

— Caramba, você acordou com o pé esquerdo hoje…

Ajeito a postura quando sinto a cabeça escorregar para o lado.

— Foi mal, é que estou muito…

— Não se atreva a dizer aquilo de novo.

— Tá bom, tá bom… Mas, sério, o que preciso fazer para aparecer um paciente com o ombro deslocado ou…

Os sons de estática disparam e a voz da central invade o rádio. Meu rosto se ilumina como se fosse manhã de Natal, e pulo da cadeira.

— Chamado pra unidade 23.

Matt aponta o dedo para mim enquanto seguimos para a ambulância.

— O que foi que eu falei, hein? O que foi que eu falei?

Sorrindo de orelha a orelha, seguro o rádio preso ao ombro e aperto o botão lateral.

— Unidade 23 na escuta.

Olho para Matt enquanto subimos na cabine da ambulância.

— Eu continuo sem acreditar nessas suas superstições.

— Unidade 23, ocorrência na rua Wilson, número 645. Repito, 645, rua Wilson. Um indivíduo do sexo masculino, 19 anos, afirma que foi atacado por um… pterodáctilo? Às 13h20.

Matt interrompe a transmissão.

— Central, repita a última informação.

Fico perplexa. Que porra foi essa? Articulo para ele, sem som: “Eles

disseram pterodáctilo?".

— Culpa sua. Você estava pedindo. Hoje vai ser uma merda.

— Rua Wilson, 645. Indivíduo do sexo masculino, 19 anos, queixa-se de ataque de pterodáctilo. Suspeita de uso de drogas. Precisam de reforços?

Aceno que sim. Matt aperta o rádio e me olha no fundo dos olhos quando responde:

— Negativo. Scottie dá conta dessa. Estamos a caminho.

Balanço a cabeça.

— Eu não me meto com pterodáctilos.

— Hoje isso vai mudar.

Eu desabo no chão assim que entro no apartamento e fecho a porta com um chute. Estou exausta. Tudo começou com um paciente adolescente que ingeriu cerca de seiscentos miligramas de THC e terminou com uma vizinha fuxiqueira, estilo Gladys Kravitz, com queimaduras de segundo grau. Ao que parece, a mulher ficou tão irritada que os pés de tomate do vizinho estavam invadindo o quintal dela que resolveu apelar para explosivos caseiros. Sorte a dela não ter arrancado a própria mão. Essa cidade é insana.

Solto um grunhido quando meu celular vibra no bolso. Faço um esforcinho para me levantar e o pego com um suspiro. Deve ser só o Matt tirando uma com minha cara depois desse dia de cão.

Vejo o nome de Callahan e abro a mensagem.

CALLAHAN

E aí, tá fazendo o quê?

Acabei de chegar do trabalho.

CALLAHAN

Foi mal o sumiço, estão bem corridos esses dias.

Sem problema. Espero que esteja tudo bem.

CALLAHAN

Acho que a gente precisa conversar.

Meu coração afunda, mas tento me manter otimista. Peguei um plantão dobrado hoje à noite para ganhar uma grana a mais, o que significa que tenho umas seis horas de sono antes de precisar acordar e me arrumar para o terceiro turno. E preciso mesmo descansar um pouco.

Desculpa, hoje não consigo. A gente pode se encontrar pra tomar um café amanhã?

CALLAHAN

Que tal eu passar aí na sua casa de manhã?

Um nó incômodo se forma no meu estômago. Não gosto nem um pouco dessa ideia. Nem um pouco mesmo. Mesmo assim, mando meu endereço por mensagem e digo que a gente se vê amanhã.

15

Scottie

ACHO QUE TERIA SIDO melhor sair com Callahan ontem quando ele mandou mensagem. O problema não é só o medo de não saber o que me espera. Quando o plantão acabar, vou estar ainda mais acabada do que antes. Tirei um cochilo rápido no meio do turno. É a única coisa que está me salvando. Tem uma torta gigante de cookie embrulhada em papel-alumínio na mesa da salinha de descanso, e está bem menor do que estava antes. Corto um pedaço e fico beliscando enquanto assisto a alguma reprise na TV.

A noite tem sido tranquila, e não estou reclamando, mas estou com a cabeça a mil por causa da nossa "conversa" que está por vir.

Fico encarando a fatia de torta antes de enfiar tudo na boca. Bem nessa hora, Dave entra na sala. Ele também está no fim do turno.

— Ei, fazia um tempo que não te via — comenta ele, puxando uma cadeira para a mesa. — Como vão as coisas?

— Ah, estão indo bem — respondo com a boca cheia. — Obrigada.

Ele se serve de uma fatia da torta dura que nem pedra.

— Que bom. Fazendo amigos?

Engulo em seco.

— Acho que sim.

— Ouvi dizer que você e Cal estão ficando meio próximos.

Franzo a testa.

— Callahan Woods? Não sei se eu diria isso — respondo, depois o encaro de soslaio. — Por acaso você o conhece?

— Ah, sim. A gente se conhece há um tempão.

Hum.

— Entendi. Então vocês são amigos?

Dave suspira.

— Depende do que você considera um amigo… Ele é gente boa até. Mas acho melhor te dar um toque. Cal é o destruidor de corações da cidade. Dorme com todo mundo, nunca se envolve a sério com ninguém.

Reviro os olhos.

— E de onde você tirou que eu dormi com ele?

Ele me olha meio assustado.

— Desculpa, não foi o que eu quis dizer. Olha, gosto do Cal, mas não deixaria aquele cara chegar perto das minhas irmãs.

Não gosto nem um pouco do jeito como o olhar dele passeia por mim de cima a baixo, sem a menor pressa.

— Por quê?

— Sabe quando dizem que o valor de um carro despenca assim que ele sai da concessionária? Então… Callahan gosta de colecionar carros e nunca mais tirar da garagem.

Comparar mulheres a carros é nojento.

Não sou muito fã do Dave, mas o que ele falou só corrobora os comentários do Matt na viagem de volta do Oregon e aumenta meu desconforto.

— Bom, tenho umas coisas pra resolver. A gente se vê por aí.

Empurro a cadeira para trás, saio da sala de descanso e vou até a ambulância para ver se está tudo em ordem. Depois, passo o restante do plantão finalizando um módulo de treinamento em um dos computadores e faço uma busca rápida no Google por notícias do Arkansas. Nada que tenha a ver comigo. Então deve estar tudo bem. Notícia ruim corre rápido.

Quando enfim chega a hora de ir embora, entro no carro e observo meu reflexo no retrovisor. Estou acabada. Vou precisar de um banho antes de me encontrar com Callahan. O carro não liga de primeira, e engulo a frustração. Na segunda tentativa ele pega no tranco, então me concentro em chegar em casa a tempo de me arrumar.

Ligo o rádio e canto junto sem muita empolgação, só para me manter acordada. De repente, escuto um barulho. É quase como uma… batida? Desligo a música e presto atenção. O som é familiar, mas meu cérebro está cansado demais para ligar os pontos… até o carro começar a dar uns sacolejos. Merda. O pneu furou.

Paro no acostamento da estradinha rural. Já sei que não tenho estepe.

Comprei o carro sem nada e paguei à vista. Mesmo assim, confiro o porta-malas, só por desencargo de consciência, como se a fada mágica dos pneus pudesse ter me abençoado. Nada.

— Merda.

Dou um chute no pneu murcho e bato a mão no teto do carro. Fecho os olhos e me apoio na lataria, encostando a testa no vidro frio da janela traseira. Dá vontade de bater a cabeça ali mesmo. Respiro fundo.

E agora? Para quem eu ligo? Callahan? São sete e quinze da manhã. Aposto que ele nem acordou ainda. Que saco, esse dia parece que não acaba nunca.

Alguns carros passam voando pela estrada, mas o som de pneus esmagando o cascalho, o som da esperança, me faz levantar o olhar. Por favor, faça com que não seja um assassino.

É Dave. Dá para o gasto!

Vou até lá enquanto ele sai do carro.

— Enguiçou? — pergunta, batendo a porta com força.

— Furou o pneu.

— Que azar. Eu te ajudo a trocar.

Faço uma careta.

— Não tenho estepe.

Ele coça a barba por fazer enquanto se posiciona ao meu lado perto do porta-malas.

— É, aí complica.

— Pois é.

— Onde você mora?

— Meu apartamento fica perto da rua principal.

Ele dá uma volta no meu carro, como se estivesse inspecionando os detalhes.

— Ok, o negócio é o seguinte. Vou ligar pro Carl. Ele me deve um favor e pode rebocar o carro até a borracharia…

Sinos de alerta ressoam na minha cabeça. Não tenho dinheiro para pagar o guincho. Começo a balançar os braços.

— Não, eu não posso…

Dave levanta a mão para que eu pare de falar.

— Ele me deve um favor, sem custo. Você é nova na cidade, e estou supondo que esses salários estão todos indo pra pagar as contas. Acertei?

Confirmo, roxa de vergonha. Todo mundo aqui sabe que estou falida?

— Vou trocar seu pneu e deixar um estepe, caso você se meta em outra

furada… com o perdão do trocadilho.

Não estou em condições de negar ajuda.

— Vou pagar tudo de volta, prometo!

— Eu sei, fica tranquila — diz, depois pega o celular, aperta uns botões e o leva ao ouvido. — Oi, Carl… É, quero cobrar aquele favor. Tem um carro na estradinha rural que precisa ser rebocado até a borracharia do Bill.

Ele passa o modelo e a placa para Carl, depois ri da resposta do sujeito.

— Vou deixar as chaves no para-sol… Beleza… Valeu.

Depois de encerrar a ligação, ele enfia o celular no bolso de trás da calça.

— Nem sei como agradecer sua ajuda, Dave. Eu estava a ponto de perder a cabeça. De novo, prometo que vou pagar. Sério. Valeu mesmo!

Abro um sorriso radiante para ele.

Dave apareceu do nada e resolveu todos os problemas como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

— Certo, pegue suas coisas que te levo pra casa.

Volto apressada até meu carro e coloco as chaves no para-sol, como ele instruiu, depois me inclino para pegar a bolsa. Em seguida, confiro se o carro está destrancado e fecho a porta. Não é que alguém fosse roubar. Ainda que o pneu não estivesse furado, os ladrões dariam uma olhadinha nessa lata-velha e ainda me deixariam uns trocados por pena.

Dave já está ao volante quando entro na caminhonete. Ele dá partida e volta para a estrada. Jogamos conversa fora até chegarmos mais perto do meu prédio.

— É aquele ali à esquerda.

Aponto para o prediozinho minúsculo, de tijolos amarelos envelhecidos e a pintura descascada nas molduras das janelas.

— Aquele? — pergunta.

O tom não é de julgamento, e agradeço por ele me permitir manter um pouco da minha dignidade. O lugar parece um muquifo. Eu sei disso. Dave também. Até o vira-lata cego passando pela calçada sabe. Ainda assim, é meu, e deixei bem arrumado por dentro. Talvez não seja uma beldade, mas pelo menos é limpinho. Quem não tem cão, caça com gato.

Ele estaciona a caminhonete, e solto o cinto de segurança.

— Acho melhor eu anotar seu número, aí a gente combina de ir buscar seu carro na borracharia.

— Ah, claro!

Trocamos os contatos, e seguro a maçaneta da porta.

— Sempre tive curiosidade de saber como são esses apartamentos por

dentro.

— Combina com o lado de fora — respondo, soltando uma risada.

— Você se importa se eu der uma olhada?

Meu olhar vai do prédio para Dave.

— Hum… — digo, meio hesitante. — Ah, pode ser. Ainda estou me ajeitando, então não tenho muitos móveis.

"E a grana anda mais curta do que a paciência do meu senhorio."

Dave sai da caminhonete e andamos sem pressa até o prédio. Ele segura a porta para mim e me segue escada acima. Pego as chaves, destranco a fechadura, e ele entra logo atrás.

— Não tem muito o que ver.

Ele passeia pelo apartamento e vai até a janela, perto da minha cama desarrumada. Beleza, talvez não esteja tão arrumado assim, mas depois de pegar um turno dobrado, usei cada segundo livre para dormir, de tão exausta que estava.

Por fim, ele se inclina e observa a vista.

Minha barriga ronca, então caminho os poucos passos até a cozinha, encontro uma frigideira e a coloco no fogão. Depois, abro a geladeira e pego a cartela de ovos.

Dave me espia por cima do ombro e aponta o polegar para trás.

— Você tem uma ótima vista da rua principal.

Concordo com um aceno.

— Às vezes fico observando as pessoas daqui.

— Com fome? — pergunta, lançando um olhar para os ovos sobre a bancada.

— Sim, eu ia fazer um café da manhã… Ou seria jantar?

Sorrio e ele sorri de volta, mas não diz nada. Então a ficha cai, e de repente me sinto mal-educada.

— Hã… Quer comer também?

Droga. Ele acabou de resolver meu problema com o guincho e ainda me descolou um pneu novo. É o mínimo que eu posso fazer. Mas, no fundo, estou torcendo para ele não aceitar. Dave é legal e tudo, mas não me sinto confortável de ficar confinada nesse espacinho minúsculo com um homem que mal conheço. No *meu* espacinho minúsculo. Dou uma olhada no celular. Vai ter que ser um café da manhã bem rápido, já que quero tomar banho e dar uma geral na casa antes de Callahan aparecer.

— Claro, posso ficar um pouco.

Que saco.

Meu sorriso falso congela no rosto.

— Ótimo!

Acho que vou fazer ovos mexidos para nós dois. Esses ovos foram caros, inferno.

— Quer torrada? — ofereço.

— Tenho intolerância a glúten.

Melhor ainda, sinal de que vai embora mais rápido. Aponto para uma das duas cadeiras da mesa.

— Pode se sentar.

Ele caminha até lá e puxa uma cadeira.

— Aliás, use a outra. Essa aí é meio bamba.

"Bem-vindo a esse restaurante cinco estrelas."

Os ovos chiam quando atingem a frigideira aquecida. Uso a espátula meio derretida para estourar as gemas e misturar os ovos, tentando acelerar o processo. Jogo uma pitada de sal e pimenta e continuo mexendo até começarem a engrossar.

Fico inquieta, saracoteando de um lado para outro, e enfim decido quebrar o silêncio com mais conversa fiada.

— Há quanto tempo você mora em Sky Ridge?

As chamas do fogão elétrico brilham mais forte quando aumento a temperatura, na esperança de acelerar o cozimento dessas porcarias de ovos.

— Uns vinte anos.

— Nossa, é bastante tempo. Você veio de onde?

— De uma cidadezinha aqui perto.

Quando ficam prontos, desligo o fogão, divido os ovos em duas porções iguais e despejo tudo em pratos que não combinam entre si. Tiro dois garfos de plástico da gaveta.

— Que legal. Essa região é bem bonita. Dá pra entender por que as pessoas gostam daqui.

Ele agradece quando entrego o prato e o garfo. A gratidão sincera faz com que me sinta culpada por ter esperado o pior dele. Espeto os ovos com o garfo e resolvo perguntar sobre a família dele.

— Fiquei sabendo que sua esposa teve um bebê há pouco tempo — comento, lembrando da noite no bar em que um dos bombeiros perguntou como a criança estava.

— Teve, sim.

— Que legal! Você gosta de ser pai?

Ele acena que sim.

— Eu adoro ser pai. Ensinar a dar os primeiros passos, a jogar bola… é a melhor coisa do mundo.

Sinto um meio sorriso repuxar o cantinho da boca. Pela minha experiência, quem criava os filhos eram as mulheres.

— É difícil passar tantos dias seguidos fora de casa, mas fazer o quê?

— Você e sua esposa devem se dar muito bem.

Ele dá de ombros.

— É… Os últimos anos têm sido meio complicados. Na verdade, a gente se separou, mas fica mais fácil cuidar de um recém-nascido se estivermos na mesma casa.

Putz.

— Ainda não contamos pra ninguém, então, se você puder… sabe, manter isso só entre a gente.

— Sinto muito. Não é da conta de mais ninguém.

Termino de comer enquanto ele engole a última garfada.

— Nem me fala, é uma droga. Mas é melhor assim. Foi bom contar pra alguém, isso estava pesando em mim.

— Sempre que precisar.

Um silêncio pulsa entre nós, e eu olho para o relógio perto do fogão.

— Nossa, já está tarde assim? Tenho bastante coisa para fazer hoje!

— Vou deixar você fazer suas coisas, então — responde ele, já se levantando, e um alívio me invade. — Mando uma mensagem mais tarde e posso te dar uma carona para buscar seu carro.

— Seria ótimo, obrigada de novo — digo, caminhando em direção à porta.

Ele gira a maçaneta e a puxa.

— Claro, não foi nada. Obrigado pelo café da manhã.

16

Callahan

As duas embalagens de panqueca e waffles rangem no banco do passageiro da picape quando entro no estacionamento do prédio da Scottie. Ela queria sair para tomar café, mas insisti que fosse no apartamento dela. Preciso ver se tem outro homem morando lá. Também é por isso que cheguei cedo. Se for mesmo casada, quero ver o marido antes que ela o enxote porta afora para ir trabalhar. Se eu estiver errado, *e espero muito que seja o caso*, pelo menos posso fazer uma surpresa com o café da manhã. Acho que ela teve um dia puxado ontem. Meu plano é a gente conversar, para esclarecer essa merda toda, e aí podemos retomar de onde paramos. Se tudo correr bem, talvez a gente até repita o que aconteceu no Oregon. Eu nunca disse que era santo.

Estaciono, pego a comida e saio da picape. As chaves giram em volta do meu dedo quando Dave sai pela porta principal. Que porra é essa? O que ele está fazendo aqui? Não vou tirar conclusões precipitadas, mas é difícil não sentir o peso da traição toda vez que olho para a cara dele. Solto o ar devagar. Tem vários apartamentos no prédio. Ele pode estar aqui para visitar outro morador. E os dois trabalham no mesmo lugar, então talvez Scottie tenha esquecido alguma coisa no quartel e ele tenha vindo devolver. Às nove da manhã? Merda.

— Arrumou um bico de faz-tudo? — pergunto quando nos encontramos no meio do caminho. Aceno com a cabeça para o prédio que já viu dias melhores. — Tem bem a sua cara.

— Veio aqui ver a Scottie? — quer saber ele, espiando as embalagens de comida nas minhas mãos. — Espero que isso não seja café da manhã.

Estreito os olhos.

— Por quê?

— Porque a gente acabou de comer.

Dave lambe os dedos e sorri para mim. Puta merda, eu adoraria socar a fuça dele, mas esse babaca ia adorar me denunciar por agressão, e não quero dar esse gostinho.

— Os ovos mexidos dela são uma delícia.

Inclino a cabeça para o lado. Não quero perguntar, mas preciso.

— Então… o quê? Vocês dois estão dormindo juntos?

Scottie é boa demais para ele.

— Ontem à noite? A gente passou a noite juntos, mas com certeza não foi dormindo — responde Dave, depois espia por cima do ombro, na direção do prédio, então volta o olhar para mim e abre um sorriso de canto. — Ela é bonitinha, né?

Trinco a mandíbula e endireito os ombros.

— Sua esposa sabe que você sai por aí trepando com outras mulheres? Não que seja uma grande surpresa, né, considerando como vocês dois se conheceram.

Ele não responde. Apenas passa direto por mim e segue na direção da caminhonete. Depois vira o rosto de lado, mas não chega a olhar para trás.

— Molly não é mais problema seu.

Apesar do instinto de dar meia-volta e ir embora, meus pés me levam para dentro do prédio e sobem as escadas até que eu esteja parado diante da porta de Scottie. É feita de madeira barata e oca, com o verniz gasto em alguns pontos. Dá para ver que o proprietário não está nem aí para garantir a segurança de quem aluga. Deixo o punho suspenso no ar, pronto para bater, depois esfrego o rosto e dou uma volta completa no lugar. Levanto o braço pela segunda vez e fico paralisado.

Certa vez eu ouvi que, quando você pega o trem errado, o melhor é descer logo na primeira estação, porque quanto mais tempo se passa dentro dele, mais difícil vai ser o caminho de volta para casa.

Então por que caralhos ainda estou aqui?

17

Scottie

Assim que Dave foi embora, fechei a porta e nem me dei ao trabalho de conferir o relógio antes de começar a me arrumar. Por sorte, deu tempo de tomar banho, me maquiar, secar o cabelo e me vestir.

Feito isso, corro para arrumar a cama, afofando os travesseiros e tentando deixar tudo menos… patético. Quando termino, dou uma voltinha no lugar e vejo se tem mais alguma coisa precisando de um trato. Vou até a cozinha e ajeito uma das cadeiras. Pronto. Melhorou um pouco. Eu não estava nem aí para a opinião de Dave, mas quero deixar a casa o mais acolhedora possível para Callahan.

Confiro a hora no celular e franzo a testa. Já era para ele ter chegado. Digito uma mensagem.

Ainda está de pé hoje?

CALLAHAN

Não.

Ah.

Não?

CALLAHAN

Nosso lance acabou.

Minha energia já esgotada, somada aos acontecimentos da manhã, se transforma em um aperto quente no peito. Eu estava por um fio, e a mensagem dele cortou o último resquício de esperança. Meu rosto arde, os olhos se enchem de lágrimas.

Rejeição. Minha primeira experiência real com o sentimento, misturada ao cansaço e a uma dose pesada de humilhação. Guardo o celular no bolso e examino o apartamento que me esforcei tanto para arrumar. Não era assim que eu imaginava que o dia terminaria. Pego o celular de novo e releio a mensagem dele.

Me apegar rápido demais foi culpa minha, mas depois de anos de apatia, Callahan entrou na minha vida e me fez sentir tudo, menos indiferença.

Não tive a menor chance de me controlar e ir com calma.

Todo mundo me avisou que ele era assim. Por algum motivo, fui ingênua o bastante para… sei lá, alimentar esperança? Que idiota. Caí na mesma armadilha que todas as mulheres antes de mim. Como é fácil ser substituída quando relacionamentos não são impostos.

Só para me punir, rolo a tela até nossas mensagens antigas. As que me davam frio na barriga e me enchiam de empolgação. Mesmo sabendo que isso não é saudável, ainda quero sentir a lembrança do carinho dele. Quero ler só uma daquelas mensagens e sentir o calor que senti da primeira vez.

Subo mais a conversa. Aquelas palavras não são reais. Qualquer significado que encontrei nelas foi fruto da minha imaginação. Ainda assim, leio tudo de novo, porque sentir dor ainda é melhor do que não sentir nada. Dessa vez, as mensagens trazem o gosto amargo da decepção.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha, e a enxugo com raiva. Não vou chorar. Não mesmo.

"Não seja tonta. Se quer viver no mundo real, vai ter que encarar essas coisas. Faz parte."

Tento me convencer de que não sinto nada por Callahan. É só uma mistura de exaustão mental, rejeição e uma quedinha boba por um cara que nunca teve a intenção de me levar a sério. Já passei por coisa muito pior. Comecei uma vida nova. Não vou me abalar por causa de uns sentimentos idiotas depois de umas noites de liberdade sexual e *diversão*.

Ele me teve na palma da mão e decidiu que não valia a pena me segurar ali.

Ok.

18

Callahan

O BAR ESTÁ BEM CHEIO esta noite. O burburinho constante me dá a impressão de estar com a cabeça enfiada em uma colmeia.

— Lembra aquela vez que a gente apostou que não dava para comer todas as cenouras da horta da vovó, e você foi lá e conseguiu? Depois botou a culpa nos coelhos e acabou vomitando aquele treco laranja em cima do sofá dela?

Teddy, minha irmã, mal consegue falar de tanto rir.

A gente está conversando desde que cheguei. Não, calma… Era a Tiffany. Até onde me lembro, eu estava de papo com a Tiffany. Será que eu apaguei? Viro a cabeça de supetão. Quando foi que minha irmã apareceu? E onde a Tiffany se enfiou? Apoio o cotovelo no balcão e fecho um dos olhos, tentando decidir qual deles devo usar para encarar minha irmã.

— Faz tempo que você está aqui, Ted?

— Mais ou menos. Você me mandou mensagem dizendo que estava no bar e precisava conversar, lembra? Não é todo dia que meu irmão mais velho pede conselho, então deixei as crianças com o Logan — explica, depois solta um arzinho pelo nariz como se fosse a coisa mais engraçada do mundo. Pelo jeito, está tão bêbada quanto eu. — E agora você bebeu tanto que nem se lembra.

Dou risada também, mas então a lembrança desagradável vem à tona. Eu queria falar da Scottie.

No começo, meu plano era vir aqui e pegar alguém. A melhor maneira de esquecer uma mulher é ir para a cama com outra, mas Tiffany se mandou para sabe-se lá onde e estou bêbado pra caralho. Mesmo que ela estivesse aqui, acho que eu não conseguiria fazer meu pau funcionar nem se estivesse sóbrio.

Estou chateado demais. Hoje à tarde, entrei na internet e fui fundo em uma pesquisa sobre Scottie. Descobri que ela é casada… com um tal Jonathan Timmons. É o sobrenome de casada dela. Vi até o arquivo do jornal com o anúncio do casamento. Sem dúvida, a mulher da foto era ela.

E ainda tem toda a história com Dave. Eu sei que ele só começou a comer a Scottie para se vingar de mim. Só porque não o deixei entrar na equipe. Ele já era péssimo quando trabalhava como temporário no auge da carreira. Agora seria um peso morto.

Casada. Puta que pariu. Inacreditável.

Não faço a menor ideia do que fazer. Será que conto para o marido dela? Só ignoro? Até porque eu não sabia de nada antes de me envolver. E, se ela está tendo um caso com Dave, cedo ou tarde todo mundo vai acabar descobrindo mesmo. Mas não importa. Não estou em condições de tomar uma decisão dessas agora.

— Ei, Mãe! — exclamo para a dona do bar, Mae Taylor. Depois de levar umas belas broncas dela, o pessoal da equipe começou a se referir a ela como Mãe. No geral, quem trabalha é o Lou, mas de vez em quando ela aparece para dar uma noite de folga para ele. — Completa aqui pra mim, vai?

Dou uma bambeada no banco. Esse balcão é tão liso, tão gostoso. Seria bom deitar aqui e fechar os olhos por um segundinho, talvez só por tempo suficiente para a Mae encher meu copo. Apoio a bochecha na madeira, e ela dá um tapa na minha orelha. Endireito o corpo e caio na risada. Meu rosto está dormente. Ouvi o tapa mais do que senti.

— Táxi, né? Quer que eu chame?

— Olha, sei que dou carona pra geral, mas pode me chamar pelo nome mesmo, Call-a-han.

— Engraçadinho.

Ela pega o telefone antigo. Dava fácil para matar alguém com aquele trambolho. Deve pesar uns vinte quilos.

— Callahan Woods precisa de um táxi pra casa.

— Ei! — reclamo. — Por que eu tenho que ir embora e a Teddy não? Ela está tão bêbada quanto eu!

Teddy se intromete na conversa.

— Não escuta o Cal, Mae. Ele é um mentiroso.

Engulo em seco. Essa foi a piada quando Scottie e eu nos conhecemos, bem aqui, nesse mesmo bar. Engraçado. No fim, era ela quem estava mentindo, e agora o idiota sou *eu*. Dou uma sacudida na cabeça, tentando afastar o

pensamento, depois viro meu copo vazio de cabeça para baixo e o empurro na direção de Mae com um dedo, usando o pouquinho de coordenação que me resta.

— Pode mandar um táxi pra Teddy também — avisa Mae para a companhia de táxi, revirando os olhos para nós. — É pra levar os dois direto pra casa, não pra outro bar.

— Eu levo Teddy pra casa, Mae — oferece Xander, com sua voz grave. — Terminei minha última cerveja faz uma hora.

Viro a cabeça para ele e solto uma risada.

— De onde você surgiu?

Teddy e eu caímos na gargalhada, como se fôssemos aquelas crianças tagarelas que a professora precisa separar e mandar para a diretoria. Ou, no caso, para casa.

— Fiquei fraquinha pra bebida depois que tive filhos — murmura Teddy enquanto Xander a ajuda a sair do banco. — Vou acordar com uma ressaca do cão.

Minha irmã consegue vestir um braço do casaco e procura o outro. Xander segura a mão dela e a passa pela outra manga. Ela resmunga, tentando soltar o cabelo que ficou preso debaixo do casaco.

— Vai mesmo — concorda ele, ajudando-a a soltar o cabelo loiro da gola.

— Nada de gracinha, X! — aviso. — Ela é casada!

Teddy me lança um olhar.

— Estou ciente — murmura Xander.

— Vai lá ligar o carro ou sei lá o quê — digo. — Ainda temos que pagar a conta.

— Vou estacionar aqui na frente.

Resmungo alguma coisa, mas ele só me ignora e ajuda a fechar o zíper do casaco de Teddy antes de sair.

Passo a mão pelo rosto.

— Porra, tô exausto — resmungo.

— Eu também — concorda Teddy. — Vou acordar com uma ressaca do cão.

Dou risada.

— Sim, você acabou de falar isso.

Mae desliza a notinha pelo balcão. Rabisco uma espiral no canto. Nem adianta tentar assinar meu nome.

Logo me avisam que o táxi está lá fora, então desço do banco e demoro um

instante para firmar os pés. Está tudo girando.

— Acabou a farra. Vamos? — pergunto, depois coloco um braço em volta do ombro de Teddy para nos equilibrar, e ela se apoia em mim. O sujo ajudando o mal lavado.

Damos dois passos cambaleantes, arrancando mais risadas de nós mesmos, mas por fim chegamos à saída do bar. Abro a porta pesada com um puxão e paro no meio do caminho. Posso estar bêbado, mas juro que metade do álcool evapora do meu sangue quando vejo o rosto *dela*.

Prescott Timmons. *Senhora* Prescott Timmons.

Ela olha para Teddy, depois de volta para mim. Nossos olhares se encontram. Os dela brilham, e os meus devem estar vidrados, tipo os de um tubarão morto. Porra, ela é um arraso. E faz todo o sentido que seja casada. Eu devia ter desconfiado desde o início. Espio a mão dela. Ainda sem aliança. Sinto um gosto amargo na boca. Como ela teve coragem?

— Veio arranjar um novo pretendente? — pergunto, sarcástico, conduzindo Teddy direto pelo lado ela. Meus olhos estão cheios de desprezo. — Boa sorte.

Ela ainda tem a audácia de parecer magoada, e eu quero gritar que ela é uma pessoa horrível e uma esposa ainda pior. Quero dizer o quanto dói descobrir que a pessoa que você amava está transando com outro. Quero que saiba como é devastador ser o outro homem sem saber. Ela me transformou em vilão sem permissão.

Mas, acima de tudo, quero que ela saiba quanto isso é uma merda, porque poderíamos ter sido incríveis juntos.

19

Scottie

Preciso segurar o choro quando o vejo sair do bar de braços dados com outra mulher.

Ele que se foda.

20

Scottie

Meus pés batem no asfalto em um ritmo constante enquanto corro pela rua Spencer. Quando não estou no trabalho, saio para correr. Quando não estou correndo, durmo.

"Você precisa fazer amigos."

Ignoro a autocrítica. Sinto que estou me retraindo, mas não sei como mudar a rotina. É mais fácil assim. Tento me convencer de que é temporário, mas como não tenho planos de mudar meus hábitos, tudo não passa de uma baita mentira.

Eu me senti insuficiente durante todo o tempo que passei com Jonathan. Quando existe atração entre duas pessoas, dá para ver na cara delas. Eu via isso em outros casais. E vi isso em Callahan. Ele me olhava de um modo que Jonathan nunca olhou. Na época, era um lembrete constante de que eu nunca seria suficiente, mesmo quando não era culpa dele.

Passar tanto tempo sendo alvo de olhares de alguém que deseja outra coisa acaba nos destruindo por dentro. E é assim mesmo que me sinto agora: destruída.

Quando passo pelas casinhas decoradas para o outono e pelos montes de folhas varridos nos jardins, percebo como esse bairro tão organizado contrasta com minha vida. Ainda assim, quero muito pertencer a este lugar, e correr pela calçada me permite fingir que faço parte daquele mundo charmoso de Sky Ridge, mesmo que seja apenas pelo breve momento em que estou aqui.

A casa que sempre procuro, a número 218, é uma das poucas que ainda não está com decoração de Dia das Bruxas, e isso me permite imaginar o que faria

se morasse ali. Eu colocaria abóboras com rostos esculpidos nos degraus da varanda e amarraria espigas de milho nos pilares pintados. Acrescentaria aquelas teias de aranha falsas que vi nas casas vizinhas. Nós não podíamos comemorar o Dia das Bruxas, mas se eu morasse ali, teria esqueletos e fantasmas em cada janela, e a maior tigela de guloseimas para as crianças que viessem pedir "gostosuras ou travessuras".

Um carro estaciona bem na frente da casa, e duas crianças risonhas saltam do banco de trás e correm para o jardim. Sorrio quando o pai desce do carro e sai correndo atrás dos dois. A mãe sai do banco do carona bem na hora em que o pai pega a filha pequena, que solta gritinhos de alegria quando ele faz cócegas na barriga dela. É uma cena tão linda, tão corriqueira. Eu sabia que uma família feliz devia morar ali, e meu coração se enche de felicidade ao ver minha intuição confirmada.

O número 218 da rua Spencer sempre dá um jeito de me animar.

Fico distraída com as travessuras da família animada do outro lado da rua quando me aproximo do cruzamento e viro à direita. Minha alegria dura pouco: quase bato de frente com outro corredor.

Levanto as mãos em defesa e tropeço nos meus próprios pés, tentando sair do caminho. O homem me segura pelo braço e me estabiliza. Respiro fundo, pronta para pedir desculpas, quando levanto o olhar e dou de cara com a expressão furiosa de Callahan.

Eu me desvencilho dele.

— Fica longe de mim — digo, ríspida.

Lá se vai o pedido de desculpas. Foram as primeiras palavras que me vieram à mente, e desconfio que estejam mais para uma afirmação genérica do que algo ao pé da letra. Pode ser exagero meu, mas jamais vou admitir isso para ele. A quase colisão foi 100% culpa minha, e ainda assim não consigo me forçar a pedir desculpa. Mal consigo olhar para a cara dele. Em vez disso, dou um passo para o lado e saio correndo para bem longe, sem dizer mais uma palavra. Feito uma covarde.

21

Callahan

MEADOS DE OUTUBRO

— O QUE VOCÊ vai fazer antes de começar o trabalho na estação de esqui? — pergunta King.

Este é o último turno da temporada, e estamos finalizando as linhas de contenção quando alguns caras começam a falar sobre os planos para os próximos meses.

— Acho que vou torrar parte do salário num clube de strip. Depois, talvez roubar um carro… usar drogas… assaltar um banco… — Vou contando nos dedos.

— Então, o de sempre?

— Cada um com seus passatempos… — respondo, encolhendo os ombros. — Sei lá. Talvez eu faça uma trilha nas montanhas. Quell ou Briarburn. Ou, foda-se, posso só sentar a bunda no bar e encher a cara. E você?

— O bar parece uma boa pedida. Acho que vou junto.

— Se quiser, pode ir comigo fazer trilha também, né? — sugiro, olhando ao redor.

Caleb se apoia no machado, com o rosto pálido. Um dos caras trocou o almoço dele por aquela gororoba de omelete de legumes. Na hora, achei que ele fosse vomitar. Dou risada quando lembro da minha época de novato e de todas as merdas que passei na mão deles. Mas, no fim, são só brincadeiras carinhosas. Para ter certeza de que a pessoa consegue aguentar o tranco.

— Por que eu me meteria a fazer trilha no meu tempo livre? — resmunga King, pegando um galho grande e jogando no meio do mato. — Eu sou pago para fazer isso, sabe? Além do mais, está muito frio lá para aqueles lados.

— Melhor hora para ir — argumento, com um meneio de cabeça. — Todos os turistas já foram embora.

King sorri.

— Achei que turistas fossem sua parte favorita.

— Só as solteiras e bonitas — respondo e dou uma piscadinha.

Ele me lança um olhar.

— Sei não, cara… Faz uma semana que a gente está aqui e você ainda não deu em cima de nenhuma garçonete quando a equipe sai para comer.

Dou de ombros.

— E daí?

— E daí que isso não combina com você. Tem alguma coisa a ver com Scottie?

Falar daquela mulher faz minha pressão subir.

— Porra, por que teria a ver com ela?

— Foi só uma pergunta… Xander comentou que vocês dois ficaram mamados no bar umas semanas atrás e aí, quando ele levou sua irmã para casa, ela comentou que vocês se encontraram lá porque você estava com problemas com mulher.

— Eu não tenho problema com mulher nenhuma — debocho. — Não tenho nada com Scottie. E, além disso, pouco importa. Ela é casada.

King se endireita na hora.

— O quê? Ela é casada?!

— Pois é.

Solto o ar com força. Como se não fosse grande coisa. Como se eu não tivesse arruinado um casamento. Como se eu não tivesse dormido com a esposa de outro homem.

— Casada com quem?

Trinco os dentes. Eu daria qualquer coisa para mudar de assunto.

— Não sei.

Pego um punhado de galhos e jogo para o lado, evitando o olhar dele.

— Ué, mas você disse que ela é casada — protesta ele, e abre os braços. — Você não sabe quem é o marido dela?

Jesus, que inferno. Encontro um galho maior e o arremesso com toda a força, depois ajeito a postura.

— Porra, eu não sei, caralho! — explodo. — Não sei porcaria nenhuma sobre aquela mulher. Quer saber quem é o marido dela? Vai lá e pergunta pra ela!

Balanço a cabeça e saio andando para checar o progresso da equipe de motosserra.

— Calma, cara.

Dou meia-volta.

— Eu estou calmo! — insisto, e dou uma risada só para reforçar. — Só não entendo por que você está me interrogando sobre uma pessoa com quem não tenho absolutamente nada.

Um silêncio esquisito se insinua na conversa. Talvez eu tenha exagerado um pouco na reação às perguntas dele sobre Scottie.

King murmura para si mesmo:

— Casada… isso é estranho pra caralho. Nos deixa com bem mais perguntas do que respostas.

Do que ele está falando? Eu não devia perguntar, mas meu autocontrole vai para o ralo.

— Como assim?

Ele se faz de desentendido.

— Nada.

A raiva sobe pela minha garganta.

— Por que você acha estranho?

Agora meu interesse foi fisgado. O que ele sabe? Ouviu alguma coisa? Os boatos correm soltos em cidades pequenas, mas de vez em quando estão certos. Se tiver algo a ver com Scottie, eu quero saber, apesar de tudo. Pelo visto, gosto de sofrer.

Talvez isso alimente ainda mais a raiva que sinto por ela. Não consigo largar o osso. Estou tão puto que começo a ficar obcecado. Ninguém sabe que dormimos juntos. Bom, ninguém além de Dixon. Tenho vergonha demais de comentar até mesmo com King ou Xander, e eles são quase irmãos para mim. Mas está na cara que os dois desconfiam que rolou alguma coisa entre nós.

— Por que te interessa? — provoca King. — Você não tem nada a ver com ela.

Babaca. Ele tem razão. Não sei como responder, então só fico na minha.

— Você já está ficando velho demais para arrastar asa por aí — comenta Bobby, escutando a conversa ali perto. — Quando é que você vai sossegar o facho com alguém?

Tento me esquivar dessa pergunta ridícula. Já passou da hora de voltar ao trabalho.

— O fogo é a única mulher para mim. Ela é cruel e ardente.

— É, você tem mesmo um tipo — observa King.

Dou uma risada curta e cuspo na terra.

— Com certeza.

22

Callahan

FIM DE OUTUBRO

A TEMPORADA DE INCÊNDIOS enfim terminou, e já dei uma boa adiantada na reforma do próximo cômodo da casa. Mesmo depois de um dia inteiro de trabalho braçal, continuo inquieto, coberto de serragem, então faço o que sempre faço nessas horas: saio para correr.

Folhas secas estalam sob meus pés enquanto o ar gelado queima meus pulmões. Eu precisava disso. Martelar paredes é ótimo para aliviar a raiva, mas correr acalma meus pensamentos, me traz paz e relaxa minha alma.

Ou pelo menos… até eu dar de cara com ela.

Diminuo o ritmo até parar, inconformado. Não pode ser. A mulher correndo na minha direção é ninguém menos que Scottie Timmons. Porra, de novo? Essa mulher está me deixando maluco.

Não consegui parar de pensar nela desde a noite em que a gente se conheceu e, depois daquela mancada dela, tentei fazer de tudo para me distrair. Mas fica difícil se a gente não para de se trombar por aí. Da última vez, literalmente. E ela ainda teve a pachorra de me tratar como se *eu* fosse o errado da história. Fiquei tão atordoado que nem consegui responder.

Nosso lance era casual. Era para ser só *diversão*! Então por que caralhos não consigo superar essa mulher?

Mudei o horário da corrida para evitar topar com Scottie, mas, pelo visto, ela teve a mesma ideia, porque aqui estamos nós. Ela também para quando me vê.

Ficamos nos encarando com amargura, os pés fincados no chão e o tempo suspenso. Como ela consegue me olhar como se *eu* tivesse pisado na bola? Eu fui sincero desde o começo. Quem mentiu foi ela.

Por fim, ela se vira e dispara na direção de onde tinha vindo.

Abro os braços, exasperado.

— Não dá para correr em outro bairro? — grito.

Por favor, faz essa porra dessa gentileza para mim.

Ela me mostra o dedo do meio e continua correndo. Que *fofa*.

23

Scottie

PRETENDO APROVEITAR AO MÁXIMO meus poucos dias de folga antes da chegada da neve. Não vejo a hora. Nunca morei em um lugar onde nevava muito, então estou animada para passar meu primeiro inverno em Washington. Talvez eu até aprenda a esquiar ou a praticar *snowboard*. Em alguma colina pequena… uma colininha… quem sabe até uma *colininhazinha*, se existir algo assim. Tenho bom equilíbrio, mas só de pensar em deslizar pela encosta de uma montanha eu já começo a suar frio.

Amanhã vou fazer minha primeira grande trilha nas montanhas. Já fiz algumas em várias regiões do Arkansas, mas o cenário do Noroeste do Pacífico é bem diferente. Além das montanhas com picos cobertos de neve, as árvores são mais imponentes, a vegetação é mais verde, e as florestas são mais densas e profundas. Nunca senti tanta vontade de me conectar com a natureza.

Depois de tudo o que aconteceu com Callahan, não posso depender de mais ninguém para ser feliz. Esse sempre foi o objetivo de me mudar para cá. Por quanto tempo sacrifiquei minha paz para que outros tivessem a deles? Já deu. Se eu quiser sobreviver neste mundo, preciso proteger meu coração e não o entregar de bandeja a qualquer um, mesmo que seja só por *diversão*.

Essa trilha é importante. Vai me ajudar nesse processo de autodescoberta. Eu nunca mais serei quem fui, nem quero ser. Então está na hora de construir uma versão de mim que eu possa amar. Para que, um dia, outra pessoa possa me amar também.

É um desafio que vai provar que consigo superar obstáculos, sejam eles montanhas ou caras bonitos. Escolhi a trilha do Pico Quell depois de muita

pesquisa. Apesar de desafiadora, tem vistas de tirar o fôlego. Não tenho a menor intenção de chegar ao topo, já que os picos estão cobertos de neve e não tenho o equipamento adequado, mas meu objetivo é alcançar o falso cume, que vai servir como minha linha de chegada.

Durante as pesquisas, descobri que a trilha tem uns vinte quilômetros até o cume. A ida e a volta são pelo mesmo caminho, sem circuito. Mas só vou percorrer metade, que dá por volta de dez quilômetros. Um dia pretendo fazer o trajeto completo, que segue por uma área até que bem plana de floresta e sobe de maneira gradual antes de se abrir em trechos rochosos de cascalho solto perto do topo. De acordo com os relatos mais recentes sobre a trilha, essa parte está toda coberta de neve.

Alguns trechos podem estar com bastante gelo nessa época do ano, mas nada que não dê para contornar sem equipamento especial. A parte mais difícil é o último quilômetro, que nem vou fazer. Eu adoraria voltar e ir até o fim em outra ocasião, porque, segundo dizem, a vista do cume é espetacular. Vou voltar para superar esse desafio no ano que vem, mas a expedição de amanhã já vai me dar a sensação de controle que tanto desejo.

Coloco água, lanches, um kit de primeiros socorros e uma jaqueta na mochila, e a deixo ao lado da coisa mais valiosa que tenho: minhas botas. Dou uma última conferida na previsão do tempo. Parece que tempestades podem passar pela região daqui a alguns dias, mas amanhã o tempo estará limpo, perfeito para uma trilha.

Eu me jogo na cama, coloco o celular para carregar e configuro o despertador.

Tudo pronto.

Depois que o sol nasce, escovo os dentes e prendo o cabelo em um rabo de cavalo. Aplico uma quantidade generosa de protetor solar no rosto e pescoço, onde a pele vai ficar mais exposta. Camadas de roupas são essenciais para essas ocasiões, por isso uso uma camiseta térmica fina, que vai ajudar a absorver a umidade do corpo durante a caminhada.

Apago a luz do banheiro e volto para a cama, vestindo a calça de trilha por cima da legging. Ela é resistente ao vento e tem um ou outro furinho de usos anteriores. Agacho na beirada do colchão inflável e coloco as meias grossas, depois mexo os dedos dos pés para ajustar. Ao meu lado está o suéter de lã, que vai servir como camada do meio. Vou deixar no carro e colocar só quando

estiver na trilha. A última camada é a jaqueta acolchoada terracota, que guardei toda embolada dentro da mochila. Acho que essa jaqueta é a segunda coisa mais valiosa que tenho, e espero que ela me acompanhe na trilha e durante todos os meses frios e úmidos do inverno que está por vir.

Pego uma barrinha de cereal para comer no caminho e a enfio no bolso da calça cargo. Depois, calço as botas de caminhada e começo a amarrar o cadarço. A direita está apertada demais, então desamarro, ajeito e repito o processo. Bem melhor. Com o suéter de lã em uma das mãos e a mochila pendurada no ombro, pego as chaves e saio de casa, trancando a porta atrás de mim.

O céu está quase limpo quando estaciono no início da trilha. Tem outra picape ali, então, pelo visto, não fui a única a achar que hoje seria um bom dia para o passeio. Eu acabei me perdendo no caminho. Procurei por uma placa na estrada, mas depois de rodar em círculos, finalmente parei para pedir informações. No fim, descobri que a estrada nem tem sinalização. Bem útil.

Depois disso, o trajeto até o estacionamento foi cheio de curvas, com algumas pedras saltando do caminho estreito de cascalho. Entre os problemas do percurso e a viagem mais demorada do que o previsto, vou começar a trilha bem mais tarde do que imaginava. Ainda assim, agora que cheguei, estou ansiosa para colocar uma boa distância entre mim e esse estacionamento. Tenho dez quilômetros pela frente e não posso me atrasar, ou vou ter que dar meia-volta antes de alcançar meu objetivo.

Desço do carro, visto o suéter, tranco a porta e enfio as chaves em um dos bolsos da mochila antes de colocá-la nas costas e prender a tira no peito. Caminho em direção à placa de madeira entalhada com TRILHA DO PICO QUELL e aperto as alças laterais da mochila.

Pedrinhas estalam sob minhas botas. A jornada começa com um caminho de cascalho a partir do início da trilha e vai ficando mais íngreme conforme se aproxima do cume, serpenteando por campos de pedregulhos e trechos de floresta. A paisagem à frente é deslumbrante, e fico maravilhada com a natureza abundante do lugar. Contemplo a cadeia de montanhas gigantesca, salpicada de formações rochosas, árvores verde-esmeralda e camadas de neve branca. Meu sorriso cresce enquanto sigo adiante.

Não faz nem vinte minutos que comecei a subida quando vejo outra pessoa descendo a trilha. Pelo tamanho, é um cara. Deve ser o dono da picape que vi lá

embaixo. Duvido que ele tenha chegado ao topo. Só se tiver começado horas atrás. Ou talvez só seja rápido e tenha muito fôlego. As passadas dele devem ser bem mais largas que as minhas. Mantenho o olhar baixo no caminho irregular, dando uma ou outra espiada de vez em quando, mas na vez seguinte que ergo o rosto, percebo que ele quase parece… Não pode ser. Endireito a mochila e estufo o peito.

É ele. Suado, sexy. Callahan Woods em carne e osso. Não estou abalada com a presença dele. Nem um pouquinho. Claro que não.

Estou bem? Não. Mas vou ficar? *Óbvio*.

Callahan foi uma lição dolorosa, mas necessária: nunca arrisque mais do que você está disposta a perder.

Não que eu tenha amado o cara ou algo assim. Seria ridículo. Mas gostei mesmo dele antes de ele mostrar quem era de verdade. Antes de confirmar os boatos.

Mais do que tudo, quero viver um amor verdadeiro. Depois desse recomeço, estou bem mais preparada para isso, embora ainda tenha a impressão de que estou uma década atrasada em relação ao pessoal da minha idade. A partir de agora, vou sair mais, conhecer gente nova, focar no trabalho e viver aventuras como essa. Vou viver de verdade e criar minha própria felicidade.

No momento em que me reconhece, ele chega a olhar duas vezes para confirmar. Nós dois nos ignoramos até estarmos quase a ponto de cruzar um com o outro. Pela cara amarrada, ele também não está nada feliz em me ver.

— Oi.

Há uma pontada de diversão na voz dele, como se estivesse tão surpreso quanto eu com essa coincidência absurda. A gente vive se esbarrando. Sky Ridge é uma coisa, mas aqui? No meio de uma trilha nas montanhas?

— Oi — respondo, sem fazer contato visual.

Posso até achar a situação engraçada, mas não há motivo para deixar transparecer. Já superei. E quero que ele saiba disso.

Cinco horas depois, passo por uma área de mata fechada, e a trilha se abre para as vistas mais deslumbrantes que já vi. O vento açoita a encosta da montanha e os trechos de gelo no solo se tornam mais frequentes. As rajadas ficam mais fortes conforme subo, o que é normal, mas o tempo está bem mais fechado do que quando comecei. Só que não são aquelas nuvens escuras de tempestade. Conferi a previsão antes de dormir na noite passada e tudo parecia tranquilo.

Até cogito dar meia-volta e começar a descida, mas olho para o relógio e percebo que, se eu estiver mesmo no trecho da trilha que penso estar, alcançarei o falso cume em menos de uma hora. Está perto demais para desistir agora.

Paro por um instante e tiro a jaqueta da mochila, depois a visto e fecho o zíper até o queixo. Bem melhor. Não existe isso de tempo ruim quando se está com a roupa certa. Agora que o vento não atravessa as fibras do suéter, o calor do meu corpo se acumula dentro da jaqueta, criando uma camada de isolamento. Coloco a mochila de volta nos ombros, ajeito as alças para acomodar a nova camada de roupa e sigo em frente, dessa vez mais rápido.

O aglomerado de rochas serpenteia em zigue-zagues à frente, ficando mais íngreme a cada curva. É intimidador. Estou cercada de pedras enormes. Duas, em especial, são tão grandes que me fazem parar e admirar. Parecem de outro mundo, de tão gigantescas. Bom, pelo menos para alguém que não é dessa região.

Pouco depois, a trilha que corta o aglomerado de rochas encontra o trecho mais íngreme da encosta da montanha. Estou quase lá. O vento ruge mais alto, e já não consigo ouvir o som das minhas botas esmagando o cascalho na trilha. Flocos começam a cair. *Está nevando?* Um sorriso se espalha pelo meu rosto. Dou uma gargalhada. *Neve!* Minha primeira nevasca em Washington! Dá vontade de sair rodopiando igual a Julie Andrews nos alpes, mas a voz da razão me lembra de que neve significa tempo instável. Estou tão perto, e são só alguns floquinhos. Acho que são apenas as camadas de gelo sendo sopradas dos picos acima. Não posso desistir agora.

Meu ritmo logo é freado pela altitude elevada. Solto vapor pela boca e inspiro o ar frio pelo nariz, enquanto meu coração luta contra a subida íngreme e o ar rarefeito.

Pelo que pesquisei, este é o trecho mais difícil da trilha, cheio de curvas fechadas. Depois de passar por duas, faço uma pausa para beber água. Por sorte, o caminho é largo o suficiente para que eu não precise me agarrar à encosta na parte interna. A curiosidade fala mais alto, então guardo a garrafa na mochila e me aproximo da borda externa. Aqueles blocos de pedra de quase cinco metros que vi antes já não parecem tão grandes agora.

O chamado do abismo. Como seria fácil só… pular. Uma rajada de vento me atinge e eu me afasto do precipício com um calafrio. Pedrinhas se soltam sob meus pés, despencam pela encosta e ricocheteiam pelo paredão rochoso até a trilha lá embaixo. Beleza. Chega de pensamentos intrusivos por hoje. Recuo

mais da borda e escolho um ponto mais seguro junto à parede interna. O vento sopra mais forte até se tornar tudo o que consigo ouvir, um rugido ensurdecedor, interrompido apenas pela minha respiração ofegante. Ergo o olhar e estimo que ainda restem três ou quatro curvas à beira do penhasco antes de a trilha se tornar mais suave. O falso cume.

Minha linha de chegada fica no aglomerado de árvores logo acima das curvas. Vou parar ali, apreciar a vista por um tempinho e depois voltar para o carro. À medida que subo, lufadas de neve são chicoteadas pelo vento até virarem um turbilhão, e fica difícil dizer se estão vindo de cima ou de baixo. A nevasca deve continuar nos próximos dias. Em poucas semanas, o solo onde estou pisando vai estar coberto por um manto branco.

Mais uma curva. Depois outra. O vento fustiga as partes expostas do meu rosto e das minhas mãos. Por que eu não trouxe luvas? Enfio os dedos gelados para dentro das mangas da jaqueta. Quase lá. Mantenho o olhar firme em um ponto mais à frente e o uso como o próximo marco para descansar e beber água. Por mais que eu queira me proteger do vento, preciso de um minuto para recuperar o fôlego.

Outra curva. Meu corpo me implora para desistir e dar meia-volta, avisando que talvez eu não tenha energia ou tempo suficientes para fazer o caminho de volta, mas não posso desistir agora. Preciso terminar o que comecei. Se fosse fácil, não teria graça.

O frio me açoita a cada passo conforme ganho altitude. Eu sabia que esse seria um trecho difícil. Mas falta pouco. Estou quase alcançando meu ponto de descanso quando um estrondo me faz pular de susto. Passei vinte minutos ouvindo apenas os rugidos do vento. O que poderia ser alto o bastante para se sobrepor a isso?

Paro de andar, puxo o capuz da cabeça e tento identificar de onde vêm o estrondo e o som de algo se partindo. Os pelos da minha nuca se arrepiam. Fico imóvel. O barulho diminui, semelhante ao de pipoca estourando. Outro baque desencadeia um trovão retumbante, às vezes interrompido por mais estalos como palitos de dente se quebrando… ou *árvores*.

Todo o sangue foge do meu rosto quando sou atingida por uma lembrança do Rebanho, da época em que eles queriam erguer uma cruz gigantesca no topo de uma colina. Era um monumento colossal, vindo de alguma fundição do oeste. Tinha pedregulhos perigosos perto do cume, e um trator foi usado para empurrar todos eles morro abaixo, garantindo que não rolariam durante a construção e não colocassem os trabalhadores em risco. Eu estava lá quando

aquelas rochas imensas foram lançadas encosta abaixo. Agora não há mais dúvida. É o estrondo de árvores sendo derrubadas enquanto pedras enormes abrem novos caminhos na terra. Só pode ser um deslizamento de rochas ou um pedregulho desgovernado.

Se for apenas um bloco isolado, talvez eu tenha alguma chance de desviar. Mas, se for um deslizamento… acho que já estou morta. As lufadas de neve desaparecem contra o céu branco quando olho para cima, mas não consigo ver nada. Vasculho a saliência acima de mim em busca de qualquer sinal de pedra ou terra despencando. Será que devo me encostar no paredão? Os estalos crescem até soarem como tiros. Minhas mãos tremem. Uma rocha do tamanho de um tijolo cai a poucos metros de mim.

Corra.

Solto a mochila e a largo no chão enquanto meus pés disparam pela trilha, cobrindo a maior distância possível. Sem o peso nas costas, consigo correr mais rápido e me torno um alvo menor. O eco de árvores se partindo é substituído pelo som de terra deslizando e por impactos constantes conforme pedregulhos despencam montanha abaixo, atingindo o solo ao meu redor enquanto subo. Orações que aprendi na infância se repetem sem parar na minha cabeça, uma após a outra. Meu coração martela contra a caixa torácica enquanto forço minhas pernas como nunca.

De repente, tudo fica quieto e o mundo mergulha em escuridão.

24

Callahan

O TRAJETO DE VOLTA PARA CASA não me afeta em nada. Meus pensamentos estão ocupados por uma certa ruiva-loira de pouco mais de um metro e meio de altura que é uma verdadeira dor de cabeça. Entro com a picape na garagem atrás da minha casa, pego a mochila e saio, batendo a porta. Enquanto digito o código para fechar o portão, alguns flocos de neve caem do céu.

Acho bom Scottie não estar tentando chegar ao cume no meio dessa nevasca. Até cogitei me virar e dar um toque para ela sobre o clima, mas depois daquele "oi" nada animado, meu orgulho falou mais alto e segui adiante pela trilha. Sem contar que ela me mandou ficar bem longe quando a gente trombou durante a corrida. Eu devia ter falado alguma coisa.

Ela já fez trilhas antes, deve saber se virar. E, seja como for, não é minha responsabilidade. *Nunca* foi. O marido que se preocupe com ela.

Aliás… onde está o marido dela?

Destranco a porta dos fundos da casa em reforma e entro na cozinha, largando a mochila no chão com um baque seco. Enquanto tiro as botas, meu celular vibra no bolso, e eu o puxo.

XANDER

Acabei de ver que o bicho vai pegar no Pico Quell. Tá vivo? Ou preciso apagar seu histórico e começar a planejar seu velório? Você queria strippers, né?

Acabei de chegar em casa, saí cedo. Isso, strippers. As boas, de Vegas.

XANDER

A Darlene do Hangers falou que faz por metade do preço.

Fechado.

Volto a pensar em Scottie quando enfio o celular no bolso. Será que ela ainda está lá na trilha? Olho pela janela. O clima deu uma bela piorada. Montanha é o último lugar para se estar durante uma nevasca. Confiro o relógio. Ela já deve ter desistido e voltado para o carro.

Acho.

Afasto os pensamentos ansiosos e abro a geladeira para preparar um sanduíche. Depois de pegar uma espátula, giro a tampa da maionese. Scottie não sabe como o clima funciona nas montanhas da região. Bato a espátula na bancada e puxo o celular do bolso. Merda.

Ei. Você já saiu da trilha?

Termino de montar o sanduíche. Meu olhar vai e volta entre a comida e a tela do celular, esperando a notificação de mensagem. Cada vez que olho, dou de cara com minha própria expressão irritada refletida na tela escura.

Coloco a outra fatia de pão no topo, levo o prato até a mesa de jantar e afundo com tudo em uma cadeira. Nada ainda. Dou uma mordida e mastigo enquanto espero a resposta de Scottie, mas ela não chega.

Já se passaram quase dez minutos desde que mandei a mensagem. Lambo uma gota de maionese do polegar e desbloqueio o celular outra vez. Se ela já saiu da montanha, deveria ter sinal. Ficar preocupado com uma mulher que não é minha responsabilidade está estragando meu almoço. Que idiotice. Clico no ícone de chamada ao lado do nome dela, pigarreando enquanto espero completar a ligação, mas vai direto para a caixa postal. Cinco segundos depois, tento de novo. Caixa postal. *Merda*.

— Mas que droga, Scottie — resmungo. — Acho bom você não estar fazendo besteira.

Depois de tirar do silencioso, levo o celular comigo ao banheiro e entro no chuveiro. Enquanto enxáguo o shampoo do cabelo, me ocorre que talvez ela tenha bloqueado meu número. Matt deve ter o contato dela. Termino o banho, me seco e ligo para ele.

— Oi, cara. Sei que parece estranho, mas você pode ligar pra Scottie e me

dizer se ela atende?

Ando de um lado para outro até ir parar na sala vazia. Estou no meio do processo de lixar o assoalho antigo de madeira, e na semana passada levei todos os móveis para o escritório.

Ele dá uma risadinha.

— Tem algum motivo para você mesmo não ligar?

Solto um suspiro.

— Está caindo na caixa postal, mas talvez ela tenha bloqueado meu número.

— Ah, entendi — responde Matt, meio decepcionado. Deve achar que eu fiz alguma merda do meu repertório padrão de cafajeste, mas ele que pense o que quiser. — Beleza, me dá um segundo. Já te ligo de volta.

Desligo e balanço a cabeça, depois me encosto na parede, encarando as janelas amplas enquanto a ansiedade começa a tomar conta. Um minuto depois, a tela se acende com o nome de Matt, e eu deslizo o dedo para atender antes mesmo de o telefone tocar.

— Fala.

— Caiu na caixa postal — diz ele.

Aperto o ossinho do nariz.

— Tá… Valeu.

Encerro a ligação e esfrego a nuca com um grunhido, depois calço um par de tênis e saio de casa. Meu polegar tamborila no volante sem parar quando entro na rua dela.

— Por favor… Esteja em casa. Esteja em casa. Quero ver aquela sua lata-velha caindo aos pedaços estacionada aí, para eu ir embora e parar com essa besteira.

Vi o carro dela hoje de manhã e ainda nem imagino como o calhambeque sobreviveu ao trajeto de Sky Ridge até a trilha.

Qualquer resquício de esperança cai por terra quando o estacionamento vazio do prédio surge à vista. Soco o volante.

— Merda!

O único modo de ter certeza é voltar ao início da trilha e ver se o carro dela ainda está lá. E se estiver… o que eu faço? Vou atrás dela? Minha resposta imediata é um sonoro: "com certeza".

Meu instinto diz que ela ainda está na montanha, então não posso perder tempo nem chegar lá despreparado. Scottie vai levar uma bronca daquelas quando eu a arrastar de volta para Sky Ridge. Não acredito que estou sendo obrigado a ir atrás dela. Não faço ideia do caos que me espera, mas começo a

imaginar os piores cenários possíveis. E se ela caiu? E se cruzou com uma onça-parda? E se ficou perdida e se afastou da trilha principal? Eu nunca a encontraria.

Piso fundo no acelerador e saio cantando pneu até entrar na garagem de casa e engatar o ponto morto. Abro a porta dos fundos com tudo, troco os tênis pelas botas e pego a mochila, acrescentando suprimentos para cada situação catastrófica que passou pela minha cabeça. Correntes de tração no gelo, manta térmica, garrafas extras de água e duas embalagens de comida pronta. Além disso, busco minha mochila da patrulha de esqui. Ela tem equipamentos de sobrevivência variados, como aquecedores de mão, kit de primeiros socorros, canivete, corda e pá de avalanche.

— Scottie, é melhor você estar em uma situação muito fodida para me obrigar a ir ao seu resgate desse jeito.

Aperto o volante com força enquanto me aproximo da estrada que leva ao início da trilha, rezando para não ver o carro dela. Estico o pescoço quando faço a curva e pouso os olhos direto naquela lata-velha.

— Ah, porra.

Ela ainda está lá em cima.

25

Scottie

UMA DOR LANCINANTE PULSA atrás das minhas pálpebras. Com a testa franzida, faço uma careta e abro os olhos bem devagar. Meu ouvido direito lateja com uma dor aguda, e minhas bochechas ardem como se tivessem levado um tapa. Não sei quanto tempo demoro para conseguir abrir os dois olhos, mas, quando enfim consigo, uma fina camada de penugem branca cobre tudo ao meu redor. Neve. Estou com a boca áspera como se tivesse comido um punhado de areia, e fica difícil até engolir a saliva.

Meus músculos e meu corpo estão tão exaustos que é um esforço enorme não fechar os olhos de novo e me render ao sono. Pisco algumas vezes, tentando me localizar. A visão dupla torna quase impossível enxergar o ambiente com nitidez. Isso não é nada bom. Paro por um instante para fazer uma checagem mental do corpo, procurando por sinais de dormência ou ferimentos, ignorando a dor na cabeça e me concentrando no restante dos membros. Será que eu caí?

Como vim parar aqui?

Assim que me apoio sobre as mãos e os joelhos, sinto o estômago embrulhar e viro o rosto a tempo de vomitar para o lado. A pressão no crânio aumenta. A dor é tanta que vejo estrelas quando fecho os olhos.

Começo a tatear o rosto com a ponta dos dedos e encontro uma área, perto da linha do cabelo, coberta por algo pegajoso. Puxo a mão de volta e vejo o sangue. Solto um grunhido. Não é vermelho-vivo, o que é um bom sinal.

Com cuidado, viro o pescoço para avaliar os arredores, torcendo para não vomitar de novo. Estou no meio de uma saliência na pedra? Cerca de vinte metros atrás de mim há um paredão rochoso. Ele se projeta para fora, sobre o

precipício. É como se eu tivesse sido arrancada de um lugar e largada em outro. Será que caminhei até aqui e não me lembro? Estou com sintomas de concussão. Talvez, se eu descansar mais um pouco, se fechar os olhos, vou me lembrar do que aconteceu e conseguir entender tudo. Mas uma vozinha diminuta dentro da minha cabeça protesta contra a ideia. "Levante-se."

Apoio a mão no paredão rochoso à minha direita para me equilibrar e forço a vista, protegendo os olhos com a outra mão enquanto levanto o rosto. O movimento me deixa enjoada na hora, então mantenho a cabeça baixa. Chega de olhar para cima. Recolho a mão e deixo manchas de sangue na pedra.

Escorrego até me sentar, apoiando as costas na rocha quase vertical da montanha. Minha visão demora a acompanhar quando tento ver melhor o caminho que sobe à minha direita. A trilha está ali, então não posso estar em uma saliência. Espere… Olho para a esquerda de novo e forço a vista, apesar da dor insuportável na cabeça. Não é um paredão rochoso. É um amontoado de pedras e terra. Algumas do tamanho de laranjas, outras de bolas de basquete, outras do tamanho de um carro. Todas cobertas pela mesma fina camada de neve. Foi um deslizamento. Vou recuando feito um caranguejo, tentando me afastar o máximo daquelas pedras.

Puta merda. Uma risada me escapa. Como eu ainda estou viva? A diversão dura pouco e se transforma em lágrimas quando um novo problema vem à tona: preciso descer a montanha, mas perdi o acesso à trilha. As pedras caídas bloquearam meu caminho. Para piorar, larguei a mochila para trás, e não há sinal dela em lugar nenhum. Pode muito bem estar soterrada sob aquele monte de rochas. Firmo um braço contra a encosta e tento me levantar, testando se consigo apoiar o peso nas pernas. O enjoo me invade com força, então volto a me apoiar na terra úmida e desço devagar até ficar sentada outra vez.

Não tenho suprimentos. O vento e a neve chicoteiam ao redor enquanto a temperatura despenca, e não tenho como descer. Fico encolhida em posição fetal e solto uma risada amarga diante da ironia da situação. Tudo o que fiz foi trocar uma morte rápida por uma lenta.

Hora de elencar as prioridades. A primeira coisa é me proteger do vento e da nevasca. Como faço isso? Se eu subir a montanha, as rajadas só vão ficar mais fortes. Encaro o monte de pedras. Dá para escalar isso? Não. Mal consigo parar em pé, quanto mais escalar um amontoado instável de pedras soltas que podem ceder a qualquer momento ou me lançar montanha abaixo.

Uma lufada de vento me atinge em cheio, arrancando o ar dos meus pulmões. Sinto os olhos lacrimejarem quando vento e terra me açoitam o rosto.

Se eu ficar assim, não vai demorar muito para os cílios congelarem. Tenho mais chance com as pedras do que com a nevasca. Fico encolhida no canto e me dou mais alguns minutos para descansar. Ergo o dedo indicador e o movo de um lado para outro, acompanhando com os olhos. A imagem não salta tanto quanto antes. O nistagmo está melhorando.

Será que dá para descer escorregando pela lateral da trilha?

Engatinho até a borda, apoiada nas mãos e nos joelhos. Minha noção de profundidade ainda não está cem por cento, mas a queda deve ter de cinco a dez metros no total. Procuro fendas, raízes, qualquer coisa que sirva de apoio. Nada. Talvez eu consiga sobreviver à queda. Mas depois seria impossível me mover. Afugento a imagem do meu corpo espatifado na trilha lá embaixo.

Volto para o deslizamento. Tem um bloco menor, mais ou menos do tamanho da mesa da cozinha lá de casa, encostado na base do maior. Com esforço, me ergo sobre ele e tateio a superfície da rocha que bloqueia o caminho. Não adianta. Uma pedra fina se projeta sobre o bloco maior como a aba de um telhado. Mesmo que conseguisse escalar o lado quase vertical da pedra, não teria como passar por cima dela. Se eu fosse uma alpinista experiente, talvez tivesse uma chance. Mas sou iniciante e estou com um machucado feio na cabeça.

Não dá para contornar. Não dá para escalar.

Tem um espaço aberto atrás do bloco menor, como a entrada de uma caverna. Será que eu caberia ali? Não dá para saber se a rocha é estável. Ela pode se soltar e me esmagar a qualquer momento. Tem tantos jeitos possíveis de morrer aqui…

Com cuidado, eu me abaixo de volta e apoio os joelhos no solo para inspecionar o túnel criado por alguns dos pedregulhos maiores.

— Meu Deus.

Réstias de luz do dia me recebem do outro lado, e há um canal estreito entre as rochas e a montanha. Nem parece tão profundo assim. Talvez uns três metros? Difícil dizer só de olhar. A passagem parece ficar mais estreita antes de se alargar, então eu teria que rastejar de barriga, e mesmo assim ficaria apertado. Eu poderia acabar em uma daquelas situações em que é necessário cortar um braço fora para escapar. Como uma raposa roendo a própria perna.

Pelo menos tem espaço suficiente para eu me enfiar atrás da pedra menor e me proteger do vento. Espicho o pescoço para dar outra avaliada no lugarzinho estreito. Tenho certeza de que conseguiria empurrar as pedras do outro lado para abrir passagem se conseguisse chegar até lá. Já consigo imaginar o estalo

que fariam ao serem derrubadas. Estendo o braço para dentro do túnel, depois puxo de volta.

— Não seja idiota, Prescott. Essa pedra não vai desabar.

É, quantas pessoas disseram a mesmíssima coisa sobre essa rocha quando ela ainda estava no topo da montanha?

Eu me apoio nos cotovelos e examino a passagem mais uma vez. Consigo ver o outro lado, mas será que eu conseguiria passar? É difícil distinguir se é um truque de perspectiva ou um erro da minha noção de profundidade. Se eu atravessar, devo conseguir descer pela trilha, supondo que não encontre outro obstáculo como esse pelo caminho.

Se eu ficar presa ou for soterrada caso o túnel desmorone enquanto tento passar por baixo… Bem, aí acho que vou virar a Botas Verdes do Pico Quell, igual àquele alpinista do Monte Everest, e ficar congelada até a primavera, ou até que algum animal carniceiro me encontre e devore meus membros apodrecidos. Que ideia agradável. Existem jeitos piores de morrer. Quantas pessoas podem dizer que morreram entre um pedregulho e uma montanha? Bom, nenhuma pode dizer nada, né. Estão todas mortas. Isso aí! Ânimo!

É isso ou morrer de hipotermia. Ficar nesse vai não vai é desperdiçar um tempo que não tenho. Se eu não sobreviver, pelo menos terei tentado.

Descendo até ficar de barriga no chão, me esgueiro para dentro da fresta.

— Vai fazer trilha, Scottie! Seja uma mulher independente… O mundo é seu! — resmungo, zombando de mim mesma. — E aí, como anda essa liberdade toda, gata? Está livre, leve e solta?

Encolho os ombros e abaixo a cabeça para me espremer entre duas pedras. Tento me arrastar mais para dentro e ouço um rasgo alto… a jaqueta. O vento assovia pelo túnel e levanta poeira, jogando tudo nos meus olhos.

— Eu odeio essa montanha. Nota zero… Cheia de pedras inconvenientes — murmuro. — Poucos funcionários… Falta de comodidades… — Avanço mais um pouco. — Loja de lembrancinhas péssima… — Mais um centímetro. — Nem perca seu tempo. É uma pocilga.

É difícil respirar quando não tem espaço suficiente para as costelas se expandirem. Descanso um tempo e tento recuperar o fôlego aos poucos. Não entendo muito de espeleologia, mas sei que entrar em pânico é uma péssima ideia.

Quando estou pronta, tento rastejar para a frente, mas é como se eu não conseguisse encontrar um ponto de apoio para me impulsionar. Com os braços encolhidos feito um tiranossauro rex, não tenho como esticar os dois nem para a

frente nem para os lados. Tento recuar, mas não dá. *Calma*. Você não está presa, só precisa relaxar os músculos. Solto o ar, fecho os olhos e me concentro em deixar o corpo solto. Mas estou congelando de frio, e cada membro parece rígido. Tateando com os dedos, deslizo uma das mãos para baixo. Pouco a pouco, me contorço e estico o outro braço acima da cabeça. Preciso tirar o outro debaixo de mim, mas ele está pressionado contra uma borda afiada. Pauso e reavalio a situação, tentando girar os ombros. Não funciona. Se meu cotovelo ficar preso à frente, vou perder ainda mais calor corporal. Estou cansada.

Com os músculos enfraquecidos e rígidos, meu corpo já não se move com a mesma facilidade de antes.

Está tão frio.

Minhas mãos doem. Cerro os punhos e tudo começa a latejar à medida que a hipotermia se instala. Balanço os pés, procurando apoio em qualquer coisa que me ajude a me impulsionar em qualquer direção. É inútil. Quanto mais luto para me soltar, menos espaço tenho. A cada tentativa frustrada, a ideia de morrer aqui se torna mais fácil de aceitar. É bem provável que eu não sobreviva. Volto a me debater, tentando girar o corpo. Não estou pronta para desistir, mas preciso fazer muito esforço para avançar meio centímetro. Será que cheguei mesmo a me mexer?

As pálpebras começam a pesar. Inclino um pouco a cabeça e avisto o fim do túnel estreito. Deve estar a menos de dois metros de mim, mas poderia muito bem estar a quilômetros de distância, porque além de ficar mais estreito antes de se alargar, eu… eu estou *presa*. Nenhuma das pedras se move. Uma lágrima escorre pela lateral do rosto enquanto um nó duro se forma na garganta. Meu carro está aqui. Alguém vai encontrar meu corpo.

Outra lágrima cai, e reprimo um soluço, inspirando o ar frio para dentro dos pulmões. Fecho os olhos e solto um leve suspiro pelos lábios comprimidos. A situação não está nada boa.

Eu conheço bem o corpo humano. Sei do que ele é capaz e do que não é. Morrer congelada não é a pior forma de partir. Na verdade, é até razoável. Meus dedos das mãos e dos pés estão doloridos, mas, com o tempo, vou perder toda a sensação de dor. Depois disso, meu coração vai parar de bombear o sangue das mãos e dos pés, criando uma sensação temporária de calor. Conforme minha temperatura interna despencar, vou ficar sonolenta. Vai ser tranquilo, como adormecer. Quando eu estiver inconsciente, meus órgãos vão entrar em falência um a um até que eu sofra uma parada cardíaca.

É bem simples, na verdade.

Esse túnel não é minha fuga, é minha cova. Eu me esforço para virar o corpo para dentro, mas já não tenho forças. Estou esgotada. Uma aceitação tranquila me envolve, e apoio a cabeça no ombro, fechando os olhos.

26

Callahan

NÃO ERA COMO EU imaginava que o dia ia terminar. Uma missão de resgate não é uma boa ideia. Na verdade, é uma estupidez do caralho, mas tem uma pessoa lá em cima que precisa de ajuda. Não importa que seja Scottie, embora o fato de ser ela me dê mais um motivo para ficar puto. Não me conformo que tenha sido tão imprudente. Ela é uma mulher esperta. Inteligente demais para fazer uma coisa dessas.

No marco de cinco quilômetros, faço uma pausa para descansar. Vasculho a mochila até encontrar as correntes de tração, as encaixo nas botas e acomodo os óculos de esqui sobre os olhos para me proteger do vento frio. Fecho o zíper, entorno um pouco de água e sigo em frente. Estou acostumado a levar meu corpo ao limite durante a temporada de incêndios, mas a nevasca está ficando feia. Em algum momento, meu instinto de sobrevivência vai falar mais alto, e vou ter que tomar a decisão de dar meia-volta e ir embora. Já fiz várias escaladas pelo país inteiro. Adoro cruzar a crista de uma montanha e fazer a ligação até o próximo pico, mas essa nevasca está tornando as condições brutais.

Como ainda não a encontrei pelo caminho? E se nunca a encontrar? Ela pode ter saído da trilha e se perdido em algum ponto do caminho, e a gente pode estar a quilômetros de distância um do outro. Será que arranjou um abrigo? Quando a vi mais cedo, ela não parecia ter equipamento para passar a noite. Essa rota é feita para trilhas de um dia, ida e volta. Ela já deveria estar *voltando*.

Dou uma olhada no relógio. Vai escurecer em poucas horas. A adrenalina impulsiona meus passos e me permite avançar em um ritmo razoável. Vou

tentar por mais uma hora. Depois disso, terei que voltar. Guardo a água na mochila e sigo em frente. Preciso cobrir o máximo de terreno possível antes de escurecer, ou não vou ter a menor chance.

Seja lá o que a esteja mantendo presa nessa montanha não pode ser coisa boa. A cada minuto, a probabilidade de ela estar ferida aumenta e as minhas chances de encontrá-la diminuem. Grito o nome dela contra o vento e examino a paisagem em busca de qualquer sinal de sua presença. Mais cedo, ela estava só com um suéter. Se não tiver um agasalho a mais, pode ter morrido de hipotermia.

Por que ela não foi embora quando o tempo virou? A Scottie que conheço não seria tão obcecada por uma trilha a ponto de arriscar morrer de frio, mas muitas das minhas percepções sobre ela estavam equivocadas.

Mais perto do topo da montanha, em um dos trechos com cascalho solto, é preciso escalar usando as mãos. É fácil para quem tem experiência, mas o terreno não é tão estável. Os cumes estão sujeitos a temperaturas extremas e erosão o ano inteiro. O solo é solto e mais perigoso do que em altitudes mais baixas. Dependendo das condições, rajadas fortes de vento, ou até meros passos, podem provocar a queda de pedras.

Por que logo essa mulher? A única pessoa que odeio mais do que ela agora sou eu mesmo. Eu nunca deveria ter dormido com ela, e agora estou arriscando minha vida por alguém que mentiu para mim. A dor no meu joelho machucado me lembra de que eu deveria tê-lo enfaixado antes de voltar para a trilha.

Ao sair de um pequeno bosque, avisto o campo de pedras e as curvas fechadas da trilha mais à frente. Coloco as mãos ao redor da boca e grito:

— Scottie!

Observo as curvas mais abertas e percebo algo fora do lugar. Tem uma formação rochosa que parece estranha desse ângulo. O que diabos é aquilo? Parece quase uma ilusão de ótica, como um pequeno beiral, mas está alto demais para eu enxergar direito.

Assim que atravesso o aglomerado de pedras, começam as curvas da trilha. Cada uma tem entre cinquenta e cem metros, e resisto à tentação de subir direto pela encosta. Meus joelhos não aguentariam. Depois da segunda, tenho uma visão privilegiada da paisagem que já percorri. Forço a vista por trás dos óculos de esqui, procurando qualquer sinal de movimento fora da trilha. Nada.

Scottie e eu somos as únicas pessoas nessa montanha, mas parece até que estamos em lados opostos do planeta. Olho para cima, franzindo a testa, e arranco os óculos para ver se consigo uma perspectiva melhor. Não ajuda em

nada, já que os flocos de neve sopram para todos os lados e vão se acumulando em tudo. Talvez meus olhos estejam me pregando peças, mas qualquer mudança repentina na paisagem é um mau sinal.

Sigo por mais uma curva fechada e avisto uma pedra grande no meio do caminho, pelo menos da altura dos meus joelhos. Se estivesse ali antes, eu teria visto. Meu coração dispara, me incentivando a acelerar o passo. Mais uma pedra. Depois outra. E mais outra. Conforme eu subo, a área vai ficando mais salpicada de detritos de tamanhos variados.

Expulso da mente a imagem do corpo sem vida de Scottie. Não consigo lidar com outro cadáver. Machucada… Ela está machucada. Não vamos conseguir descer a tempo se ela estiver muito mal. Levo a mão ao bolso e passo os dedos pelo chaveiro. Talvez essa seja minha única opção.

Ao contornar a curva, estico o pescoço para olhar adiante e quase travo no lugar quando avisto um dos maiores bloqueios de pedras que já testemunhei. O pavor de ver aquele rochedo não se compara ao medo que me invade quando meus olhos pousam em uma mochila. *A mochila da Scottie*.

Sinto o estômago embrulhar conforme me aproximo. A ideia de ela ter sido esmagada por aquela pilha gigantesca me faz curvar o corpo para a frente e quase vomitar. Por que a mochila dela estaria jogada ali? Olho para além da borda e coloco as mãos ao redor da boca.

Eu grito o nome dela o mais alto que consigo, avançando com dificuldade até a mochila.

Merda. Merda, merda, merda.

Estou ofegante quando escuto um sonzinho fraco. É difícil demais distinguir qualquer barulho por causa do vento. Pode ter sido coisa da minha cabeça. Talvez não tenha sido nada. Grito o nome dela de novo e, dessa vez, eu ouço… É fraco, mas está ali.

— Socorro!

Arregalo os olhos.

— Onde você está, Scottie? Continua gritando!

Ela diz que está embaixo, mas não pode estar presa sob o rochedo, ou não estaria viva. Mesmo uma pedra bem menor a teria matado na hora. Tem uma pequena pilha de pedregulhos mais adiante, então começo a afastar os pedaços soltos de terra e pedra.

— Aqui! — grita ela.

Olho para baixo, tiro os óculos e tento enxergar dentro da abertura. Está escuro, mas algumas réstias de luz se infiltram do outro lado.

— Scottie?

— Oi! — choraminga ela. — Eu tentei passar por baixo.

Cambaleio para trás ao ouvir a voz dela, e o alívio me inunda. Engulo em seco e me agacho ao nível dela.

— Como chego até você?

— Não sei… — diz ela com a voz embargada. — Fiquei presa. Tentei me espremer no túnel.

A voz dela está trêmula, como se o corpo estivesse dominado por calafrios. Dá para ouvir até o bater dos dentes dela por cima do assovio do vento atravessando a abertura estreita. Ela está aqui há um tempo. É um milagre que ainda esteja viva.

— Vou te tirar daí, meu bem. Só fica calma.

27

Callahan

EU ME OBRIGO a afastar o pânico iminente e me concentrar no que preciso fazer. Hora de resolver o problema. A barreira tem pelo menos três metros de altura. Em alguns pontos, chega mais perto de cinco. Por sorte, pratico escalada desde criança, o que me permite identificar alguns apoios para as mãos, mas isso não é um paredão rochoso seguro. Qualquer uma dessas pedras pode deslizar, me levando junto ou esmagando Scottie lá embaixo.

Primeiro, pego a mochila dela por uma das alças e a arremesso por cima das pedras. Tenho quase certeza de que passou para o outro lado. Vou descobrir em um minuto, porque preciso escalar a pilha para chegar até Scottie.

Tiro as luvas e as guardo na mochila, junto do chaveiro no bolso. Fecho os punhos enquanto penso no melhor jeito de escalar as pedras. O vento não está ajudando em nada. Além de estar frio pra caralho, as rajadas sopram um monte de terra direto no meu rosto. Ainda bem que estou de óculos. Quando me sinto confiante com o caminho que escolhi, dou um pulo para agarrar o primeiro apoio, escorrego na hora e bato no chão, cambaleando alguns passos para trás. Tento de novo e, dessa vez, consigo me firmar.

As juntas dos meus dedos ficam brancas enquanto me seguro ali e estico a mão livre até o próximo apoio. A rocha é grande, mas pode estar solta, então preciso agir rápido. Vou com tudo, mas o bloco se move e meus dedos erram o alvo. Estendo o braço para uma abertura acima e, por sorte, tem um bom trecho de superfície áspera que me dá uma aderência melhor. Olho para baixo e apoio o pé na pequena saliência de outra rocha justo quando a pedra ao lado cede. Fico imóvel, esperando o próximo movimento. Essa é, sem dúvida, a coisa mais

idiota que já fiz na vida.

Uso a mão esquerda para me firmar na fenda de uma das rochas. Meus dedos tremem quando avanço para o próximo ponto de apoio e depois para o seguinte. Conforme passo por cima do rochedo, percebo que tem bem mais cascalho deste lado. Um pouco de cascalho não faz mal, mas em excesso pode reduzir a aderência.

Meu coração dispara. Se eu conseguir alcançar o apoio à esquerda, vou ter uma visão melhor do outro lado. Acho bom esse filho da puta nem pensar em desabar pela ribanceira. Busco outra saliência com uma das mãos, hesito, depois levanto o braço e me agarro a uma borda tão afiada que chega a cortar meus dedos. Rosno entre os dentes cerrados enquanto arrasto meu corpo para cima. Não tenho escolha a não ser me agarrar ainda mais, trazendo junto uma dor pulsante. Meu pé encontra uma reentrância e me impulsiona enquanto estendo o braço em busca de outra borda. Tateio a superfície à procura de um apoio e, por fim, meus dedos roçam em algo firme. Cravo a mão ali, solto a borda afiada da rocha e emito um grunhido ao me içar para cima.

— Porra, aí sim — disparo, ofegante, limpando a palma da mão na calça e espalhando sangue no tecido.

Avanço na direção da parede interna com cuidado, querendo me afastar de qualquer rocha com potencial de escorregar ou provocar um desmoronamento.

Estou tremendo da cabeça aos pés quando me agarro ao beiral da pedra e uso o braço direito para me apoiar na encosta, planejando o próximo movimento. O topo do monte de pedras afunila, e eu me posiciono como se estivesse montado em uma sela, passando a outra perna por cima de uma rocha inclinada que desce para longe da montanha em direção a uma morte certa.

— Eu não vou perder o equilíbrio — resmungo.

Vou me arrastando por cima, centímetro por centímetro, até chegar em segurança ao outro lado. Mas o que encontro ali não me agrada nem um pouco.

Tem um desnível. Dos grandes. A laje de pedra em que estou se projeta para fora, metros acima do solo abaixo. Algo se move sob mim, e a laje inclina ainda mais. De repente, tenho plena consciência da posição precária em que me encontro. Preciso sair daqui *agora*. Não tenho escolha a não ser pular pela lateral. É a única solução. Com a quantidade de pedregulho abaixo, é só uma questão de tempo até essas pedras gigantes começarem a agir feito bolinhas de gude. Sem falar que Scottie está embaixo dessa bagunça toda.

Xingando o vento, viro de barriga para baixo e deslizo as pernas para fora da borda. Meus bíceps e antebraços tremem enquanto luto para manter o controle

dos músculos. Espio por cima do ombro. A queda não parece tão ruim. Tenho mais de 1,80 metro de altura, mas meu alcance vertical é de uns 2,40 metros, então a queda não deve passar de um metro quando eu estiver pendurado na beirada.

Abaixo o tronco pela lateral da pedra. Só preciso ficar dependurado ali, esticar os braços para chegar o mais perto possível do chão e então… soltar. Só que a maldita pedra inclina de novo, então me impulsiono com toda a força, transformando a queda de um metro em algo mais próximo de dois. Aterrisso em um trecho de cascalho e me afasto aos tropeços enquanto a pedra desliza do enorme rochedo e despenca pela encosta da montanha. Dá para ouvir com clareza o estrondo do impacto contra o solo lá embaixo. Caralho.

Recuo meio sem equilíbrio, mas por milagre consigo firmar os pés. Não sinto nada enquanto a adrenalina dispara por minhas veias. *Scottie*.

Ela está presa no que parece ser um túnel entre as rochas e a encosta da montanha. Espiando atrás de uma pedra de quase um metro de altura, avisto uma de suas botas de trilha. Envolvo o calcanhar dela com a mão e aperto de leve.

— Ei. Estou aqui com você.

— Cal.

O sussurro dela vem carregado de uma esperança renovada. Scottie é socorrista, então deve ter entendido a possibilidade de morte há um bom tempo, e isso é suficiente para bagunçar a cabeça de qualquer um. Se eu não tivesse chegado a tempo, essa suspeita talvez se provasse certeira.

— Você está machucada?

— E-eu… F-frio… M-muito f-frio — gagueja com os dentes rangendo, as palavras saem arrastadas. Pode ser do frio ou de uma concussão. — Muito frio.

— Assim que eu te tirar daí, a gente te aquece. Aguenta firme.

— S-sim.

Pela voz, ela parece sonolenta.

— Não dorme, continua falando comigo. Onde está doendo?

Com cuidado, afasto algumas pedras do caminho.

— Na cabeça. Mal sinto.

Merda. Se ela não sente dor, pode ser que não sinta nada.

— Consegue sentir as pernas?

— Antes sim.

— Fique acordada, ouviu?

— S-sim.

Como é que ela foi parar ali?

— Ainda está comigo?

— S-sim.

Eu me posiciono melhor e agarro os tornozelos dela.

— Vou puxar. Grita se precisar que eu pare. Quanto mais você conseguir se mexer para sair, melhor.

Scottie se debate enquanto puxo, contorcendo o corpo em movimentos bruscos. Ela está lutando. *Isso, garota*.

Ela solta um grito rouco por cima do vento.

— O que foi? — Silêncio. — Scott…

— Puxa! — irrompe ela.

Quando dou outro puxão, ela gira o quadril com um tranco, arrancando um pequeno gemido de dor.

— Mais! — grita.

Seguro as panturrilhas dela e continuo. Logo, os joelhos estão livres, e ela consegue rolar de costas e se arrastar, ainda se debatendo de um lado para outro.

— Abaixe a cabeça! Devagar!

À medida que ela vai se esgueirando para fora do túnel, percebo que está segurando um dos braços como se estivesse machucada. As mãos dela estão cadavéricas. O que aconteceu com o ombro? Ela deslocou? Foi por isso que gemeu de dor?

Abro um sorriso quando o rosto dela surge pela abertura, mas logo desaparece. *Puta merda*. Ela ficou tempo demais aqui. Está com um corte bem feio na testa, mas pelo menos conseguiu sair do túnel. O cabelo ruivo está quase castanho, empapado de sangue e terra.

— Mãos muito frias — diz ela. — Pegue meu braço, puxe para a frente e depois de volta para o lugar… Rápido.

Eu a encaro, boquiaberto. Então tá, né.

— Para a frente tipo na sua frente ou para a frente na direção em que você está deitada?

— Reto, na minha frente.

— Merda. Pronta?

Ela acena que sim. Sigo as instruções, e ela faz uma careta, depois rola para o lado bom e pega impulso para ficar de pé. Os dedos dela estão brancos como a neve que cai ao redor. Enlaço a cintura dela com os braços e ajudo a se firmar, depois posiciono suas mãos entre as minhas e sopro ar quente algumas

vezes, esfregando. Em seguida, tiro as luvas da minha mochila e coloco nos dedos rígidos dela. Scottie volta a bater os dentes de frio, e envolvo o corpo dela com meus braços.

— Vamos embora.

Quero ir para bem longe dessa pilha de pedras. Scottie está mancando, então olho para baixo.

— Você consegue andar?

— S-só frio. Preciso ci-cir-lar.

Franzo a testa. Hã?

— Preciso andar!

Circular.

— Por que você continuou aqui no meio da nevasca? Que porra!

Scottie me lança um olhar fulminante que vale por mil xingamentos. É a primeira faísca de vida que vejo nela. Ótimo, ela vai precisar dessa atitude toda para a caminhada que temos pela frente.

— Minha mochila… Primeiros socorros… Aquecedores de mão.

Estou ficando mais ligeiro para traduzir as palavras emboladas.

Ajoelhado no chão, começo a vasculhar a mochila dela até encontrar o que pediu, depois rasgo o plástico e preparo os aquecedores. Tem quatro, mas só três esquentam. Ela se apoia na encosta da montanha enquanto eu desamarro as botas dela e enfio dois dos já aquecidos bem fundo, perto dos dedos dos pés, depois amarro tudo de novo.

— Como a gente vai descer? — pergunta ela, desnorteada.

Dou uma risada curta, fecho o zíper da mochila e pego a garrafa de água, fazendo com que ela beba enquanto procuro outro aquecedor no meu kit para substituir o que não funcionou.

Ela pega o aquecedor da minha mão. Em seguida, guarda a garrafa e tenta colocar a mochila nas costas. Faz uma careta ao deslizar a alça pelo ombro deslocado. Faço menção de pegar, mas ela a puxa de volta, olhando feio para mim.

— Scottie, me dá sua mochila. Você não pode carregar peso com o ombro assim.

— Eu dou conta!

Balanço a cabeça diante da teimosia dela. Não vou discutir agora.

— A gente não vai descer.

— Vamos, sim! Eu não vou morrer aqui em cima!

Ela cambaleia para o lado e se segura com o braço bom na encosta da

montanha. Mal consegue parar em pé.

— Não tenho equipamento para levar você por cima desse paredão, e você não está em condições de fazer isso sozinha — grito por cima do vento.

E me recuso a escalar aquela porra de novo. Nós dois já abusamos muito da sorte. Vamos precisar do pouquinho que nos resta para chegar ao topo da montanha.

— Deve ter outro jeito de descer — insiste ela, observando os arredores. — Você conhece a montanha. Encontre outra saída.

Tiro os óculos de esqui do pescoço, coloco sobre os olhos vermelhos dela e ajusto a tira atrás da cabeça.

— Scottie, a gente precisa subir mais. Do jeito que está, vai ser impossível sair da montanha hoje à noite. Temos que procurar abrigo.

Podemos ficar na torre lá no cume até a tempestade passar.

— Onde?! — pergunta ela, quase aos prantos. — Não tem nada! Se a gente subir mais, vai congelar!

Balanço a cabeça, frustrado. Não temos tempo para discutir. Como ela mesma disse, eu conheço melhor essa montanha. Então, se vamos sobreviver, vai ter que ser do meu jeito. Ela está começando a entrar em pânico, e se não se controlar agora, isso vai custar a vida de nós dois.

— Mesmo que o caminho não estivesse bloqueado, estamos a quilômetros do estacionamento… E a trilha já era. Podemos subir mais e tentar encontrar uma nova rota de descida, que vai ser ainda mais longa, ou podemos ir até o cume e nos abrigar na torre de observação.

— O vento vai jogar a gente da montanha!

Tem uma tempestade das grandes por vir. Essa é nossa única chance.

— Qual é a regra dos três? — pergunto. — De prioridades para sobrevivência?

— Não.

Ela fecha a cara, e os olhos se enchem de lágrimas, embaçando os óculos. Afrouxo a tira para limpar a condensação. Não sei como fazer Scottie entender a gravidade da situação.

— Qual é? — insisto.

— Três semanas sem comida. Três dias sem água. Três horas sem abrigo em frio extremo.

Ela ainda não consegue falar direito.

— Isso mesmo — confirmo, de braços dados com ela. — Agora anda.

Caminhamos juntos, arrastando os pés.

— Eu não sei quanto tempo fiquei lá. Eu estava in… incon… inconsi…

— Inconsciente — completo por ela. — Então anda mais rápido.

Scottie está muito fraca, com as pernas rígidas e dificuldade para acompanhar o ritmo, então passo um braço em volta dela e praticamente a arrasto comigo.

— E se eu não conseguir?

— Você vai conseguir. Porque vou te obrigar — rosno. — Você não me arrastou até essa montanha só para morrer agora. Já, já vai escurecer, então anda mais rápido, Scottie. Estou falando sério!

— Você é um babaca.

Como está com medo demais de enfrentar a montanha, o jeito vai ser obrigar Scottie a lutar contra mim. O que for preciso para dar a ela a garra necessária para continuar colocando um pé na frente do outro. Vou ser um escroto até o topo se isso a ajudar a seguir em frente.

— Para de falar e anda — corto, ríspido.

Odeio ser tão duro, mas preciso que ela sobreviva. A raiva parece ser a única motivação que funciona. Prometo a mim mesmo que vou pedir desculpa e compensar isso depois.

Para minha surpresa, ela obedece, e conseguimos chegar até a última curva do caminho. Essa tem só uns cinquenta metros. O falso cume está logo depois dela, e lá vamos poder nos abrigar na mata. Com sorte, as árvores vão cortar do vento. *Com sorte*. A partir dali, ainda temos quase dois quilômetros de caminhada até a torre. Ladeira acima.

28

Scottie

NUNCA PENSEI QUE FICARIA feliz em ver Callahan Woods de novo, mas ele salvou minha vida. Eu já estava pronta para abandonar qualquer esperança quando ele apareceu e me tirou daquele túnel. Meu estômago está embrulhado de nervosismo. Não faço ideia de qual é o plano quando chegarmos à torre de observação, mas confio que ele saiba o que fazer. É minha única opção. Ainda temos muito chão pela frente. Nos dois sentidos.

Entre a dor insuportável no ombro e a dor de cabeça aguda, fico pensativa. Então, a cada ordem que Callahan rosna para mim, fico ainda mais irritada. Eu estava a ponto de desistir, mas agora vou chegar ao topo dessa montanha só de birra.

A hiperemia reativa começa a se instalar. Sinto uma dor excruciante quando o sangue volta a fluir para as extremidades do corpo. Parece que meus dedos estão em chamas, enfiados nas luvas de Callahan com os aquecedores de mão. A sensação é quase insuportável, como se tivesse um monte de facas me espetando. Trinco os dentes e tento desviar a atenção para qualquer outra coisa. De alguma forma, brigar com Cal e descarregar essa raiva parece ajudar.

Lutando contra lágrimas de vergonha, dor, raiva, alívio e medo, pergunto:

— Como você sabia que eu estava aqui em cima?

Ele suspira.

— Eu te mandei mensagem. Você não respondeu. Não vi seu carro no prédio. Só tive um mau pressentimento.

— Até no meu prédio você foi?

— Você não estava atendendo o celular! — resmunga ele.

— Obrigada — digo, com sinceridade.

Ele solta um muxoxo.

— Eu não tinha escolha.

"Beleza, vai se foder."

— Ah, por favor. Você sempre tem escolha. Assim como quando você…

O fato de meus lábios ainda estarem congelados demais para formar palavras só me deixa mais irritada.

— O quê? — pergunta ele.

— Nada!

Ainda bem que ele não ouviu meu deslize.

Os olhos dele brilham com compaixão toda vez que encontram os meus, e isso só aumenta minha raiva. Não é real. Eu caí nessa da última vez e agora sinto que estou prestes a repetir o erro. Por mais que a culpa seja minha, é mais fácil descontar nele. Sei que é errado, mas não consigo parar.

— Não tem algum outro homem que deveria estar aqui te procurando no meu lugar? — questiona ele.

"De que merda esse cara está falando?"

— Talvez! Qualquer um seria melhor do que você. Fico até surpresa por ter se importado o suficiente para dar as caras.

Ainda mais considerando o bolo que ele me deu no dia que a gente combinou de se encontrar lá em casa. Para piorar, ainda mandou uma mensagem dizendo que não queria mais saber de mim, sem qualquer explicação. Nem sequer se deu ao trabalho de falar isso na minha cara.

— Você fala muita merda às vezes. Vamos.

Ele me segura por baixo dos braços e me puxa para a frente.

Meu ombro explode de dor, e bato na mão dele, o que faz os nervos sensíveis dos meus dedos entrarem em combustão. Mordo a língua para não uivar de dor e acelero o passo do jeito que dá. Ele que se foda.

— Você devia ter me deixado lá. Morrer doeria menos.

Ele contrai a mandíbula e me olha feio.

— Anda logo! — grita.

Quando alcançamos o falso cume, ele fica paralisado no lugar, observando o rastro deixado pelas rochas depois de devastar uma clareira enorme. Parece um corredor de linhas de energia, com árvores dobradas perfeitamente até o chão, como um tapete ornamental.

— Você devia ter me escutado — comento.

Trocamos um olhar rápido. Dou um passo à frente, e ele segue comigo.

— Se a gente chegar à torre de observação…

— Quando — corrige.

— Tá, que seja. E depois? A gente arromba a porta?

Ele meneia a cabeça.

— Eu tenho a chave.

— Por quê?

— Bombeiros florestais têm cópias das chaves das torres — explica, e, como não respondo, continua: — Elas são entregues quando entramos no serviço e só devolvidas quando saímos. A minha fica no chaveiro.

— Sorte a nossa.

Eu sei que deveria ficar quieta para poupar energia, mas meu rosto está tão congelado que fico com medo do que pode acontecer se não me mexer.

— Precisava mesmo do deboche?

Eu estava sendo sincera, mas não o culpo por confundir o comentário com as respostas atravessadas de antes. Estou morrendo de dor. Cada palavra que sai da minha boca vem com uma pitada de sarcasmo. É impressionante que ele consiga decifrar tanto quanto está conseguindo, mas sou grata pela torre. Vinte minutos atrás, achei que estava prestes a empacotar e ver a luz no fim do túnel.

— Não é deboche. A gente ganhou um Airbnb grátis, cortesia do governo federal.

— Que bom que isso é uma grande piada para você.

Chorar seria bem mais fácil, mas as lágrimas vão embaçar os óculos.

— Estou tentando ser grata! Eu te devo uma, beleza?

— Você nem imagina.

Faço uma careta com a pontada insistente atrás dos olhos.

— Para de falar e anda logo. Você está atrasando a gente.

— Ah, é culpa minha que metade da montanha tenha despencado em cima de mim? Foi mal!

Ele solta um grunhido.

— Não. É culpa sua porque você não foi embora antes. Era para ter ficado de olho no clima. Devia saber que estava se armando a maior tempestade… Você agiu como uma completa idiota.

— Você é um escroto. — Engulo o que estou sentindo. Ele tem razão. Eu deveria ter ido embora antes, mas também estou certa. Deslizamentos de terra são aleatórios, então isso poderia ter acontecido com qualquer um. — Caso não tenha percebido, meio que estou tendo um dia péssimo. Então se a gente puder deixar as broncas para depois, eu agradeço.

— Ah, claro, porque meu dia está sendo legalzão por sua causa — retruca.

Entendido.

Pisoteio um montinho de neve.

— Eu achei que fosse morrer mais cedo! — explodo, depois tento recuperar a compostura. — E é capaz de ainda morrer antes de a gente chegar lá.

— Acho bom você não desperdiçar meu tempo morrendo.

Tropeço em uma pedra e jogo os braços para a frente para me segurar, repuxando o ombro dolorido. Cal me segura antes que eu atinja o chão. Solto um grunhido quando ele me coloca de volta de pé.

— Jesus, olha por onde anda! Para com esse chororô e se concentra em chegar ao topo! Eu não vou ficar com pena de você, não.

Ele se encolhe com as próprias palavras, e o olhar compassivo encontra o meu de novo. *Cal, o Mentiroso*. As feições dele mudam, os olhos se estreitam.

— Só… cala a boca, Scottie.

29

Callahan

EU SOU UM BABACA, mas a fúria vai fazer Scottie subir a montanha mais rápido do que o medo. Ainda assim, dói pra caralho ser tão escroto. Estou bravo com ela por ter mentido, mas jamais a culparia pelo que aconteceu hoje. Aquele deslizamento não foi culpa dela e, mesmo que eu não tenha dito isso em voz alta, sou profundamente grato por ela estar viva.

No momento, a raiva é a única coisa que dá uma acalmada na minha preocupação. Scottie não está bem, mas, céus, preciso que essa mulher pare de caçar briga comigo. Entendo que esteja assustada, mas está enchendo meu saco de propósito como se fosse a porra de um balão. Estamos muito perto. E sei que ela consegue.

Ela me deu um susto do caralho mais cedo, quando o peso do corpo caiu sobre o ombro enquanto ela se arrastava pela parte mais difícil da escalada, e os sons que ela fez deixaram evidente que estava com dor. Tivemos que reduzir o ritmo até quase engatinhar entre as pedras soltas e a neve. Acho que nós dois prendemos a respiração, com medo de provocar outro deslizamento.

Minha glândula adrenal é toda fodida graças à minha escolha de carreira, então não tem muita coisa que me tire do prumo, mas brincar de Jenga com rochas do tamanho de carros e caminhar direto para uma nevasca no topo da montanha está me deixando por um fio. Estou a uma catástrofe de distância de ter um ataque de pânico completo. Estar aqui em cima me lembra da vez em que nossa equipe foi pega de surpresa por uma tempestade de raios que se aproximava rápido demais.

A trilha coberta de neve à nossa frente desaparece quando sou consumido

pelas lembranças daquele dia. A tempestade vinha se formando ao longe, mas ficamos presos no acampamento improvisado. A crista da montanha onde estávamos com certeza atrairia raios. Buscamos abrigo da melhor forma possível, mas éramos alvos fáceis. Foi uma situação infernal. Ficamos agachados sobre as pontas dos pés, bem próximos ao chão, enquanto o fogo do céu atingia a terra ao nosso redor. Cada um de nós esperando que o próximo raio fosse o fim.

— Cal!

O grito de Scottie corta o vento e me puxa de volta para o presente.

— Hã?

Merda.

— É aquilo ali?

Ao erguer o olhar, avisto a estrutura ao longe e faço um sinal afirmativo com a cabeça. Aninhada no topo de um pico rochoso, a torre de observação se mantém firme, resistindo aos ventos que ameaçam nos derrubar. As venezianas estão fechadas nas janelas que a revestem de fora a fora, fazendo com que ela pareça uma caixa sólida com um telhado. É a visão mais reconfortante possível. Um único lance curto de escadas sobe do chão até a passarela que contorna todo o perímetro. Conseguimos.

Faz tempo desde a última vez que passei a noite em uma torre de observação e, se a tempestade for tão ruim quanto o radar indicou, talvez a gente precise ficar aqui por alguns dias. Durante a temporada de incêndios, os vigias contratados moram nas torres. Eles são responsáveis por manter o espaço, coletar e cortar lenha, carregar água, plantar pequenas hortas, calafetar janelas e cuidar da latrina. São autossuficientes. Felizmente, pelo estado da estrutura, os últimos fizeram um bom trabalho.

Estou contando muito com a possibilidade de a torre ainda ter provisões deixadas para trás. Precisamos delas para sobreviver. Precisamos de calor, água e comida se quisermos ter alguma chance. Tudo o que me importa agora é tirar Scottie desse vendaval dos infernos e garantir que estejamos abrigados e aquecidos, porque a tempestade não vai passar tão cedo.

Uma rajada forte nos atinge, então abrimos mais as pernas para ajudar com o equilíbrio, inclinando o corpo para a frente, e nos abaixamos enquanto o vento nos empurra para trás. Permanecemos firmes, cravando os pés na neve, aguardando que passe. Quando o vento dá uma trégua, avançamos com mais urgência do que antes. Os ventos devem estar chegando perto dos cem quilômetros por hora conforme nos aproximamos do topo da montanha.

Montinhos de neve revestem o cume, oferecendo um meio de nos ancorarmos ao solo. É difícil imaginar que qualquer coisa consiga permanecer no lugar com os flocos sendo arremessados com tanta força ao nosso redor.

À medida que nos aproximamos da base da escada, empurro Scottie na frente, e o som das nossas botas contra o solo é pouco mais do que um sussurro diante do vento, mas qualquer coisa que quebre aquele sopro constante já é um alívio bem-vindo. Quando alcançamos o patamar, solto as tiras presas ao meu peito e me ajoelho, largando a mochila e abrindo o bolso lateral para procurar as chaves. Meus dedos estão rígidos pra cacete enquanto vasculho o molho no chaveiro. Eu devia ter trazido outro par de luvas reserva. Assim que encontro a certa, fico de pé, encaixo a chave na fechadura e giro com força para destrancar a porta. Uma lufada de vento a escancara e quase a arranca das dobradiças, fazendo vários papéis saírem voando pelo cômodo.

Scottie se apressa para cruzar a soleira enquanto somos perseguidos pelo ar gelado chicoteando nossas costas. Já na torre, apoio o ombro na porta, cortando o vento que tenta nos seguir. Preciso fazer bastante força, mas ela enfim se fecha com um clique.

— Porra!

A pouca luz do dia desaparece rápido quando fecho a porta, então pego o celular e uso a lanterna para procurar o lampião.

Assim que encontro uma, eu a apanho da prateleira ao lado da porta e a acendo. O facho de luz projeta um brilho cálido no espaço. Sombras dançam pelo cômodo enquanto levo a lanterna até o localizador de incêndio Osborne em cima da mesa em ilha no centro da sala. A escuridão se acumula atrás de cada objeto e em cada canto, acrescentando uma atmosfera sinistra ao ambiente. Sorrio ao ver a pilha de lenha cortada repousando ao lado do fogão preto.

"Puta merda, ainda bem. Talvez a gente não morra, afinal."

Está mais silencioso aqui no abrigo, mas não muito. Também é a primeira vez em mais de uma hora que sinto o calor do meu corpo sem o vento aparecer e levá-lo embora. Vai saber quanta energia gastei tentando lutar contra a ventania. Tiro uma barra de proteína da mochila e jogo outra para Scottie.

— Come isso.

Meus dedos congelados lutam para rasgar a embalagem, então uso os dentes. A barra está dura feito pedra, como se tivesse sido guardada no freezer, mas coloco a mandíbula para jogo e engulo tudo mesmo assim.

Scottie tira minhas luvas e, com cuidado, começa a abrir a barrinha dela.

Hesita um pouco antes de dar a primeira mordida.

— E o racionamento? Não é melhor guardar um pouco?

Tomo alguns goles de água e respiro fundo, acenando que não.

— Come tudo.

Em seguida, passo a garrafa para ela. Agora é hora de tomar uma decisão. Está quase escurecendo, e, se quisermos sobreviver, precisamos de mais água. Não dá para saber se a tempestade vai piorar antes de melhorar.

Caminho a passos largos até um pequeno conjunto de armários e começo a abrir portas, revirando tudo. Pego alguns cantis, mas preciso mesmo é de um reservatório. Meu olhar é atraído pelo plástico transparente achatado, e agarro o reservatório dobrável de vinte litros. *Na mosca*.

— Passa os óculos pra cá — peço. — Vou buscar água.

Ela me devolve a garrafa.

— Não, meu bem. A gente precisa de água que dure mais do que as próximas 24 horas.

Estendo a mão aberta, fazendo sinal para que ela me entregue os óculos de esqui.

— Agora? — pergunta Scottie, com pânico evidente na voz. Ela tira os óculos da cabeça, deixando uma marca vermelha na testa e no nariz, onde as sardas estão camufladas pelas queimaduras de vento. — Você precisa ir agora?!

— Se quisermos sobreviver, sim. Pode me dar sua garrafa também.

Ela encontra a mochila e a puxa com as mãos trêmulas, ainda cheia de dúvidas.

— A gente não pode só derreter a neve?

O quê? Fico confuso por um momento, aí me lembro de que Scottie é de uma região onde não neva muito, se é que chega a nevar. Para ela, neve deve ser novidade, uma simples diversão, não algo com que se aprende a conviver por meses a fio.

— Você sabe quanta neve é necessária para fazer um copo de água?

Ajusto a tira dos óculos e os prendo bem no rosto.

— Não…

— Precisa de neve pra caralho. A gente ia acabar com o combustível e a lenha só tentando derreter o suficiente para beber uns goles. Se começarmos com água líquida, nossas chances melhoram muito.

Pego a garrafa dela e completo, sem entregar tudo o que ainda me resta. Assim, se eu não voltar, ela não vai ficar desamparada.

— Onde você vai arranjar água?

— Tem um riacho aqui perto, a pouco mais de um quilômetro. Preciso chegar até lá antes que congele.

Eu me ajoelho no chão, em frente à mochila, e começo a me livrar de tudo que não é essencial. Quanto menos peso, melhor. A água já é pesada o bastante. Depois de achar a lanterna de cabeça, eu a coloco por cima do gorro e guardo os cantis vazios de volta. Acendo a lanterninha para ver se está funcionando. Scottie protege os olhos da luz forte, e eu desligo. Se for rápido, chego lá antes de escurecer, mas vou precisar de luz para encontrar o caminho de volta. Por precaução, pego uma lanterna da prateleira e coloco na mochila como reserva, bem como um pacote de pilhas que estava ao lado. Não tem como se guiar lá fora sem uma fonte de luz. Scottie pode ficar com o lampião.

— Vai estar limpa?

— A gente ferve.

Fecho o zíper da mochila e me levanto, jogando-a sobre o ombro. Em seguida, pego as luvas que ela estava usando e as enfio nas mãos. Ainda estão quentinhas por causa dos aquecedores. A sensação é uma delícia.

— Volto daqui a meia hora. Não saia daqui — declaro, apontando o dedo para o chão. — Se você botar o pé fora dessa torre, juro que te dou uma surra, Scottie.

Ela arregala os olhos. Pego o reservatório dobrável e vou em direção à porta.

— Calma, mas…

— Prescott. Volto daqui a meia hora.

Abro a porta e luto contra o vento para fechá-la atrás de mim. Não há tempo para discussão.

30

Scottie

A PORTA SE FECHA e eu fico sozinha. Até Callahan voltar, este lugar vai parecer uma cripta. Apesar de estar bem familiarizada com primeiros socorros e suporte básico de vida, não tenho tantas habilidades de sobrevivência na natureza como Callahan. A dor lancinante no ombro é esperada depois de ter o braço deslocado e recolocado no lugar, mas não chega nem perto da martelada constante no meu crânio. Reviro a mochila até encontrar o kit de primeiros socorros e engulo a seco alguns comprimidos de ibuprofeno.

O cômodo tem cerca de quatro metros por quatro, cercado por janelas de fora a fora. Venezianas altas protegem o vidro da nevasca que ruge do lado de fora. Parece que tudo foi bem fechado para esse período entre uma temporada de incêndio e outra.

Uma das paredes é tomada por armários inferiores bem detonados, aqueles que Callahan revirou enquanto procurava o tal reservatório sobre o qual ele não parava de resmungar. Os armários continuam pela parede adjacente, formando um L, e me lembram os que se veem em casas construídas na década de 1940. No lado mais curto, há um armário de base aberto na extremidade. Parece que a porta foi removida em algum momento para que o espaço pudesse ser usado para armazenar pilhas de lenha cortada.

Tem uma divisória perto da madeira, criando uma barreira para o fogão a lenha de ferro fundido que fica do outro lado. É pequeno, mas deve gerar calor suficiente para aquecer aqueles aposentos modestos. O fogão conta com uma portinhola com visor na frente, e um cano de chaminé de aparência bem conservada sobe pela parede, faz algumas curvas e encontra o teto, saindo pelo

telhado.

Na parede oposta aos armários, há uma cama de solteiro com colchão sem lençol e dois gavetões na lateral, oferecendo espaço extra para armazenamento. A estrutura é toda pintada de branco para combinar com o restante da torre. A mesinha de cabeceira rústica está repleta de livros, e deve ser uma adição mais recente aos aposentos.

O centro do cômodo é ocupado por uma pequena mesa, e sobre ela repousa um grande instrumento circular com um mapa topográfico. Imagino que seja usado pelo vigia para estimar a localização de incêndios florestais.

Pego o lampião para explorar mais.

Logo abaixo do armário independente, há um espaço vazado que atravessa até o lado oposto, com alguns cadernos e mapas apoiados na abertura. Abaixo disso, pranchetas pendem de ganchos na lateral. Dou uma olhada nos papéis presos ali. Estão repletos de registros diários que Callahan deve entender, mas para mim parecem grego. Em outro lado da bancada, há prateleiras rasas embutidas, nichos ocupados por um par de binóculos, uma lata antiga, guias de campo, material de escrita e outros itens. Um kit de primeiros socorros está pendurado em outra das laterais e, logo abaixo, há uma imagem antiga do Urso Smokey, o mascote usado para ensinar crianças sobre os perigos dos incêndios florestais. Os cantos estão descascando, e a fita adesiva ficou amarelada com o tempo. A última parede da bancada tem um mapa celeste pendurado. Deve estar ali há uns cinquenta anos, a julgar por como as imagens foram desbotadas pelo sol.

Vou até a cama e abro uma das gavetas, satisfeita ao encontrar lençóis e cobertores. Há sachês perfumados entre a roupa de cama. Isso me lembra de casa, onde fazíamos a mesma coisa para manter os ratos longe dos panos do altar da igreja. O cheiro artificial de "algodão limpo" se espalha pelo ar embolorado do espaço.

Depois de arrumar a cama, me familiarizo com o restante da torre. Os armários brancos precisam de mais uma demão de tinta, mas ainda estão bem melhores do que os do meu apartamento. O que tem aqui dentro, afinal? Levanto o lampião e dou uma espiada. O primeiro tem recipientes plásticos à prova de roedores, abastecidos com latas de comida e pacotes de sopas instantâneas e outras refeições prontas.

— Uau.

Ótima notícia.

Outra porta abriga uma caixa de ferramentas de metal verde, com vassoura e

pá de lixo apoiadas ao lado. Perto dali, um armário aberto exibe um fogareiro de camping dobrado e botijões de propano verde-escuros. Um conjunto de gavetas revela uma panela amassada e outros utensílios de cozinha. A gaveta rasa no topo tem talheres, abridor de latas e itens aleatórios. Vou fechando os armários que Callahan deixou abertos enquanto faço a inspeção.

Estou tremendo de frio, com a cabeça toda embaralhada. Tudo parece fora de ordem. Concussão. Os pensamentos vêm e vão, como ondas de consciência. Há algo que eu deveria fazer, mas não sei o quê. Meus olhos percorrem o ambiente e pousam na lenha.

Fogo.

A lenha está cortada, mas preciso de fósforos ou algum tipo de acendedor. Procuro nas prateleiras. Nada. No instante em que abro uma das gavetas, a chama do lampião tremula e se apaga, mergulhando o cômodo na escuridão absoluta. Dou um tapa no lampião.

Não faz nem cócegas.

— Ótimo. Era só o que me faltava mesmo.

Agora nunca vou achar esses malditos fósforos. Vou tateando até encontrar a mochila. Meus dedos roçam o tecido, então vasculho os bolsos e pego o celular. Abro o flip, mas nada acontece. Aperto um botão para acender a tela, mas ela não liga. Procuro o botão de energia e o mantenho pressionado. Nada. Talvez esteja frio demais? Enfio o aparelho dentro do sutiã, sibilando quando o plástico gelado encosta na minha pele, e continuo revirando tudo em busca de qualquer coisa que possa servir para acender o fogo.

Abro mais alguns compartimentos, apalpando com as mãos, mas é inútil. Mesmo usando os dedos para sentir os objetos, não consigo identificar do que se trata. Posso ter passado por cinco isqueiros até agora, e meu cérebro não saberia distinguir. Fico sentada no canto formado pelos armários e abraço os joelhos contra o peito. A falta de luz prega peças nos meus olhos, e pontos de estática piscam à minha frente, piorando a dor de cabeça. Não gosto disso. Está mais claustrofóbico aqui do que no túnel de pedras.

Depois de alguns minutos, começo a me perguntar há quanto tempo Callahan saiu. Já deve ter passado meia hora, certo? Se não foi meia hora, não deve faltar muito. Ele vai voltar a qualquer momento. A escuridão faz cada segundo parecer uma eternidade. Contar a passagem do tempo me dá algo em que me concentrar, em vez do pavor absoluto da solidão e do abandono.

Será que aconteceu alguma coisa? Será que se machucou?

Ele tem razão, eu fiz merda. Uma merda federal. Eu deveria ter ido embora

antes. Merda. Volto a contar os minutos, um segundo por vez. Depois de dez minutos, começo a ficar inquieta. Tem algo errado. Ele já deveria ter voltado. E se encontrou um caminho fácil de volta e me deixou aqui para buscar ajuda? Posso ficar sozinha por horas. Tiro os braços das mangas e os enrolo contra o peito. O vento já não está roubando meu calor, mas ainda está um frio do cão. Deve ter algum jeito de me aquecer.

A ausência de luz me deixa desnorteada. Engatinho ao lado dos armários e abro duas portas até que minhas mãos encontram um grande retângulo liso. Eu me lembro disso de antes. O que é mesmo? Penso um pouco… *Fogareiro*. Ao lado dele, estão os botijões de propano. Ainda deve ter um pouco de luz lá fora, certo? Com as mãos e os joelhos apoiados no chão, vou me arrastando até a porta e giro a maçaneta. Ela se abre de supetão, lançando pequenos flocos cortantes para dentro. Só tem uma imensidão escura lá fora, exceto pelo ar congelante que chicoteia cada centímetro da minha pele exposta. Uso todo meu peso para fechar a porta.

Isso é ruim. Isso é *muito* ruim.

Caio de volta no assoalho, deslizo até o lugar onde estava antes e tateio à procura do fogareiro e dos botijões. Talvez tenha um fósforo lá dentro. Depois de várias tentativas, descubro como levantar a tampa e passo os dedos pelo topo, pelas laterais e por cada fresta engordurada. Nada de fósforos. Continuo a avançar pela fileira de armários, me orientando apenas pelo tato. Nunca na vida desejei tanto um isqueiro. Tenho todas as ferramentas para manter o fogo aceso, mas sem a primeira faísca, é inútil.

Com essa pancada na cabeça, perdi até a noção do tempo. Talvez tenham sido só quinze minutos em vez de trinta? Conto de novo. Chego a seiscentos, mais uma rodada de dez minutos. Depois mais dez. Já passamos, com certeza, da marca de meia hora. Eu contei direito, né? Será que pulei algum número? É bem capaz.

E se ele tiver escorregado e caído lá embaixo? E se ele precisar de ajuda?

Estou tão impotente que chega a dar raiva!

— Por favor, por favor, por favor…

Enterro o rosto nas mãos e respiro devagar. Não tem a menor chance de eu dormir antes de Callahan voltar. E se ele nunca voltar? E se a manhã chegar e ele ainda não estiver aqui? Se ele morrer tentando nos salvar, eu nunca vou me livrar da culpa. Afasto a ansiedade, coloco os fios soltos atrás das orelhas e sinto o sangue seco e empastado no cabelo.

— Ele vai voltar. Ele tem que voltar.

Contar os segundos é tudo o que me resta. É inútil, mas ajuda a acalmar meus pensamentos agitados. Quando chego a quatrocentos e poucos, a porta se escancara e uma luz irrompe a escuridão que encaro há sabe-se lá quanto tempo.

— Puta merda!

O alívio do meu medo é forte o bastante para transformar as emoções em uma raiva irracional. Fecho a cara e grito com ele. Não faz sentido, mas sou incapaz de usar a lógica no momento.

— Você disse que ia voltar em meia hora! Por que *caralhos* demorou tanto?!

Callahan pousa o enorme reservatório de água com um resmungo, depois o empurra para o lado com a bota. Em seguida, fecha a porta e se vira para mim. A luz da lanterna presa à sua cabeça é ofuscante, então protejo os olhos e mantenho o rosto voltado para o chão. Fiquei tempo demais na escuridão e não quero fechar os olhos.

— Você está de sacanagem? Posso tirar a mochila antes de você soltar os cachorros para cima de mim? Jesus Cristo!

Ele ofega enquanto solta as presilhas no peito e no quadril e deixa a mochila escorregar dos ombros. Depois, gesticula para o reservatório de água com a palma da mão aberta.

— Viu essa merda? De nada! — grita de volta para mim.

— Eu não sabia onde você estava!

— O riacho estava congelado, então tive que descer mais até encontrar água.

Ah.

— Pelo amor de Deus, mulher, você é inacreditável — resmunga Cal, balançando a cabeça com frustração. Ele se vira e aponta para o fogão. — Você não acendeu o fogo?! Que merda você ficou fazendo enquanto eu estava lá fora?

Ele apaga a lanterna da cabeça, e somos mergulhados na escuridão, então a liga de novo.

— Não consegui achar os fósforos no escuro!

— Ah, mas teve tempo de arrumar a cama e brincar de casinha? Maravilha! Que bom que essas são as suas prioridades — debocha ele, e então pega uns pedaços de lenha e os joga em frente ao fogão, depois encontra uma caixa guardada no canto e a enfia na minha cara. — Fósforos! — sibila, esticando o braço para alcançar um objeto verde-neon. — Isqueiro!

Eu procurei ali… *Juro* que procurei. Só não consegui identificar com o tato.

Cal me olha feio. Não está apenas com raiva, está com *ódio* de mim. Não

posso reclamar depois de todo o inferno que o fiz passar hoje. Então, apenas respiro fundo e seguro o choro enquanto ele grita.

31

Callahan

Está um frio da porra. Não acredito que Scottie não acendeu o fogo. Percebo que minhas mãos estão sem cor quando tiro as luvas, até os dedos cortados pela pedra mais cedo.

A voz dela vai ficando mais baixa até virar um resmungo:

— Vamos congelar até morrer nessa torre, não vamos?

Solto um grunhido.

— Com toda essa sua choradeira, tomara que seja logo.

— Cala a boca, isso é coisa séria.

Dou uma risada seca antes de retrucar:

— Cala a boca você!

Não foi minha melhor resposta, mas não consigo lidar com o pessimismo de Scottie. O corte na testa dela me faz engolir as palavras que estavam na ponta da língua. Ela precisa cuidar disso. Deve perceber que estou olhando, porque leva os dedos até a ferida e logo os afasta.

— Eu vou fazer o curativo.

— Claro, acredito — ironizo, revirando os olhos.

Largo a caixa de fósforos na frente do fogão a lenha e escolho os gravetos mais finos para acender. Quando me agacho e abro a portinhola, dou de cara com um esquilo morto lá dentro, já rígido e sem olhos.

É nesse momento que Scottie tem a brilhante ideia de me ensinar a acender o fogo. Eu. Um bombeiro. Lidar com fogo é literalmente meu trabalho, e ela acha que sabe mais do que eu? Quase perco o resto de paciência que me resta.

Minha pressão vai às alturas. Não me conformo com o nível de nervosismo

que essa mulher me faz passar. Vou ter um treco antes de morremos os dois congelados.

Tiro o esquilo lá de dentro e o largo no chão enquanto ela continua a tagarelar sobre como eu devo fazer meu próprio trabalho. Bem devagar, viro a cabeça e a fuzilo com os olhos.

— Você é uma imbecil do caralho se acha que não sei acender o fogo.

— Só estou tentando ajudar! — grita, cruzando os braços.

— Quer ajudar? Ótimo. Então toma, se livra disso aqui.

Pego o esquilo morto e o arremesso na direção dela feito um dardo. O bicho corta o ar, com o rabo balançando, e despenca no chão ao lado dela com um baque seco.

— Que merda é essa?

Scottie se inclina para olhar melhor, solta um berro e se afasta às pressas para trás. Eu me viro de volta para o fogão com um sorrisinho satisfeito, preparo a lenha e ajusto o regulador para diminuir o vento que entra enquanto tento acender o fogo. Fico feliz quando os gravetos secos se acendem rápido e o calor começa a irradiar das chamas.

— Seu idiota!

Alguma coisa atinge minhas costas.

— Acho bom você não ter jogado o esquilo em mim — sibilo, com um aviso claro na voz.

— Você que começou.

Eu me viro, apoiando um joelho no chão, e olho para baixo. Dito e feito: lá está nosso amigo peludo e achatado. Agarro o bichinho e o balanço na direção dela a cada frase.

— Eu salvei sua pele quando te arranquei daquele túnel de pedra. Praticamente te carreguei montanha acima. Te dei abrigo. Busquei água. Acendi a porra dessa fogueira. Eu te dei tudo, Prescott! Tudo! E ainda assim não é o bastante para você!

Cacete, foi bom demais tirar isso do peito.

Ela fecha a boca com força. Prendo a respiração, e ficamos nos encarando por uns bons dez segundos, quase sem piscar.

Por fim, quebro o silêncio.

— Não estou de brincadeira. É para você se livrar desse bicho.

Quando faço menção de o entregar a ela, o pescoço do esquilo estala e a cabeça cai no chão. Olho para o rostinho murcho, sem olhos, com dentes alaranjados. Cruzes.

Scottie ainda tem a cara de pau de morder o lábio e desviar o olhar, tentando segurar a risada. Ela acha isso engraçado?

— Nem pense em rir.

— Eu não estou rindo! — protesta, com um esboço de sorriso nos lábios. Mal consegue manter a expressão séria.

Arremesso o corpinho no ar, e o bicho cai aos pés dela. Dessa vez, ela pega as duas partes do esquilo e, com bom senso, segue em direção à porta. Aperto os lábios e volto a atiçar o fogo. Até que foi meio engraçado. Estendo as mãos em direção às chamas e esfrego uma na outra, forçando o sangue a circular, e não demora até que os formigamentos cheguem às pontas dos dedos. Sibilo entre os dentes cerrados quando a dor nos nervos se intensifica.

Scottie abre e fecha a porta depressa, livrando-se do animal morto. Atrás de mim, o som de um zíper e o farfalhar de tecido indicam que ela está remexendo a mochila em busca de alguma coisa.

— Vem aqui se esquentar — rosno.

Alguns segundos depois, ela se agacha ao meu lado e me oferece um frasquinho de álcool em gel.

— Aqui.

Pego o álcool da mão dela e o esfrego nas minhas. Os dedos ainda estão rígidos, e a dormência demora a passar.

— Foi mal pelo lampião — digo, quase num sussurro. Não quero ser o primeiro a pedir desculpas, mas faço mesmo assim.

Ela não responde a princípio, então ficamos apenas agachados, ombro a ombro, diante das chamas.

— Obrigada por acender o fogo — murmura, enfim, depois abre o zíper e tira a jaqueta. Com um aceno de cabeça na minha direção, ela me incentiva a fazer o mesmo. — Fique só com a roupa térmica.

— Daqui a pouco.

Estou cansado demais para me mexer.

— Suas botas estão molhadas?

Ela se inclina e começa a desamarrar meus cadarços.

— Como você acha que eu encontrei o riacho?

Os dedos dos meus pés também estão dormentes. Enquanto Scottie me ajuda com as botas, desligo a lanterna da cabeça. Não preciso ver a situação lastimável dos meus pés. Endireito a postura e ela puxa a bota com força, depois tira as meias de lã. Mesmo com a luz laranja fraca do fogão, meus pés parecem os de um cadáver. Ela os esfrega com cuidado e me conduz para mais

perto do fogo crepitante.

— Ai! — reclamo.

Parece até que tem agulhas espetando meus calcanhares.

— Fracote — murmura ela, tirando as próprias botas e meias.

Os pés dela estão tão brancos quanto os meus, exceto pelo esmalte cor-de-rosa delicado nas unhas.

— Isso dói pra caralho — protesto.

Scottie me ignora e começa a tirar a calça.

Ergo uma sobrancelha.

— Vai me fazer um showzinho? — pergunto, só para pegar no pé dela.

Ela fica meio sexy quando está irritada.

— Você é um idiota.

Dou de ombros.

— Bom, um idiota que vai te manter aquecida esta noite… Você não faz ideia de quantas mulheres morreriam por essa oportunidade.

Ela solta um riso de desprezo.

— Conheço bem seu tipo. Não precisa jogar sal na ferida.

O que isso deveria significar? Reviro os olhos e me arrasto para trás para pegar o kit de primeiros socorros pendurado na lateral da bancada.

— Falando em feridas…

Empurro a caixa na direção dela. Scottie abre a tampa e mexe lá dentro até encontrar um lenço com álcool isopropílico, depois o leva à testa para limpar o sangue seco. Como não tem espelho, acaba deixando muita coisa para trás. Observo a dificuldade dela até não aguentar mais.

— Aqui, me dá isso… Fecha os olhos.

Ela obedece, e ligo a lanterna da cabeça, apontando a luz para a testa dela. Só agora tenho uma boa visão do ferimento bem rente ao cabelo. O sangue seco racha e se solta enquanto limpo as bordas endurecidas. É um corte feio. Se bobear, precisaria até levar ponto. Dobro o lenço ao meio e retiro o resto da sujeira do rosto.

— Como está? — pergunta.

— Melhorou um pouco. Mas você vai ficar com uma cicatriz bem grandinha.

— Eu não lembro como machuquei.

— Ainda está com dor de cabeça?

— Tomei ibuprofeno, deu uma aliviada.

— Concussão?

— Bem provável.

Merda. Eu nem imagino como se cuida de uma concussão.

— Então o que eu tenho que fazer? Garantir que você não durma ou algo assim?

Scottie faz que não.

— Eu consigo conversar com você…

— Consegue *brigar* comigo — corrijo.

— Melhor ainda. Além do mais, se eu tiver um derrame ou uma convulsão, não tem nada que você possa fazer mesmo.

— Ah, sim. Bom que a gente está sendo otimista, né?

32

Scottie

O VENTO UIVA LÁ FORA enquanto ficamos agachados em volta do fogo crepitante. Depois de limpar o corte na minha testa, Cal usou parte da nossa água para lavar os tufos emaranhados de sujeira e sangue do meu cabelo, o que foi estranhamente gentil, levando em consideração a maneira irritada como ele vinha me tratando. Passo os dedos pelos fios enquanto o brilho alaranjado das chamas oscila nas paredes. Estamos sentados em silêncio há uns vinte minutos. Ele pega a mochila e encontra o celular.

— Tem sinal aqui em cima? — pergunto.

— No alto costuma ter… — responde, andando pelo espaço confinado. — Mas aqui dentro não está pegando.

Ele desliza os dedos pela tela.

— O que você está fazendo?

— Escrevendo uma mensagem. Agora é torcer para eu conseguir uma ou duas barras de sinal quando for ali no mirante, o suficiente para enviar.

— Você contou para alguém que estava vindo para cá?

Ele continua em silêncio enquanto digita, e logo fica evidente que não vai me responder. Eu também não contei a ninguém. Volto a olhar para as chamas. Minha temperatura corporal finalmente está subindo, e nunca mais vou dar o calor por garantido. Não me importo de estar presa no topo de uma montanha com o homem que me odeia. Cal pode ter partido meu coração frágil, mas também é a razão de ele ainda bater.

Com os olhos fixos no fogo, ele enfia os pés recém-aquecidos de volta nas botas e veste o casaco. Os flocos de neve que estavam grudados na roupa

derreteram, deixando para trás pequenas manchas de água. Ele abre a porta e sai rápido. O ar gelado invade a torre e logo se acomoda.

Somos espertos o bastante para saber que dividir aquela cama de solteiro é a melhor opção, mas nenhum de nós tocou no assunto ainda. Não vai rolar a conversa educada de "pode dormir na cama, eu fico no chão". Sem chance. Precisamos dividir calor corporal. Estamos em modo de sobrevivência.

As chamas bruxuleiam com um ritmo hipnotizante, mas, a cada piscada, minhas pálpebras ficam mais pesadas e ásperas. Não sei dizer se é por causa do cansaço ou da terra que deve ter se entranhado ali. Talvez um pouco dos dois. Meu corpo está exausto. Fico de costas para o fogo e deixo que ele aqueça a roupa térmica até ficar insuportável. A temperatura geral do ambiente já subiu a ponto de eu poder me afastar do fogão. Então me levanto, puxo os cobertores de lã da cama e me enfio entre os lençóis gelados e rígidos. Começo a bater os dentes de frio, mas no segundo em que deito a cabeça no travesseiro, meu corpo inteiro se dissolve no colchão.

Um sorriso se forma nos meus lábios.

— Algodão de verdade.

A cama parece uma nuvem para os meus músculos fatigados e doloridos.

Fecho os olhos sem saber se algum dia vou conseguir abri-los de novo. Encolhida em posição fetal, uso o calor do meu corpo para aquecer a mim mesma e os cobertores ao redor.

Callahan entra de volta, anunciando:

— Não tem sinal.

Finjo estar dormindo, mas escuto quando ele abastece o fogão com mais lenha e ajusta o regulador. Não demora muito até o colchão afundar, e ele me empurra um pouco para a beira, se colocando entre mim e a parede fria repleta de janelas. Ficamos deitados lado a lado como sardinhas enlatadas. Ele está com cheiro de floresta, do mesmo jeito de quando estávamos juntos no Oregon, e o aroma me envolve. Senti falta disso.

— Pode se encaixar em mim — sussurra ele, com o hálito quente contra minha pele.

Arrepios se alastram pelo meu corpo como fogo. O jeito carinhoso como ele diz aquilo dói. Engulo em seco quando ele passa um braço pela minha cintura, me puxando contra o próprio peito. O calor dele nas minhas costas é familiar como voltar para casa. Mas isso é estranho, porque casa deveria ser algo estável e constante, e Callahan é tudo menos isso. Ele é passageiro.

Isso não é carinho. É instinto de sobrevivência, nada mais. Por mais que seja

doloroso admitir, não consigo deixar de relaxar nos braços dele. Seria mesmo tão terrível fingir, por apenas uma noite, só uma última vez, que não é para nos manter vivos? Uma lágrima escorre do meu olho. Isso pode acontecer quando se está com sono, mas essa vem acompanhada de um aperto no peito e um nó na garganta. É algo que nunca achei que sentiria de novo, pelo menos não por Callahan Woods. Ele nunca vai ser meu… então por que me abraça como se fosse?

33

Callahan

SEGUNDO DIA

A LUZ ENTRA pelas frestas das venezianas, e eu levanto a cabeça do travesseiro, confuso por acordar em uma torre de observação. E aí me lembro de tudo que aconteceu na noite anterior. Merda.

O suspiro suave da mulher encostada no meu peito me faz intensificar o abraço e chegar ainda mais perto. É idiota, mas aqui em cima ela não é a esposa de ninguém. É só Scottie. E estamos de volta ao Oregon, antes das mentiras, antes de a situação ir para o brejo e de o lance entre nós se desfazer em milhões de pedaços. Deito o rosto de volta no travesseiro e fecho os olhos, já desejando poder voltar atrás em algumas das coisas que disse.

Teve muita gritaria na noite passada. A raiva reprimida no meu peito jorrou para fora quando ela gritou comigo depois que voltei com a água. Céus, que dia do cão. Meus músculos já estão doloridos de todo o matagal que precisei atravessar para alcançar o pequeno riacho. Alguns trechos me deixaram nervoso, achando que eu não conseguiria voltar. E então, assim que entrei pela porta, Scottie explodiu… e eu também. Brigamos feito cão e gato. Ela me deu nos nervos, e deixei isso bem claro. Não é muito a minha cara. No geral, nem tenho saco para discutir com a maioria das mulheres.

E ainda teve toda aquela história com o esquilo. Abro um sorriso só de pensar. Scottie se recusou a aturar qualquer besteira minha ontem, mas hoje é outro dia.

A prioridade agora é manter o fogo aceso. Mal dormi na noite passada, tendo que me levantar para garantir que as chamas não se apagassem. Já é hora de jogar mais uns gravetos lá dentro. Com cuidado, eu a afasto de mim e passo por cima de seu corpo franzino.

Um arrepio me sobe pela espinha quando meus pés descalços tocam o chão gelado. Ao olhar mais de perto, percebo que ainda há uma pequena chama acesa no fogão. *Interessante*. Scottie deve ter saído da cama nas poucas horas em que dormi e colocado mais algumas lenhas no fogo. Fico feliz com a atitude. Jogo mais gravetos lá dentro e fecho a portinhola do fogão, ajustando o regulador para desacelerar a queima e prolongar nosso estoque de madeira. Faço uma careta quando o metal range, torcendo para ela não acordar. O cérebro dela precisa descansar depois da pancada que levou. Com toda a delicadeza possível, me espremo atrás dela outra vez, tomando cuidado para não assustá-la. Depois, a puxo para junto de mim sem outro motivo além de usar o calor do corpo dela para me aquecer. Está frio para cacete fora da cama.

Fecho os olhos, apoio o queixo no topo da cabeça dela e respiro fundo, sentindo seu cheiro. Algo nessa mulher me traz um conforto absurdo. Ela é como aquela luzinha aconchegante do micro-ondas quando você chega em casa e está tudo escuro. Ela me transmite essa mesma sensação reconfortante.

Em outras circunstâncias, eu estaria andando de um lado para outro tentando elaborar uma rota de fuga, mas estou satisfeito em ficar deitado aqui e deixar minha mente correr solta enquanto permaneço na cama. Ontem à noite, tentei mandar uma mensagem para Xander e King, avisando onde estamos. Acho que vai levar alguns dias até alguém reparar no meu sumiço. Afinal, eu disse a Xander que tinha voltado em segurança. Esta montanha seria o último lugar onde ele procuraria. Ninguém vai à trilha para ver nossos carros lá embaixo, porque ninguém em sã consciência chegaria perto do Pico Quell durante uma nevasca. A administração do parque já deve até ter fechado os portões da entrada. Não é tão incomum as pessoas abandonarem carros nos estacionamentos das trilhas, então é improvável que um guarda-florestal visse aquilo e suspeitasse de qualquer coisa.

Alguém vai perceber quando Scottie não aparecer no trabalho. Se bem que, se esse for o primeiro dia de folga dela depois de um tempo, podem se passar dias até que isso aconteça.

Desliguei o celular para poupar bateria. Vou tentar mandar outra mensagem mais tarde. Duvido que tenha mais sorte, do jeito que o vento está castigando as paredes da torre. Está ainda mais forte esta manhã do que estava ontem à noite.

Temos comida, água e abrigo para cerca de uma semana. Vi algumas árvores mortas que parecem secas o bastante para servir de lenha. Mais cedo ou mais tarde, vamos precisar de mais combustível para as chamas. Faço contas de cabeça para estimar quanto de lenha estamos queimando por hora e em quanto tempo vou ter que sair para cortar mais. A torre tem dois níveis. O de cima é a área de convivência. A base, acessível apenas pelo lado de fora, é onde ficam as ferramentas. Pelos meus cálculos, a lenha deve acabar até o meio-dia de amanhã.

Quanto a um resgate, não temos como chamar apoio aéreo. Não funciona como nos filmes, e mesmo que fosse o caso, não tem a menor chance de um helicóptero voar nessas condições. Nós conseguimos encontrar abrigo, estamos abastecidos, então só nos resta aguentar firme e descer quando essa tempestade desgraçada der trégua. Infelizmente, não parece que vai ser tão cedo.

Scottie se mexe nos meus braços, e eu a solto contra minha vontade. Ela ergue a cabeça do travesseiro, pressiona a palma da mão contra a testa e se deita de novo.

— Ai, caramba.

— Dormiu bem? — pergunto.

— Claro, sou muito boa de cama — responde ela com a voz rouca de sono.

Abro um meio-sorriso. Eu me lembro bem de acordar e ouvir esse mesmo tom sonolento no Oregon, depois de uma noite de sexo fenomenal em que precisei abafar os gemidos dela. O fato de ela estar bem a ponto de fazer piada é um alívio. E o pior é que ela está certa. É boa mesmo, e minha ereção instantânea serve de prova. Nunca vou me esquecer daquela noite de sexo e carícias. Foi um espetáculo.

Dou um pigarro e me encosto na parede antes que ela sinta meu pau pressionado nas costas.

— E a cabeça, como está?

— Melhorou um pouco, mas ainda dói. Parece que estou de ressaca…

Solto um resmungo em concordância.

— Parece que a tempestade está tocando o terror lá fora. A gente vai ficar bem?

Dou de ombros.

— Talvez.

— Sua confiança é inspiradora — debocha, as palavras carregadas de irritação.

Lá vem ela me tirar do sério de novo.

— O que você quer? — retruco. — Uma garantia? Estamos presos no topo de uma montanha no meio de uma nevasca, a trilha está bloqueada e você levou uma pancada na cabeça. Mal estamos dando conta do jeito que está.

Já estive em tantas situações de risco que até perdi as contas, e às vezes elas não acabam bem. Simples assim. Ainda mais se considerarmos que vamos ter que achar um novo caminho para descer a encosta, e a neve torna qualquer avanço pelo mato ainda mais perigoso, com condições perfeitas para avalanches.

Scottie arranca o cobertor, trazendo junto uma lufada de ar gelado, e joga as pernas para fora da cama para se levantar.

— Custava ser mais otimista?

Puxo as cobertas de volta por cima de mim.

— Quem foi que ficou falando em derrames e convulsões ontem à noite, hein? Só estou sendo realista. A gente precisa ser honesto e encarar a realidade.

É um fato da vida. Alguns chamam isso de cinismo, mas prefiro esperar o pior. Pelo menos assim não sou pego de surpresa quando a sorte vira contra mim. Isso não quer dizer que eu não vá lutar com unhas e dentes pela nossa sobrevivência, mas não consigo lidar com a depressão esmagadora de perder alguém de forma inesperada. Preparação é tudo.

— Bom, sendo bem *honesta*, estou apertada para fazer xixi.

Rolo de lado, de frente para a parede, e fecho os olhos.

— Tem um banheiro lá fora. Talvez precise de uma pá para chegar até ele. Boa sorte. Vou voltar a dormir.

Mal preguei os olhos essa noite. Não é novidade. Faz anos que não durmo bem, só que essa situação toda só piora meus pensamentos inquietos e ansiosos. Ouvi o médico descrever o que tenho como estresse pós-traumático complexo, o que significa que meu cérebro está fodido e não há muito o que fazer a respeito… além de evitar álcool e drogas, um conselho completamente inútil. Se minha cabeça está um caco, não vou lidar com isso sóbrio.

— Ótimo — responde. — Talvez melhore esse seu mau humor.

Estico o pescoço e observo enquanto ela veste a calça de trilha e as meias grossas. O fogo estala no fogão, e ela estende as mãos para se aquecer. Eu afofo bem o travesseiro sob a cabeça, fecho os olhos e suspiro.

— Você fala muita merda, sabia, Prescott?

Eu adoraria jogar a culpa nela por estarmos metidos nessa situação, mas, sendo justo, não tem como evitar um deslizamento. A pessoa pode ter todo o equipamento certo, toda a experiência do mundo, mas se uma pedra ou um

tronco resolve despencar no meio do caminho, não há nada a fazer além de partir dessa para a melhor. É um milagre ela não ter sido atingida por outra pedra quando ficou inconsciente.

A luz do dia invade o cômodo quando Scottie abre a porta. Para ser bem sincero, ela tem sorte de não ter morrido. Ela reforça esse pensamento puxando a porta com força máxima ao sair da torre. O vento resiste, mas ela consegue deixar o recado bem claro. O som ecoa pelo ar como uma porta batida carregada de raiva.. É bem a cara dela. Essa mulher entra na minha vida de fininho e sai batendo porta, deixando um rastro de destruição pelo caminho. Chega como cordeiro, vai embora como leão. Scottie mexe comigo como ninguém.

Alguns minutos depois, ela volta pisando duro. Olho para o lado e vejo a neve grudada na calça dela, confirmando que está na altura das coxas. Ela trouxe um monte de neve para dentro só de atravessar a porta.

Eu me endireito na cama.

— Scottie, você trouxe metade da nevasca aqui para dentro. Deixa essa merda lá fora, pode ser?

Ela me encara por um instante com a sobrancelha arqueada, depois abre os braços em um gesto revoltado.

— Pelo jeito o mau humor segue firme e forte… Aliás, não dá para ver nada lá fora! A passarela está toda coberta de neve. Consegui jogar um monte para os lados, mas está uma bagunça. Gruda em tudo.

Neve grudenta significa que está molhada, então vai ser ainda mais infernal caminhar por ela. Nessas situações, dependendo de como as camadas estão compactadas, o risco de avalanches aumenta.

— Eu estava tão animada para conhecer a neve de verdade — murmura.

— Curtiu o passeio matinal pelo seu reino de gelo?

O rosto dela fica vermelho na hora, e eu fecho os olhos, com um sorrisinho satisfeito nos lábios.

Scottie circula pelo ambiente, e abro uma pálpebra só, observando enquanto ela tira a camada externa de roupa. A gola do suéter estica, revelando a borda de um hematoma.

— Como está seu ombro?

— Ótimo.

— Que bom.

Fecho os olhos de novo e adormeço ao som dela empilhando mais toras de lenha perto do fogo.

Estou de volta àquele dia. Vejo Garrett Macomb esmagado e sem vida. Depois, a expressão de Xander quando tive que dizer a ele que o pai estava morto.

O protocolo determina que devemos avisar as autoridades para que entrem em contato com os familiares, mas Xander precisava ouvir a notícia de alguém que conhecia e amava o pai dele. Garrett era nosso supervisor, e acabou virando uma espécie de pai para mim depois da morte do meu.

Fico sem palavras enquanto tento consolar meu melhor amigo, mas ele está imóvel feito estátua. Sem reação. O rosto coberto de terra e fuligem, os olhos claros procurando nos meus algum sinal de esperança. Ainda torce para que eu esteja errado, para que tenha me enganado e o pai ainda esteja vivo. Não tenho nada a oferecer além de dor e o pior dia da vida dele.

Xander desaparece, e a imagem de Garrett toma seu lugar.

Sinto os olhos cheios de lágrimas e a garganta apertada. O pânico absoluto e o terror ameaçam me dominar. Respiro fundo, mas o ar não chega aos pulmões. Sinto o gosto de cinzas. Estou refém dessa lembrança, forçado a reviver o incidente como se fosse a primeira vez. Culpa, medo e fúria batalham dentro de mim. Estou impotente, incapaz de respirar enquanto sou esmagado pelo peso avassalador do sofrimento absoluto. Meu coração ameaça escapar do peito, e as batidas ecoam nos meus ouvidos até virarem o único som que existe.

Estou dormindo.

Outro pesadelo do qual não consigo acordar. Não importa o quanto eu tente me mexer, meus braços e pernas parecem feitos de chumbo, me prendendo enquanto sou condenado a reviver cada segundo em detalhes excruciantes. Estou preso. Paralisado pela minha mente perturbada.

Um calor se espalha pelo meu corpo, e desperto com um sobressalto. Escancaro os olhos, substituindo as imagens da carne queimada pelo interior da torre. O braço de Scottie está acomodado sobre meu corpo, os dedos entrelaçados nos meus. Pela primeira vez, consigo voltar a respirar, arfando como se estivesse retornando à superfície depois de ficar submerso por tempo demais. Meu peito sobe e desce com força, e sinto o suor na testa. Merda.

— Foi só um pesadelo — sussurra ela. — Não é real.

Engulo em seco, puxando mais oxigênio para dentro. Queria que ela estivesse certa, mas é real, sim. Já aconteceu. Sinto seu rosto pressionado contra minhas costas e, pela segunda vez, ela me ajuda a enfrentar um ataque de pânico, me dando um espaço seguro para soltar a tensão dos músculos. O toque delicado é calmante, me mantém bem firme no presente.

— Só se concentra em respirar. Ainda estou aqui.

Aperto a mão dela, grato por não estar sozinho.

34

Scottie

Depois de cerca de uma hora ouvindo a respiração tranquila de Callahan, me convenço de que ele voltou a dormir. Saio da cama com cuidado e ajeito os cobertores quentinhos para que não acorde. Como passou quase toda a noite em claro colocando mais lenha no fogo para não congelarmos, precisa de um bom descanso.

Não é a primeira vez que ele trava daquele jeito. Aconteceu depois da nossa noite na ambulância, quando um trovão alto sacudiu todo o veículo. O barulho foi assustador, claro, mas a reação de Callahan foi mais preocupante. Era como se tivesse se dissociado por completo.

Com o máximo de silêncio possível, alimento o fogo com mais dois gravetos. A portinha do fogão range quando a fecho, mas, por sorte, Callahan não se mexe. É bom ver o rosto dele relaxado enquanto dorme, em vez da carranca habitual que reserva só para mim. Não entendo o motivo de tanto desprezo. Foi ele quem decidiu terminar tudo entre nós, então o que eu fiz para merecer tamanha repulsa?

Tento afastar os pensamentos e chego à conclusão de que Callahan é um enigma. Eu me agacho ao lado da mesinha de cabeceira que funciona como uma pequena estante com sistema "pegue um livro, deixe outro no lugar". Passo os dedos pelas lombadas. Alguns são de histórias de aventuras na natureza, ficção de sobrevivência, e não estou no clima de ler nenhuma versão do aperto real em que me encontro, então opto por um romance de espionagem.

Puxo a cadeira de madeira de sob a mesa, me acomodo e apoio as pernas na borda para me proteger do piso gelado, encaixando as canelas no tampo. Há

uma fresta aberta em uma das venezianas de madeira do lado de fora, o suficiente para fornecer luz adequada para leitura. Depois de algumas páginas, o ambiente ao meu redor se dissolve, e os ventos uivantes se calam enquanto sou sugada pela história. É uma distração bem-vinda da realidade.

Não sei quanto tempo passa, mas, em algum momento, a luz que se infiltra pela frestinha na veneziana enfraquece, e me dou conta, de maneira dolorosa, de como essa cadeira machuca minha bunda dormente. Já li sessenta páginas do livro, o que deve ser um esforço excessivo depois da pancada na cabeça de ontem. Era para eu descansar o cérebro, mas ficar sozinha com meus pensamentos parecia pior.

As lenhas no fogão já quase se consumiram por completo, e há uma pequena chama dançando sobre as brasas avermelhadas. Minha barriga ronca. Desde que saí do Rebanho, meu corpo se acostumou a comer menos. Mas Callahan deve acordar com fome.

Fecho o livro e o coloco com cuidado sobre a mesa. Atravesso o cômodo, abro o armário onde fica o fogareiro a gás e o deixo preparado, prestando atenção redobrada para não fazer barulho. O vento soprando contra a lateral da torre abafa a maior parte do som.

Em seguida, encontro uma panela e adiciono água do reservatório de vinte litros, fazendo uma careta ao lembrar do surto que tive ontem quando Cal voltou do riacho. Coloco uma quantia extra para beber e lavar, depois ponho a panela sobre o fogareiro e acendo as chamas com o isqueiro. Precisamos ferver a água para que se torne potável. Quando ela está parcialmente aquecida, despejo um pouco em uma caneca e devolvo a panela ao fogareiro para terminar de esquentar.

Olho para trás para conferir se Callahan ainda está dormindo antes de tirar a roupa térmica e me lavar com o sabonete e a toalhinha que encontrei no meio de panos e trapos no armário. Meu celular cai no chão com um baque. Esqueci que o tinha enfiado no sutiã na noite passada. Pego o aparelho às pressas e me escondo atrás da mesa no centro da sala. Espiando, observo Callahan suspirar, mas, por sorte, o barulho não o acordou.

Estou desesperada por um banho depois de ontem, e só esfregar água morna na pele já é o bastante para me sentir renovada. Quando termino o banho de gato mais rápido do mundo, visto a calça de trilha e o suéter.

Enquanto espero, escolho um pacote de sopa instantânea no recipiente de mantimentos, sabor canja de galinha, e meço uma porção generosa para dividirmos. Deixo a água ferver por um tempo, separando uma parte para

encher nossas garrafas depois. Em seguida, acrescento aos poucos a mistura da sopa e mexo em direção ao centro, evitando que a colher bata nas laterais da panela de metal.

Quando está quase toda dissolvida, tampo a panela e abaixo o fogo, deixando que continue cozinhando. Enquanto a canja não fica pronta, tento ligar meu celular, sem sucesso. Tiro a bateria e coloco de volta, depois jogo o corpo para a frente, frustrada. Nem cócegas. O que eu estava esperando? Comprei o celular pré-pago mais barato que encontrei. Só precisava de algo que me desse uma internet porcaria e um número de telefone para colocar no currículo. Pelo visto, vamos depender do telefone de Callahan.

Dou mais uma vasculhada no cômodo, fazendo um inventário dos mantimentos. Há bacias para lavar louça, alguns jogos de tabuleiro, produtos de limpeza, mais roupas de cama e algumas ferramentas.

Mexo a sopa por mais um tempo e em seguida tiro duas canecas do armário à esquerda. Depois de fechar a porta com cuidado, levo um susto ao dar de cara com Callahan acordado, me observando. Fico sem reação. Há quanto tempo ele está me olhando? Ficamos nos encarando por tempo suficiente para eu começar a me perguntar o que se passa na cabeça dele. Seu olhar parece dolorido quando pousa em mim.

— Está com fome? — pergunto.

Cal pigarreia.

— Estou.

— A sopa está quase pronta.

Ele se senta, estica as pernas para fora da cama e apoia os cotovelos nos joelhos. A cabeça pende entre os ombros, mas ele não se mexe. É… eu daria qualquer coisa para saber no que está pensando.

Levanto a tampa e uma nuvem de vapor quente escapa. O aroma me faz salivar. Minha barriga ronca outra vez. Divido as porções entre as duas canecas, e as colheres afundam bem devagar na sopa encorpada.

Depois de entregar uma a ele, eu me sento ao lado do fogão a lenha, de lado, em cima do tapete.

— Obrigado pela sopa — diz ele. — E pelo que fez mais cedo.

Só dou um breve aceno, soprando uma colherada da canja fumegante. Quando esfria um pouco, provo pela primeira vez e preciso me segurar para não devorar o resto. O caldo saboroso me aquece por dentro, acalmando a fome e os pensamentos inquietos.

— Está uma delícia.

Callahan murmura em concordância ao dar uma colherada.

Nós comemos em silêncio, deixando que o estalar do fogo, o vento forte e o raspar das colheres falem por nós. De vez em quando, trocamos olhares, mas, por fim, eu me viro de frente para o fogo para terminar a canja.

— Encontrei uns jogos de tabuleiro — comento. — Se você quiser…

A caneca vazia dele pousa com firmeza em cima da mesinha de cabeceira, fazendo a colher tilintar.

— Precisamos de mais lenha para o fogo.

Olho para trás.

— Ah. Quer ajuda com alguma coisa?

Cal se levanta, vestindo as camadas externas.

— Não.

— Tudo bem — respondo. — Vou arrumar aqui.

Ele sai da torre, mas não bate a porta com força como tentei fazer antes. Passo a meia hora seguinte limpando a bagunça do almoço, alongando a tarefa só para manter as mãos ocupadas. Coloco a água restante da lavagem em uma panela sobre o fogão a lenha para que continue quentinha e despejo a água já fervida nas nossas garrafas. Depois, seco a bacia e a devolvo ao lugar na prateleira. Quando termino essa parte, me ocupo em arrumar o ambiente, inclusive a cama. E se ele quiser dormir mais? Desfaço a cama e bagunço os cobertores do mesmo jeito de antes. Qual é meu problema? Arrumo a cama de novo e ignoro qualquer outra ideia idiota que meu cérebro resolva inventar.

Ontem à noite, ele falou a verdade. Fez tudo mesmo. Conseguiu abrigo, água e fogo para nós. Preciso fazer minha parte cozinhando e cuidando da limpeza. É um papel fácil de assumir, considerando que fui criada para servir aos homens em qualquer função que Deus ou a igreja julgassem necessária. Era meu dever, algo que eu cumpria com orgulho, até começar a questionar as coisas. No começo, a culpa por duvidar da minha fé quase me consumiu. Eu me isolei, fiquei deprimida e rezei para afastar aqueles pensamentos, mas eles só ficavam mais fortes. Depois, comecei o treinamento como socorrista, o que me expôs a pessoas novas e ideias novas, e algumas dessas ideias faziam muito sentido.

Espio entre as frestas das venezianas e observo Callahan juntando uma pilha considerável de lenha lá fora. Ele está rachando troncos com um machado e, mesmo meio camuflado pela neve, está um absurdo de lindo. Nenhum homem deveria ficar bonito assim enquanto faz trabalho pesado. *Meu Deus*. Afasto os pensamentos carregados de desejo, me agasalho e amarro as botas para

enfrentar a nevasca, abrindo caminho pela neve e recolhendo o máximo de lenha rachada que consigo carregar para dentro.

Empilho as toras restantes do armário ao lado do fogão a lenha e reabasteço com as recém-cortadas. Fico tentada a usar um cobertor para levar mais pedaços de uma vez, mas com o vento fazendo um estrago lá fora, tenho medo de que ele seja arrancado das minhas mãos e levado encosta abaixo.

Depois que o armário está reabastecido, a sobra é empilhada na plataforma do lado de fora da porta, para fácil acesso. Quando Callahan fica satisfeito com a quantidade de lenha, ele leva o machado de volta a uma porta externa na base da torre, onde devia estar antes. Trabalhamos em sintonia, sem trocar palavras, pegando toras da pilha cada vez menor e subindo as escadas até o monte de lenha ficar com cerca de um metro de altura. Ele recolhe os últimos pedaços cortados e os joga na passarela. Eu os organizo com os outros e, então, batemos a neve das botas e das calças antes de entrar na torre.

Não preciso me olhar no espelho para saber que estou com o rosto todo vermelho por causa do ar frio e cortante. As bochechas de Cal também estão rosadas, mas, no caso dele, parece mais esforço do que queimadura de vento. Ele tira as camadas externas até ficar só com a roupa térmica e estende a calça sobre a cadeira onde eu estava sentada antes, depois pega a garrafa de água na mesa. Ele a examina, percebe que foi reabastecida há pouco tempo e dá goles longos, reidratando-se depois do esforço. Enxuga a testa com a barra da camisa térmica, revelando o peito e as tatuagens. Lembro muito bem delas das nossas noites juntos.

Eu me sento no chão, desviando o olhar para desamarrar as botas cheias de neve de tanto ir e vir. Tiro as meias úmidas e as coloco perto do fogo, então junto os pedaços de casca e lascas de madeira da última leva com a pá de lixo, empurrando tudo para um montinho. Podemos usar isso como graveto.

Dou um gole na garrafa de água e relaxo, feliz por estar longe da nevasca.

— Você limpou o corte na testa hoje? — pergunta ele.

— Sim, lavei mais cedo e passei um pouco de pomada antibiótica do meu kit de primeiros socorros. Tem água morna naquela panela — aviso, fazendo um gesto na direção do fogo —, caso você queira se lavar. É gostoso.

Ele responde com um aceno de cabeça, mas não faz nada além de tirar as botas e colocar as meias ao lado das minhas para secar. Mal conversamos hoje, e isso está me matando. A cada palavra não dita, alimentamos essa sensação estranha entre nós. Isso só piora as coisas.

— Arranjou sinal para mandar mensagem para alguém hoje?

Eu o vi com o celular na passarela mais cedo.

— Não.

— Eu tentei ligar o meu, mas está sem bateria. Ou quebrou de vez. Sei lá.

Silêncio absoluto.

— Você já tinha vindo aqui? — pergunto.

Cal me encara com uma expressão vazia.

— Bom, claro que já, foi você quem nos trouxe até aqui, né. Então já conhecia tudo. Que pergunta idiota.

Ótimo, agora estou falando pelos cotovelos.

Ele me observa como se tivesse achado graça, depois vira o rosto.

— Sabe, se não fosse por todo esse lance de vida ou morte, esse lugar até que seria um destino de férias bem legal.

Ele solta um riso debochado. É a resposta mais entusiasmada que recebi até agora.

Que saco, por que esse homem tem que ser tão babaca?!

Só quero conversar um pouco por educação, mas é como tirar leite de pedra. Pego o livro.

— Comecei a ler esse aqui mais cedo. É bem bom. É sobre um cara que…

Ele não está ouvindo. Aperto os lábios e aceno com a cabeça diante da rejeição silenciosa.

— Beleza, então.

Olho para o chão, derrotada, e decido me recolher no outro lado da torre, perto da janela, para ler um pouco. Ali tem mais luz por causa das venezianas.

Alguns minutos se passam, e ele pigarreia.

— Eu, hum… Eu morei em uma dessas torres por um tempo. Anos atrás.

Fico surpresa com a iniciativa dele de puxar assunto.

— Sério?

— Pois é.

Deixo um pouco da tensão se dissipar antes de falar de novo.

— Como foi?

Estou com receio de me mexer ou dizer a coisa errada e ele acabar se fechando de novo, feito um cervo assustado.

— Paisagens lindas e muita vida selvagem para observar. Foi uma experiência fantástica.

— Que incrível… Você não se sentiu muito sozinho?

Ele faz um gesto indiferente.

— Não. Eu sabia que era temporário.

Abro um sorriso.

— Quanto tempo você ficou lá?

— Alguns meses.

Parece a primeira conversa normal que temos desde a missão no Oregon.

— Você passou meses lá e não se sentiu sozinho? — pergunto, surpresa, depois decido provocar. — E as mulheres?

O canto da boca dele se ergue, e ele dá aquele sorriso sexy que me fez gaguejar quando nos conhecemos naquela noite no bar.

— Beleza. Talvez eu tenha me sentido *um pouco* sozinho.

Concordo com um murmúrio, pontuado por um leve sorriso. Não quero abusar da sorte, então espero que ele continue. Depois de uma longa pausa, volto para as páginas do livro, mas assim que retomo a leitura, Cal pergunta:

— Que jogos de tabuleiro você encontrou, afinal?

35

Callahan

Scottie estreita os olhos.

— B-7.

Merda.

— Acertou.

Ela abre um sorriso orgulhoso.

— B-8.

Solto um suspiro.

— Você afundou meu barco de patrulha… Por que é tão boa nesse jogo?

Ela tinha vencido as últimas três partidas, e nenhuma chegou perto de ser equilibrada.

— Eu trapaceio.

— Como?!

Inclino o corpo para a frente, tentando ver se ela consegue enxergar meu tabuleiro. Duvido. O sol se pôs há mais de uma hora, e estamos jogando à luz do fogo. Mal consigo ver meu próprio tabuleiro, quem dirá o dela.

— É brincadeira — avisa, dando risada. — Sou boa em esconder meus navios, só isso.

Depois que recolhemos as peças, ela me entrega a caixa, e eu a devolvo ao armário com os outros jogos, escolhendo um novo na pilha.

— Desculpa, eu preciso perguntar — retoma, assumindo um tom sério. — Só estamos conversando de novo porque ficamos presos aqui juntos? A gente é amigo agora?

Deslizo a caixa para cima da pilha de jogos e me levanto.

— Hã?

— Você disse que nosso lance tinha acabado. Mas isso significa sexo *e* amizade? A gente volta a não se falar quando sair daqui?

Arregaço as mangas. Pelo visto, vamos resolver essa merda agora. Lá se vai a tentativa de relaxar um pouco.

Minha voz endurece.

— A gente com certeza não vai transar. Mas, para ser sincero, não sei… Acho que não consigo ser amigo de alguém que… — balbucio, esfregando a nuca. Merda. Ainda estou puto com ela por ter mentido. — Por que você dormiu comigo, Scottie? Por que caralhos você fez isso?

Ela parece confusa.

— Como assim?

— E por que você trepou com Dave, hein? Porra, sério? Justo aquele cara? Como você…

Ela se levanta com os braços abertos, atônita.

— Do que você está falando?! Eu nunca transei com Dave! Ele é casado!

Eu explodo:

— Pelo jeito, você também é!

Ela se encolhe como se tivesse levado um tapa, fecha a boca e deixa as mãos caírem ao lado do corpo.

— Pois é… Já estou sabendo.

— Eu não transei com Dave — insiste, com a voz beirando um sussurro.

— Porra, eu vi o cara saindo do seu prédio depois de ter passado a noite lá. Você acha mesmo que vou acreditar que vocês dois não treparam?

Ela dá um passo enorme à frente, tentando invadir meu espaço. Está tão perto que, por ser mais baixa, precisa inclinar o queixo para cima para me encarar.

— Dave não passou a noite lá em casa! — protesta, batendo no próprio peito com o dedo. — Meu pneu furou quando eu estava voltando do turno da madrugada. Ele me buscou e me deixou em casa. E praticamente se convidou para entrar!

Eu a encaro com frieza.

— Mas você *é* casada.

Ela se retrai, envolvendo o próprio corpo com os braços.

— Mas não é o que você está pensando.

Jogo as mãos para o alto e ando até o outro lado do quarto.

— Bom, estou pensando que você é casada, porra! O que mais tem para

pensar?!

— Não é um casamento de verdade.

Dou uma risada sarcástica.

— Eu vi o anúncio do casamento no jornal da sua cidade, querida. É bem real.

— Estou tentando me divorciar.

Cruzo os braços.

— Já entrou com a papelada?

— Não, mas…

Solto um muxoxo irritado e me viro. Qual é a dessa mulher?

Ela bate o pé no chão como uma criança birrenta.

— Será que dá para ficar quieto e me escutar?! Foi um casamento de fachada! Não tive escolha. O único jeito de me livrar daquele casamento era fugir de casa. Eu deixei tudo para trás!

Quando a encaro, ela está com o rosto contorcido de raiva.

— Um casamento de quê? Vocês dois pareciam felizes pra caralho naquela foto.

— Meu marido é gay!

Jogo os braços para o alto.

— Ah, jura?

Scottie continua a falar, apesar da minha descrença.

— É uma forma doentia de terapia de conversão. Cresci em uma comunidade fundamentalista. Quando descobrem ou sequer desconfiam que um homem é gay, a igreja intervém. Aí escolhem uma mulher da congregação para ser o que chamam de "noiva da pureza" — explica, fazendo aspas com as mãos —, na esperança de que a *inclinação maligna do homem* passe depois de ele se envolver com uma mulher atraente.

Balanço a cabeça. É sério isso?

— Não pode ser.

— Jonathan e eu somos amigos desde pequenos. Os pais dele eram quase meus pais. A gente se salvou. Eu o amo, mas não do jeito que uma esposa ama seu marido. Implorei para que ele viesse comigo, discutimos sobre isso por meses. Fiquei lá enquanto pude porque o amava, mas uma hora não deu mais para esperar. Tive que ir embora. E fui. Sozinha.

— Por que alguém aceitaria uma coisa dessas?

Ela cobre o rosto com as duas mãos, depois as deixa cair.

— Por vários motivos. Se a gente escolhesse ficar junto, eu não seria

oferecida a outro membro do Rebanho… Era assim que chamavam, como o rebanho de um pastor. Eu poderia ser entregue até para os anciãos ou membros do conselho. Ruim com ele, pior sem ele. As outras mulheres nunca falavam mal dos maridos. Só conversavam sobre os filhos ou os afazeres domésticos, mas as mulheres que eram oferecidas aos homens mais velhos sempre pareciam mortas por dentro.

Esse tipo de coisa acontece mesmo? Parece uma seita.

— O segundo motivo, do qual mais me envergonho, é que cresci acreditando que tinha algo de errado com Jonathan. Achei que estar com ele era minha vocação, meu propósito. Acreditei que Deus tinha me escolhido para ser a *salvação* dele, e por isso nos fez ser melhores amigos. Passei a vida inteira querendo ajudar os outros, e achei que era isso que estava fazendo. Jonathan era bonito, recebia olhares das outras garotas, mas nunca correspondia. Percebi bem cedo que ele não era como os outros meninos, mas também reparei no modo como os olhava. Eu amava Jonathan e sabia que ele me amava. Achamos que poderíamos salvar um ao outro. Se fingíssemos estar juntos e apaixonados, poderíamos ficar noivos sem que a igreja precisasse intervir. Ninguém desconfiaria de nada, e Jonathan não teria que passar por outros tipos de terapia de conversão. E eu teria um parceiro que eu sabia que era gentil e me amava. Sabíamos que um casamento falso era muito mais seguro do que arriscar.

Passo as mãos pelo cabelo, me forçando a escutar e processar as palavras dela. É informação demais para assimilar de uma vez.

— Fui estudar para ser socorrista, e alguém do quartel de bombeiros local arranjou um emprego para mim. Foi um grande acontecimento, quase todo mundo trabalhava na nossa cidadezinha. Era uma comunidade autossuficiente, tirando algumas situações, como incêndios. Enquanto eu estava na faculdade, de repente meu mundo se expandiu. Conheci muita gente com crenças diferentes das minhas, e não eram pessoas ruins como sempre tinha ouvido dizer. Eram pessoas *boas*, de coração *gentil*. Quanto mais conhecia o mundo, mais eu percebia que não estava ajudando ninguém — balbucia ela, piscando para afastar as lágrimas. — Eu estava machucando Jonathan e machucando a mim mesma. Talvez fosse a opção mais segura para nós, mas não era a certa. Eu fazia parte do problema — declara, abraçada ao próprio corpo. — E percebi que eu queria ir embora.

Meneio a cabeça, mas tenho dificuldade de olhar para ela.

— Isso parece uma maluquice dos infernos.

— Porque é maluquice mesmo! É horrível! Eu não quero fazer parte de uma

comunidade que causa tanta dor aos outros. Mas sair do Rebanho não é tão simples. É exílio. Ouvi várias histórias de pessoas que tentaram escapar e foram arrastadas de volta. Tentei convencer Jonathan a ir embora comigo, mas ele não quis — conta Scottie, com o queixo trêmulo e os olhos voltados para baixo. — Então eu vim sozinha.

Caralho. Que situação bizarra. A história dela é esquisita demais. Beira o inacreditável. Nunca tinha ouvido nada parecido fora de filmes ou documentários policiais.

— Como posso saber que você está dizendo a verdade? — pergunto.

Scottie não pareceu mentir quando disse todas essas coisas. Era como se finalmente estivesse se livrando de um peso. Como se fosse a primeira vez que pudesse contar sua história a alguém e escancarar a própria alma.

— Você tem que confiar em mim. Não posso provar. Não era para parecer nada além de um casamento normal. A gente precisava que a igreja acreditasse que Jonathan estava "curado". Mas, agora que fui embora, tenho certeza de que levantei suspeitas sobre nós dois. Nunca vi outra mulher tentar deixar a comunidade, só ouvi boatos… e nenhum deles terminou bem.

Eu cruzo o cômodo até estar mais perto dela.

— Como funcionaria essa "cura"? Você dormiu com Jonathan?

— Sim.

— Tipo… sexo?

— Sim.

— Ele… conseguia? Como?

Scottie faz um gesto resignado.

— Depois de tantos anos, acaba virando uma atração biológica. Humanos têm necessidades. Nossos corpos reagiam da única forma possível para alcançar satisfação sexual. Era quase clínico. No começo, era algo que a gente fazia porque achava que era o certo. Depois, só virou um hábito.

Ela abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas se interrompe.

— Quando comecei a perceber como aquilo era errado, me recusei a dormir com Jonathan. E isso quase virou uma briga entre nós. Ele sabia que eu estava me afastando, e isso o assustava. Comecei a sugerir que a gente fosse embora cerca de um ano antes de eu partir sozinha, mas ele vivia em negação. Temo que ele ainda acredite que precisa ser salvo de algum tipo de pecado … Acho que acredita neles.

— E… você ainda sente algo por ele? Vocês estão separados? Como é a situação?

Ouvir sobre o casamento de Scottie com outro homem traz de volta todo o sentimento de traição que vivi com Molly.

Os olhos dela se enchem de lágrimas e um sorriso melancólico surge em seus lábios.

— Estamos separados. Sempre vou amar Jonathan, mas não no sentido romântico. Ele é meu melhor amigo. Nós nos salvamos.

A voz vacila, e ela puxa o ar, prendendo a respiração enquanto se recompõe.

— E sempre vou me sentir culpada pelo nosso casamento. As doutrinas do Rebanho o fizeram acreditar que ele tinha um problema, e fui cúmplice disso. Mas Jonathan nunca foi o problema… O problema era eu. Eu disse que poderíamos recomeçar nossas vidas. Juntos, mas separados. Ele não entendia por que eu queria tanto abandonar a única vida que conhecíamos. Eu disse que o que estávamos fazendo não era natural, mas ele sempre me mandava rezar mais, parar de questionar tudo. Para mim, eu não passava de uma peça no jogo de um Deus cheio de ódio. Estava cansada de correr atrás de necessidades que nunca eram atendidas. Queria um parceiro que me desejasse de verdade. Estava exausta de fingir, de viver uma intimidade rasa que só existia no nível platônico. Eu queria transar e me sentir satisfeita. Desejei isso a vida inteira, mas sempre coloquei a culpa em mim mesma, como se fosse um defeito meu. Como se eu não tivesse me esforçado o suficiente, não tivesse rezado alto o bastante.

Scottie balança a cabeça, enxugando as lágrimas e forçando um sorriso neutro, como se pudesse minimizar tantos anos de sofrimento e a vida inteira que deixou para trás na esperança de recomeçar. Nem tenho palavras.

— Pisei na bola com Jonathan duas vezes. A primeira quando me casei com ele, e a segunda quando o abandonei. Mas um de nós precisava dar o primeiro passo, então fui eu.

Não sei bem como responder, então digo a única coisa que me vem à cabeça.

— Sinto muito.

— Talvez eu devesse ter me divorciado antes de me envolver com qualquer outra pessoa, mas nunca ia acontecer. Jonathan sabia que o divórcio só seria possível se nós dois saíssemos de lá. Caso contrário, poderíamos ter problemas. Nunca me senti presa a ele no sentido romântico, e queria sentir o gosto da liberdade… E aí conheci você.

Eu nem sei o que estou sentindo agora. Fico sentado na beira da cama, curvado, tentando assimilar tudo o que ouvi. Tenho mil perguntas. Mantenho o

olhar voltado para o chão enquanto esfrego a testa. Cacete. Estou sendo bombardeado por uma enxurrada de emoções. Estou arrasado por Scottie. O sofrimento nos olhos dela é nítido. Ela vem carregando um peso absurdo nos ombros, não só por causa do marido, Jonathan, mas por ter que se adaptar a uma vida completamente nova.

Um lado meu sente um alívio tremendo com a possibilidade de ainda termos uma chance. Ainda carrego a culpa de ter dormido com uma mulher casada, mas já não sinto nojo de mim mesmo como antes. Mas outro lado está em choque com toda essa história.

— Desculpa por ter escondido meu passado de você… Sinto muito mesmo.

Ergo o queixo para encarar o rosto abatido dela.

— Eu devia ter ido te encontrar para tomar café naquele dia. Ouvi boatos de uns caras da cidade e passei semanas me culpando por achar que tinha arruinado um casamento. Já fui noivo uma vez e flagrei minha noiva me traindo em um dos piores momentos da minha vida. Isso me deixou com a cabeça toda fodida. Nesse tempo, achei que tinha feito a mesma coisa com outro homem.

Apesar de querer, eu ainda não tinha mencionado Molly. Eu deveria ter batido na porta de Scottie naquele dia em vez de ter ido embora. Poderíamos ter evitado tudo isso.

— Eu não te contei antes porque tenho vergonha — continua, enxugando as lágrimas do rosto. — Visto de fora, parece tão óbvio. Mas quando você cresce dentro daquelas paredes, as dúvidas ficam bem escondidas. O que vivi foi abominável. Não queria que ninguém soubesse. Ninguém entenderia. O que o mundo de fora pensaria de mim? O que você pensaria de mim? Você mesmo disse, é loucura… Mas se ouviu boatos, por que não me procurou?

Dou uma risada seca.

— Era para eu pensar o quê? "Nossa, ela é casada, mas talvez esteja no meio de uma seita religiosa encobrindo o marido gay?"

Minhas palavras duras a fazem recuar, e me arrependo na hora.

— Eu poderia ter contado a verdade naquela época. Você nunca me deu a chance de me explicar!

— Quando escuto cascos, penso em cavalos, não em zebras.

Scottie começa a andar de um lado para outro.

— Bom, você pensou em zebras rapidinho quando viu Dave saindo do meu apartamento! Não foi só você que passou semanas magoado, sabia? Depois daquele dia, você foi frio e cruel toda vez que me viu. Fiquei quebrando a cabeça tentando entender o que tinha feito para te deixar tão irritado. Todo

mundo me dizia que você era um cafajeste, que só estava me usando. E eu sempre te defendia. No fim, você me descartou como se eu não fosse nada e fiquei parecendo uma tonta — rebate ela, depois morde o lábio para conter o tremor e deixa as mãos caírem ao lado do corpo. — Se você tivesse me procurado, a gente teria esclarecido as coisas.

Inclino o corpo para a frente, apoiando os antebraços nas coxas e deixando a cabeça pender entre os ombros.

— Não apareci naquele dia porque ouvir da sua boca que você era casada teria doído ainda mais. — Eu fugi. Estava assustado pra caralho. — Teria sido reviver meu passado. Não quis voltar para aquele momento… Depois que descobri que você era a esposa de alguém, me fechei. Não é desculpa, mas é o motivo de eu ter feito o que fiz.

Quando ergo o olhar, a expressão dela está carregada de dor.

Franzo as sobrancelhas.

— Aí, quando apareci na sua casa, Dave falou umas merdas e deu a entender que tinha passado a noite com você…

— Oi? Ele fez *o quê*?!

— Agora não importa mais. Eu devia ter confiado na sua palavra, não na dele. Devia ter ido falar com você primeiro.

Eu me arrasto no colchão até apoiar as costas no vidro gelado da janela atrás de mim.

Scottie diminui a distância entre nós. Os olhos dela procuram os meus, como se quisesse extrair um pouco de coragem dali. Prendo a respiração enquanto espero seu próximo movimento. Solto o ar quando ela apoia o joelho na cama, bem ao lado da minha coxa, e se senta no meu colo. Eu me endireito, e ficamos nos encarando por um longo minuto.

— Eu sinto muito.

Dá para perceber a sinceridade na voz dela, nos olhos abatidos.

Minha garganta arde ao ver Scottie assim. Ela passa os braços ao redor do meu pescoço e apoia a cabeça no meu ombro, me abraçando. A gente fez uma tempestade em copo d'água.

— Eu também — sussurro, então deslizo as mãos pelas costas dela e retribuo o abraço. E, puta merda, como isso é bom. Eu me permito ficar ali, aproveitando seu toque antes de falar, porque, mesmo com a verdade revelada, a situação permanece igual. — Não sei como vai ser daqui para a frente.

— Como assim?

Sinto seu hálito quente contra minha pele.

— Você ainda é casada — declaro, reunindo coragem. — Quer mesmo se divorciar dele?

Scottie não hesita.

— Quero.

Abro um sorriso irônico ao pensar que essa costuma ser a resposta a um pedido de casamento.

— A gente não pode fazer nada até você entrar com a papelada do divórcio.

Ela levanta o rosto para me encarar.

— Mas ele sabe que eu fui embora…

— Você me beijaria na frente dele? — pergunto, e ela enrijece. — Ele ficaria chateado se visse você me abraçando?

Pode não ter sido romântico, mas os dois tiveram um relacionamento. Então deve ter rolado *alguma* coisa da parte dele. Eu me recuso a ficar com Scottie às escondidas.

— Jonathan e eu já conversamos sobre isso. Deixamos bem claro que, se algum dia o outro precisasse ir embora, não iríamos impedir.

Não consigo imaginar alguém disposto a abrir mão de Scottie com tanta facilidade, seja no sentido romântico ou não. Agora entendo melhor a determinação dela. Afinal, precisou abandonar tudo e todos. A situação é complicada pra caralho, e nunca me senti tão dividido. Com a bunda dela no meu colo e os braços em volta dos meus ombros, tudo o que eu quero é me inclinar e tomar Scottie para mim.

Contraio a mandíbula.

— Se a gente fizer isso, precisa ser com total transparência daqui para a frente. Quero saber de todos os problemas varridos para debaixo do tapete. Chega de segredos entre nós.

— Tudo bem. E espero a mesma gentileza da sua parte — responde ela, desviando o olhar enquanto brinca com a gola da minha camisa. — Quem era a mulher com quem você saiu do bar naquela noite?

Eu a encaro, meio confuso. Não entendo a pergunta. Do que ela está falando?

— Quando?

Ela se afasta do meu abraço e olha para as próprias mãos.

— Quando entrei no bar outro dia, você estava saindo com uma mulher. Estava com o braço em volta dela, prestes a entrar em um táxi. Você ainda está dormindo com outras mulheres?

— Não.

Apoio as mãos nos joelhos dela para restabelecer o contato físico. Levo um instante para entender de quem pode estar falando. Não fiquei com ninguém depois dela. A ficha cai, e relaxo um pouco.

— Aquela era Teddy, minha irmã — digo, tentando não rir. Afrouxo os braços dela e os coloco de volta sobre meus ombros. — Eu te apresento quando a gente voltar para casa.

— Ah.

Ela fica vermelha, como se estivesse envergonhada.

Deslizo as mãos pelas coxas dela e as repouso em sua cintura. Estou me coçando para apertar as curvas macias que venho revivendo na cabeça em todo banho desde aquelas noites no Oregon. Essa mulher é minha criptonita.

— Você acha mesmo que vamos conseguir voltar para casa?

— Acho — respondo com total confiança.

Nada vai me impedir de ver Scottie assinar aqueles papéis de divórcio. Afasto umas mechas soltas do rosto dela e engulo em seco.

Buscamos respostas nos olhos um do outro.

— Então, como vai ser? — pergunto.

— Por mais que eu saiba bem o que quero, é provável que ainda existam desafios pela frente. Mas o que você quer?

Desço o olhar até os lábios dela e começo a me aproximar, mas paro a tempo. O processo de divórcio nem começou. Eu disse que teríamos que esperar um pouco… Preciso tomar uma decisão. Estou mesmo disposto a me comprometer de corpo e alma com uma mulher casada?

Por Prescott? Sim.

Ela me encontra no meio do caminho, os lábios a meros centímetros dos meus.

— Foda-se.

Com uma das mãos pressionada na lombar dela, seguro a nuca com a outra e trago sua boca até a minha. Minha língua desliza pelo lábio inferior dela, e o suspiro suave que ela solta me incentiva a ir além. Sinto as unhas cravadas nos meus ombros, despertando cada nervo do meu corpo. Passo o polegar pelo queixo dela, me dando acesso para tomar seus lábios do jeito que venho desejando há semanas. Scottie é mais inebriante do que qualquer barato.

A cada roçar de lábios, esqueço por que essa situação é tão complicada. Suspiros suaves e mãos firmes são tudo o que preciso para saber que ela está comigo. Dessa vez vai ser diferente. Dessa vez, vamos fazer do jeito certo. E nada nunca pareceu tão *certo* quanto isso.

Os dedos dela pressionam meu peito.

— Mas o que *você* quer? — repete.

— Eu quero que a gente seja mais do que só diversão, Prescott — declaro. — Quero que você seja minha.

Beijar Scottie é tão natural quanto respirar. E me privar dela só vai fazer com que eu a deseje ainda mais.

36

Scottie

FAÇO UMA PRECE SILENCIOSA de agradecimento por essa nevasca. Nunca fui tão grata por estar presa no topo de uma montanha, à mercê da fúria da natureza. Sem esse refúgio na torre, posso dizer com toda a certeza que Callahan e eu ainda estaríamos escondendo nossos segredos.

Não teríamos nos beijado nem estaríamos agora enrolados um no outro na cama de solteiro, abraçados como se estivéssemos tentando nos agarrar a um sonho do qual poderíamos acordar a qualquer momento.

Com a cabeça apoiada em seu peito, sinto quando ele enterra as mãos no meu cabelo e passa os dedos pelas mechas. Como fez no Oregon, porque sabe bem o efeito que isso tem em mim. Callahan sabe que é minha coisa favorita. Ele pressiona os lábios contra minha têmpora, e minhas pálpebras cansadas tremulam antes de se fechar.

A última coisa que escuto antes de adormecer é sua voz rouca, baixa:

— Céus, eu senti tanto sua falta.

37

Callahan

TERCEIRO DIA

DEPOIS DE NOS LIMPARMOS com a ajuda de lenços umedecidos, panos, sabonete e água morna, nós dois nos sentimos muito melhor, enfim livres da sujeira e do fedor dos últimos dias. Improvisamos um creme dental com bicarbonato de sódio, mas como nenhum de nós tem escova, usamos pedacinhos de papel-toalha para esfregar os dentes.

As janelas da torre de observação estão embaçadas por causa das nossas roupas ainda úmidas, penduradas para secar em ganchos e móveis variados. Quando Scottie descobriu que eu tinha uma muda de roupa sobrando na mochila, insistiu que a gente lavasse as outras peças com a ajuda de um balde, o resto da nossa água de "banho" e um pouco de sabão biodegradável. Estou acostumado a ficar imundo por uma semana ou mais quando estou no meio de uma missão. Alguns dias são fichinha para mim. Mas não para Scottie.

E não fico nem um pouco irritado com isso, porque ver essa mulher vestindo apenas meias e a camiseta do meu uniforme é mais sexy do que qualquer lingerie. A peça quase chega aos joelhos dela, e as mangas curtas batem na altura dos cotovelos. Passo a mão no rosto. Não consigo me concentrar em mais nada. Sobre o peito dela está estampado o emblema da equipe de bombeiros florestais de elite de Sky Ridge, um urso segurando uma motosserra. Letras grandes formam a palavra FOGO nas costas da camiseta, bem na altura das escápulas. Preciso de todo meu autocontrole para não ficar de pau

duro enquanto me sento no tapete, encostado na cama, vestindo apenas meias, cueca e um moletom.

Foco.

— J-3.

Estou confiante nessa jogada.

— Errou.

Merda. Só vou perder essa partida de batalha naval por causa da maldita camiseta, tenho certeza. Me sinto mais atraído por Scottie do que nunca, ainda mais depois de termos esclarecido o motivo de tudo ter dado errado entre nós. Ela tem um passado complicado até demais, não dá para negar, mas agora consigo entender o raciocínio por trás das ações dela.

Ainda não tivemos uma conversa séria a respeito dos detalhes dos próximos passos. Ela está separada e, em algum momento, vai ter que resolver as pendências na cidade natal. Mas deixei bem claro que pretendo continuar de onde paramos. De todas as mulheres capazes de me fisgar, tinha que ser justo a com o passado mais complicado. Fazer o quê? Pelo menos nossos traumas combinam.

Ela estreita os olhos na minha direção.

— E-5.

Como ela consegue? Arranco meu porta-aviões do tabuleiro e o desloco com um gesto bem discreto para a fileira de baixo.

— Errou.

A risada dela domina o ambiente.

— Que absurdo! É mentira sua.

— Absurdo é você nunca perder esse jogo — respondo, erguendo uma sobrancelha.

Ela abre um sorriso.

— Como você é café com leite, vou jogar só com quatro barcos da próxima vez.

— Você só encontrou meu porta-aviões por último, garota. E agora quer ficar aí contando vantagem — rebato, devolvendo o navio à posição original e encaixando um pino vermelho bem no meio. Não acredito que ela vai ganhar de novo.

— Claro, claro. Tá bom.

Terminamos a partida bem rápido. Não sei como, mas Scottie tem a manha de descobrir exatamente onde eu "escondo" meus barcos. Pelo menos afundei três e meio dos dela dessa vez, um novo recorde para mim. Estou melhorando.

— A gente devia apostar dinheiro — sugere, toda sorridente com a sequência invicta de vitórias.

Gostei da ideia…

— Que tal roupas?

Ela ri.

— O quê?

Encolho os ombros e aponto para a camiseta larga, que subiu até o meio da coxa enquanto ela se sentava no cobertor no chão.

— Está com medo de perder, é?

Os mamilos dela endurecem por baixo do tecido de algodão, e eu preciso me segurar para não soltar um gemido ali mesmo.

Scottie me avalia com atenção, considerando a proposta.

— Não… Mas você tem mais roupas do que eu. Está em vantagem.

Inclino a cabeça de lado.

— Ué, achei que eu era café com leite. Ficou com medinho agora?

O esboço de um sorriso curva os lábios dela.

— De você? *Por favor*.

— Claro, vai nessa.

Estalo a língua. Da próxima vez que Scottie disser *por favor*, minha cara vai estar enfiada bem no meio das coxas dela.

Montamos os tabuleiros e, dessa vez, coloco todas as minhas peças no canto.

— B-9 — digo, começando o jogo.

Ela arregala os olhos e se vira para mim, incrédula.

— Acertou.

— Ora, ora, quem diria…

Estou feliz da vida com esse palpite de sorte. Scottie só precisa tirar a roupa quando eu afundar o navio, mas já é meio caminho andado.

— A-3 — arrisca.

— Errou — respondo, sorrindo. — B-8.

— Também errou. F-4.

— Errou de novo — aviso, e logo penso que talvez o navio dela esteja na vertical. — C-9?

Ela faz um biquinho.

— Acertou.

Duas rodadas depois, afundo o destroyer dela. Scottie tira uma meia.

Aponto para o outro pé.

— Meias contam como uma peça só. Pode tirar as duas.

— Quê? Desde quando? — protesta.

— Desde sempre — respondo, e volto a apontar para os pés dela. — As duas, Scottie.

Ela tira a segunda meia e a joga em mim como um pequeno ato de rebeldia.

— H-6.

Sorrio com arrogância diante do tiro errado.

— Você já tinha errado tantas vezes seguidas assim?

Scottie resmunga uma resposta atravessada qualquer.

— O que você disse? Não consigo ouvir com esse vento todo.

— Ai, meu Deus… — Ela segura a língua e balança a cabeça. — Você é péssimo.

— G-10.

Levanto o olhar quando ela não responde.

— Que porra é essa?! — exclama, cobrindo o rosto com as mãos enquanto cai na gargalhada, depois aponta um dedo para mim. — Você está trapaceando!

Eu rio junto, inconformado por ter acertado mais um navio dela.

— Sério mesmo?

Ela solta um muxoxo e coloca um pino vermelho no próprio tabuleiro. Isso é *maravilhoso*.

— J-9 — chuta ela.

Ah, até que enfim.

— Acertou.

Não estou nem um pouco preocupado. Só mais umas duas jogadas, no máximo, e ela vai ficar pelada.

— G-9.

— Acertou — admite ela. — I-9?

Scottie acerta um navio diferente, mas não sou obrigado a revelar essa parte. Depois de mais duas rodadas, anuncio que ela afundou meu barco de patrulha e tiro as meias. Ela me observa com curiosidade, e de repente os olhos brilham quando percebe que empilhei meus barcos todos lado a lado.

Dou minha cartada final:

— G-6.

— Você afundou meu porta-aviões.

Porra! Aí, sim.

— Pode tirar.

Eu tenho plena certeza de que Scottie não está usando calcinha. A única

que ela trouxe está secando em frente ao fogão a lenha. Ela se remexe, puxando a camiseta por entre as coxas cruzadas, e passa a barra por cima da cabeça. Fica ali sentada, tentando se cobrir com o tabuleiro de batalha naval no colo, mas nada conseguiria esconder aquelas curvas. *Amém*.

— Pelo jeito eu ganhei — provoco, admirando cada centímetro do corpo dela.

Ela me lança um olhar indignado.

— Como assim? Eu ainda tenho dois navios!

Dou risada.

— Mas você não tem mais nada a perder.

— A gente pode apostar outras coisas.

Ergo as sobrancelhas.

— Tipo o quê? Favores sexuais? — pergunto, e vou subindo o olhar pelo corpo dela, sorrindo ao notar os mamilos duros. — A ideia te excita?

O rosto dela fica cor-de-rosa.

— O que você tinha em mente? — pergunto.

— Não sei…

— Sabe, sim. Vamos, Scottie. Pode me dizer em que você está pensando.

Pelada e coradinha de vergonha? Meu Deus. O que eu não daria para entrar nessa cabecinha linda e ler todos aqueles pensamentos safados.

— H-10 — desconversa.

— Acertou — respondo sem nem olhar para o tabuleiro. — A-2?

— Errou — diz, tamborilando o dedo no queixo. — H-9?

— Acertou.

Ela examina o próprio tabuleiro e ri.

— Você colocou todos os seus navios no canto, né?

— Talvez.

— Estratégia péssima.

— Tem certeza? Qual de nós está pelado agora, hein?

Dou uma piscadinha, e ela suspira.

— H-8?

— Você afundou meu submarino — anuncio, depois arranco o moletom e jogo no chão, cada vez mais excitado. — G-10?

— Acertou.

Ela coloca um pino vermelho no tabuleiro, pelo visto inconformada com minha estratégia, mas erra o palpite seguinte.

— I-4? — pergunto.

O peito sobe quando ela inspira.

— Acertou.

Passo a mão pela nuca.

— É melhor você decidir logo o que vai fazer quando eu afundar seu navio… antes que eu decida por você.

Ela engole em seco.

— G-9?

— Acertou — respondo. — I-3?

— Acertou.

Poxa vida.

Scottie parece inquieta sob meu olhar. Será que está se lembrando de como a fiz se sentir naquelas noites no Oregon?

— Vamos… — murmuro. — Escolha, Prescott.

— G-8? — arrisca ela.

— Se não me disser o que quer, eu vou escolher por você.

Scottie arrasta os dentes pelo lábio inferior enquanto um brilho de desejo se acende nos olhos. O que ela quer é que eu assuma o controle.

— G-8 — repete.

— Acertou.

Deixo o tabuleiro do jogo na cama atrás de mim, levanto e puxo a cueca para baixo. Meu pau escapa, quase batendo na barriga. Ela solta um suspiro curto, e esse é um dos meus sons favoritos.

— Qual vai ser sua palavra de segurança? — pergunto, com o olhar dela grudado em mim. — Que tal "destroyer"? I-5?

Ela não responde. A língua passeia rápido pelos lábios, fazendo meu coração acelerar.

— I-5… — repito.

— Acertou… F-10? — pergunta, com a voz entrecortada e ofegante.

— Também acertou — respondo, feliz da vida. Esse já é meu jogo favorito, apesar de estar perdendo de novo. — I-2.

— Acertou — sussurra. — Batalha naval.

Estendo a palma da mão na frente dela.

— Cospe.

Os olhos de Scottie vão do meu rosto para minha mão e voltam.

— *Cospe* — repito, com a voz mais firme dessa vez.

Ela obedece. Eu me ajeito na beirada da cama e começo a me tocar bem devagarinho, usando sua saliva como lubrificante, sem tirar os olhos dela nem

por um segundo.

— Agora mostra como você brinca com sua bocetinha quando pensa em mim.

Ela endireita os ombros, reunindo coragem, e coloca o tabuleiro de lado. Inspiro bem fundo pelo nariz, hipnotizado, quando ela dobra os joelhos e os abre devagar, me mostrando o quanto está molhada.

— Caralho, Prescott… — murmuro e passo a língua nos lábios, desejando que fossem os dela. — O que te deixou tão excitada assim?

A mão dela desce pela barriga e dois dedos roçam o clitóris.

— Você.

— Isso mesmo — incentivo, acompanhando o ritmo dela com minha mão. — Abre mais as pernas. Deixa eu ver direito.

Com os olhos vidrados, ela apoia uma palma aberta atrás do corpo, se reclina um pouco e me oferece um showzinho particular.

Solto um gemido baixo. Ela é um espetáculo.

— Perfeito, linda. Você está indo tão bem — elogio, sustentando o olhar dela. — Só um pouquinho mais rápido.

— Vem aqui — pede, ofegante.

Balanço a cabeça devagar, ainda segurando firme meu pau.

— Por quê? O que você quer?

— Vem me fazer gozar.

Deslizo a mão para cima e para baixo.

— Seja específica.

— Use os dedos para me fazer gozar… por favor — implora, e então apoia as duas mãos atrás do corpo e abre ainda mais as pernas para mim. — Gosto tanto quando você faz isso.

Abro um sorriso diante do desespero dela e me levanto, depois me ajoelho entre suas pernas.

— Quer que eu faça por você, é? — pergunto, arrancando um longo gemido dela enquanto estimulo o clitóris. — Gosta de fazer o que eu mando?

Ela assente, com o peito arfando a cada movimento do meu dedo.

— Ótimo — respondo, sem perder tempo. — Porque pedi um show, e você vai me dar um, não vai?

Mais acenos apressados.

— V-vou.

— Quero ver você *todinha*. Nada de timidez comigo, ouviu? Já passamos dessa fase. Não existem mais segredos entre nós. Você vai aprender a me dizer

o que precisa. Entendeu?

Deslizo o dedo do meio para dentro dela, bem devagar, saboreando o som molhado quando eu retiro e o enfio de novo. Depois, acrescento o segundo dedo, e ela se senta um pouco, rebolando contra minha mão.

— Meu Deus…

— Entendeu? — repito.

A respiração dela fica mais ofegante.

— E-entendi.

Dou um sorrisinho enquanto ela se contorce.

— Você fica tão linda assim… — murmuro, e decido fazer um teste. Já sei bem como ela gosta de ser tratada. — Como você quer que eu te chame…

— Boa menina.

Inclino a cabeça, surpreso com a rapidez da resposta.

— Você já me chamou assim antes, e eu adorei — explica.

— Hoje à noite você vai merecer esse apelidinho.

Chego mais perto e procuro os lábios dela, então a beijo com vontade enquanto curvo os dedos e alcanço o ponto G, sem deixar de estimular o clitóris com o polegar. Ela geme contra minha boca.

Em seguida, endireita a coluna, rebolando mais rápido contra minha mão. Dou uma risada baixa com a avidez repentina. O corpo dela se contrai ao redor dos meus dedos, e eu me aproximo mais, até nossas testas quase se tocarem.

— É para olhar para mim, isso mesmo. Só você e eu, Prescott.

Acelero o ritmo, e ela solta um grito abafado.

— Cal…

— Você vai gozar para mim, não vai?

Ela franze as sobrancelhas e solta o ar devagar.

— V-vou.

Sinto as coxas dela trêmulas sob mim.

— Assim mesmo, linda. Você consegue. Eu ajudo.

Eu a beijo de novo e me afasto só o suficiente para ver a confiança em seu olhar. Depois de tudo o que ela passou, eu nunca mais vou subestimar a confiança que deposita em mim.

Ela está quase lá.

Os gemidos vão ficando mais altos à medida que o orgasmo se aproxima.

— Seja boazinha e me mostre como você é linda quando goza. Faz essa bocetinha carente pingar nos meus dedos.

Os lábios dela se entreabrem com um suspiro curto.

— Achou que eu tinha esquecido? — rosno. — Não consigo tirar essa cena da cabeça desde aquele dia. Você não faz ideia de quantas vezes fechei os olhos e imaginei você gozando pra mim.

Dou um tapinha leve no clitóris inchado e pressiono a ponta do polegar bem no pontinho que a faz tremer. Scottie se arqueia toda, erguendo o quadril enquanto goza.

— Aí está ela… Aí está minha *boa menina* — sussurro.

O corpo dela me aperta de um jeito que deixa meu pau com ciúmes. Sentir Scottie me encharcar os dedos enquanto encaro aqueles olhos azuis revirando de prazer faz meu coração disparar. A bunda perfeita dela cai de volta no cobertor quando o orgasmo começa a diminuir.

— Respira fundo.

Scottie balança a cabeça devagar, sem tirar os olhos dos meus, e para de rebolar o quadril com tanta urgência. *Incrível*.

Roubo os lábios dela em um beijo, e ela segura meu pau, arrancando um gemido rouco de mim.

— Estou tão orgulhoso de você, linda.

Scottie se entregou para mim por completo, e há uma mudança palpável entre nós, uma confiança que não existia antes. Ela está vulnerável de um jeito novo, e eu também.

Fico de pé, e ver aqueles olhos grandes e tempestuosos me encarando de baixo quase me derruba. Afasto o cabelo dela do ombro, prendendo as mechas soltas atrás da orelha. Seguro o queixo dela com delicadeza, acaricio a bochecha com o polegar e fico admirando como seus lábios são carnudos, como estou desesperado para sentir o toque deles no meu pau.

— Tão linda… — sussurro.

Ela apoia as palmas das mãos nos meus joelhos e vai subindo devagar pelas coxas.

— Pode me mostrar como você gosta? — pergunta, com um sorriso pecaminoso que me deixa refém.

Segurando bem firme, a conduzo em direção ao meu pau. Observo enquanto me recebe na boca. Ela se engasga um pouco, envolve a base com a mão e me cobre com os lábios, me abocanhando de novo.

— Porra, Prescott… — sibilo entre os dentes cerrados. — Você é minha garota, não é? Olha para mim.

Dou uma inclinada para trás e busco os olhos dela, saboreando a sensação da língua deslizando pela parte de baixo do meu pau, hipnotizado pelo brilho

travesso no seu olhar.

— Surreal…

Ela estremece, e eu rio baixinho.

— Ah, você ama chupar um pau, né, linda? Estava com saudade? — murmuro, depois posiciono a mão sobre a dela, envolvendo a base do pau com força. — Assim mesmo…

Ela solta um gemido quando a empurro um pouco mais fundo.

— Fala que é só meu pau que você quer.

As palavras saem mais desesperadas do que eu pretendia, mas preciso ouvir que sou o único. Deve ser só minha insegurança fodida depois da Molly, mas preciso que ela diga com todas as letras.

Scottie gira a língua ao meu redor enquanto escorrego dos lábios dela por um instante.

— Eu só quero você, Callahan.

Caralho.

Ela segura firme na base e provoca as veias com lambidas bem leves. Deixo escapar um grunhido baixo, respiro fundo pelo nariz e solto o ar devagar.

— Agora chupa meu pau com essa boquinha macia e engole tudo.

Scottie me lambuza com saliva antes de me abocanhar, encovando as bochechas conforme suga com força. A língua desliza por baixo, os gemidos vibram por toda a extensão e me deixam sem fôlego. Agarro meu saco e aperto só um pouquinho para aumentar a pressão. Ela reposiciona meus dedos ao redor do próprio pulso, um pedido para eu mostrar o jeito que gosto. Envolvo um punhado do cabelo dela e a conduzo mais rápido. Preciso de mais, assim não basta.

Eu a afasto de mim antes de perder o controle, vendo os olhinhos dela brilharem.

— Obrigada por me fazer sentir desejada.

A declaração espontânea derruba mais uma parede que construí ao redor do coração. *Merda*.

Scottie nunca se sentiu desejada antes? Engulo em seco.

— Queria que você visse como fica linda ajoelhada assim… Amo ver você me chupando. Você é tão sexy, Prescott — murmuro, depois a arrasto para a cama comigo. — Vem cá.

Quando ela senta no meu colo, eu a agarro pelas laterais do quadril e a viro de costas.

— Pode ficar viradinha assim. Cabeça baixa e bunda empinada enquanto

me chupa. Quero ver até onde consegue me engolir…

Eu me apoio no colchão enquanto ela se acomoda de costas para mim, sentada no meu peitoral. Envolvo a cintura dela e a puxo para cima, posicionando seus joelhos perto dos meus ombros, ainda mais perto da minha cara.

— Tão linda… — sussurro, revirando os olhos de prazer quando ela me leva até a garganta. — *Porra*… Boa menina.

Scottie é mais do que boa. É perfeita para mim. Perfeitinha pra cacete.

A princípio, só aprecio a vista. Essa mulher foi feita para mim. Ela chupa e lambe sem parar, e estou maluco para fazer o mesmo por ela. Puta merda. Quero mais, porém uso o corpo dela para me controlar. Rio baixinho. A boceta rosinha está encharcada de tesão.

— Seu corpo é uma delícia. Quero sentir seu gosto.

— Hum — murmura ela, gemendo contra mim. — Por favor?

Está tão molhadinha que daria para me afundar inteiro na primeira estocada. Quando não aguento mais, abro bem os dedos e os deslizo por sua virilha, deixando o polegar resvalar de leve sobre o clitóris intumescido. Scottie arreganha mais as pernas para mim. O desespero dela me deixa maluco.

Quero mergulhar entre as coxas dela e saborear cada pedacinho, mas preciso prolongar o momento, já que não trouxe camisinha. Com o toque leve feito uma pluma, eu a acaricio para cima e para baixo com os nós dos dedos. Uso a outra mão para agarrar a bunda dela, espalmando com vontade a carne macia. Estalo a língua. Scottie chupa com mais força, e eu preciso fechar os olhos e morder a bochecha até sentir o gosto metálico do sangue, fazendo de tudo para não gozar.

O corpo dela clama pelo meu. Tracejo a entrada com os dedos, pressionando a ponta do polegar ao redor do perímetro. Sorrio quando ela dá uma rebolada.

— Você está tão encharcada… O que te deixou assim, linda? Ficar peladinha para mim? Ou gozar nos meus dedos enquanto gritava meu nome? Ou colocar essa boquinha linda no meu pau? Ou esfregar sua boceta molhadinha na minha cara só para me provocar? Você sabe quanto gosto de te lamber.

Ela geme.

— É, você fica excitada de se exibir para mim, não fica? Meu pau fica tão duro só de olhar para você que chega a ser uma tortura, e mesmo assim você continua. Porque me encher de tesão te deixa molhadinha, não deixa?

Dou risada quando ela finca as unhas com força nas minhas coxas. Acertei na mosca.

— Eu sou igualzinho. Nada me excita mais do que te ver gozando. Acho que você gosta de me deixar maluco.

Deslizo dois dedos para dentro dela, satisfeito com o suspiro que o gesto arranca. Mantenho a mão imóvel e saboreio o jeito como os músculos dela se contraem com desespero ao meu redor.

— Goza para mim, Prescott. Seja minha menina indecente.

Ela chupa com mais avidez, então eu retiro os dedos e os enfio de volta, atingindo o mesmo ponto da última vez. Ela arqueia as costas e solta os cotovelos na cama, curvada feito uma gata. Um segundo depois, começa a traçar círculos na cabeça do meu pau antes de engolir cada centímetro até a garganta. *Jesus Cristo*.

Meu autocontrole vai pro caralho. Agarro as laterais do quadril dela e trago a boceta até meu rosto, mergulhando entre suas pernas. Ela tem um gosto tão delicioso… Meu pau escorrega da boca de Scottie e logo ouço um gemido alto. Eu me seguro para não sorrir enquanto lambo cada pedacinho encharcado dela, limpando a bagunça que causei. Seu corpinho franzino treme nos meus braços.

— Já, meu bem?

Os gemidos desesperados são abafados contra minha pele enquanto ela recebe a enxurrada de prazer com a qual eu a controlo. Com um sorriso confiante, abocanho o clitóris dela entre os lábios e começo a chupar. Ela dá um tapa no colchão.

— Nossa, nossa, nossa…

Continuo a sugar enquanto ela se debate e tenta fugir, mas a seguro bem firme pelas coxas e afundo os lábios nela, mordiscando o clitóris de leve como castigo antes de voltar com as lambidas.

— Isso é meu.

Ela se desmancha na minha língua, docinha feito bala.

— Você está tão molhada, olha como gozou bem gostoso — elogio, depois acrescento com a voz rouca: — Do jeito que vou te comer, precisa estar bem molhadinha mesmo.

O peito ofega de expectativa.

— Callahan — murmura, rebolando na minha boca, e me delicio com os sons incessantes conforme o orgasmo se intensifica.

Porra, eu conseguiria gozar só de ouvir os gemidos dela. Fico feliz de ter proporcionado essa distração com a boca, mas meu pau está latejando, ávido

por um pouquinho de ação.

Como se pudesse ler minha mente, Scottie agarra meu pau e aperta de leve.

— Isso mesmo… Viu como está duro por sua causa? — sibilo. — Tudo que mais quero agora é meter meu pau bem fundo e sentir você tremer.

— Por favor, eu preciso — choraminga. — Me fode com força. Por favor.

Tenho que parar por um segundo e ouvir a voz da razão.

— Mas eu não trouxe camisinha…

— É só não gozar dentro.

Eu a afasto e a viro de barriga para cima no colchão. As sardas, os lábios carnudos inchadinhos e os olhos sedutores são irresistíveis. Scottie é um espetáculo de mulher. Abro bem as pernas dela, me posiciono e a tomo para mim. Solto um grunhido e vejo as pálpebras dela se fecharem com um tremular.

— Cacete, Prescott. Parece que meu pau foi feito sob medida para você.

— Talvez tenha sido mesmo.

Deslizo para fora por um momento quando ela abre os olhos e procura os meus antes de desviar. E eu me entrego de vez. Os lábios dela se abrem em um grito silencioso quando a penetro de novo. Ela arqueia as costas e me aproximo para abocanhar um dos mamilos durinhos.

Essa foda vai ser rápida e suja, bem diferente do que eu planejava. Eu queria ir com calma, mas agora já era. Quando ela começa a tremer, sei que está quase lá. Sugo o outro mamilo entre os lábios e me endireito para observar seu rosto enquanto ela se desmancha. É a melhor vista da montanha.

Deixo uma das mãos apoiada no colchão e coloco a outra na base do pescoço dela quando a sinto se contrair ao meu redor. Abaixo o rosto e a encaro bem no fundo dos olhos.

— A gente teve que ficar quietinho da última vez, lembra? — murmuro. — Mas agora não estamos no acampamento. Você pode gritar quanto quiser e ninguém vai te ouvir… A única pessoa que pode te salvar nessa torre sou eu.

— Eu já fui salva, Cal. Então por que você não me faz gritar?

Olho para ela, atônito. Vez ou outra, tenho um vislumbre do lado safado de Scottie. Por mais que tenha passado muito tempo presa naquela gaiola, no fundo ela é selvagem e indomável.

— Quem é essa mulher? — pergunto, rindo baixinho.

Ela me oferece um sorriso acanhado, cheio de malícia.

— Sou sua boa menina.

Puta merda.

— Então trate de gritar meu nome bem alto para todo mundo ouvir o

quanto você ama dar para mim, para todo mundo saber que você é só minha.

Ela se desmancha outra vez quando o orgasmo a domina, gritando meu nome sem parar. Abro um sorriso, maravilhado com a visão.

— Tão perfeita. Continua, meu bem. Não para.

Porra, eu também estou quase lá.

— Vou encher esses peitos lindos de porra, e depois você vai engolir tudinho.

Com o último neurônio funcional que me resta, deslizo para fora e me posiciono sobre a barriga de Scottie, dando duas bombeadas no pau antes de me desfazer nos peitos dela. É tão apaixonado quanto obsceno.

Nenhuma outra mulher já me deixou tão excitado quanto Scottie. Podemos estar presos aqui nessa torre, mas eu não trocaria por nada. Ela apoia os cotovelos na cama e admira minha obra-prima, o peito arfando.

— Eu nunca… — sussurra, suspirando. — Nunca…

O sorriso dela aumenta, prestes a virar uma risada. Meu desejo por ela não se apaga depois de gozar. Ele me consome por dentro, descongelando o coração adormecido no meu peito. O sêmen se acumula entre os peitos dela.

— Nunca o quê?

Olho para baixo e lambo minha bagunça, depois agarro o cabelo dela e aperto com força. Ela abre os lábios por instinto. Cuspo em sua boca, depois deslizo a língua contra a dela, sentindo quando ela engole tudo com voracidade. Acaricio o queixo enquanto envolvo o rosto dela com a mão, limpando uma gotinha teimosa e traçando o contorno de seus lábios.

— Vamos lá. Mostra que você é uma boa menina.

Scottie engole, me devorando.

Ela olha para mim como se eu a tivesse resgatado da prisão onde passou tantos anos, e isso mexe comigo bem lá no fundo. Tem algo poderoso nessa conexão entre nós dois. Como se estivesse escrito nas estrelas desde sempre, e enfim tivéssemos nos encontrado no lugar certo e na hora certa, refugiados em uma torre de observação no topo do Pico Quell. Dou um beijo na testa dela e enrosco os dedos em seu cabelo. Sinto o aperto de suas coxas no meu quadril. Ela nunca esteve tão linda. Está com aquele viço perfeito na pele, um brilho que apenas um sexo incrível com múltiplos orgasmos proporciona.

Estou caidinho por ela, e farei o que for preciso para manter esse brilho no rosto dela… porque vou manter Scottie bem perto de mim.

38

Callahan

EU GOSTO DELA. O mundo real está a quilômetros de distância, então estou aproveitando ao máximo o tempo que temos isolados aqui para consertar o que destruí. Não faço ideia de como isso deveria funcionar, mas vou dar um jeito. Seja lá como fosse o arranjo entre os dois, isso não muda o fato de que ela ainda é casada. Vamos lidar com isso quando chegar a hora, e a apoiarei da forma que ela precisar.

Encho uma panela com água e acendo o fogareiro, vestido só de meias e cueca. Depois disso, vamos ter que reabastecer. Faço uma careta ao olhar para o reservatório no chão. A cada dia que passamos aqui, a linha da água desce um pouco mais. É um lembrete brutal de que nossos dias na torre estão contados. A nevasca ainda não deu trégua, mas, pela primeira vez, não está pior do que no dia anterior. Assim que o tempo der uma clareada, vamos precisar agir rápido.

Passei a tarde inteira analisando mapas enquanto ainda havia luz do dia, e acho que enfim encontrei uma rota decente para seguirmos. Vai levar mais tempo, já que teremos que atravessar a Crista da Cabra, mas não é tão íngreme, e podemos avançar pelo leito do rio até encontrar a trilha principal mais perto do sopé da montanha.

Nosso maior desafio vai ser a neve e o vento no topo, mas, quando alcançarmos uma altitude mais baixa, a situação deve melhorar. Este é o caminho mais seguro. Ainda vou ter que avaliar os riscos de avalanche. Se tudo correr bem… vamos sobreviver.

O problema é que, se acabarmos em apuros, qualquer um que esteja nos procurando vai vasculhar a trilha, não a crista nem o leito do rio.

Dou uma espiada pelas frestas das venezianas enquanto a água ferve na panela. Quase consigo distinguir a sombra de um pico de montanha ali perto. Isso é um bom sinal. Nos outros dias, a nevasca não me permitia ver além de uns seis ou sete metros de distância.

Scottie está aninhada sob as cobertas, virando as páginas do livro enquanto eu preparo a janta.

— Está a fim de canja de novo ou prefere variar e ir de sopa de frango com macarrão? Só lembrando que estamos sem frango…

Os olhos dela encontram os meus, ainda com aquele mesmo brilho de antes. Ver Scottie sorrir como se tivesse se esquecido da nossa situação é o bastante para me fazer esquecer também.

— Hum. Será que dá para usar o *foie gras* que sobrou como substituto?

— Até daria, mas o *confit* de figo que fiz estragou ontem — respondo, entrando na brincadeira.

— Ah, pombas.

Ela estala os dedos.

— Não, a pomba também acabou.

— Claro que acabou — responde, virando a página com um suspiro. — Aves e essas jornadas migratórias ridículas. Acho que vamos ter que comer o caviar.

— Boa ideia. Pode ser o de beluga?

— Óbvio. Você sabe que é o único que posso comer.

— Porque os outros tipos fazem todos os seus dentes caírem, né? — pergunto, tentando fazer Scottie sair do personagem.

Ela aperta os lábios, tentando esconder um sorriso.

— Sim, e meu dentista já está pê da vida comigo.

— Bom, acho que ele ficou meio incomodado quando você insistiu que as dentaduras fossem feitas com dentes de cadáver.

Ela se senta de repente, indignada.

— Qual é o problema? — pergunta, largando o livro na cama com uma frustração fingida. — Fica bem mais realistas assim — acrescenta, e então arreganha os dentes como um animal.

— Sim, eu sei, mas precisava mesmo ser dente de cavalo?

Ela cobre a boca.

— Você está dizendo que não gosta das minhas dentaduras?

— De jeito nenhum. Beleza, boquetes dão um certo medinho, mas, desde que eu tome cuidado… — Pigarreio para disfarçar uma risada. — Só acho que

você devia parar de arrumar confusão com a comunidade equestre.

Vejo os ombros dela tremerem com uma risada silenciosa enquanto cobre o rosto com as mãos. Ela se recompõe e pega o livro, depois o usa como escudo.

— Só posso falar desse assunto na presença do meu advogado.

Despejo a sopa instantânea de macarrão com frango na água fervente e mexo. Scottie volta a atenção para o livro.

— E a leitura, como está?

— Perdi a página quando larguei o livro na cama — admite, rindo enquanto folheia.

— Admiro seu comprometimento com a piada.

— Tudo pelos meus fãs.

Só Scottie conseguiria me deixar tão relaxado enquanto estamos presos no topo de uma montanha durante uma nevasca. A presença tranquila dela acalma minha ansiedade.

— Mas estou gostando. Podia ter um pouco mais de romance, mas fazer o quê?

— Ah, é mesmo? Você lê bastante? — pergunto.

— Leio, sim. Preciso fazer a carteirinha da biblioteca quando a gente voltar para Sky Ridge. E você?

Coloco a colher de lado, tampo a panela e apoio as mãos na bancada atrás de mim, cruzando os tornozelos.

— Eu sempre tento levar um livro quando vou passar muito tempo fora a trabalho. Ou escuto audiolivros. Qual é o seu preferido?

Scottie se endireita na cama, com as pernas cruzadas.

— Que pergunta boba. Como alguém poderia escolher um livro só?

— É, faz sentido. Beleza, então qual é o seu gênero favorito?

— Romance — responde, na lata.

Abro um sorriso.

— Por que você gosta tanto deles?

— Histórias de amor são… uma fuga. Eram o único jeito de escapar da realidade quando eu morava no Arkansas — revela ela, e põe o livro de lado outra vez, meio inquieta. — Meu casamento era complicado, você sabe. Eu nem sabia que livros assim existiam até uma colega de trabalho, a Sheila, comentar sobre um que tinha lido. As mulheres da nossa comunidade não tinham permissão para ler esse tipo de coisa.

— Não me conformo.

— No começo, eu só perguntava para Sheila o que ela estava lendo. E as

histórias que ela me contava eram muito empolgantes e proibidas. Depois, a curiosidade falou mais alto e consegui fazer a carteirinha na biblioteca da cidade vizinha.

Sinto um aperto no peito só de imaginar. Talvez não tenha sido um casamento sem amor, mas o jeito como Scottie me olhou quando agradeceu por eu fazer com que ela se sentisse desejada diz muita coisa. Além do mais, imagino que a paixão também não fosse lá muito intensa no relacionamento dos dois.

— Nos meus dias de folga, ia à biblioteca ler todos os livros proibidos. Era divertido e empolgante. E, mesmo que fosse só ficção, já era mais real do que qualquer coisa que eu vivia com Jonathan. Eu ansiava por aquelas histórias, nas quais duas pessoas pareciam desesperadas para arrancar as roupas uma da outra. Queriam estar juntas. Era apaixonado, intenso. O prazer da mulher era levado em conta. O sexo não era feito só para reprodução… Sei que esses livros nem sempre são realistas, mas eu precisava sentir um pouco daquela paixão.

Scottie olha para o livro e passa os dedos pelas páginas, depois continua:

— Você foi o primeiro homem que me fez gozar, sabia? Senti mais desejo naquela ambulância no Oregon do que nos meus catorze anos de casamento. Ridículo, né?

Puta merda. Pelo jeito como ela fala de romance, imaginei que não rolassem muitos orgasmos naquele casamento, mas ser o *primeiro*?

— Na época, eu sentia que estava perdendo muita coisa. Não sei bem como explicar como era nosso relacionamento, mas não era como as histórias de amor que eu lia nos livros. Aquelas que faziam meu coração disparar e meu rosto esquentar. As que davam frio na barriga.

A voz falha. Ela sorri, mas os olhos estão cheios de lágrimas e de um desejo profundo por algo verdadeiro. Dou espaço para que continue.

— Um dia, minha equipe foi chamada para atender um acidente na rodovia. Uma das vítimas morreu na hora. Ela tinha a mesma idade que eu… e naquele momento percebi que não queria morrer sem saber como era ter um amor de verdade.

Scottie passa os dedos por baixo dos olhos, tentando segurar o choro.

Por acaso eu sei o que é amor de verdade? Houve uma época em que achei que sabia.

— Molly e eu crescemos juntos — começo. — Namoramos desde o ensino médio. Ela era tudo para mim. Ficamos noivos, e eu estava juntando dinheiro para dar a ela o casamento com que sempre sonhou. Quando descobri que ela

estava me traindo com Dave, não lutei por nosso relacionamento. Só virei as costas e fui embora.

Scottie e eu nos conhecíamos havia poucas semanas quando descobri que era casada. E, ainda assim, abrir mão dela foi mais difícil.

Mesmo nosso pior dia aqui, presos no topo de uma montanha, foi melhor do que meus melhores dias com Molly.

Não conheço a mulher à minha frente há tanto tempo. Mas, quando penso em como tudo começou, na paixão e na empolgação que compartilhamos… entendo melhor o que aquilo deve ter significado para ela. Foi o primeiro gostinho que teve de algo real. E saber que eu tirei isso dela sem sequer dar uma explicação me faz baixar a cabeça, envergonhado.

— *Molly*? Molly é sua ex?

— Isso.

— E Dave…

Confirmo com um aceno.

— Que filho da puta! — dispara Scottie. — E ele ainda teve a coragem de insinuar que a gente tinha transado? Meu Deus, agora entendo por que você surtou.

— Scottie, eu nunca deveria ter dado trela para aquele idiota. Sinto muito pelo jeito como as coisas terminaram entre a gente. — Sinto muito por terem terminado, ponto. — Eu não queria magoar você… Sei que eu deveria ter me comunicado melhor. No mínimo, ter procurado você para tirar a história a limpo. Em vez disso, fugi.

— Todo mundo teria a mesma reação. Deve ter sido bem difícil ver Dave saindo da minha casa. Mas eu deveria ter contado sobre Jonathan. Agora sei como foi errado esconder isso de você… O certo seria esperar o divórcio, sim. É fácil dizer que quero me estabelecer antes, mas no fim estou só empurrando o problema com a barriga. Para a igreja, o casamento é definitivo. É um pacto. Mas não posso me esconder deles para sempre como uma covarde. — Ela passa os dedos sob os olhos e pigarreia. — Enfim… como anda o caviar?

Eu me afasto da bancada, levanto a tampa da panela e mexo a sopa.

— Acho que está pronto.

Por mais que eu ainda me sinta péssimo, não vou usar esse momento para falar dos meus problemas.

Scottie deve perceber que não estou bem, porque desce da cama, atravessa o cômodo e me abraça por trás enquanto sirvo a sopa para nós dois.

Com o rosto apoiado nas minhas costas, ela sussurra:

— Vai ter que me dar de aviãozinho por causa dos meus dentões de cavalo.

Solto uma risada curta, grato pela descontração. Entrego a ela uma caneca e uma das barras de proteína sobre a bancada. A gente se acomoda na cama, um de frente para o outro, com a refeição quente no colo.

— Encontrei a melhor rota para a gente ir embora — comento. — A nevasca está cada vez mais fraca. Talvez dê para sair daqui a uns dois dias.

Scottie assente de leve, engolindo uma colherada de sopa.

— Está nervosa? — pergunto.

Ela franze a testa e nega com a cabeça.

— Não. Eu confio em você… Além do mais, sua vida depende de mim tanto quanto a minha depende de você.

Assopro a sopa na colher.

— Por quê, hein?

Ela faz uma pausa, levando a colher à boca.

— Sério que não sacou? Seu rosto estaria estampado em todos os jornais. Eles iam achar que você me matou.

— Você é divertida.

— Eu sei. E aí, o que a gente vai fazer depois da janta? Não quero te ofender, mas acho que não aguento jogar mais uma partida de batalha naval com você.

Um sorriso desponta nos meus lábios.

— É muito chato? — pergunto.

— Não tem nem graça. É fácil demais.

Empurro a língua contra a bochecha, ainda sorrindo.

— Que boquinha afiada — murmuro, entrelaçando minhas pernas nas dela.

— Vai deixar? Ou vai fazer alguma coisa a respeito?

Inclino a cabeça de lado, apreciando essa versão mais atrevida.

— Pode deixar que vou dar um jeito nessa sua boquinha.

Largo a colher dentro da sopa e me inclino para a frente, erguendo o queixo dela para roçar meus lábios nos seus, e então me afasto. Nossos olhares se encontram, e observo aquele rosto por um instante. Recolho a mão e volto a comer, não sem antes reparar no rubor que toma conta das bochechas dela.

— O que… hum…

Scottie hesita.

Continuo a tomar a sopa enquanto ela coloca as ideias no lugar.

— Como vai ser quando a gente voltar para casa?

— Bom — digo, soltando um suspiro. — Vamos ter que entrar em contato

com seu chefe. Pedi para Matt tentar te ligar quando não consegui falar com você, mas nunca expliquei o motivo. Não sei se ele tentou de novo e acabou ficando preocupado. Você comentou que sua folga acaba daqui a alguns dias, não foi?

Ela confirma.

— Tenho a sensação de que você vai ficar bem popular quando a gente voltar. Também vamos precisar dar uma olhada nesse corte na sua testa.

— Será que vou ser mandada embora?

— De jeito nenhum — respondo com convicção. — Eles vão estar bem preocupados com você, só isso. É bem provável que passem os próximos dois meses levando um monte de comida na sua casa.

Ela mexe a sopa.

— E você?

— Sempre interajo muito com Xander e King no nosso grupo. Troquei mensagens com eles depois que voltei da trilha. Tenho certeza de que estão estranhando eu não estar tão falante, mas a temporada de incêndios acabou, então não tenho trabalho me esperando ou algo assim. Duvido que os caras já tenham mandado uma equipe de busca, mas daqui a uns dois dias… quem sabe.

— E nós?

Levo a caneca à boca, viro o restinho da sopa e a coloco no parapeito da janela ao meu lado. Scottie só tomou um pouco. Na maior parte do tempo, fica só girando a colher dentro da sopa. Está com a testa franzida de preocupação. Talvez não esteja apreensiva com a caminhada de volta até o sopé da montanha, mas fica nítido que tem várias dúvidas quanto ao que vem depois, quando retornarmos a Sky Ridge.

— Como assim?

— Isso… continua quando a gente voltar para casa também?

Dou uma risada baixa.

— Claro.

— E Jonathan?

— Acho que essa é uma pergunta que só você pode responder.

— Eu ainda não consigo bancar um advogado — admite. — Queria que ele tivesse vindo comigo desde o começo.

Passo as mãos por trás dos joelhos dela e a puxo para mais perto.

— Você acha que ele vai se recusar a assinar o divórcio?

Não tem necessidade de um advogado se ele aceitar de boa vontade.

Scottie faz uma pausa para pensar.

— Ele não negaria se soubesse como a vida é boa aqui fora. Ele só tem medo de dar o primeiro passo. A igreja pagaria os advogados dele, e seriam hostis se ele quisesse. Não é só um divórcio. Se ele não se casar de novo, é bem provável que seja obrigado a fazer terapia de conversão. Se for embora, precisa deixar para trás tudo o que conhece.

— Vocês têm alguma posse juntos?

— Eu já abri mão de tudo. Nossa casa ficava na propriedade da igreja.

Olho para ela, meio confuso.

— Tipo… um complexo?

— Está mais para uma *cidade*.

Parece um pouco exagerado.

— Uma igreja não pode ser dona de uma cidade.

— Mas pode comandar. Todos os estabelecimentos pertencem à igreja. O governo local é formado por membros da igreja. Não é uma cidade enorme, mas até que é bem grandinha. E está crescendo.

— E isso é permitido por lei?

— A separação entre Igreja e Estado só existe se houver alguém disposto a fiscalizar. E, de acordo com a lei, igrejas podem ter comércios, desde que gerem renda para a própria igreja. A cidade a sustenta, os líderes lucram e devolvem só uma parte para a congregação, para garantir que ninguém tenha dinheiro o suficiente para ir embora e começar a vida em outro lugar.

— Como algo assim consegue se manter de pé? Quem ia querer participar disso?

— Você está olhando pelo lado lógico. Estamos falando de religião. A fé pode levar as pessoas a fazer coisas terríveis em nome de Deus. Acrescente um líder carismático, capaz de agradar ao público e moldar crenças, e não demora para as pessoas aparecerem todo domingo abrindo as carteiras. Todo mundo quer ir para o céu. Eles são ótimos em recrutar com a promessa de cuidar do rebanho, sem falar na culpa religiosa e na ameaça constante de manter a comunidade pura e tranquila, cortando laços com qualquer um que tente sair.

— Muita gente já tentou ir embora?

— Que eu conheça? Só eu. Não faço ideia do que Jonathan tem passado. Me sinto péssima em relação a ele, mas precisava sair de lá.

— E aí você só fugiu na calada da noite?

Scottie nega com a cabeça.

— Jonathan sabia quais eram meus planos. Disse que se eu fosse embora,

ele nunca mais ia poder falar comigo. E respondi que essa era uma escolha *dele*, mas que eu estaria pronta para ajudar quando ele estivesse pronto para sair.

Fico olhando para ela por um bom tempo.

— Parece coisa de seita.

Ela encolhe os ombros.

— Uma igreja fundamentalista? Ainda não estou pronta para chamar de seita. Sinto que abandonei Jonathan e todo mundo de lá. Que escolhi a mim mesma em vez dos outros. É egoísta. — A voz falha.

— Você fez a escolha certa — declaro, amassando de leve a coxa dela com a palma da mão. — Não tem nada de egoísta nisso.

39

Scottie

QUARTO DIA

DEPOIS DE QUATRO DIAS NA TORRE, conseguimos estabelecer uma rotina. Todas as manhãs, acordamos nos braços um do outro, levantamos para colocar mais lenha no fogo, limpamos a neve da passarela e das escadas com a pá, damos um pulo no banheiro externo e depois voltamos a nos enfiar na cama até que haja luz suficiente entrando para esquentar água no fogareiro e preparar nossos pacotes de mingau de aveia. A vida é simples ali.

Mas, nesta manhã, algo está diferente. Não consigo identificar muito bem o motivo. Ainda estou meio grogue de sono e, com Cal enroscado em meus braços, tudo o que eu quero é fechar os olhos e voltar a dormir, livre de preocupações com emprego, papéis de divórcio, e o muquifo de apartamento. Eu devo estar indo muito bem mesmo se minha situação no momento, isolada no topo de uma montanha, parece melhor do que a vida real.

Então eu percebo. Está mais *silencioso*. Consigo ouvir o estalo do fogo mesmo ali da cama. Desde que chegamos aqui, o vento tem sido constante e implacável, soprando e assoviando entre as árvores e as rochas, um ruído de fundo que acabou sendo esquecido.

— Cal — sussurro, e giro no abraço dele, dando uma sacudida para ver se ele acorda. — Você está ouvindo?

— Hum? — murmura, sonolento.

— Está tudo quieto. Acho que a tempestade está passando.

Isso o faz despertar de vez e se sentar na cama. Ele estreita os olhos, espiando por uma fresta entre as ripas das venezianas atrás de nós. Depois, sai da cama e veste o casaco e as botas de qualquer jeito. Quando Cal abre a porta e sai, ela não é quase arrancada das dobradiças. Isso é novidade.

Ele enfia a cabeça de volta para dentro.

— Scottie, vem aqui fora. Quero te mostrar uma coisa.

Confesso que não estou muito a fim de trocar as cobertas quentinhas pela friaca lá de fora. Mas arrasto meu corpo para fora da cama e vou até a mochila, vestindo as roupas e as botas de trilha. Pego o casaco e puxo o capuz. Quando abro a porta, me preparo para aquela primeira rajada que rouba o ar dos pulmões, e ela vem. O vento pode ter diminuído, mas ainda é cortante e forte o bastante para arrancar a alma de alguém.

Pisco algumas vezes por causa da luz refletida na neve, agora tingida de dourado, depois protejo os olhos enquanto Callahan me guia pela passarela. Aos poucos, abaixo a mão e avisto um risco alaranjado entre as nuvens. Parece que faz semanas desde a última vez que vi um nascer ou pôr do sol.

Callahan me conduz para a frente dele, até a beira do guarda-corpo, e solto um suspiro diante da paisagem que se estende à nossa frente.

É o topo de uma montanha. E outra. E mais uma. Fico sem palavras. Não parece real. Boa parte está escondida pelas nuvens, mas os trechos que aparecem são simplesmente magníficos. A cordilheira ao norte está banhada por tons de cor-de-rosa e laranja onde o sol alcança os cumes nevados, enquanto cada sombra e cada crista é pintada de um tom frio de azul. É arte viva.

— Lindo, né?

A voz dele está rouca de sono.

— Uau.

É a única palavra que me ocorre, e não chega nem perto de ser suficiente para descrever a cena. Não adianta tirar foto. Nenhuma imagem faria justiça ao que estou vendo. Também não adianta tentar explicar. Nunca vou conseguir descrever em palavras. É algo que precisa ser vivido, algo que só pode ser compreendido por quem que está ao seu lado no momento.

Meu cabelo dança ao vento. Estou congelando, mas nada me arrancaria daqui enquanto nós dois observamos o sol nascer do topo do mundo. É inacreditável. O lugar mais deslumbrante do planeta, pelo menos para mim.

Esse é o tipo de experiência que altera a química do cérebro. Nada mais importa. Enquanto tento conter as lágrimas, percebo como todos os problemas

que eu vinha enfrentando são insignificantes diante da paisagem intocada à minha frente. Os últimos anos desafiaram minha fé, mas, se Deus existe, não está no Rebanho. Está aqui.

Cal me abraça por trás, esfregando meus ombros para me aquecer. Ficamos em silêncio até o sol ultrapassar as montanhas a leste. Uma abertura nas nuvens quase nos ofusca com a luz intensa e repentina, então fecho os olhos e, por um instante, quando o vento cessa, sinto o calor dos raios do sol aquecendo meu rosto.

Voltamos rápido para dentro.

— A gente vai embora amanhã — anuncia.

— Sério?

— Sério. Bem cedo. Parou de nevar. Vou dar uma olhada para ver se tem chance de avalanche e, se estiver tudo certo, hoje mesmo eu abro a trilha. Só tenho uma lanterna de cabeça, mas isso já vai nos dar uma boa vantagem. Podemos seguir esse caminho até o sol nascer. Vou fazer as marcas bem próximas umas das outras, para ficar mais fácil de acompanhar. Alguns trechos vão ter neve bem funda.

— Eu sei.

Atravesso a neve várias vezes ao dia sempre que vou até o banheiro externo. Antes de me mudar para Sky Ridge, eu só tinha visto neve algumas poucas vezes, e nunca passava de uma camada fina ou, no máximo, de alguns centímetros. Chegou a nevar bastante uma vez, quando eu era criança, mas mal me lembro.

Eu achava que atravessar camadas mais grossas de neve era como andar por uma espuma. Mas não tem nada a ver. A neve é densa e complicada. Ela se compacta como terra e congela até virar blocos duros. Nos meus últimos dias isolada no topo dessa montanha, aprendi como a natureza pode ser implacável. Quando ela espalha aqueles lindos floquinhos com uma sensação térmica negativa, eles mais parecem pequenas adagas.

— Não, Scottie. Tem montes de neve que podem passar da altura do seu peito em alguns pontos. E não temos equipamento algum. Nada de raquetes de neve, esquis ou trenós.

Arregalo tanto os olhos que as sobrancelhas vão parar no meio da testa.

— Sério?

Ele assente.

— Vou tentar mandar mensagem pros caras e pedir ajuda. Agora que a neve deu uma trégua e a visibilidade melhorou, talvez a gente consiga sinal aqui em

cima. Vou avisar qual rota vamos seguir, assim eles podem nos encontrar no meio do caminho ou, pelo menos, ficar de olho em nós.

Cal pega o celular de cima da mesa, e uma sensação de urgência me invade. Eu sabia que a gente não ia ficar aqui para sempre, é óbvio, mas agora que o plano de ir embora começou a engrenar, sinto que preciso fazer alguma coisa. Em um momento estamos observando o nascer do sol. No outro, já estamos fazendo planos. Dou meia-volta, procurando um modo de ser útil. Talvez eu possa esquentar um pouco de água.

— Merda — resmunga Cal.

— O que foi?

Ele aperta o ossinho do nariz.

— Esqueci de desligar o celular ontem. Não acredito que fiz isso. Agora só tenho quatro por cento de bateria.

— Vai dar tudo certo — respondo, tentando tranquilizar nós dois. — Temos um plano de saída. Você conhece essas montanhas e…

— Calma, calma — interrompe, passando a mão pelo cabelo. — Acho que a mensagem foi enviada!

Corro até ele.

— Sério?

— Sim, olha.

Ele inclina a tela na minha direção, bem na hora em que ela se apaga.

— Droga! Mas ainda pode ter sido enviada… acho.

Ele guarda o celular descarregado na mochila e passa a mão pelo rosto.

Dou um abraço nele.

— Vamos manter o otimismo. O que você quer de café da manhã? — pergunto, tentando melhorar o clima. — Temos uma bela seleção de rosbife e uma estação de omeletes respeitável.

Ele entra na brincadeira com um sorriso.

— Rosbife parece ótimo.

— Saindo no capricho — respondo, rasgando a embalagem de mingau de aveia instantâneo.

Callahan passa várias horas lá fora para abrir a trilha. É bem mais fácil esperar pelo retorno dele enquanto ainda existe a luz do dia. Estou separando todas as nossas peças de roupa quando ouço passos subindo as escadas da torre. Sorrio e corro para abrir a porta, bem na hora em que o escuto espanando a neve das

botas.

— Obrigado — diz ele, soltando o ar, com o suor escorrendo pelo rosto corado de frio.

— E aí? Como foi?

— Bem. Consegui dar um jeito nos trechos mais difíceis. Tem umas áreas instáveis perto da Crista da Cabra, mas acho que vamos ficar bem se seguirmos pelo lado sul, de onde vem o vento, porque lá a neve não está tão profunda. O sol já vai ter nascido quando chegarmos lá.

Dou um aceno e ligo o fogareiro para esquentar água para o almoço. Ainda temos uns oito litros, o que é suficiente para o almoço, o jantar e a água de amanhã.

Callahan começa a tirar as roupas ensopadas de suor. Precisam secar até amanhã. Ele puxa a cadeira para perto do fogo e pendura as peças no encosto. Em seguida, volta à mochila e encontra aqueles lenços umedecidos de banho que usamos antes. Por fim, se posiciona em frente ao fogão a lenha e começa a se limpar. É difícil tirar os olhos dele. Callahan é tão másculo e… gostoso.

— Está me secando, Prescott?

— Óbvio.

Fico de costas e termino de organizar nossos pertences.

Ele ri, e logo sinto as mãos dele pousarem nos meus ombros e deslizarem pelos braços. Meu rosto esquenta com a proximidade, com o toque e com a pouca roupa que ele está usando. Estamos tão colados que consigo até sentir o cheiro dos lenços umedecidos. Não sei o que tem neles, mas é delicioso e masculino. Vou sentir falta desse cheiro quando a gente for embora daqui.

Giro até ficar de frente para ele.

— O que você está mais ansioso para fazer quando a gente voltar? — pergunto.

— Escovar os dentes — responde, passando a língua pelos dentes da frente.

A gente tem se virado com bicarbonato de sódio e uma tal goma de mástique que ele trouxe, e até ajuda, mas não substitui uma boa escovação. Assim como Cal, não vejo a hora de fazer uma limpeza caprichada na boca.

Ele coça a barba por fazer. Cresceu um pouco nos últimos quatro dias.

— Ah, e vou aparar isso aqui, com certeza.

Faço um biquinho de mentira.

— Só não raspa tudo.

— Nem a pau. Já me acostumei a arranhar suas coxas com ela — declara Cal, com um sorrisinho malicioso que me faz corar. — Não vou abrir mão disso

assim tão fácil.

Não sei bem o que há na resposta dele que me aquece por dentro, mas é isso que sinto. Fica evidente também que ele gosta de me deixar acanhada. Seu olhar pousa no meu rosto corado, e ele me cutuca de leve.

— E você, está ansiosa pelo quê?

— Quero tirar toda a sujeira do couro cabeludo, mas não sei se o chuveiro lá de casa vai dar conta. Acho que vou ter que tomar banho no trabalho… Mas, acima de tudo, quero ter certeza de que ainda tenho um emprego. Era para eu trabalhar amanhã.

— Eles vão dar uma olhadinha nesse corte feio na sua testa e te oferecer uma semana de folga, linda. Dá até para curtir umas férias.

Não posso me dar ao luxo de tirar uma semana de folga, nem de férias, para falar a verdade. Não posso perder esse emprego. Mexo a mistura da sopa na água fervente, sentindo o estômago embrulhar de tanto nervosismo. Não sei o que vou fazer se acabar desempregada. Tenho evitado pensar nessa possibilidade desde a noite em que chegamos aqui, porque estava em modo de sobrevivência, mas agora que existe um prazo para nossa volta, a preocupação voltou com força total.

— Férias, é? Ouvi dizer que tem uma pousadinha ótima no topo do Pico Quell — brinco.

— Você pode tomar banho lá em casa.

— Posso?

— Tenho um chuveiro excelente — acrescenta ele, piscando para mim.

— Não acredito. Vai ter que provar.

Ele se afasta em direção ao fogareiro para terminar de se limpar.

— Com todo o prazer.

Concordo com um murmúrio e continuo a mexer a sopa. Depois de uns minutos, a divido entre nossas duas canecas e entrego uma a ele.

— Um brinde a escovas de dente e chuveiros bons — sugiro.

Cal repete o que eu disse, e nós brindamos com as canecas de sopa. Ele sopra uma colherada fumegante.

— Ah, tenho uma boa notícia.

— Qual?

Mexo a sopa na caneca, esperando esfriar.

— Encontrei um pedaço de corrente perto das ferramentas lá fora, além de uma corda de nylon. Acho que consigo improvisar alguma coisa para aumentar a tração das suas botas.

— Sério?

Isso seria incrível! Vai melhorar muito minha mobilidade na neve, principalmente nos trechos mais escorregadios.

— Sério. Quando a gente terminar de comer, eu resolvo isso. Vai ser a primeira vez que aquelas pulseiras idiotas de emergência vão servir para alguma coisa.

Dou uma risadinha.

— Também estou doido para comer qualquer coisa que não seja sopa — confessa ele, dando uma colherada.

— Nem me fala.

Mas a canja estava boa, bem melhor do que o miojo ou o purê de batata instantâneo que eu andava comendo em casa.

— Ainda vou poder te levar para jantar fora?

— Claro.

Sorrio enquanto imagino o que eu pediria. Uma salada bem crocante, fresca… e um hamburgão de respeito, lotado de picles. Minha boca chega a salivar só de pensar. Estou enjoada de comida pastosa.

— Vai ser bom voltar.

Concordo com um murmúrio.

— Aposto que você está animado para voltar a dormir na própria cama.

Ele faz um gesto indiferente. O silêncio se estende entre nós.

— Você acha que vai ser estranho não dormir mais juntos? — pergunta.

Pendo a cabeça para o lado e faço um biquinho, fingindo avaliar a pergunta, mesmo já sabendo a resposta. "Sim, vai ser estranho. Sim, vou sentir falta."

— Vai.

— Eu percebi que, hum… — Ele mexe a sopa algumas vezes e pigarreia. Observo a expressão apreensiva dele, e fico curiosa para saber até onde isso vai. — Percebi que durmo melhor aqui.

Dou um breve aceno.

— Uma vez li que dormir na natureza pode melhorar a qualidade e a duração do sono. E o ar fresco tem vários outros benefícios, como aumento da concentração, da criatividade…

Ele balança a cabeça.

— Não é por causa da natureza.

Trocamos um olhar rápido antes de voltar a comer.

É… eu vou sentir falta disso.

40

Callahan

A LUZ DO FOGO dança na parede. Passamos a maior parte da noite abraçados, conversando sobre nossos passados e presentes. Na maior parte do tempo, coisas simples como comidas favoritas, séries de TV, esse tipo de coisa. Mas também assuntos mais profundos: o que ela pensa sobre religião e política e como tem lidado com os próprios sentimentos desde que foi embora. Falamos das nossas famílias. Nós dois já perdemos o pai e a mãe. Contei tudo sobre Teddy, meu cunhado Logan, minha sobrinha Penny e meu sobrinho Dalton.

Nunca tive uma conversa que fluísse com tanta facilidade. Eu e Molly nunca tivemos nada parecido. A gente escondia coisas um do outro. Algumas eram importantes, outras menores: o que queríamos jantar ou fofocas sobre amigos. Era tudo superficial, talvez por medo do julgamento ou da opinião do outro.

Contei para Scottie tudo sobre Molly e Dave. Como flagrar os dois juntos pode ter sido o estopim da separação, mas que o relacionamento já tinha morrido bem antes. As coisas mudaram depois do noivado. Sacrificamos a paixão de antes em prol de algo estável, maduro. Era o que se esperava de nós. Estávamos crescendo e, ao mesmo tempo, nos afastando. Eu não estava feliz com o rumo das coisas, mas não parecia haver solução imediata, então fiz o melhor que deu. Eu me acomodei.

Com Scottie, tudo é mais intenso. Dizemos o que pensamos. Compartilhamos ideias mais profundas. Nunca tive conversas assim com outra mulher. Talvez seja a magia de um início de relacionamento, mas nossa conexão parece… diferente.

Estamos deitados nus sob as cobertas, com as roupas espalhadas ao nosso redor, virados de frente um para o outro, apoiados nos cotovelos. Já aprendi tanto sobre ela, e minha atração só cresce a cada piada, risada e história. Scottie está longe de ser egoísta, e me dá raiva pensar que alguém a fez acreditar no contrário.

Passo a perna por cima da coxa de Scottie e deslizo a outra por baixo, depois a puxo para mais perto. Ela estica a mão livre por trás de mim, arranhando de leve minhas costas, e, puta merda, como isso é bom. Eu amo contato físico. O jeito como ela entrelaça os dedos nos meus quando minha mente sai do controle, como não tem medo de ser a conchinha maior, como desliza as unhas pelas minhas costas e braços. Sua demonstração de carinho é linda.

— Você comentou que interage bastante com Xander e King… Conheci King naquela partida de pôquer no Oregon. Mas acho que não cheguei a conhecer Xander, né?

— Não. Ele é o superintendente. Então fica mais na dele quando a gente resolve agir como um bando de delinquentes. Mas você já o viu por aí, com certeza. Tem olhos bem azuis, impossível não reparar.

— Acho que vi vocês dois juntos algumas vezes.

— Todo mundo da equipe é bem unido, não tem como ser diferente. Mas aqueles dois são o mais perto que eu vou chegar de ter irmãos de verdade.

Scottie apoia a cabeça no meu peito e respira fundo.

— Me conta sobre eles.

— Por onde eu começo? — pergunto, dando risada. — A gente já passou por poucas e boas. Literalmente ponho a mão no fogo pelos dois. King… o nome dele de verdade é Rowan Kingsley. Ele cresceu em Sky Ridge. Jogava rúgbi no ensino médio, era do time principal, e é bem apegado à cidade.

— E você? Praticava algum esporte na escola?

— Pior que não. Eu era mais viciado em atividades ao ar livre. Passava o verão inteiro pescando nos lagos, descendo rios de rafting e fazendo trilha nas montanhas. No inverno, estava sempre nas pistas esquiando ou praticando *snowboard*. Mas King e eu entramos juntos na equipe de elite.

— E Xander? Quando vocês se conheceram?

— Xander é de Michigan, se mudou para cá quando entrou na equipe. Ele tem um senso de humor maravilhoso e um coração enorme. O pai dele também era bombeiro florestal.

— Calma… Da mesma equipe?

— Isso — confirmo, depois limpo a garganta. — O pai dele, Garrett, foi

nosso superintendente até cinco anos atrás, quando morreu em serviço.

Scottie se aconchega ainda mais em mim.

— Sinto muito.

— Foi péssimo. Bem ruim mesmo. Garrett morreu no meio da temporada, e depois perdemos Jacob perto do fim. Porra, foi um ano horrível… Jacob era quase um irmão para nós, e Garrett era como um pai para a maioria do pessoal. A morte dele foi uma perda enorme para todo mundo, mas quem mais sentiu foi Xander, claro, porque perdeu o próprio pai. Ele carrega essa dor todos os dias. É horrível ver alguém que você ama sofrendo sem ter como ajudar.

Faço uma pausa para clarear as ideias. Não tenho o costume de contar isso para qualquer pessoa, mas depois de ouvir mais sobre a história de Scottie, quero me abrir com ela sobre minha vida também. E, se esse relacionamento vai seguir em frente, é algo que ela precisa saber.

— Xander nunca mais foi o mesmo depois que o pai morreu. Eu me culpo por muita coisa. Meu lado racional sabe que não faz sentido, mas é assim que funciona.

Scottie não me interrompe nem tenta me convencer do contrário. Apenas me deixa falar.

— Esse trabalho é pesado. Existem partes de mim que estão destruídas, e não têm mais conserto. Às vezes, parece que minha vida foi estilhaçada em vários fragmentos. O trabalho perigoso, o terreno hostil… recuar para zonas de segurança, estar sempre a duas decisões erradas do pior cenário possível, os quase acidentes, as escapadas por pouco, ver amigos morrerem.

Enquanto ela escuta, os arranhões suaves se transformam em carícias gentis.

— Minha cabeça está sempre em alerta. Tem uma agitação constante que me acompanha o tempo todo. Às vezes, tenho crises de pânico, ou me perco em pensamentos, ou pareço distraído. Não é de propósito, simplesmente acontece. Barulhos altos, árvores caindo quando não espero, esse tipo de coisa serve de gatilho.

Scottie me abraça mais forte.

— Ainda bem que você não precisa lidar com árvores caindo e barulhos altos no trabalho, certo?

Dou uma risada curta.

— Pois é, né?

Ela não ri junto.

— Falando sério… Você já pensou em conversar com alguém sobre isso?

Dou de ombros.

— Já conversei. Fui diagnosticado com transtorno de estresse pós-traumático complexo. Mas é uma daquelas coisas que nunca vão sumir de vez, então fica difícil justificar o tempo e o custo da terapia.

Ela assente contra meu peito.

— Mas você não acha que valeria a pena tentar? Isso afeta sua qualidade de vida, Cal.

— Tem coisas que nunca vou conseguir deixar para trás, não importa o quanto eu queira. E remexer nisso tudo é exaustivo. Não só para mim, mas para quem está perto. Tentei antes, e pouco depois Molly e eu começarmos a ter problemas sérios. Desde então, fiquei receoso de me envolver de verdade com alguém… até você aparecer. Não quero te fazer passar por isso.

Ela se afasta um pouco e levanta o rosto para me olhar.

— Você não acha que sou eu quem deveria decidir isso?

Eu a puxo de volta para perto.

— Claro que acho. Mas as pessoas nem sempre sabem como reagir quando me perco ou travo… Tem dias em que parece que não existe ninguém dentro do meu corpo.

Ela não faz ideia do quanto é difícil tocar no assunto. É novidade para mim. Meu cérebro implora para eu esquecer essa história, aproveitar a noite e voltar a assuntos leves, música, livros, coisas descomplicadas, como eu fazia com Molly. Respiro fundo.

— E você tem razão. A decisão é sua. É um pedido e tanto, mas ainda assim, eu quero fazer.

As carícias param de repente, e ela ergue o rosto para mim, procurando meus olhos.

— Mas o que você está me pedindo?

— Para você ficar comigo mesmo assim.

O silêncio pesa entre nós. Meus pulmões queimam com o ar preso enquanto espero a resposta.

— Eu quero…

Não gosto nem um pouco do jeito como a voz dela se perde no final. Engulo em seco.

— Mas?

— Mas nós somos duas pessoas machucadas. Se a gente quiser que isso dê certo, precisamos ter certeza de que estamos em condições de cuidar de nós mesmos antes de cuidar de outra pessoa. Como podemos esperar ter um

relacionamento saudável se não enfrentamos nossos próprios problemas?

É que tudo entre nós parece tão fácil. Tivemos um começo complicado, mas, depois de sermos sinceros sobre nosso passado, ficou claro que existe algo bom aqui. Porra… Não imaginei que seria assim, e não esperava que doesse tanto.

— Do meu ponto de vista, nós dois temos futuro — admito. — Você não acha que vale a pena arriscar? Mesmo que a gente seja imperfeito?

— Você mesmo disse como é horrível ver alguém que você ama sofrer sem poder fazer nada para ajudar. Não me peça para viver isso. Talvez não tenha como se livrar de vez desse sofrimento, mas você precisa lidar com ele. Caso contrário, a dor vai ficar mais forte e te consumir por dentro. Às vezes, o único jeito é cortar o mal pela raiz e deixar sangrar para só então cicatrizar.

— Não é tão simples…

— Não, não é mesmo. É *difícil* pra caralho! Eu abri mão de tudo o que eu conhecia por uma chance de felicidade, de ter relações verdadeiras, de me encontrar. Isso não foi fácil. Ainda tenho muito trabalho pela frente, mas estou determinada a enfrentar — declara ela, e então respira fundo. — Não estava nos planos conhecer alguém como você tão cedo. Não sei se estou pronta, já que não tenho experiência alguma, mas o jeito que você me faz sentir, as coisas que você desperta em mim… — Um suspiro escapa dos lábios dela. — Você é diferente de tudo o que já vivi. Me sinto *viva* com você. Callahan, eu gosto de você. Muito. E gosto de quem sou quando estou com você, mas…

Sinto a palma de sua mão queimar através da minha camisa enquanto ela se aninha ainda mais no meu ombro. Cinco minutos atrás, esse gesto teria sido reconfortante, mas agora parece motivado por pena. A fisgada da rejeição arde no meu peito enquanto espero que ela continue.

— Estamos enfrentando nossas próprias batalhas. Não vou ficar parada assistindo você perder a sua porque decidiu que não vale a pena tentar. Preciso saber que vai lutar por si mesmo. Se quiser fazer isso, prometo que não vai estar sozinho. Vou estar ao seu lado o tempo todo, mesmo quando a situação ficar feia.

A esperança floresce no meu peito.

"Não é um não…"

Ela ergue o queixo e me beija antes de acrescentar:

— Se eu ficar, preciso saber que você não vai embora quando eu estiver aqui.

As palavras dela são como um bálsamo que acalma minha frustração e apaga

as chamas da rejeição que me lambem a pele. Mergulho a mão em seu cabelo, tomando os lábios dela com os meus em um beijo mais intenso do que antes. Esse é um novo começo.

— Eu não vou embora — digo contra a boca de Scottie.

Ela espalma os dedos no meu peito e me empurra o suficiente para interromper nosso beijo.

— Se vamos ficar juntos, então vamos fazer direito. Quero que você encontre alguém que o ajude a lidar com seus sintomas. Não faça promessas que não pode cumprir. Eu também tenho meus problemas, vou procurar alguém para mim.

— Tudo bem — concordo. — E quando a gente tiver que mexer nesse vespeiro e as coisas ficarem difíceis?

— Quando as coisas ficarem difíceis, não se afaste de mim. Fique e lute, Callahan.

Dou um beijo na lateral da cabeça dela, depois me viro de barriga para cima e a acomodo deitada sobre meu peito. A sensação da pele quente e macia contra a minha é puro êxtase.

— Obrigado.

— Por quê?

"Por apostar em nós. Por me dar algo pelo que lutar. Por me fazer sentir seguro pela primeira vez em muito tempo", penso.

— Por se importar de verdade.

O reflexo das chamas do fogão a lenha tremula e dança pelas paredes enquanto a puxo para mim e tomo seus lábios. A constatação de que ela pode ser a última mulher que vou beijar na vida me atinge em cheio… É estranho como alguém consegue manter o coração trancado por anos e, de repente, do nada, a pessoa certa aparece, com a chave capaz de abrir tudo o que existe dentro do seu peito e fazer você desejar algo a *mais*.

Os pequenos suspiros ofegantes de Scottie enquanto a beijo me deixam maluco. Envolvo a cintura dela com as mãos enquanto ela se acomoda no meu colo. Eu moveria montanhas para nos manter assim, mas não consigo evitar que a dúvida se insinue nos meus pensamentos.

E se eu não conseguir manter meus problemas sob controle? Se não melhorar, ainda serei bom o bastante para ela? Da última vez que fiz terapia, Molly e eu passamos a noite aos berros um com o outro. Não quero viver a mesma coisa com Scottie. Não depois de termos nos aproximado tanto e chegado tão longe. O calor sobe pelo meu pescoço e tensiona os músculos dos

meus braços quando as garras do pânico se fecham ao meu redor. É sufocante. As batidas aceleradas do meu coração ecoam nos ouvidos enquanto luto com tudo o que tenho para me manter aqui, nos braços dela.

Não acredito que está acontecendo de novo. Porra! É como se a vulnerabilidade de me abrir com Scottie tivesse liberado um monte de outras merdas também. Não consigo controlar. Era exatamente o que eu temia. Meus ombros se enrijecem, e nosso beijo chega a um fim abrupto. Respiro fundo, bem devagar, tentando evitar outro ataque de pânico. Quanto mais tento afastar os pensamentos negativos, mais fortes eles ficam. É como se meu cérebro afunilasse e não conseguisse se concentrar em mais nada. Scottie se endireita, olhando para mim.

Cacete, ela é maravilhosa. Ela merece coisa melhor. Alguém que possa oferecer mais.

Ela leva as mãos até as minhas e as direciona até os próprios peitos, apertando meus dedos com força.

— Está tudo bem, Cal… Só fica olhando, tá? Tenta se concentrar na minha voz.

Repito as palavras na minha mente até enfim conseguir ouvir de verdade. Preciso me concentrar na voz dela.

— Belisca meus mamilos — instrui, guiando minhas mãos enquanto rebola no meu colo. — Consegue sentir como estou molhadinha?

A boceta dela desliza sobre meu pau, macia e quentinha.

— Consigo.

Dou um aceno com a cabeça. Ela está tentando me trazer de volta à realidade.

— Não, é para *sentir* direito.

Ela conduz minha mão paras suas coxas, depois se ergue sobre os joelhos e usa meus dedos para abrir seus lábios. Está encharcada. Engulo em seco e sinto o pânico diminuir um pouco.

— Brinca com seus mamilos — respondo, depois a conduzo de volta para os próprios peitos e começo a estimular seu clitóris. Seguro meu pau pela base e o pressiono contra sua entrada, paro e ergo o olhar para ela, pedindo permissão.

Ela concede ao dizer:

— Estou com você.

Depois, afunda no meu colo centímetro por centímetro, até que eu fique todo acomodado dentro dela. Seus gemidos suaves me chamam, me trazem para o presente com ela. *Cacete*.

Os pensamentos destrutivos se dissipam, as preocupações se acalmam e a ansiedade é substituída pela necessidade. Scottie abafa todo o ruído na minha cabeça. O ar já não está quente e sufocante. Agora, está fresco e restaurador.

Essa mulher consegue me deixar maluco, mas também tem o poder de me manter são.

— Você é de tirar o fôlego, linda.

Um sorriso se espalha por seus lábios, e ela relaxa só um pouquinho. Cada parte dela é incrível, mas, neste momento, é o coração dela que me deixa em êxtase. Scottie tem mais do que beleza estonteante e personalidade incrível. É uma pessoa boa e íntegra até a essência. Ela se importa com os outros de um jeito altruísta e genuíno.

Ela rebola no meu colo, me empurrando mais fundo, e eu a agarro pela cintura enquanto ela usa o próprio corpo para me salvar.

O que sinto por Scottie não é amor, mas é alguma coisa.

Ela diz que ainda não viveu um amor de verdade, e talvez eu também nunca tenha vivido. Mas não existe a menor dúvida de que poderíamos encontrar juntos. Porque uma coisa é certa: mais cedo ou mais tarde, vou amar essa mulher.

41

Scottie

Quinto dia: a descida

Deixamos tudo arrumado ontem à noite, cientes de que precisaríamos estar prontos para partir antes do sol nascer. Meus dedos tremem. Estou com medo de ir embora, não só do que pode acontecer durante a trilha, mas do que o futuro reserva para nós. Até agora, nosso relacionamento só existiu em torres de observação e alojamentos. Proximidade forçada. Será que conseguimos existir também no mundo real? Fundir essa versão quase onírica à realidade me deixa inquieta, mas passei boa parte da vida com medo, e não dá para viver assim. Preciso confiar que vai dar certo.

Ajusto as meias aquecidas sobre os tornozelos enquanto Callahan espalha as brasas no fogão a lenha. Fico arrepiada só de olhar para ele. É a primeira vez que acordamos pela manhã para apagar o fogo, em vez de alimentar as chamas. Estou com o estômago embrulhado. Tenho plena confiança de que ele vai nos levar em segurança montanha abaixo, mas isso não diminui a apreensão diante do que estamos prestes a fazer.

Depois de improvisar um equipamento de tração com a corrente e a corda de nylon que encontrou, Cal colocou minhas botas perto do fogão a lenha na noite passada, para que estivessem quentinhas quando começássemos a jornada de volta para casa.

— Ainda comigo? — pergunta, sem olhar por cima do ombro.

Esboço um sorriso tenso.

— Sim.

— Vai ficar tudo bem.

— Eu sei.

Ele se vira, aperta meus dedos dos pés e me entrega dois sacos plásticos para colocar por cima das meias.

— Você já comeu? — acrescenta, referindo-se às barras de proteína que deixamos separadas pro café da manhã.

Se eu comer agora, posso acabar vomitando. Tenho medo de me afastar da segurança da torre, mas não podemos ficar aqui. Estamos sem água e o tempo abriu, então precisamos sair de qualquer jeito. Só que, a cada passo, estarei mais perto das coisas das quais venho fugindo.

— Está no meu bolso.

Enfio os pés já ensacados nas botas aquecidas, amarrando os cadarços sobre o tapete. Quando eu me levanto, estranho um pouco as correntes embaixo das solas.

— Você está nervoso?

— Não. No começo vai ser mais lento por causa da neve, mas, conforme formos descendo, o caminho fica mais fácil. É só uma caminhada matinal, nada mais.

"Só uma caminhada matinal."

Estamos bem agasalhados, usando camadas extras de roupas. Cal insiste para que eu fique com as luvas enquanto ele usa dois pares de meias de lã nas mãos. Ridículo, mas não adianta discutir com ele. As sombras dançam pelo cômodo enquanto nos preparamos para ir embora. Jogo a mochila sobre os ombros, e ele encaixa minha garrafa de água no bolso lateral.

Puxo o capuz, ele ajusta a lanterna de cabeça sobre o gorro, e nossos olhares se encontram. Ele ergue meu queixo e inclina a cabeça para me beijar.

— Vamos para casa — diz, sorrindo.

Concordo de leve.

— Vamos.

* * *

Callahan tinha razão. Caminhamos no maior breu por uma neve profunda que passa da metade das minhas coxas. É difícil, mas teria sido bem pior se ele não tivesse explorado a região ontem para abrir trilhas para seguirmos. Como sou mais baixa, fica ainda mais complicado, e faço o possível para acompanhar o

ritmo, mas me pego querendo parar e encarar o céu. Eu tinha me esquecido da vastidão do universo, do abismo astronômico que parece não ter fim. Sem nuvens ou árvores no horizonte, as estrelas parecem mais próximas do que nunca. É fora de série. Nunca tinha visto a via láctea tão brilhante assim.

O vento me faz semicerrar os olhos, mas não é nada comparado ao nosso primeiro dia aqui. O terreno coberto de neve cintila na minha visão periférica quando a lanterna de cabeça de Cal ou a minha (que afanamos da torre, *mal aí*) reflete a luz. É como encarar estática, e isso confunde minha noção de profundidade, porque o céu brilha tanto quanto o chão. É impossível distinguir onde o céu termina e a terra começa. A ausência de um horizonte torna essa expedição incrivelmente desorientadora.

— Precisa descansar um pouquinho? — pergunta Cal.

Estou com a boca seca.

— Não, tudo bem.

Ignoro a imensidão cintilante ao nosso redor, mantendo a cabeça baixa para garantir que estou pisando nos rastros dele. "Rastros" não é bem a palavra certa. Com a neve tão funda assim, as pegadas estão mais para buracos de perfuração. E ele fez tudo isso ontem, sozinho. Com um 1,60 metro de altura, tenho que levantar bem mais as pernas do que ele para avançar, e depois de uma hora me vejo ofegante. A única salvação para mim, com a neve até a cintura, é que estamos descendo a montanha, e isso ajuda um pouco. Dá a impressão de que não estamos chegando a lugar nenhum, uma vez que não tenho um ponto de referência para comparar onde estamos. Estou com as mãos e os pés congelando, mas continuo mexendo os dedos o máximo que posso.

Chegamos a uma parte da floresta em que precisamos fazer um desvio para seguir rumo ao leito do rio, e, às vezes, Cal se detém e segura um galho para que ele não me acerte na cara. São essas pequenas coisas que mais importam. Por mais que a caminhada na mata seja mais demorada, acho bem melhor do que avançar por clareiras, onde não tem árvores para nos proteger do vento.

— Eu não me conformo que você fez tudo isso ontem sozinho… Obrigada.

— Não precisa agradecer.

Estou embasbacada com a habilidade dele na natureza. Mesmo abrindo esse caminho durante o dia, ele não tinha trilha alguma para seguir. E tenho certeza de que deixou as pegadas mais próximas umas das outras só por minha causa. Deve ter sido bem demorado avaliar cada passo antes de avançar, mas, pelo tanto que já andamos, talvez não tenha sido tão arrastado assim. Não tenho vergonha de admitir: isso é sexy para caramba. Não dá para resistir a um

homem que consegue se orientar por montanhas cobertas de neve. Callahan é um absurdo.

Infelizmente, quando chegamos ao fim do caminho que ele abriu ontem, o avanço se torna bem mais lento. Coiotes uivam ao longe, mas estão afastados o suficiente para não causar preocupação. Por fim, ele se cansa de abrir as trilhas, então fazemos uma pausa para beber água. Aproveito para devorar a barra de proteína que deveria ter comido antes de sairmos. Pela primeira vez, consigo distinguir o horizonte à frente.

— Está quase amanhecendo — comento, apontando pro céu mais claro.

O facho da lanterna de cabeça dele oscila com um aceno.

Seguimos nosso percurso, e, pouco depois, o céu ganha um tom suave de roxo. Agora já conseguimos enxergar melhor os arredores. Depois de mais uma hora, os raios de sol nos aquecem o rosto, e, com a altitude mais baixa, o vento já não é tão cortante. A neve enfim fica abaixo dos meus joelhos, uma bênção, porque nenhum treino no mundo se compara a essa caminhada no Pico Quell. Rochas e pedras pontilham a paisagem branca, e não sei se algum dia as verei da mesma forma. Até a neve perdeu um pouco do charme de antes.

Remendamos com fita adesiva os rasgos da minha calça, mas não demora para que a impermeabilização fraca do tecido ceda à neve. Faço o possível para ignorar o frio cortante enquanto a roupa térmica se torna a última barreira entre minha pele e os elementos da natureza.

Fazemos uma pausa para descansar e aproveitar os raios de sol na montanha, com o nascer do sol tingindo a neve cintilante de um tom de cor-de-rosa intenso. É deslumbrante. Algumas vezes me pego acreditando que estamos mesmo no meio de uma caminhada matinal, não em uma trilha para garantir nossa sobrevivência.

Callahan se inclina para o lado e aponta para a frente. Demoro um instante para enxergar o que ele quer me mostrar, até que consigo distinguir dois chifres escuros contra a neve branca, a cerca de vinte metros de onde estamos.

Há uma cabra-montesa peluda encolhida na neve, toda tranquila enquanto nos observa.

— Incrível — sussurro.

A mão dele se move bem devagar para a esquerda.

— Tem outra ali — murmura, a voz suave.

— Pelo jeito, chegamos à Crista da Cabra, né?

Ele ri.

— Quase.

— Elas são perigosas?

— No geral, não. Mas como é época de acasalamento, acho melhor a gente manter um pouco mais de distância…

Fico boquiaberta.

— Oi?

— Vai ficar tudo bem. Aquelas ali nem ligaram para a gente.

Ah, sim. Tranquilo. Tudo ótimo. Bem legal mesmo.

Marchamos por mais duas horas ao longo da crista, e, pouco depois, a neve já chega aos meus tornozelos. Em alguns trechos, a camada está ainda mais fina. A cada passo, sinto a dureza das rochas sob as correntes presas às botas. Callahan olha para baixo e percebe como minhas calças estão molhadas da neve.

— Está tudo bem aí? Suas pernas doem?

— Não, tudo certo — minto.

Precisamos continuar.

— Meus joelhos estão me matando — resmunga ele, e eu entendo, porque está puxado para mim também. — Vamos descansar um pouco.

Tiramos as garrafas de água das mochilas.

— Sua lanterna ainda está ligada — aviso, sem fôlego depois de tomar um gole.

Fico surpresa que nossas águas não tenham congelado no meio daquele monte de neve.

— Opa.

Callahan apaga a luzinha e me faz sentar na beira de uma pedra enorme enquanto se agacha aos meus pés e remove a corrente e a corda das minhas botas. Já não são mais necessárias. Coloco a garrafa de volta na mochila enquanto ele guarda as coisas, e então tomamos nosso rumo.

Descer uma montanha é um saco. Nunca percorri um trecho tão íngreme por tanto tempo. Quando já estamos a cerca de três quartos do caminho até o vale da Crista da Cabra, começo a sentir o joelho direito latejar, mas sigo firme porque ainda temos muito chão pela frente e não quero nos atrasar.

— Como você está? — pergunta Callahan.

— Bem — resmungo.

Ele para de andar, coloca as mãos nos meus ombros e me observa com atenção.

— Vamos tentar de novo. Como você está?

— Cansada.

— Então a gente para um pouco. A neve foi embora, o sol já nasceu, o vale é logo ali e nosso ritmo está bom.

Tomo um gole de água.

— Falta muito?

— Uns oito quilômetros, mais ou menos. Mas é quase tudo plano.

Abro um sorriso.

— Eu aguento mais oito quilômetros de…

Cal vira a cabeça para a esquerda de repente. Será que ele viu alguma coisa? Vasculho os arredores em busca de mais cabras-montesas.

— Você ouviu isso? — pergunta.

Afasto o capuz do rosto. Escuto um zumbido ao longe, um ronronar baixo de algo mecânico. Eu me levanto de um salto e, juntos, corremos na direção do som. Está ficando mais alto, mas por que ainda não conseguimos ver de onde vem?

O barulho aumenta até que a fonte se revela: um utilitário preto e vermelho aparece em alta velocidade na curva seguinte.

Callahan e eu paramos no meio do caminho.

— Puta merda! — exclama, rindo.

Seguimos em frente, mais devagar dessa vez. Nossos oito quilômetros de jornada podem ter se reduzido a meros cinquenta metros. O veículo parece deslocado naquela paisagem remota.

Callahan sorri e levanta o polegar como se fôssemos dois mochileiros pedindo carona no meio do nada.

Quando o carro se aproxima, percebo que o motorista e o passageiro estão sorrindo de orelha a orelha.

— Por acaso aqueles dois são…

— Xander e King — responde Callahan, com um sorriso enorme, depois grita por cima do ronco do motor. — Vocês são meu Uber?

— É, ouvi dizer que alguém perdeu o toque de recolher — responde King, *Rowan*, desligando o motor e acionando o freio de mão.

Lembro de ter jogado pôquer com ele no Oregon, então o outro só pode ser Xander. Cal tem razão. Os olhos dele são *muito* azuis.

Xander desce e pega minha mochila, tirando o peso dos meus ombros. Cal joga a dele no banco de trás.

King o encara com o queixo erguido.

— Como foi o passeio, querido?

— Incrível… Xander, King, vocês se lembram da Scottie — diz Callahan.

— Oi — digo e aceno de leve, tentando segurar a emoção que sobe na garganta enquanto um alívio enorme me invade. *Conseguimos*. — É muito bom ver vocês.

King ergue o rádio para falar.

— Encontramos os dois. Estão vivos. Scottie está com um corte grande na testa, mas parece estar cicatrizando.

O rádio chia.

— Ótimas notícias. Mais algum ferimento?

A voz é familiar.

— É o Matt? — pergunto.

King confirma com um aceno, e quero morrer de vergonha. A última coisa que eu queria era ter arranjado problema no trabalho. Já é ruim o bastante eu não ter aparecido para o turno de hoje.

— Ela deslocou o ombro uns dias atrás — avisa Cal.

King repassa a informação para meu colega de trabalho.

Somos levados para o banco de trás do carro e, de repente, estamos avançando aos sacolejos montanha abaixo. Fico toda arrepiada enquanto o suor esfria. Cal me envolve com um braço e me puxa para perto.

— Então vocês receberam minha mensagem? — grita por cima do motor.

Xander olha para trás.

— Recebemos.

King se vira no banco.

— A gente nem sabia que você tinha sumido até ouvir a notícia do desaparecimento de Scottie, aí juntamos dois mais dois quando não conseguimos falar com você.

Fico confusa enquanto King se vira de volta para a frente. Eles sabiam que eu estava desaparecida?

— Eu? Como descobriram que eu estava aqui antes dele? — pergunto, apontando o polegar para Callahan. — Eu estava de folga do trabalho até ontem… Não conheço gente suficiente para alguém relatar meu sumiço.

Xander e King trocam um olhar, mas nenhum responde. Meu olhar oscila entre os dois, esperando uma explicação. King ajusta um dos espelhos e Xander se concentra no horizonte. O que estão escondendo?

— Ei! — dispara Cal, inclinando-se para a frente para que os dois ouçam. — Como vocês souberam que Scottie tinha desaparecido?

— A gente não sabia de nada — sibila King. — Quem sabia era o marido dela.

42

Callahan

De uma hora para a outra, começo a achar que talvez fosse melhor se os dois não tivessem nos resgatado. Nossa bolha estourou de vez e nosso tempo juntos diminui a cada quilômetro rodado até a base da montanha. Scottie não deu um pio desde que descobriu que Jonathan está na cidade. Fizemos vários planos na torre, mas agora que o marido dela apareceu, será que ainda estão de pé? E se ele a convencer a não pedir o divórcio?

Eu o identifico de longe quando chegamos ao estacionamento. Ele está agindo exatamente como eu reagiria se Scottie desaparecesse. Anda sem rumo, andando de um lado para outro, os dedos entrelaçados no topo da cabeça, mas assim que vê nosso carro, para de repente e corre na nossa direção.

Retiro o braço de trás das costas dela, apesar do protesto instintivo do meu corpo. Só então percebo que minha irmã também está ali, perto de uma das duas ambulâncias.

— Não acredito que vocês avisaram a Teddy.

Culpa de um dos dois. Ótimo, como se desse para esse dia piorar. Ela vai me dar uma comida de rabo daquelas.

Quando o carro estaciona, Scottie sai pela porta e na mesma hora é abraçada pelo homem que presumo ser Jonathan. Minha irmã me abraça por meio segundo antes de recuar e me dar um pescotapa.

— Que bom que você não morreu, seu imbecil.

Teddy me encara com as narinas dilatadas, depois me puxa para outro abraço.

Espio por cima do ombro dela e vejo Jonathan e Scottie se abraçando com

carinho. Mesmo depois de tudo que ela me contou sobre o relacionamento deles, o ciúme queima forte no meu peito. Os olhos dela encontram os meus, e ela me oferece um sorriso compreensivo. Como ele a encontrou, e o que veio fazer aqui? Acho bom não ter aparecido para levar Scottie de volta para casa. Eles podem ainda ser casados, mas não vou desistir dela sem lutar.

Teddy se afasta um pouco.

— Você precisa muito de um banho, cara.

— Quero te apresentar alguém — comento sem nem ouvir as reclamações de Teddy, incapaz de tirar os olhos de Scottie. Aceno para ela antes mesmo de perceber. — Ei, Scottie.

Ela se solta do abraço e dá alguns passos na nossa direção. Jonathan vem logo atrás. Quando ela para diante de mim, tudo parece surreal. Merda, é como se eu já a tivesse perdido. Odeio essa sensação.

— Scottie, essa é Teddy, minha irmã. Teddy, essa é Scottie.

Jonathan surge ao lado dela e aperta minha mão.

— Muito obrigado por manter Scottie em segurança. Não sei o que eu faria se a perdesse.

"Pelo jeito não muita coisa, já que demorou tanto tempo para vir atrás dela."

Trinco os dentes.

— Eu também não sei o que faria — respondo, encontrando o olhar dela.

Scottie fica vermelha na hora, e um silêncio constrangedor se estende entre nós.

— Bom, valeu mesmo por ter cuidado da minha esposa e a devolvido em segurança para mim.

"Porra, essa doeu."

Abro a boca para responder e, bem na hora, Matthew surge de uma das ambulâncias e interrompe nosso papinho amigável.

— Mal começou e já está matando trabalho, Prescott?

Ela fica branca feito papel e faz uma careta.

— Sinto muito, muito mesmo. Eu… — balbucia, engolindo em seco. — Estou muito ferrada por ter faltado hoje?

Matthew ri.

— Ninguém está bravo com você, mas preciso dar uma olhada no seu ombro e nesse corte na testa. Pode entrar na ambulância um instante?

Ela assente.

— Claro.

Matthew faz algumas perguntas sobre o ferimento enquanto os dois se

afastam, e Jonathan permanece na cola dela o tempo todo.

Dispenso o atendimento e preencho o formulário de recusa, depois me viro para minha irmã, que me observa com uma expressão curiosa. Ela lança um olhar exagerado na direção da ambulância onde Scottie está e depois volta a me encarar.

— Então… quer me explicar o que foi aquilo?

Ela está com os lábios contraídos, combinando com o ar de censura no rosto.

Inclino a cabeça, coçando a barba crescida demais.

— Não muito.

— Cara, depois da Molly…

— Não tem nada a ver com o lance da Molly, beleza? Só é… complicado. Olha, preciso ir para casa. Estou exausto. Posso te ligar mais tarde? Prometo que explico tudo, mas agora só quero ir para casa tomar banho.

Ela respira fundo.

— Tudo bem. Pode ser.

Os braços dela caem ao lado do corpo.

— Dá um abraço nas crianças por mim — peço.

Pelo canto do olho, vejo Xander e King se aproximando devagar no carro.

— E aí, Teddy — diz Xander, com um sorrisinho direcionado à minha irmã.

Ela acena.

— Você está bem, cara? — pergunta King, chamando minha atenção.

— Estou, sim. Precisam de ajuda para carregar as coisas no carro?

— Não, pode ir descansar — responde Xander. — Manda mensagem mais tarde.

Apoio a mão na nuca.

— Pode deixar. Valeu por terem salvado nossa pele lá na montanha.

O agradecimento é sincero.

— Ah, não foi nada. Vocês teriam conseguido voltar sem a gente — comenta King. — Mas a galera do trabalho vai se divertir à beça com essa história na próxima temporada de incêndios.

"Que ótimo. Não vejo a hora de ouvir a versão deles."

Minha irmã ri, depois aponta para mim e diz:

— Certo, vou indo. Me liga mais tarde.

Ela se despede de todos com um aceno e segue seu rumo.

— Bom te ver, Teddy — grita Xander, com os olhos se demorando nela um pouco mais do que o necessário conforme se afasta.

Eu alterno o olhar entre Xander e minha irmã, uma mulher *muito* casada, mãe de *dois* filhos. Ela levanta a mão em um aceno casual, depois olha para o celular enquanto caminha até o carro. Se Xander viu alguma coisa nela, perdeu a chance há muito tempo. Teddy e Logan estão juntos desde o colégio e são muito felizes.

Afasto o pensamento.

— De qualquer forma, obrigado mesmo.

Os dois se afastam pela estrada de acesso alternativa que leva à base principal, onde devem ter deixado o reboque.

— Valeu por garantir que eu não morresse! — grito para minha irmã, andando de costas em direção à minha picape.

Ela abre a porta do carro e grita de volta:

— Irmã caçula serve para isso, né?

Pego as chaves do carro na mochila e me acomodo atrás do volante, girando a ignição, mas não consigo ir embora. Tento me lembrar de que Scottie está em boas mãos com Matthew e o outro socorrista.

E com Jonathan.

Balanço a cabeça e engato a marcha a ré. Está na hora de ir para casa. Mas, ao sair da vaga no estacionamento, não consigo evitar a sensação de que estou deixando algo para trás.

Já em casa, afasto uma das lonas para entrar na sala de jantar. Pendurei várias ali para impedir que a serragem se espalhe. Faz uns cinco anos que emendo uma reforma atrás da outra, mas até que consegui ajeitar bastante coisa. Meus passos ecoam pelo espaço inacabado em direção às escadas. A casa parece vazia.

No andar de cima, vou me arrastando até o quarto, um dos primeiros cômodos que reformei depois de comprar a casa, e deixo a mochila no armário. Em seguida, boto o celular na tomada e o deixo carregando na mesinha de cabeceira enquanto ligo o chuveiro do banheiro da suíte. Escovo os dentes e espero a água esquentar. Solto um gemido de prazer assim que sinto o frescor da pasta de hortelã.

— Ah, meu amor, senti tanta saudade.

As palavras saem abafadas pela escova. Passo uns bons cinco minutos ali, esfregando até a parte interna das bochechas. Depois, uso fio dental, faço bochecho e aproveito o frescor gostoso do enxaguante. Depois de tirar todo o

equipamento imundo da trilha, entro sob o jato de água quente e solto outro gemido de prazer. Esfrego o corpo com o mesmo cuidado que dediquei à boca e saio do banho me sentindo mais renovado do que nunca. Os banhos de gato na torre ajudaram, claro, mas nada substitui o bom e velho chuveiro. Meus pensamentos vão para Scottie. Será que ela já chegou em casa? Já tomou banho? Conseguiu tirar a sujeira do cabelo, como queria?

Saio do banheiro com a toalha enrolada na cintura e me sento na beirada da cama. Pego o celular na esperança de ver uma mensagem dela, mas sou recebido por uma enxurrada de notificações acumuladas dos últimos dias. A maioria do grupo com Xander e King.

XANDER

E aí, cuzão, vai sair com a gente hj?

KING

Acho bom vc não ter morrido.

XANDER

Ele falou que tinha voltado da trilha... Deve estar reformando algum cômodo da casa, para variar.

KING

Ou atrás de rabo de saia.

XANDER

Ele comentou que ia sair da cidade?

KING

Para mim não falou nada.

XANDER

Vou falar com Teddy. Talvez ela saiba.

KING

Estão dizendo que a Scottie sumiu... Será que eles estão juntos?

XANDER

Será? Pode ser.

Eu e Scottie estamos na torre do Pico Quell esperando a tempestade passar. A trilha foi bloqueada por um deslizamento de rochas, mas estamos bem. Temos água e suprimentos. Vamos descer pela Crista da Cabra assim que o tempo melhorar.

Não sei se minha última mensagem chegou, bateria fraca, mas a tempestade está dando trégua. Vamos iniciar a descida amanhã cedo, dia 12/11.

XANDER

Puta merda.

KING

Eu não falei que não queria me meter nessas suas trilhas nas férias?!

Que inferno. Vou colocar o reboque no utilitário.

XANDER

Vou avisar o pessoal.

Preciso de todas as forças para não mandar uma mensagem para Scottie, mas mesmo assim abro a conversa com ela. Faço uma careta. Odeio as últimas mensagens que enviei. São frias, insensíveis.

Nosso lance acabou.

SCOTTIE

Ok.

Ei. Você já saiu da trilha?

Toco na tela e começo a digitar.

Não precisa responder, mas eu não queria que você abrisse nossa conversa e desse de cara com aquela última mensagem minha. Então, em vez disso, vou enviar esta aqui para dizer que estou com saudade. Que foi

muito difícil ir embora e deixar você para trás hoje. Que não consigo parar de pensar em você. Queria que estivesse comigo agora. Tenho a sensação de que uma parte de mim ainda está lá no topo daquela montanha, e espero com todas as forças que exista uma parte sua lá também, porque não estou pronto para abrir mão daquela versão de nós dois. O resto de mim está aqui, a apenas alguns quarteirões de distância, esperando por você. Vou ficar aqui o tempo que for preciso, mas você precisa saber que estou cumprindo minha promessa: não vou desistir sem lutar.

Depois de enviar a mensagem, deixo o celular na tomada e termino de me vestir. Não tem nenhuma notificação nova. Scottie precisa de tempo para resolver as coisas com Jonathan, e é importante que eu dê esse espaço a ela. Por enquanto, não há mais nada que eu possa fazer.

Eu me jogo na cama e fecho os olhos, sabendo que não vou ficar descansado com esse cochilo como ficaria com o corpo dela abraçado no meu.

43

Scottie

Escovar os dentes foi bem mais gostoso do que tomar banho. Eu já sabia que o chuveiro não ia dar conta de tirar toda a sujeira entranhada no meu couro cabeludo. Sinto falta dos banheiros da academia onde me matriculei logo que cheguei a Sky Ridge. Fico parada em frente ao espelho do banheiro minúsculo, passando os dedos pelos fios ásperos e imundos. Tudo parece arenoso e úmido. Nada limpo do jeito que eu queria sentir ao sair do banho. Tento usar uma escova, mas ela só espalha ainda mais a sujeira. Bato o cabo com força na pia.

— Que inferno! — grito.

Fecho os olhos e faço quatro respirações lentas e profundas.

— Scottie?

Jonathan bate de leve na porta.

— Estou bem! — sibilo, depois abaixo a cabeça antes de encarar meu reflexo de novo. — Desculpa… Está tudo bem. Só preciso de um minuto. Foram dias estranhos.

Desisto de arrumar o cabelo e visto calcinha, calça jeans e camiseta. Pelo menos as roupas estão limpas.

Quando saio do banheiro, Jonathan está sentado na cadeira quebrada da cozinha com um dos braços repousado sobre a mesinha. Trocamos um olhar, mas há algo estranho. Não conversamos há mais ou menos dois meses, e agora ele está aqui, na minha nova vida.

— Então… como andam as coisas? — pergunto.

— Já estive melhor.

Eu me acomodo na outra cadeira, de frente para ele. Nada disso me

surpreende. Eu via os sinais há anos, mas levei muito tempo para criar coragem e juntar dinheiro suficiente para ir embora. Se ele tivesse vindo comigo, poderíamos estar enfrentando todas essas situações juntos.

— E seus pais, como estão? Estou com saudade do frango frito da sua mãe — comento, dando uma risada sem muito ânimo. — Ainda não acredito que ela me deu a receita. Um dia desses vou acertar.

Essa semana vou fazer uma compra grande no mercado, com verduras e carnes.

— Você foi a única pessoa para quem ela passou a receita — conta ele, e também ri, mas depois fica sério. — Ela sente sua falta… Acha que perdeu uma filha.

Engulo em seco, olhando para minhas mãos. Eu também sinto falta dela. A família de Jonathan sempre foi carinhosa comigo. Eles nunca souberam a verdade sobre nosso casamento.

— Parece que eu perdi uma mãe também.

— Ela quer que você volte para casa.

Abro um sorriso tenso e mexo no fio solto da barra da minha camiseta. Ele sabe que não posso fazer isso.

— Nós dois sabemos que aquele lugar não é mais minha casa.

— Talvez seja.

Lanço um olhar suplicante para ele.

— Jonathan…

— Você precisa voltar para casa, Scottie.

Balanço a cabeça e aponto para o chão.

— Aqui é minha casa.

Ele se levanta da cadeira, abre os braços e gira em um círculo.

— Você chama isso de casa?! Você mal tem comida, está dormindo no chão, suas paredes estão literalmente caindo aos pedaços! Só eu percebi que você tinha sumido. Você não tem ninguém aqui!

Meu lábio inferior treme enquanto as lágrimas queimam nos meus olhos.

— Pode ser. Mas eu apostaria tudo o que tenho que sou mais feliz neste apartamento fuleiro do que você jamais vai ser no Rebanho.

Ele aperta o ossinho entre as sobrancelhas e respira fundo. Eu solto o ar, liberando um pouco da tensão. Só então me dou conta de que ainda não perguntei como ele me achou aqui.

Olho para ele, meio confusa.

— Como você descobriu que eu estava aqui?

— Eu não descobri nada. Foi o conselho.

— O quê?

Sinto os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Ele suspira.

— Estou aqui para levar você de volta para casa. Seu lugar é no Rebanho.

Queria tanto que ele parasse de chamar aquele lugar de casa. Porque casa é onde você se sente segura. Casa é como me sinto ao lado de Callahan.

— Eu não quero voltar para o Arkansas.

— Temos um voto sagrado — rebate.

— Já faz semanas. Estamos separados. E nossa promessa de deixar o outro ir embora? Esqueceu dela?

— Scottie, eles sabem!

Arregalo os olhos.

— Do que você está falando?

Esse é meu pior pesadelo. Sempre presumiram que nosso casamento o tinha "curado". Jonathan não vai estar seguro se descobrirem que ele ainda é gay. Afundo de volta na cadeira e encaro uma manchinha no piso de linóleo.

— Eles me encheram de perguntas depois que você foi embora. Foi horrível.

— Por que você contou a eles…

— Não! Foi *você* quem *me* abandonou, lembra? Você não faz ideia de como tem sido desde que foi embora.

Balanço a cabeça.

— Desculpa, desculpa. Não quis dizer desse jeito. Você tem razão, nem imagino o que você tem passado.

— Está sendo um inferno, e tive que enfrentar tudo sozinho. Você não deixou nenhum contato, nada! Entendo que esteja tentando algo novo, mas precisa voltar agora. Eles vão expor tudo se você não voltar. Você sabe o que isso quer dizer para mim.

Toda a cor some do meu rosto enquanto imagino o que pode acontecer com Jonathan. Eu não quero voltar para lá. Ralei muito para ir embora. Mas o destino dele é ainda pior. Eu que decidi ir embora, mas é ele que está sendo punido. Eu sempre disse que o protegeria. Minha presença era o único escudo que ele tinha, e o levei comigo quando parti.

— Minha carreira, minha família, minha licença médica, nossa casa — retoma ele, com a voz embargada. — Vai acabar com minha vida.

Mas a minha acabou de começar. Fico com um nó entalado na garganta.

Apesar de estar de frente para Jonathan, mantenho o olhar grudado no chão enquanto ele volta a falar.

— Prometo que não vai ser para sempre, tá bem?

Queria estar de volta ao topo daquela montanha com Callahan. Queria que estivesse comigo agora. Seria mais fácil digerir tudo isso nos braços dele.

— Eu juro que podemos sair de lá depois — insiste Jonathan. — Mas, se formos embora, tem que ser do jeito certo… Vamos voltar e esperar um pouco até a poeira baixar. Eu disse a eles que você ia voltar comigo e que a gente ia tentar outra vez.

Ergo o rosto, mas é como se eu estivesse olhando através de Jonathan.

— Você achou mesmo que podia fugir na calada da noite sem mais nem menos? Não é tão simples assim.

Por que todo mundo acha que o que eu fiz foi fácil? Será que Jonathan acha que foi fácil largá-lo para trás? Que foi fácil não ter onde morar? Eu ainda estou lutando para sair do buraco.

Eu tinha planos para meu futuro. Planos com Callahan, planos para minha carreira, planos para explorar toda a região. Eu tinha planos até para aquela casa na rua Spencer. Alguns eram mais improváveis, é verdade, mas outros estavam ao meu alcance, tão perto que os mantive comigo por quatro noites, e agora eles estão escorrendo por meus dedos.

— Lucas 15:4 — diz Jonathan.

O sangue ferve nas minhas veias ao ouvir a passagem bíblica. Ergo o queixo para encarar seus olhos cheios de compaixão. Sinto um ardor na garganta e preciso engolir a bile. Tenho vontade de gritar, de repreender Jonathan por não ter ido embora, por ser tão covarde.

"Qual de vocês é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?"

— O Rebanho não representa a palavra de Deus — sibilo.

Ele apenas me observa, impassível.

Lágrimas grossas embaçam minha visão.

— E como você vai se alegrar quando voltar com a ovelha perdida?

— Não vou me alegrar com isso.

Respiro fundo algumas vezes e enfim consigo acalmar um pouco da raiva no meu peito. Preciso me lembrar de que isso não é culpa do Jonathan. Só do Rebanho. Ele é vítima de um escrutínio que nunca precisei enfrentar. No fim das contas, ele precisa de mais proteção do que eu, e me sentiria culpada pelo

resto da vida se algo lhe acontecesse.

— Por que você não fica aqui? Lugares como o Rebanho são considerados seitas pelo mundo de fora. Sabia disso? As pessoas dizem que é uma seita.

Ele revira os olhos.

— O Cristianismo não é uma seita, Scottie.

— Talvez não, mas o Rebanho é — rebato.

— Eu não posso abandonar minha vida assim, do nada, igual a você. Por que não esperou até nós dois estarmos prontos?

— E se você nunca quisesse ir embora?! Nós já tivemos essa conversa milhares de vezes! Você nunca deu o menor sinal de que queria sair de lá. Era para eu passar o resto da vida esperando? Alguém precisava dar o primeiro passo.

— Desta vez eu vou sair de lá. Prometo.

Afundo o rosto nas mãos. Nunca odiei tanto o Rebanho quanto agora. Dou um pigarro para me livrar do nó preso na garganta. Não é culpa do Jonathan.

— Você disse que a gente podia voltar para lá e esperar um pouco até a poeira baixar… Por quanto tempo?

— Alguns anos.

Meneio a cabeça e solto uma risada incrédula.

— De jeito nenhum — protesto. — Um ano só.

— Eles podem…

— Um ano, Jonathan. E o prazo começa a contar agora. *Um ano*. Nem um dia a mais.

— Tudo bem — cede ele, erguendo as mãos em rendição. — Sinto muito, Scottie.

Só aceno de leve como resposta. Se fizer qualquer outra coisa, vou desmoronar aqui mesmo. Talvez eu devesse ter esperado até nós dois estarmos prontos para ir embora. Aí eu não conheceria tudo de que terei que abrir mão agora.

— Depois desse ano, vamos dar entrada no divórcio — declaro, com a voz falhando no fim da frase.

Jonathan baixa o olhar para o colo. Devia imaginar que o comentário viria, mas nem por isso se torna menos doloroso ouvir com todas as letras. Um minuto inteiro de silêncio se estende entre nós.

— Existe felicidade aqui fora, Jonathan. Eu garanto — continuo, segurando a mão dele. — Nós dois sabemos que essa não é a vida que imaginávamos para nós. O Rebanho não tem o direito de decidir quem amamos. O casamento não

deu errado porque não oramos o bastante. Não foi porque não dedicamos tempo suficiente a Deus ou a espalhar a palavra. Foi por causa de quem nós somos. De como fomos criados. E fomos criados perfeitos à imagem Dele. Você é perfeito do jeito que é, e eu sou perfeita do jeito que sou. Mas isso não significa que somos perfeitos juntos.

Fico enojada de pensar que o ensinaram a se odiar desde tão novo, e eu estive lá, assisti, participei até. Achei que podia ajudar Jonathan, como se ele precisasse desse tipo de ajuda.

— Sinto muito por ter concordado com algo que te machucou. Eu te amo, Jonathan, e amei ter você como parceiro, mas nós dois sabemos, bem lá no fundo, que isso não tem nada a ver com amor.

Ele assente. Não é a primeira vez que temos essa conversa, mas é a primeira vez que digo tudo isso sem que ele reaja com raiva.

— Nós dois crescemos em uma comunidade problemática, mas isso não significa que somos o problema. Só significa que não somos como eles, graças a Deus, porque aquilo não é amor.

Ele funga para conter as lágrimas.

— Eu sei. Mas ainda não quero perder você.

— Você nunca vai me perder — declaro com firmeza, e ainda assim eu sei, depois de ter visto a morte de perto, que a vida é curta demais. — Mas não dá para começar uma vida nova sem deixar a antiga para trás.

Nós dois nos encaramos com lágrimas nos olhos, enxergando um ao outro como indivíduos, talvez pela primeira vez.

— Aí, daqui a um ano… a gente só… vai embora? — Ele parece desolado.

Ver Jonathan passar pelas mesmas coisas que vivi há mais de um ano provoca em mim um tipo diferente de dor. Até pouco tempo atrás, ele era o único homem a quem eu já havia amado. Ele é meu melhor amigo. Nós éramos tudo o que o outro tinha.

— Nosso amor nunca vai desaparecer, mas não é o tipo de amor que deve existir entre marido e mulher. Não é romântico. Eu não sou o que você precisa. Nós não somos suficientes um para o outro.

Ele abaixa a cabeça em concordância, fungando.

— Você merece ser feliz, merece ter o carinho de um parceiro que possa te oferecer isso de um jeito que eu nunca fui capaz… Nós precisamos levar a vida que fomos feitos para viver. Amar as pessoas que fomos feitos para amar.

O lábio dele treme.

— Callahan?

A pergunta me pega desprevenida. Eu amo Callahan? Sim… amo. *Eu amo o Callahan*. Olho para Jonathan, ainda digerindo a novidade.

— Eu vi o jeito que você olhou para ele.

As lágrimas transbordam dos meus olhos, e eu as enxugo.

— Desculpa.

Jonathan balança a cabeça e funga outra vez.

— Eu soube que tinha acabado quando você foi embora. Mas ver o jeito que você olhou para aquele cara hoje… e o jeito que ele olhou para você… Acho que isso tornou tudo real, né? A gente vai mesmo terminar.

— A gente precisa fazer isso — insisto. — Eu te garanto, a vida é muito melhor do outro lado.

Um sorriso triste desponta nos meus lábios.

Jonathan solta uma risada baixa, olhando para as paredes manchadas de umidade.

— Pois é, você está vivendo feito rainha… Quando a gente voltar daqui a um ano, vamos arranjar um apartamento melhor para você.

Faço um gesto indiferente. Pode não ser chique, mas vale mais do que ouro. Espero muito que Jonathan se liberte um dia. Só então vai entender a paz de viver sem esse peso nos ombros.

Ele me observa por um instante, pensativo.

— Sinto muito mesmo, Scottie.

Um ano. Um ano.

— Mas eu vou precisar avisar no trabalho. Não posso largar tudo e me mudar do nada para o Arkansas.

Pretendo voltar para esta cidade. Se eu quiser meu antigo emprego de volta no ano que vem, não posso deixar a equipe na mão.

— De quanto tempo você precisa?

— Umas duas ou três semanas. Preciso resolver isso com eles — respondo, depois baixo o olhar para as mãos. — E também preciso conversar com Callahan.

Jonathan assente.

— Eu… estou ficando em um hotel aqui perto.

Ele pega um bloco de notas e uma caneta na bancada da cozinha e anota o nome e o número do quarto.

— Se você precisar de um tempo longe disso tudo… ou se quiser só conversar. Pode me procurar lá.

— Tudo bem.

O apartamento pode não ser tão bonito quanto nossa casa no Arkansas, mas ele faz parte da minha jornada. Um dia, vou olhar para trás e enxergar até onde cheguei.

— Eu te amo, Scottie. Espero que saiba o quanto valorizo seu sacrifício. Você está me salvando… pela segunda vez.

— Você é meu melhor amigo.

Ele aperta minha mão e desliza os dedos pelo meu rosto.

— Preciso de um tempo para digerir tudo isso, processar as coisas. Não sei como vou explicar para Callahan.

— Você vale a espera. Se ele gosta mesmo de você, vai esperar um ano… Não é um adeus definitivo.

A emoção fica entalada na minha garganta, formando um nó grande demais para engolir.

"Então por que parece tanto uma despedida?"

Solto a mão dele e o abraço quando nos levantamos. Ele apoia o queixo no topo da minha cabeça. Respiro fundo, apertando os braços em volta da cintura dele. Depois de reconhecer meus sentimentos por Callahan, consigo ver bem a diferença entre os dois homens que amo. Jonathan me mostrou o que é amor, mas Callahan me permitiu viver o amor na pele.

Ele enfia as mãos nos bolsos e solta uma risada fraca.

— Enfim, logo a gente se fala.

— Foi bom te ver de novo.

Trocamos mais um abraço, e então ele vai embora.

Fecho a porta, enlaço os braços ao redor da barriga e desabo no colchão murcho. Encolhida em posição fetal, deixo escapar um soluço angustiado atrás do outro.

Eu não quero dizer adeus.

Acordo justo quando o sol está se pondo, depois de ter caído no sono enquanto chorava. Continuo deitada ali, imóvel. Afundei tanto no colchão que estou quase na altura do piso. Rolo de lado na cama quando escuto minha barriga roncar, e sinto como se todos os meus músculos estivessem travados.

— Nossa Senhora.

Pelo jeito, a trilha montanha abaixo fez um estrago.

Tiro o celular da tomada e vejo uma notificação de mensagem. Ainda bem que ele não quebrou, só ficou sem bateria. Deve ter sido por causa do frio.

Abro a conversa. É de Cal.

Leio a mensagem. Depois a leio de novo. E de novo.

Nunca pensei que fosse viver um amor assim. Do tipo que dá frio na barriga e faz o coração acelerar. Do tipo dos meus livros de romance. Do tipo em que passo quatro dias presa no topo de uma montanha com alguém de quem sinto saudade antes mesmo de completar 24 horas longe. Do tipo em que ir embora sem ele parece a mesma coisa que perder uma parte de mim.

Oi.

Meu celular apita quase na mesma hora.

CALLAHAN

Ei.

Qual foi a sensação de escovar os dentes?

CALLAHAN

Melhor do que eu imaginava. E seu banho?

Deu pro gasto, acho. Já comeu?

CALLAHAN

Eu comeria mais.

A gente precisa conversar. Quero ver Callahan, ficar abraçada a ele. Pedir desculpa e desabar de novo.

Quer ir naquela hamburgueria aqui perto?

CALLAHAN

Quero. Vai ter mais alguém com a gente? Tudo bem se tiver.

É o jeito dele de perguntar se Jonathan ainda está aqui, e gosto que ele esteja sendo compreensivo.

Só eu.

CALLAHAN

Passo para te buscar daqui a cinco minutos.

Abro um sorriso enquanto digito a resposta.

Fica só a uns dois quarteirões daqui.

CALLAHAN

Não sei se os seus joelhos estão ferrados que nem os meus, mas a gente já andou além da conta hoje. Já, já eu tô aí.

Dou risada porque não me restam mais lágrimas para chorar.

Vou esperar lá fora. Toda acabada e mancando.

44

Callahan

EU A VEJO PARADA do lado de fora do prédio e enfim consigo respirar em paz. É uma mulher maravilhosa, o cabelo ruivo-loiro sedoso, o rosto limpo e todas as sardinhas que amo à mostra. Ela veste jeans e séter, como se fosse apenas mais uma noite qualquer, o que deixa tudo meio onírico. Foi mesmo hoje de manhã que descemos da montanha? O conceito de tempo está bagunçado demais.

Desço da picape para abrir a porta para ela, contorno a frente do veículo e a ajudo a subir no banco do passageiro. Depois de fechar a porta, dou uma olhada no predinho decadente onde ela mora. Se por fora já está caindo aos pedaços, nem imagino como deve ser por dentro.

Seguimos pela rua em silêncio. Por sorte, a hamburgueria não está muito cheia para uma noite de terça-feira, e conseguimos uma vaga perfeita bem na frente. Scottie solta um grunhido baixinho, segurando minha mão enquanto desce do carro.

Vemos que as mesas estão quase todas vazias conforme avançamos pelo salão, bem mais lentos do que o normal, e encontramos uma cabine livre. Assim que nos sentamos, a garçonete aparece com dois cardápios.

— A sopa do dia é canja de galinha — anuncia ela, com uma expressão suave.

Scottie e eu trocamos um olhar.

Depois de um instante, abro a boca como se estivesse surpreso.

— Ouviu isso, amor? Canja de galinha, sua favorita.

— Querem que eu anote o pedido? Vai ser uma…

— Não, obrigada! — interrompe Scottie, praticamente gritando, depois

morde o lábio inferior para não rir.

A garçonete alterna o olhar entre nós, ressabiada.

— Eu… vou dar um minutinho para vocês olharem o cardápio.

— Obrigada — responde Scottie com um sorriso, antes de me fuzilar com os olhos.

Abro o cardápio e murmuro:

— Bom, já sei o que *não* vou pedir.

— Eu quero um cheeseburger com o dobro de picles.

Boa garota.

— E uma salada para acompanhar…

Sorrio para ela por cima do cardápio.

— E um milk-shake.

— Aí, sim. Gostei de ver — elogio, depois fecho o cardápio e o coloco sobre a mesa. — Vou pedir a mesma coisa.

Scottie apoia o cardápio em cima do meu e dobra as mãos no colo.

— Então…

— Então… — repete ela, com o sorriso sumindo do rosto. — Jonathan e eu conversamos hoje à tarde…

Prendo a respiração enquanto espero que ela continue.

— Tivemos uma longa conversa. Sobre nosso relacionamento. Sobre o que a gente precisa um do outro.

— Do que você precisa? — pergunto.

Ela se concentra nos talheres à frente, ajeitando os dois até ficarem bem alinhados, depois apoia as mãos no colo de novo.

— Eu pedi o divórcio.

Solto o ar. Abaixo a cabeça por um instante antes de me recostar no estofado de vinil da cabine. *Graças a Deus*. Ela solta um suspiro trêmulo, e eu estendo a mão. A palma dela se encaixa na minha, e a aperto de leve.

— E como ele reagiu?

Estou me segurando para não despejar todas as perguntas que vêm me atormentando desde que fui embora daquele estacionamento hoje de manhã.

Scottie encolhe os ombros.

— Mais ou menos como eu esperava. Mas como se pede um divórcio sem magoar a outra pessoa? Não que ele não esperasse. Eu tinha deixado isso bem explícito quando fui embora. Mas acho que hoje caiu a ficha dele de que acabou de verdade e de que a gente precisa se separar para cada um tocar a própria vida.

Sinto vontade de abraçar Scottie ao ver o sorriso triste no rosto dela.

A atendente interrompe o momento e anota nossos pedidos de hambúrgueres, saladas e milk-shakes.

— Café?

— Sim, por favor — aceita Scottie.

Levanto dois dedos.

— Para nós dois. Obrigado.

A moça enfia o bloquinho no bolso do avental e segue arrastando os pés em direção à cozinha.

Viramos as xícaras de cerâmica sobre os pires, e então Scottie pega dois sachês de creme e um de açúcar no expositor. Presto atenção para ver como gosta de tomar o café. Ela abre as embalagens dos cremes e despeja tudo na xícara vazia, depois rasga o saquinho de açúcar e faz o mesmo.

Esperamos a garçonete voltar com o bule de café antes de retomar a conversa. Por sorte, ela aparece pouco depois, mas parece demorar uma eternidade para encher nossas xícaras. Scottie mistura o café até ficar de um tom bege e cremoso. O meu continua escuro a ponto de eu conseguir ver meu reflexo.

A atendente se afasta depois que nós agradecemos, e eu espero Scottie falar. Ela suspira e centraliza a caneca na mesa, usando a cerâmica para aquecer as mãos.

— Eu tenho que voltar.

Franzo a testa.

— Para o seu apartamento?

— Não, para o Rebanho.

O quê? Balanço a cabeça. De jeito nenhum. Não vai rolar.

— Eu não estou entendendo.

— A igreja descobriu sobre Jonathan. Ele precisa que eu volte para a gente organizar a vida dele. Aí, depois, podemos ir embora juntos.

— Como assim "*descobriu*"? Não foi a igreja que arranjou o casamento de vocês?

— Eles achavam que Jonathan tinha "virado hétero" comigo, mas descobriram que nada mudou. Então, ele vai ser obrigado a fazer mais terapia de conversão. Ele pode perder o emprego, a família, tudo. Ele não está pronto para ir embora de lá.

Pronto ou não, ele vai ter que se virar sem ela. Scottie talvez ainda não esteja pronta para admitir, mas já ouvi o bastante para não confiar nesse tal

Rebanho. Os líderes usam o medo e a intimidação para controlar a congregação. Aquilo é uma seita.

Contraio a mandíbula.

— E quando ele acha que vai estar pronto?

Apesar de estar me descontrolando por dentro, mantenho a expressão calma e reúno toda a paciência que tenho. Levou mais de um mês para esse cara vir atrás dela. Se fosse comigo, eu teria surtado no primeiro dia.

Ele teve tempo para ir embora. E continuou lá.

— Eu disse que dou um ano a ele, mas vou tirar a gente de lá antes disso.

Porra, um ano inteiro? Eu falei sério quando disse que estaria disposto a esperar por ela. Scottie vale qualquer espera, mas esse não é o problema.

Confio nela quando diz que o futuro ex-marido não é uma pessoa ruim. Dá para ver quanto ela gosta dele. Mas, no fim das contas, não conheço esse cara. E não quero que ela passe por um divórcio longo e arrastado, ainda mais se aquela igreja deturpada de onde ela veio resolver se intrometer.

Ela me conta toda a conversa que teve com ele à tarde, derramando algumas lágrimas. Detesto saber que ela sofreu. Dito isso, ela não vai a lugar algum.

— Eu prometo que vou voltar.

— Você não vai voltar, porque não vai embora.

— Callahan…

Balanço a cabeça.

— Prescott. Desculpa, mas não.

O olhar dela cai para a xícara na mesa.

— Não se preocupe, não vou fazer as malas e ir embora hoje à noite. Ainda tenho algumas semanas para resolver as coisas do trabalho e do apartamento. Preciso avisar com antecedência…

— Por favor. Me dá só uma semana para pensar em alguma coisa. Espera um pouco antes de pedir demissão.

Scottie ergue o rosto, e o sorriso fraco parte meu coração. Os olhos dela estão vermelhos. Mais cedo, achei que era por causa do vento, mas agora sei que é de tanto chorar.

— Vai ser menos de um ano — insiste ela, com um fiapo de voz.

Nada garante que vai ser assim mesmo. Qualquer lugar que aceite a terapia de conversão também não deve se importar muito com os direitos das mulheres. Ela está colocando a própria segurança em risco ao voltar para aquele lugar, e não vou permitir uma coisa dessas.

— Eu deixei bem claro que não ia fugir quando as coisas ficassem difíceis

— declaro. — Agora preciso que você cumpra essa mesma promessa.

Ela enxuga o rosto com as mãos.

— Mas é diferente. Não estou escolhendo ir embora, eu tenho que voltar. Vai ficar tudo bem. Deus nunca fecha uma porta sem abrir uma janela.

Besteira.

Dou uma risada seca.

— Aí você vai ter que pular? — pergunto. — De jeito nenhum. A gente vai abrir a porta de novo e pronto. É assim que portas funcionam, Prescott.

Os ombros dela afundam.

— Jonathan precisa de mim.

Deslizo o polegar pelos dedos dela. Scottie não enxerga a gravidade da situação. É perigoso para eles dois.

— Escuta bem o que eu vou te dizer. Você não pode salvar todo mundo. Às vezes, só dá para salvar uma pessoa, e tudo bem se essa pessoa for você.

Scottie me observa, atônita, como se tivesse passado a vida inteira esperando alguém lhe dar permissão para escolher a si mesma. A esperança nos olhos dela vai me fazer sustentar cada palavra que acabei de dizer. E não vou decepcionar.

— Deixa que eu resolvo isso — insisto, justo quando a garçonete pousa os pratos com um baque na mesa, e solto a mão de Scottie para abrir espaço. Eu devia ter insistido para a gente jantar lá em casa, só para evitar qualquer interrupção.

Scottie ainda está me encarando. Ergo o queixo, indicando o prato dela.

— Come seu hambúrguer, linda.

Ela concorda com a cabeça. A comida quentinha faz minha boca salivar, mas perdi um pouco do apetite. Ela pega o guardanapo que envolve os talheres, coloca no colo e segura o sanduíche com as duas mãos antes de dar uma bela mordida.

— *Ai meu Deus* — balbucia ela, com a boca cheia, cobrindo os lábios com a mão enquanto mastiga.

Sigo o exemplo e também mando ver, e é bom pra caralho. Esse lugar sabe fazer um hambúrguer caprichado.

Sacrificamos a conversa pela comida até eu pegar Scottie observando o casal com três crianças pequenas do outro lado do cômodo. A família faz a maior bagunça enquanto se ajeita. Eles arrumam uma cadeirinha pro caçula e a posicionam na ponta da mesa. Quando estão todos sentados, a garçonete distribui cardápios e giz de cera. As duas crianças mais velhas já estão

perguntando aos pais se podem pedir leite com achocolatado antes mesmo de encostarem nos apetrechos de pintura.

Pouso o hambúrguer no prato e termino de mastigar, depois pergunto:

— Você quer ter filhos um dia?

Ela suspira.

— Pra ser sincera? Não tenho muita vontade. Eu gosto de crianças, mas nunca quis ser mãe, não depois de crescer no Rebanho. Mesmo tendo saído de lá, acho que não preciso da maternidade pra me sentir completa.

Faz muito tempo que eu desisti da ideia de ter filhos, mas adoro ser tio. Depois de algumas batatas fritas, meu apetite volta.

— E você?

Aceno que não.

— Eu tenho folga no inverno, mas durante a temporada de incêndios passo semanas fora de casa. Não é a situação ideal pra criar filhos. Não estou dizendo que a gente não poderia ter, mas seria bem mais difícil.

— "A gente"?

Ela sorri antes de morder o hambúrguer.

"Merda, eu falei isso mesmo?"

— Eu, hã, quis dizer eu e minha futura parceira — desconverso, depois pigarreio e acrescento: — Teddy e o marido dela, Logan, têm dois filhos, a Penny e o Dalton. Eu adoro ser tio. É o melhor dos dois mundos.

— Que fofo. Se não fosse o trabalho, você ia querer ter uma família?

— Talvez? É difícil saber — respondo, meio indiferente, porque não é algo com que sonhei a vida toda nem nada disso. — Estou bem feliz com o rumo que minha vida está tomando até agora.

E isso inclui um futuro com Scottie.

Depois de dias à base de comida pastosa e ultraprocessada, essa refeição parece a oitava maravilha do mundo. Scottie deve estar pensando a mesma coisa, porque as próximas palavras que saem de sua boca são:

— É tão bom comer uma coisa crocante!

Assim que terminamos o jantar, começo a perguntar sobre os planos dela para a semana, na esperança de que isso a deixe mais calma. Quero mostrar que nada mudou. Que ela não vai embora.

Eu não estou preocupado, e ela também não deveria estar.

Faço uma cara contrariada quando ela comenta que vai retomar o trabalho amanhã, mas ela deixa bem claro que não adianta eu espernear, porque já está decidido. O corte na testa mal cicatrizou e ela já quer ir bater ponto. Em

compensação, diz que não vai atender ocorrências por algumas semanas, até o ombro sarar. Aposto que vai ficar maluquinha.

Pagamos a conta e voltamos para o carro. Em poucos minutos, já estamos de volta ao prédio dela. Scottie insiste que não precisa que eu a acompanhe até a porta, e, pela segunda vez hoje, vou embora e a deixo para trás.

Eu me arrependo na hora.

Dirijo por um quarteirão antes de perceber que nem dei um beijo de boa noite nela.

— Nem fodendo.

Dou meia-volta com a picape e piso fundo no acelerador. Assim que estaciono ao lado do prédio dela, salto para fora. Da última vez que estive aqui, eu estava fulo da vida, mas agora consigo reparar melhor nos detalhes. Tem uma porta externa barata, com grades metálicas verticais e arabescos decorativos que deviam estar na moda no século passado. O metal já foi pintado de branco, mas agora está quase todo enferrujado, e grandes lascas de tinta se soltam quando abro a porta com um rangido horrível, como unhas em uma lousa. Uma fita crepe azul segura o vidro rachado da porta logo atrás.

Fico atordoado quando vejo a fechadura quebrada na outra porta atrás da enferrujada. Como não percebi isso antes? Qualquer um poderia entrar nesse prédio. Ainda me lembro do número do apartamento, mas procuro o nome dela em uma das caixas de correio para confirmar que estou no lugar certo. E, de fato, qualquer pessoa poderia entrar aqui. Subo as escadas e paro em frente à porta dela, do mesmo jeito que fiz semanas atrás. Dessa vez, eu bato.

Assim que ela abre, cruzo a soleira e a puxo para um beijo. Pouso as mãos nas laterais do pescoço dela enquanto ela agarra meus antebraços. Conduzo Scottie para dentro do cômodo, fecho a porta com um chute e solto um gemido quando ela retribui o beijo com a mesma avidez. Eu me perco nela.

Scottie desliza a palma da mão até minha nuca, arranhando de leve o couro cabeludo e me causando um arrepio. Adoro quando ela faz isso. Coloco uma das mãos no bolso de trás da calça dela, deixando os dedos apalparem a curva da bunda. O sangue desce rápido. Apesar de todos os instintos gritando dentro de mim, eu a solto. Preciso raciocinar direito, ou vou transar com ela ali mesmo. Se bem que não é má ideia.

Apoio a testa na dela e nós dois rimos entre respirações ofegantes.

— Você esqueceu de me dar um beijo de boa noite.

— Eu sou um imbecil.

Um movimento súbito no canto do olho me faz observar o restante do

apartamento… ou melhor, do estúdio. Entreabro os lábios. Dou uma volta lenta, absorvendo as condições em que ela vive.

Além de ser minúsculo, as paredes estão tão manchadas de infiltração que quase parecem uma escolha estética. As marcas descem até o carpete, que deve ter sido bege um dia. Verdade seja dita, Scottie fez de tudo para deixar o lugar aconchegante, mas existe um limite para quanto se consegue embelezar um chiqueiro. Já me meti em muita birosca nessa vida, dormi embrulhado em lona ao relento, morei em um trailer por um tempo, e qualquer um desses seria preferível a isso aqui. Nem preciso pensar duas vezes. Quero que ela vá morar comigo.

Preciso encontrar um jeito delicado de sugerir que ela se mude para minha casa sem soar ofensivo ou insistente. "Seja delicado. Tenha tato…"

— Este lugar é um lixo — disparo.

"Bom, eu tentei."

Ela ri e dá um empurrãozinho no meu ombro.

— Não estou em posição de escolher.

— Bom, mas eu estou em posição de pedir para você ficar comigo lá em casa.

O sorriso desaparece do rosto dela.

— Por quê? Eu moro aqui.

Balanço a cabeça.

— Não mais. Você não pode morar nesse pardieiro. Não é seguro.

— Cal, nem é tão ruim. Eu dou um jeito. O aluguel é barato, e posso pagar mês a mês…

— É, dá pra perceber.

Algo se move rápido pelo chão, e dessa vez vejo o que é. Meus olhos acompanham o ratinho marrom correndo pela lateral do colchão inflável meio murcho que fica no chão atrás dela.

"Ah, não. De jeito nenhum."

— Qual é o nome do seu bichinho de estimação? — pergunto, erguendo o queixo na direção do rato.

Scottie me encara, confusa.

— Eu não tenho bichinho nenhum.

Aponto o rato, e ela se vira na hora, recuando às pressas e batendo em mim. Eu a seguro para não tropeçar.

— Pelo jeito, agora tem.

— Ai, credo! — diz, tremendo. — Eu odeio rato.

— Imaginei. Arruma suas coisas. A gente volta amanhã para pegar o resto.

Ela assente de leve, ainda se afastando do roedor indesejado.

— Ok… Ok, pode ser.

Sem tirar os olhos do bicho, ela pega a mochila, aquela que eu conheço tão bem, e guarda só o essencial: carregador de celular, itens de higiene, um moletom, meias, roupas íntimas e o uniforme do trabalho.

— Espera, eu entro no trabalho cedo amanhã. Posso te seguir de carro até sua casa.

— Eu cuido disso. A gente pega seu carro de manhã.

Não quero mais ficar nesse prédio. A gente já sabe que consegue conviver bem em espaços pequenos. Mais ou menos. Não precisa ser para sempre, mas eu gosto da ideia de ter Scottie na minha casa, onde sei que ela vai estar segura.

45

Scottie

FICO ARREPIADA SÓ DE PENSAR naquele bicho. Morro de nojo de rato. Poucas horas antes, eu estava dormindo naquele mesmo colchão enquanto ele se esgueirava pelo meu apartamento. A decisão de sair foi fácil, fácil.

— Eu nem sei onde você mora.

O homem é dono do meu coração, e eu não faço ideia de como é a casa dele. Tento não me preocupar com isso. Até porque nossa situação não é convencional. Nem de longe. Já tem um abismo de saudade se formando no meu peito, mas, por enquanto, vou só ignorar e aproveitar as poucas semanas que me restam com Callahan. Não adianta ficar chorando pelos cantos.

— Não é muito longe. Mas, só para você saber, a sala está em reforma.

— Ratos? — pergunto.

— Não tem um mísero rato naquela casa.

— Perfeito.

Ele vira na rua Spencer, e eu me contorço no banco. Essa é a rua da minha casa. Abro a boca quando o carro se aproxima da residência modesta em estilo vitoriano. Espero que dê tempo de mostrar para Cal. Quando a vejo, abro um sorriso de orelha a orelha.

— Quero te mostrar uma casa aqui — aviso, já inclinada no banco.

Ele dá risada.

— Beleza. Qual delas?

Quando estou prestes a apontar, ele liga a seta e diminui a velocidade, entrando na garagem da casa. Da *minha* casa. Fico sem reação.

Ele estica o pescoço para olhar ao redor, depois volta a me encarar.

— Qual casa você ia me mostrar?

— Você mora aqui? — pergunto, e aponto pela janela feito uma tonta. — Nessa c-casa?

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Sim?

Levo a mão à boca, incrédula.

— Eu sempre passo por essa casa quando saio pra correr! Tipo… o tempo todo!

Inclino o corpo e espio pelo para-brisa para ver melhor. Não consigo tirar os olhos dela.

Ele acompanha meu entusiasmo.

— Não acredito! Eu também!

Balanço a cabeça e seguro o bíceps dele.

— Não, você não está entendendo. Essa é *minha* casa. Quer dizer, é *sua* casa, mas… mas também é minha.

Ele pousa o dorso da mão na minha testa, como se quisesse ver se estou com febre.

— Tem certeza de que o Matt te liberou hoje cedo?

Continuo a admirar a casa pelo vidro do carro, boquiaberta. Mesmo estando escuro lá fora, dá para ver os detalhes graças a alguns postes de rua e luzinhas acesas na parte externa da casa.

— Não, estou bem. É só que… eu amo essa casa. Por isso sempre corria por essa rua. Eu passava na frente dela de propósito, porque amo demais esse lugar. É a casa dos meus sonhos.

Ele ri.

— Sério?

— Sim! — digo, com um sorriso enorme. — Sempre tive curiosidade de saber como é por dentro, quem mora aqui e como é a vida dos donos. Eu achava que uma família de quatro pessoas morava aqui. Teve uma vez que passei e vi um casal com dois fi… Ah! Aposto que era a família da sua irmã!

— Eles aparecem de vez em quando pra dar uma olhada na casa quando eu preciso passar muito tempo fora por causa do trabalho.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— É só que… não acredito que você mora *aqui*. Posso… Posso ver por dentro?

A casa dele tinha sido um objetivo tangível pelo qual eu vinha trabalhando desde que cheguei a Sky Ridge, e eu nunca soube disso.

Cal faz uma careta.

— Ah, então… Eu tinha planos de a gente acampar esta noite. Ouvi dizer que ar fresco faz muito bem pra você — responde com um sorrisinho debochado, antes de abrir a porta do motorista. — Vamos lá, eu te mostro tudo.

Saio do carro aos pulinhos e o sigo apressada em direção à porta da frente. De perto, a casa é ainda mais charmosa. Subindo os degraus logo atrás dele, passo os olhos por cada suporte ornamental e cada tábua do assoalho da varanda que contorna a construção de fora a fora. Nem parece real.

Cal destranca a porta e a mantém aberta para que eu entre. Dá vontade de me beliscar para ver se não é um sonho.

O primeiro cômodo está vazio e todo coberto por lonas, impedindo a visão do interior, mas o piso é original e leva até a escada de madeira mais elegante que já vi.

— Como eu disse, a sala de estar, a sala de jantar e toda essa área ainda estão em reforma.

— Uau.

Ele me conduz por uma grande abertura no plástico resistente.

— Aqui é a sala de jantar que só uso quando Teddy, Logan e as crianças vêm visitar.

As paredes foram pintadas de um azul puxado para o cinza, e a sanca branca no topo, ao longo de todo o perímetro, é entalhada com padrões delicados.

Seguimos para a cozinha, que também já está pronta. Ela traz um toque moderno ao projeto original, com eletrodomésticos de ponta, uma ilha central e bancadas de madeira por toda parte.

— Você é muito talentoso.

— Obrigado.

Cal aceita o elogio sem pestanejar. A habilidade e o cuidado dele são evidentes em cada detalhe do trabalho. Ele sabe que ficou bonito, mas minimiza o orgulho. Isso me faz sorrir. Ele fica uma gracinha quando não está sendo um babaca convencido.

— O que foi?

— Nada. Você fez um trabalho maravilhoso. Estou impressionada, de verdade.

Exploramos o restante do primeiro andar, que inclui a lavanderia, o escritório e uma "sala de convivência" ainda inacabada, com uma lareira lindíssima. Ele me conta seus planos para reformar esses ambientes durante o inverno, e eu escuto cada palavra com atenção absoluta. Por enquanto, os

cômodos estão abarrotados de móveis que foram deslocados por causa das obras em outras partes da casa.

— O segundo andar ficou pronto no ano passado.

Sigo atrás dele pela escada curva, mordendo o lábio de expectativa enquanto deslizo os dedos pelo corrimão de madeira nobre. Chegamos ao corredor do andar de cima. Ele aponta para uma porta aberta logo à nossa esquerda.

— Quarto de hóspedes, sem cama — anuncia, depois indica a porta em frente. — Banheiro.

Dou uma espiada no quarto de hóspedes espaçoso. As paredes estão pintadas de verde bem clarinho.

Avançamos juntos pelo corredor.

— Quarto de hóspedes *com* cama — continua, apontando para outro quarto, com uma cama de casal queen e uma cômoda.

Tem duas portas no fim do corredor. Ele abre a da esquerda. É o cômodo que tem formato de torre. Abro um sorriso de orelha a orelha e atravesso a soleira. Sempre quis ver o interior de uma torre dessas. O ambiente de formato octogonal é cercado por janelas altas, fazendo com que a leve abóbada do teto pareça uma cúpula. Um conjunto de beliches se projeta de uma das paredes.

— Meus sobrinhos ficam neste quarto. Eles gostam de fingir que é um castelo.

"Ai, meu coração."

Faço beicinho e arregalo os olhos, emocionada ao me lembrar de que Callahan é lindo por dentro também. Ele solta uma risadinha ao ver minha cara. Estou caidinha por este homem. Este quarto é um vislumbre desse lado gentil que ele esconde, mais uma faceta para amar.

— Dá pra entender o motivo.

— Anda logo, manteiga derretida — incentiva, pegando minha mão e me guiando para fora do castelo, em direção ao último quarto. — Este é o meu.

Callahan recua um passo, fazendo um gesto para que eu entre primeiro.

Avanço pela porta e, mesmo que ele não tivesse dito nada, eu saberia que esse era o quarto dele. O aroma esfumaçado de cedro é mais intenso ali. As paredes em um tom profundo de verde-jade criam uma atmosfera intimista e melancólica. É muito diferente dos outros cômodos, sempre claros e arejados. De longe, é o maior de todos, com uma cama king size bem no centro. Entre o cheiro, os detalhes em madeira e as galhadas de alce penduradas, o quarto dele me lembra as florestas típicas da região. Cal pertence à natureza. Ele se sente tão à vontade ao ar livre quanto em casa. Ele entra por uma das portas e acende

a luz.

— O closet e o banheiro ficam por aqui.

Levo mais um minuto para apreciar os detalhes masculinos discretos e a vista da rua em frente à casa. A calçada por onde eu corri… quantas vezes mesmo? Em uma das paredes, há fotos de tamanhos variados, emolduradas e com bordas amplas. Imagens de incêndios florestais.

— Foi você que tirou essas fotos?

— Hã? — pergunta Callahan, enfiando a cabeça de volta no quarto. — Ah. Foi.

— Gostei delas.

Olho para trás e o vejo sem camisa.

— O que você está fazendo?

— Te esperando — responde ele, e desaparece de novo pela porta.

Eu atravesso o closet até chegar ao banheiro da suíte, bem a tempo de ver Cal abrir a torneira da enorme banheira vitoriana com pés de garra.

Levo a mão à boca.

— É original?

Ele acena que sim.

— Não consigo me livrar dela.

— Por favor, não. É linda demais!

— Não, quis dizer que não consigo *mesmo* me livrar dela. Esse troço pesa uns duzentos quilos.

Dou risada enquanto ele tira a cueca e a deixa caída no chão do banheiro. Puta merda, que homem gostoso. Ele entra na banheira e se apoia nas laterais para sentar no fundo, apoiando as costas na estrutura. Depois, levanta o queixo na minha direção.

— Tira a roupa e entra também. Vem, vai ser gostoso.

46

Callahan

QUANDO BEIJEI SCOTTIE no apartamento dela, com os dedos entrelaçados no seu cabelo, senti um pouco da sujeira entranhada que ela tanto queria tirar no banho. Aí me lembrei de que ela tinha reclamado do chuveiro de lá, e isso me deu a desculpa perfeita para o convite para entrarmos juntos na banheira. De quebra, ainda tem outras vantagens: relaxar os músculos doloridos, ver Scottie pelada, e por aí vai.

Observar ela tirar a roupa devagar, até ficar completamente nua, cura aquela parte de mim que se partiu mais cedo, quando tive que ir embora sozinho. Ela voltou para mim. Meu mundo voltou aos eixos. Não sei o que tem nessa mulher, mas sinto uma necessidade quase sufocante de ficar perto dela. Depois de tudo o que passamos, estar com ela na minha casa parece simplesmente o certo. É assim que deve ser. E descobrir que ela sonhava com essa casa o tempo todo? Não pode ser coincidência.

Scottie pega minha mão e entra na banheira de costas para mim, me dando uma visão privilegiada de sua bunda. Quando mergulha na água quente, solta um gemido longo.

Eu rio baixinho.

— Não falei?

Ela solta o ar devagar.

— Tão gostoso…

Assim que ela se acomoda entre minhas coxas, passo os braços ao redor dela, colando suas costas no meu peito. Eu me recosto na borda da banheira, trazendo-a comigo. Ficar assim, pele com pele com Scottie, talvez seja minha

nova coisa favorita do mundo. Fecho os olhos, e suspiramos ao mesmo tempo. Ela deixa escapar uma risadinha. Nossa respiração relaxada está em perfeita sincronia.

— Acho que eu ia gostar de fazer isso sempre — murmura.

— Eu também — respondo, e beijo o topo de sua cabeça. — Quer que eu tire essa sujeira?

Ela apoia as mãos nas bordas da banheira e se endireita um pouco.

— Você consegue? Tentei antes, mas não saiu tudo.

— Claro, pode deixar.

Pego o chuveirinho de cobre do suporte e avalio a temperatura da água. Perfeita. Levo o jato até o couro cabeludo dela. Scottie inclina o queixo para cima, me dando mais espaço. Esfrego os fios encharcados, passando os dedos por entre eles com cuidado. Fico satisfeito ao ver minúsculos pontinhos pretos de terra e areia caindo na água da banheira.

— Está saindo tudo — aviso, e então sorrio. — Você fica gostosa assim. Agarrada na borda da banheira, as costas arqueadas… Gostei.

— Que bom que você está se divertindo — responde ela, rindo de leve.

— Eu ia gostar mais se você virasse — provoco.

— Se você tirar toda a sujeira, faço o que você quiser.

— Ah, é? Qualquer coisa?

— Qualquer coisa.

— Gostei da ideia.

— Eu também.

Massageio cada mecha de cabelo com cuidado. Passado um tempo, preciso abrir o ralo da banheira porque a água está subindo demais. Depois de vinte minutos penteando os fios com os dedos, concluo que já está ótimo. Não sobrou nem um grãozinho de areia. Deixo o chuveirinho cair de volta na banheira e ajusto o botão para esquentar a água de novo.

Scottie solta um gemido que faz meu pau, já meio desperto, endurecer ainda mais. Ela torce o cabelo molhado e se recosta no meu peito.

— Obrigada.

— Quando quiser.

A cabeça dela descansa no meu ombro. Ainda segurando o chuveirinho debaixo da água, uso a pressão forte para massagear nossas coxas e joelhos.

— Você está me mimando demais.

Deslizo a mão entre os seios dela, depois apoio a palma aberta na base do pescoço, passando o polegar de um lado para outro na pele macia.

— Você merece ser mimada.

Volto o jato para as pernas cansadas dela e vou subindo devagar, cada vez mais alto. Ela inspira fundo.

— Só relaxa — sussurro.

Aconteceu muita coisa hoje, e eu quero ver Scottie se livrar de toda essa tensão. Ela se derrete contra mim e deixa escapar um suspiro longo.

Escorrego a mão pela barriga dela.

— Ainda comigo?

— Sim — responde com a voz baixa, sedutora. — Não para.

Meu dedo do meio separa os lábios dela, roçando de leve o clitóris, e ela se abre ainda mais para mim.

O jato dirigido bem entre as coxas faz as costas dela se arquearem de novo.

— Relaxe os músculos e aproveite. É só curtir.

Scottie se entrega, amolecendo contra mim. Levo a pressão do chuveirinho direto no clitóris. Ela se assusta por um segundo, depois relaxa os músculos como eu pedi.

— Essa é minha garota.

Ela deixa os lábios entreabertos e respira bem devagar, como se estivesse meditando. É perfeito.

— Nossa… — murmura.

O prazer estampado no rosto dela deixa meu pau latejando. Ela está linda assim.

Ficamos o mais imóveis possível para não derramar água para fora da banheira enquanto o jato forte continua a jorrar sob a superfície. Ela geme quando aperto o botão e a pressão vira um pulsar ritmado, quase como uma vibração.

— Você está indo muito bem.

— Humm — responde, quase num gemidinho.

Aproximo a boca do cabelo molhado e sussurro:

— Eu gosto que você tenha fantasiado com minha casa.

Ela assente, soltando outro suspiro longo.

— Vou te fazer gozar em cada cômodo dessa casa até ela virar seu lar.

O arquejo dela me arranca um sorrisinho convencido. Posiciono o jato de água bem onde ela mais precisa, enquanto aperto de leve os mamilos com a mão livre. Os lábios rosados se entreabrem, e um vestígio de sorriso permanece ali.

— Isso! — sussurra com a voz aguda.

Ela crava os dedos bem fundo nas minhas coxas e se arqueia toda contra mim. Ondas suaves se formam na superfície da água do banho enquanto ela goza com um suspiro doce, rebolando o quadril bem devagar. *Caralho*.

— Continua assim — vocifero. — Goza mais.

Os sons que ela faz ao se desfazer me atingem como um soco. Acendem uma necessidade primitiva de enfiar meu pau nela até o talo.

Ela deve ter lido minha mente.

— Callahan?

— O que foi, linda?

— Eu preciso de você. Por favor — implora, e aqueles gemidinhos me tiram o prumo. — Me leva pra cama e me come.

As palavras me enchem de adrenalina e eu me levanto na hora, saindo da banheira. A mão dela treme quando se estica para mim, o tesão ainda correndo forte nas veias. Pego uma toalha e a enxugo bem devagar, secando as gotas que ainda escorrem na pele.

Ignoro a dor nos joelhos e me agacho ali para enxugar as pernas dela, uma de cada vez. Depois, seco meu próprio corpo e seguro o queixo dela, admirando as pupilas dilatadas e o rubor radiante nas bochechas depois do orgasmo. É minha versão favorita de Scottie. Olhos suaves, vidrados de prazer, mas com brilho suficiente para me dizer que ela está implorando por mais.

Mordo o lábio inferior e penso em todas as formas como posso me divertir com ela.

— Você é a coisa mais linda que já vi na vida.

Ela fica na ponta dos pés e me beija. Eu amo essa mulher.

Porra. Eu amo a Scottie.

Assim que ela está deitada na minha cama, apoio os cotovelos no colchão e me posiciono. Nós nos olhamos do mesmo jeito, como se aquelas três palavras estivessem pairando, silenciosas, entre nós. Scottie agarra meus bíceps com força enquanto se prepara para me receber. Sempre sou impaciente, apressado, ansioso para satisfazer a necessidade. Dessa vez é diferente. Deslizo para dentro dela bem devagar. Ela respira fundo, mas mantém aqueles olhos, tão azuis quanto o mar, presos aos meus. Eu tomo seus lábios em um beijo vagaroso, cada movimento da minha língua deliberado, derramando todas as emoções ali.

Quando ela se ajusta ao meu redor, começo a me mover. Cada estocada é firme e intencional. De jeito nenhum vou deixar isso escapar. Ela segura meu rosto com as mãos, e selo minha boca na dela de novo. Traço o contorno de seus lábios com a língua, e ela se abre para mim. Trocamos lambidas e

provocações, consumidos um pelo outro. Eu a preencho inteira, e ela geme contra minha boca. *Perfeita pra caralho*.

As pontas dos dedos dela deslizam pelo meu couro cabeludo, me fazendo arrepiar. Ninguém nunca me tocou do jeito que ela me toca, nunca me fez *sentir* o que ela me faz sentir, em todos os aspectos.

Preciso que Scottie saiba como me sinto. As palavras escapam antes que eu consiga me conter.

— Eu te amo.

Os lábios dela se entreabrem. Faz mais de cinco anos que não digo essas palavras, e mesmo naquela época elas não carregavam o peso de agora. Engulo em seco, e é como se ela estivesse adivinhando meus pensamentos. Por um segundo, fico me perguntando se ela sente o mesmo.

— Ainda comigo? — pergunto.

"Foi cedo demais. Eu devia ter esperado um pouco."

Ela sorri.

— Eu também te amo.

Juro que todo o ar sai dos meus pulmões de uma vez.

— Sério?

— Só porque a gente descobriu cedo não torna isso menos real.

Minha boca encontra a dela de novo. Essa confissão de amor me dá uma explosão de energia, e impulsiono o quadril com uma força renovada. Ela agarra meu cabelo com a intensidade do movimento e arqueia o corpo sob o meu, fechando bem os olhos.

— Meu Deus, Cal. Mais.

— Eu te dou tudo que quiser, Prescott. Dou até a lua, mas quero ver você me olhando nos olhos enquanto pede.

Ela me presenteia com aqueles olhos azuis maravilhosos.

— Me fode mais forte, Callahan. Quero sentir você inteiro.

Eu sorrio de lado.

— Isso, muito bem. Adoro quando você pede com jeitinho.

Endireito as costas e a puxo para mais perto, trazendo a bunda dela para meu colo enquanto meto com tudo. Cada estocada a atinge com força, fazendo Scottie espalmar os dedos na cabeceira para não ser jogada contra ela. Envolvo os joelhos dela com as duas mãos, abrindo um pouquinho mais para admirar esse corpo perfeito enquanto o devoro. Deslizo uma das mãos pela coxa macia até chegar ao clitóris, onde começo a traçar um oito, exatamente como a vi fazer na torre da montanha.

— É assim que você gosta de ser fodida?

— Sim — grita.

— Mostra pra mim, Prescott. Goza nesse pau.

Os gemidos extasiados me excitam ainda mais. Como posso ser tão sortudo? Sinto os músculos dela contraídos ao redor do meu pau e sorrio ao perceber que está quase lá.

— Essa é minha garota.

Ela começa a rebolar contra mim, espelhando minhas estocadas.

— Caralho. Isso, pega tudo pra você. É tudo seu. Eu sou seu — rosno, porque sou dela como nunca fui nem nunca serei de mais ninguém. — Me faz gozar só pra você.

Scottie abre a boca, e os músculos da barriga tremem quando ela se inclina para a frente, batendo as mãos trêmulas nos meus antebraços e apertando com toda a força enquanto se entrega ao êxtase.

— Boa menina, assim mesmo — elogio, rouco e ofegante, metendo bem fundo naquela bocetinha apertada. — De quem você é, linda?

As palavras dela saem emboladas, depois desiste de falar de vez. Sinto o exato momento em que a onda do orgasmo a derruba. Porra.

— Fala pra mim, Prescott.

— Sua. Só sua — responde entre soluços. — Não tira.

Como se precisasse pedir.

Duas estocadas depois, eu gozo. Dessa vez não parece uma explosão. É como se eu estivesse sendo montado de novo depois de encontrar a peça que faltava. Como se enfim tivesse voltado a ser inteiro.

Apoio os cotovelos no colchão e desabo em cima de Scottie.

— Eu te amo pra caralho — murmuro, esmagando a boca na dela.

Ela passa os braços ao redor dos meus ombros, as unhas traçando linhas leves na minha pele, me levando a um estado de relaxamento profundo, em um ritmo que é só nosso.

Os lábios dela se movem em sincronia com os meus. É amor de verdade. Sinto no gosto do beijo, no toque das mãos e vejo estampado naqueles olhos azuis que tanto adoro.

47

Callahan

AMALDIÇOO ATÉ A QUINTA GERAÇÃO do alarme do celular dela quando ele toca às 5h30 da manhã. Eu a abraço com força, pois não estou disposto a ficar longe. Preciso me lembrar de que vai voltar depois do trabalho, mas, sabendo da conversa que teve com Jonathan ontem, fico preocupado. Mal dormi à noite, mas não teve nada a ver com minhas lembranças e tudo a ver com o fato de o cara ter pedido que ela fosse embora. Não vou deixar Scottie voltar para aquela vida. Eu vi a derrota nos olhos dela. Não vou deixar ninguém roubar a paz que ela encontrou aqui.

Scottie é meu lar, da mesma forma que Sky Ridge é o dela.

Ela pertence a qualquer lugar que a faça feliz, onde possa viver sem medo e florescer. Se esse lugar fosse o Arkansas, eu não a impediria, mas ela está se sacrificando de novo quando já se sacrificou demais.

A simples ideia de Scottie voltar para as pessoas que a machucaram é o suficiente para eu querer fugir com ela para o topo da montanha. Podemos ficar isolados na torre, colocando mais lenha no fogo e passando as tardes nos braços um do outro.

Ela se espreguiça no meu abraço e solta um grunhido.

— Parece que a gente acabou de ir dormir.

— Nem me fala.

Pressiono os lábios contra o pescoço dela. O sono da Scottie foi tão inquieto quanto o meu, mas mesmo nos breves intervalos de descanso, o corpo dela buscava o meu nos lençóis toda vez que nos afastávamos demais. Há um conforto em ocupar o mesmo espaço que tínhamos na torre. Por mais que eu

queira passar o dia inteiro com ela, tenho muita coisa para resolver nas próximas doze horas.

Afrouxo o aperto.

— Hora de levantar, linda.

Scottie resmunga baixinho, pisca devagar e se afasta de mim. Ignoro a sensação de vazio deixada por sua ausência. Ela vai voltar.

Com a mão, ela começa a tatear a mesinha de cabeceira até encontrar o celular, depois força a vista para enxergar a tela.

— Droga — murmura. — Vou me atrasar.

Eu me endireito na cama e passo a mão pelo rosto.

— Quer café?

Ela acena que não.

— Vou tomar lá no trabalho.

Jogo as pernas para fora do colchão e me espreguiço. Minhas articulações estalam e rangem como se eu tivesse uns quarenta anos a mais.

Ela pega o uniforme azul-marinho de socorrista e começa a se vestir, toda desajeitada enquanto tenta enfiar a calça. No banheiro, escova os dentes com uma das mãos e, com a outra, se atrapalha para abotoar a camisa. Fico atrás dela, apoiando o queixo em seu ombro, depois afasto seus dedos e termino de fechar os botões.

— *Bigada* — diz ela, com a escova de dentes na boca.

— Ei, está lembrada que a gente não usou camisinha ontem?

Scottie me olha, meio confusa, tira a escova da boca e ergue o queixo para evitar que a espuma da pasta escorra.

— Eu uso anticoncepcional.

— O quê? — quase grito. — Desde quando?

— Eu disse que não queria filhos, lembra? Minha injeção ainda vale por mais um ano.

— E você só está me contando isso agora?

Ela dá de ombros e volta a escovar os dentes, depois cospe na pia.

— Desculpa. Achei que você queria usar camisinha como precaução extra.

Ela enxágua a boca.

— Não… Pelo amor! Ninguém *quer* usar camisinha.

— Ah, então a gente pode parar de usar — conclui ela, exibindo seu sorriso perfeito.

Balanço a cabeça, rindo baixinho.

— Vou lá ligar o carro — aviso, beijando o rosto dela.

Coloco calça jeans e uma camiseta de manga comprida, pego as chaves e, cinco minutos depois, Scottie já está acomodada no banco do carona, de rosto lavado e cabelo preso em um coque firme. Fico impressionado com a rapidez com que passamos da cama para o carro. Deve ter levado menos de dez minutos.

— Pegou a chave do seu carro? — pergunto, e logo percebo que preciso fazer uma cópia da chave de casa para ela.

Ela acena que sim. Pouco depois, estacionamos naquela pocilga de prédio.

— Posso ficar com a chave do seu apartamento? Vou resolver algumas coisas hoje. Tranco tudo quando sair.

— Ah… — diz ela, surpresa. — Pode, claro. Mas não precisa fazer nada se não quiser, tá? Eu resolvo tudo depois do trabalho.

Esboço um sorrisinho de canto e estendo a mão enquanto ela solta a chave do molho. Não que tenha muitos pertences. Vou ficar surpreso se precisar de mais de uma viagem depois que encaixotar tudo.

Assim que ela deposita a chave na minha palma, envolvo seus dedos e seguro seu queixo com a outra mão para lhe dar um beijo.

— Vejo você à noite — digo. É uma promessa.

— Isso — responde com os olhos brilhando quando engole em seco. — Vejo você à noite.

Sinto um aperto no peito ao ouvir a hesitação na voz dela, como se tivéssemos apenas mais algumas noites juntos antes que nosso tempo acabe.

— Vai ficar tudo bem.

Scottie responde com um murmúrio baixinho, sem muita convicção. Depois, abre a porta e salta da picape. Fico olhando enquanto entra no carro dela e dá ré para sair do estacionamento.

Hora de botar as mãos na massa.

* * *

Já empacotei quase tudo no apartamento quando passo os olhos por um pedaço de papel com o nome de um hotel e um número de quarto. Ótimo. Isso me poupa o trabalho de ligar por aí para descobrir onde Jonathan está hospedado. Arranco o papelzinho do bloco e o enfio no bolso, depois jogo o bloco dentro da caixa, ao lado da única panela e da única frigideira que encontrei aqui. Avisto um rato no canto do cômodo. Não sei dizer se é o mesmo de ontem ou algum amigo dele.

— Sabe, não sou muito fã de ratos — digo ao bicho —, mas você foi um ótimo cupido ontem, então vou deixar passar. Pode viver mais um dia.

Levo apenas uma hora para encaixotar todos os pertences dela. Vamos ter que fazer uma faxina pesada nesse muquifo por causa dos colegas roedores que ela arranjou enquanto esteve fora.

Depois de carregar tudo no carro, eu tranco a porta e vou até o escritório da imobiliária, ali mesmo no prédio. Tem um interfone de segurança na porta deles, claro, mas os outros apartamentos que se lasquem.

Aperto o botão.

— Entrega de chaves.

A porta se abre com um clique, e entro no escritório sem a gentileza de bater, parando diante da mesa do sujeito. Ele parece surpreso ao me ver.

— Tem alguma pendência de aluguel no nome de Prescott Timmons?

Estou disposto a pagar qualquer coisa só para tirá-la desse lugar.

— Bem, vou ter que conferir…

O homem se vira para o computador, clica daqui, clica de lá, rola o cursor do mouse algumas vezes, mas por fim balança a cabeça.

— Não, está tudo em dia.

Claro que está.

— Ótimo. Aqui está a chave.

Eu a coloco sobre a mesa e roubo um post-it e uma caneta, rabiscando meu endereço.

— Ela se mudou para…

— Calma lá. Ela precisa dar um aviso prévio de sessenta dias antes de sair — retruca o sujeito, com um sorrisinho presunçoso.

Dou risada, impressionado com a audácia de fazer tantas exigências por aquele ninho de ratos.

— É… Não vai rolar.

Bato o post-it na frente dele.

— Pode enviar a caução dela para esse endereço.

Olho feio para o homem até receber um aceno relutante em resposta. Acho bom ele devolver esse cheque. O simples fato de ter aceitado um inquilino naquele lugar já é revoltante. Saber que a azarada foi Scottie me tira do sério. Ele se aproveitou da situação dela.

Largo a caneta sobre a mesa e saio.

— Aliás, o prédio está infestado de ratos — aviso assim que alcanço a porta externa, alto o bastante para os moradores ali perto ouvirem.

Passo por um drive-thru e devoro um hambúrguer dentro do carro mesmo, estacionado na frente do hotel. Não sei quanto tempo essa visita vai durar. Já ensaiei o que quero dizer umas vinte vezes desde que ouvi sobre a conversa dos dois. Se for parecido com aquela, vai demorar. Repito tudo na cabeça mais uma vez, tomo outro gole do refrigerante e então desço do carro.

As portas automáticas se abrem para me dar passagem, e atravesso o lobby em direção aos elevadores.

Tiro o papel do bolso e espero. Quarto 415. Depois de ouvir o barulhinho estridente, entro no elevador e aperto o botão do andar dele. Meu reflexo me encara nas portas prateadas. Pareço o mesmo de uma semana atrás, mas não poderia estar mais distante disso. Assim que o elevador chega ao quarto andar, saio e sou atingido pelo cheiro de toalhas alvejadas e desodorizador de carpete. Chego à porta do quarto de Jonathan e fico parado ali, respirando fundo uma última vez para me preparar, e então bato duas vezes.

Passos ecoam do outro lado da porta, depois a corrente desliza pelo trinco. Com uma única girada da maçaneta, fico frente a frente com o homem que está tentando tirar Scottie de mim. Esse cara pode ser amigo dela, mas não é nada meu.

— Oi.

No instante em que me reconhece, a expressão dele murcha um pouco. Algo me diz que acabei de estragar, e muito, o dia dele. Ficamos nos encarando em silêncio até que, por fim, ele se afasta.

— Pode entrar — oferece.

Espero que a gente consiga manter a conversa civilizada, mas não dá para discutir esse assunto sem pelo menos algum atrito. Enfio as mãos nos bolsos e entro no quarto. Jonathan se senta na beirada de uma das camas de casal e se inclina para a frente, passando a mão pelo rosto antes de endireitar a postura e apoiar as palmas nas coxas. Eu me encosto na escrivaninha à frente dele, cruzando os tornozelos.

— Não sei se você se lembra de mim…

— Callahan, é isso?

— Isso.

Ele assente de leve, e um entendimento silencioso sobre minha posição na vida de Scottie passa entre nós.

Dou um pigarro.

— Eu não te conheço. Você não me conhece. Mas temos algo em comum. Nós dois amamos a Scottie. Não sei quais são seus planos quando voltar para

casa, mas precisamos discutir uma coisa importante… Acho que você sabe por que estou aqui e o que estou prestes a dizer.

O peito dele se expande quando respira fundo. Já devia imaginar que isso ia acontecer.

— Se você se importa com aquela mulher, o mínimo que seja, preciso que se divorcie dela.

— Eu vou, assim que…

— Não. Agora. Deixe que ela seja livre.

Ele fica com os olhos marejados.

— Eu não posso.

Cruzo os braços.

— Pode, *sim*.

— Scottie contou alguma coisa sobre nossa comunidade?

Dou um suspiro e abaixo a cabeça. Não me importa se eles fugiram de uma penitenciária estadual. Scottie não vai voltar para lá.

— Ela me contou o suficiente.

— Duvido muito que tenha sido o bastante — rebate. — Imagino que pelo menos tenha mencionado nosso acordo. O problema é que estou sendo chantageado. Estão ameaçando me expor pra nossa comunidade…

— Pra *sua* comunidade. Scottie não pertence mais àquele lugar.

Ele abre a boca para retrucar, mas decide que não vale a pena.

— Vou ser exilado. Vou perder meu emprego, minha licença médica, minha casa, meus amigos, minha família, minha segurança… tudo. Se eu não voltar pra lá com Scottie, vou perder *tudo*.

— E o que Scottie vai perder ao voltar? E a vida dela?

O rosto dele se enche de compaixão enquanto as lágrimas se acumulam. Ele não consegue nem me encarar agora. Sabe que isso é errado.

— Eu amo a Scottie.

— Se você a ama nem que seja metade do que diz, faça isso por Scottie. Ela te protegeu a vida inteira. É sua chance de retribuir.

Ele se levanta e cruza os braços.

— O que você quer que eu faça?

Jogo os braços para o alto.

— Enfrente as ameaças deles! Olha, você é importante pra Scottie, o que significa que é importante pra mim.

E ele tem muita sorte de isso ser verdade, ou estaríamos nos encontrando em circunstâncias bem diferentes.

— Vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance pra te ajudar, mas você precisa dar o primeiro passo. Quem você escolhe amar não é motivo de vergonha nem de medo. Permanecer naquela *comunidade* é muito mais prejudicial do que sair de lá.

Jonathan balança a cabeça.

— Scottie sempre gostou de você do jeito que é, e isso não muda nada. Ao que me parece, ela é sua verdadeira família. Então, por que você quer voltar pra lá?

Ele respira fundo e solta o ar devagarinho antes de falar:

— Sei que a maioria das pessoas não vai entender nosso relacionamento, mas a gente só precisa ficar lá até as coisas se acalmarem. Depois disso, podemos ir embora juntos…

— Não — sibilo, cortante. — Ela te deu essa oportunidade meses atrás, e você não aproveitou. Talvez não seja o que quer ouvir, mas Scottie não vai embora de Sky Ridge. Ela não está segura com o Rebanho. Ela pode ser altruísta demais pra proteger o lar que encontrou aqui, mas eu não sou.

Ele solta um riso de desprezo, baixa os braços e desvia o olhar.

— Scottie mora em Sky Ridge agora, e ela é tudo o que você tem. Você também merece ter uma vida, então talvez esteja na hora de vir até ela. Nós vamos te apoiar enquanto você se afasta da igreja e te ajudar a se estabelecer por aqui, mas você não pode esperar que ela faça todo o trabalho sozinha. Isso também vai exigir esforço da sua parte. Ela lutou demais pra chegar até aqui.

— Eu arriscaria tudo se fosse embora.

— Scottie arriscaria tudo se voltasse. Você pode ter um recomeço de verdade aqui. Aproveite.

Jonathan se levanta e começa a andar de um lado para outro, passando as mãos pelo cabelo. De repente, ele se detém e me fuzila com os olhos.

Dou de ombros.

— Você não tá cansado de se sentir preso? Não tô dizendo para se assumir, porque isso tem que ser no seu tempo. Mas estou pedindo que você, no mínimo, respeite o pedido dela de se divorciar antes de sair da cidade.

— Não entendo qual é a pressa…

— Porque eu não posso me casar com ela enquanto vocês não se divorciarem — disparo, apontando o dedo para meu próprio peito.

As palavras me pegam de surpresa, mas, agora que foram ditas em voz alta, não me arrependo. É a mais pura verdade.

— Ela ainda é *minha* esposa. Essa conversa ela e eu deveríamos ter em

particular. Nossa fé não diz respeito a você.

Solto uma risada seca. Ele só pode estar de brincadeira. Quando a fé de Scottie se torna algo do qual ela precisa ser protegida, passa a ser da minha conta. E ouvir esse cara se referir a ela como esposa desperta algo dentro de mim, então elevo a voz.

— E o que é melhor pra sua *esposa*, hein? E o que *ela* quer? E a segurança *dela*? Se você quer bancar o marido, então aja como um! Pare de ser covarde e proteja *Scottie*, porque, do meu ponto de vista, estou fazendo um trabalho muito melhor do que você.

Ele não a merece.

Solto parte da raiva e controlo meu tom.

— Faça o que é melhor pra ela — imploro. — Deixe Scottie ser livre.

Um silêncio ensurdecedor se insinua entre nós enquanto nos encaramos, e a mandíbula dele se contrai.

Ele cruza os braços na frente do peito.

— Eu preciso pensar.

Faço questão de pronunciar as próximas palavras com toda a clareza.

— É nisso aqui que você precisa pensar. Estou te oferecendo uma chance de recomeçar a vida, e essa oferta tem prazo de validade. Não quero transformar você em um inimigo. É óbvio que você é importante pra mulher que eu amo, mas estou disposto a fazer um inferno na sua vida se me contrariar nesse assunto.

Ele esboça um sorriso torto.

— Isso é uma ameaça?

— É uma promessa — esclareço, endireitando a postura. — Você não vai embora com Scottie. Ela vai ficar aqui em Sky Ridge.

Minha raiva já está mais controlada quando avanço pelos corredores do mercado com minha irmã. Eu precisava tirar um pouco desse aperto do peito, mas também precisava reabastecer a geladeira e a despensa. Como não consegui ligar para Teddy ontem, achei que podia compensar agora. Temos muito papo para colocar em dia. Ela ainda está digerindo toda a situação com Jonathan quando jogo mais uma bomba no colo dela.

Ela segura a lateral do carrinho, parando no meio do corredor.

— Você disse que a ama?!

— Disse.

Ela arregala os olhos e me agarra pelo braço.

— E ela disse de volta?

Um sorrisinho surge no meu rosto.

— Disse.

Ela dá um tapa no meu ombro.

— Meu Deus. Então a coisa está séria mesmo. E agora ela foi morar com você? Não acha que é cedo demais?

Aceno que não.

— Pode até parecer pra quem vê de fora, mas não tem nada de apressado nessa decisão.

O sorriso dela se amplia.

— Isso é ótimo. Sério. Fico feliz por você, Cal. Você precisava disso.

Eu precisava de *Scottie*.

— Obrigado — digo, empurrando o carrinho outra vez. — Eu estava querendo fazer pra ela aquele frango com alho que a gente sempre come, sabe?

— Boa. Eu fiz semana passada para jantar com Logan e as crianças.

— E como vão os pequenos?

Saímos do corredor e seguimos em direção ao açougue, enquanto Teddy me entretém com a travessura mais recente de Dalton. Estou escolhendo um pacote de frango e, de repente, somos interrompidos pela última pessoa que eu deveria encontrar quando já estou irritado.

— E aí, Cal. Bom ver que você e Scottie voltaram sãos e salvos — solta Dave, parando ao meu lado. — Parece que vocês tiveram uma bela aventura.

Juro que o universo está tirando uma com minha cara.

— É.

Contraio a mandíbula.

— Foi bom ter Scottie de volta ao trabalho — provoca.

— Ela faltou um dia, não uma semana.

O sorriso presunçoso dele me dá nos nervos.

— Sabe como é, né, quando a gente se acostuma a ter uma mulher daquela por perto, um dia pode parecer muita coisa.

Teddy suspira.

— Merda.

Dave e eu olhamos para trás, e ela ergue as mãos.

— Só estou aqui pela violência… e por esse… frango — desconversa ela, sorrindo com inocência enquanto puxa um frangão de sete quilos do balcão refrigerado e o joga dentro do meu carrinho.

Ótimo.

Reviro os olhos para ela e volto a encarar Dave, dando uma rápida olhada ao redor antes de continuar.

Chego mais perto dele e baixo a voz.

— Eu não te confrontei quando você dormiu com a Molly. Espero, de verdade, que ela seja feliz com você. Mas, se eu descobrir que você tentou alguma gracinha para cima da *minha* Scottie, ou passou tempo demais com ela, ou a deixou desconfortável, eu arranco seus dentes e te enfio todos goela abaixo.

O frango começa a chiar quando eu o viro na frigideira. O cheiro de alho me dá água na boca. Scottie deve chegar a qualquer momento. No geral, acho que fiz um bom trabalho hoje. Trouxe todas as coisas dela aqui para casa, devolvi a chave para a imobiliária, tive uma boa conversa com o futuro ex-marido dela e ainda marquei uma consulta com um terapeuta. E, depois do que rolou no hotel e no mercado hoje, vou mesmo precisar.

Jonathan e eu fomos civilizados durante a conversa, mas, infelizmente, não saí de lá com uma resposta definitiva. Seja lá qual for a decisão do sujeito, Scottie não vai a lugar algum.

O carro dela entra na garagem bem quando olho pela janela. Meus ombros relaxam na hora. Eu deveria estar preocupado com a rapidez com que me adaptei à ideia de Scottie se mudar para cá, mas tudo parece tão natural… Há uma tranquilidade nela. A presença dela me enche de paz. Tem sido assim desde o começo, mesmo quando eu ainda não estava pronto para admitir.

Vou até os fundos da casa e abro a porta para ela.

— Não me abraça ainda, preciso tomar um banho — avisa, tirando os sapatos. — Teve um acidente bem grave hoje.

— Achei que você não estivesse atendendo ocorrências.

— Não estou, mas tive que limpar a ambulância depois.

Faço uma careta, mostrando os dentes.

— Estava muito feia a coisa?

— Melhor você nem saber.

Ela deixa a bolsa na entrada e passa por mim.

— Não sei o que você está cozinhando, mas o cheiro tá uma delícia! — grita, correndo escada acima.

Menos de um minuto depois, ouço o barulho do chuveiro.

A caminho do fogão, pego a espátula e tiro os peitos de frango da frigideira,

depois os deixo de lado. Em seguida, despejo caldo de galinha e creme de leite, mexendo tudo. Pode não ser a coisa mais saudável do mundo, mas, caramba, é delicioso. E depois de uma temporada inteira regada a refeições prontas, estou aguando por uma comidinha caseira. Enquanto o molho engrossa na panela, tiro da geladeira a salada que preparei mais cedo e separo pratos e travessas.

Eu me interrompo no meio do movimento.

— Porra. Isso nem parece estranho — murmuro, depois rio, achando graça da situação. — Por que isso não parece estranho?

Scottie voltou para minha casa depois do trabalho e tivemos um momento de "Querida, cheguei!". Eu estou fazendo o jantar, vamos comer juntos na mesa, depois talvez ver algum filme e ir dormir. Ela mora aqui agora. Há uma boa chance de eu estar agindo por puro instinto desde que fui atrás dela na montanha. Estávamos em modo sobrevivência. Agora, a ficha está caindo de vez. E o mais curioso é que estou tranquilo em relação a isso. Em relação a tudo. Talvez manter Scottie por perto faça parte do meu instinto de sobrevivência.

Quando o chuveiro desliga, pego duas taças de vinho no armário, sirvo uma para cada e as coloco sobre a mesa de jantar. Scottie me encontra na cozinha, com o cabelo ainda molhado, me abraçando por trás enquanto sirvo a comida.

Fico de frente para ela, ainda em seus braços, enlaço as coxas por baixo e a levanto. Ela passa as pernas ao redor da minha cintura, e aproveito para roubar um beijo. Os dedos dela roçam de leve a barba rala do meu rosto, e os polegares acariciam as têmporas. Ela se afasta, e nos encaramos. Scottie olha para mim como se quisesse memorizar cada pedacinho meu.

— No que você está pensando?

Ela inclina a cabeça de lado, os olhos brilhando, e abre um sorriso relutante.

— Que vou sentir falta disso.

— Vai ficar tudo bem — digo, apoiando a testa na dela. — Eu prometi que não ia te deixar ir embora. E vou cumprir essa promessa.

48

Scottie

NÃO PARO DE BOCEJAR enquanto arrasto os pés pelo estacionamento do quartel dos bombeiros até o carro depois do meu último turno da semana. O pedido de demissão me aguarda no banco do passageiro. Minha mente vai longe conforme dirijo até a casa de Callahan. Decidi pedir demissão amanhã. Não tive coragem de fazer isso durante a semana. Não queria lidar com as perguntas e o julgamento por pedir as contas depois de tão pouco tempo de trabalho. Meu Deus, espero que me deixem voltar ano que vem.

Quando Callahan contou que tinha se encontrado com Jonathan, eu fiquei atordoada. Fiz uma enxurrada de perguntas sobre o teor da conversa. Callahan apenas deu de ombros e disse: "Sei lá, só pedi pra ele reconsiderar, nada mais". Ele falou com a maior inocência, como se tivesse esbarrado em um amigo da faculdade e perguntado o que ele andava fazendo da vida. Como se não fosse grande coisa. Não nasci ontem, então é claro que não acredito, mas Jonathan também não tem retornado minhas ligações.

Minha maior preocupação é Callahan. Tenho medo de que não esteja levando minha partida a sério. Quando conversamos, é como se ele estivesse em negação. Nem finge estar chateado, e talvez seja isso que mais dói. Preciso de todas as forças para colocar um sorriso no rosto quando estamos juntos. Cada hora é um lembrete de que logo, logo vou ter que partir. O tempo está me consumindo por dentro. Não consigo nem olhar para o relógio quando estou em casa.

Ainda assim, a segurança de Jonathan é mais importante. Ele diz que é só um ano, mas já estou fazendo planos para reduzir esse tempo pela metade. Vou

tirar nós dois de lá em seis meses. Eu não vou ficar naquele lugar. Não consigo.

Quando chego, a porta da casa está trancada. Cal ainda não deve ter voltado da primeira sessão de terapia. Fiquei aliviada por ele ter encontrado alguém especializado em traumas complexos. Estou orgulhosa por cuidar de si mesmo e cumprir sua palavra, mas também estou sofrendo. Ele vai ter um caminho árduo pela frente, e não estarei aqui para apoiar. A ideia de ele voltar para uma casa vazia, esgotado depois de uma sessão difícil, forma um nó na minha garganta. Não quero que fique sozinho.

Eu estou na lista de espera de um consultório especializado em trauma religioso. Pelo visto, isso é bem comum na região. Não vou cancelar. Eles oferecem sessões remotas e, se eu conseguir mesmo sair do Arkansas em seis meses, já estarei encaminhada. Vou pagar do próprio bolso, já que o convênio não cobre. Nem teria como ser diferente, porque o Rebanho não pode descobrir. Afinal, por que fazer terapia quando você pode só orar?

Tiro os sapatos com a ponta dos pés e corro escada acima para tomar um banho antes de Cal chegar em casa. É a ducha mais rápida da vida. Estou terminando de vestir a legging e o moletom quando ouço os passos dele lá embaixo. Mais um som do qual vou sentir falta. Até os passos dele confortam minha alma. Escovo o cabelo ainda úmidos e desço apressada.

Ele está separando a correspondência sobre a mesa da sala de jantar quando atravesso a abertura na lona grossa.

— Oi! Como foi a sessão?

O sorriso dele quando me vê derrete meu coração. Callahan me puxa contra o peito e me abraça, e eu retribuo. Em seguida, ele deposita um beijo no meu cabelo e apoia o queixo no topo da minha cabeça.

— Foi bom. Só uma conversa inicial pra gente se conhecer melhor, mas gostei dele. Acho que vai dar certo. Ele acha que posso ser um bom candidato para terapia EMDR, que usa o movimento dos olhos. Parece interessante. Eu disse que topo ver qual é.

Estou com o ouvido encostado no peito dele, então metade das palavras vibra contra minha pele. Fecho os olhos e memorizo aquela sensação familiar.

Tenho dormido na cama dele todas as noites desde que voltamos da montanha. Nossas conversas noturnas, aninhados um no outro, viraram um dos meus rituais favoritos. Estou aproveitando cada momento ao lado dele, saboreando o tempo que temos, tentando estar presente apesar de meus pensamentos insistirem em me lembrar de que, em apenas algumas semanas, estarei do outro lado do país, dividindo a cama com um homem que não é meu.

Por mais que eu goste muito de Jonathan, a ideia me deixa com um gosto amargo na boca. Meu lugar é aqui, ao lado de Callahan. Ainda mais agora que ele está se esforçando tanto para cuidar de si mesmo.

— Estou tão orgulhosa de você.

Ele ri.

— Jura? Você ainda não tinha comentado!

As palavras dele estão recheadas de sarcasmo. Acho que tenho sido um pouco repetitiva nos últimos dias, mas enfrentar os próprios problemas exige muita coragem. Nem imagino como vai ser quando eu começar essa jornada de terapia, mas sei que é necessário. Ainda reluto em abandonar algumas crenças, e minha relação com Deus está bem confusa. Nunca vou abandonar minha fé, mas tem sido difícil descobrir o que isso significa de verdade ou onde me encaixo. Ainda carrego muito medo e culpa por ter saído de lá. E raiva do Rebanho. Gostaria de encontrar uma nova igreja em algum momento, mas ainda não estou pronta para dar esse passo.

Espalmo as mãos no peito dele para me equilibrar enquanto fico na ponta dos pés e o beijo. Os lábios dele se curvam em um sorriso contra os meus. Com um braço só, ele me ergue, varre a correspondência para o lado com o outro e me coloca na beira da mesa de jantar. As mãos dele deslizam por baixo da barra do meu moletom folgado e o empurram para cima, até a altura das costelas, enquanto os polegares roçam a parte de baixo dos meus seios.

— Acho que está na hora de começar a riscar cômodos da lista de lugares para te comer — murmura ele, sorrindo com malícia. — O que acha?

Abro as pernas para ele se posicionar ali no meio.

— Por mim, a gente já começa agora mesmo.

— Concordo — responde entre risadas, erguendo o queixo para mim. — Pode deitar, linda.

Eu me inclino para trás bem na hora em que alguém bate na porta. Nós dois reclamamos ao mesmo tempo, inconformados com a interrupção.

— Não se mexe — avisa.

Eu agarro a camisa dele e o puxo para perto.

— Se demorar muito, vou começar sem você.

Dou um empurrãozinho de leve, e Cal recua aos tropeços.

Ele se afasta bem devagar, ainda de frente para mim.

— Se você começar sem mim, vai pagar caro depois.

— Promete?

Ele balança a cabeça e dá as costas, desaparecendo atrás da lona para

atender a porta da frente. Ouço a voz dele por um instante antes de um segundo par de passos ecoar pelo cômodo.

Pouco depois, escuto Callahan falando em um tom sério:

— Vou lá avisar.

Ele enfia a cabeça na sala de jantar, sem aquele ar travesso de antes.

— Scottie, tem alguém aqui pra te ver.

Olho para ele, confusa, e desço da ponta da mesa.

— Vou te dar um pouco de privacidade. Se precisar de mim, estarei lá em cima.

E ele some.

Passo as mãos pelo cabelo e ajeito o moletom. Que merda está acontecendo? Quando me espremo pela fresta na lona, vejo Jonathan na porta e quase tropeço no meio do caminho. Não era assim que eu planejava contar a ele que me mudei para a casa de Callahan. Nem imagino o que deve estar passando pela cabeça dele agora…

Jonathan pigarreia, atraindo minha atenção de volta. Com as mãos atrás das costas, ele olha ao redor do cômodo, avaliando o piso de concreto, as ferramentas e as tábuas espalhadas.

— Gostei da casa nova.

— Oi… Eu ia te contar, só que…

O sorriso dele é quase tímido enquanto encara os próprios pés. Parece que a gente mal se conhece. Sinto um aperto no peito. Eu não quero que Jonathan sofra. Ele arrasta um dos sapatos no chão bem de levinho.

— É o que é, né?

Aperto os lábios e aceno que sim, imitando a postura dele.

— Eu, hum… tenho uma coisa pra você.

A voz dele sai grave. Ergo o rosto, e ele levanta o olhar para encontrar o meu. Em seguida, mostra os papéis que estava segurando atrás das costas e os entrega pra mim. Minha visão embaça quando vejo as palavras no topo da página.

— Peguei a papelada do divórcio no fórum hoje. Eu… preenchi minha parte. Ainda faltam mais formulários antes de protocolar, mas já é um avanço.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Não acredito que ele fez isso. Jogo os braços ao redor dele, boquiaberta.

— Obrigada.

Passamos um tempo abraçados antes que ele se afaste.

— Imagino que Callahan tenha contado que me visitou outro dia.

— Ele não me disse muita coisa.

— Bem, para mim ele tinha muito a dizer — comenta Jonathan, e ri baixinho. — Fiquei ruminando tudo por alguns dias. Pensei no que ele falou, mas, no fundo, ia além do que você disse… Eu nunca tinha passado tanto tempo longe do Rebanho.

Esboço um sorriso fraco.

— Até que é bom, né?

— É um pouco assustador, mas tem mais ar aqui.

Eu me lembro bem dessa sensação. Como se você tivesse passado a vida inteira respirando com um saco na cabeça, e de repente se visse livre dele e percebesse como é fácil encher os pulmões de ar. Tranquilo, sem esforço nenhum.

— Enfim, ele arrumou um quarto para mim em uma cidadezinha aqui perto. Tem uma organização disposta a oferecer moradia enquanto faço essa transição do Rebanho pra cá. Eles ajudam com emprego, transporte e até assistência jurídica para situações como essa. Pra me dar uma força até que eu me estabeleça.

Olho para trás, na direção da escada onde Callahan se refugiou, e levo a mão ao peito. Meu coração se enche de ternura. Cal salvou Jonathan. Ele *me* salvou.

— Você já falou com alguém do Rebanho? — pergunto, voltando a olhar para ele.

Jonathan solta um suspiro longo.

— Ainda não. Preciso resolver umas coisas antes, no banco e tal. Contei a eles que você precisava cumprir o aviso prévio de três semanas no trabalho, então isso me dá um tempinho a mais. No final dessas três semanas… — continua, e então dá de ombros. — Bom, a gente lida com isso quando chegar a hora.

Ele está dando um salto enorme. Seguro a mão dele e aperto de leve.

— Eu não sei o que vai acontecer. Meus pais… — A voz falha, e ele encontra meu olhar. — Você é a família mais verdadeira que já tive. É a única pessoa que já me viu de verdade e me mostrou o amor como é descrito nas escrituras. O amor é paciente, bondoso e nunca acaba. Seu amor sempre foi incondicional.

Sinto como se estivesse flutuando enquanto Jonathan tira esse peso dos meus ombros. A única coisa que me mantém no chão é a certeza de que ele está prestes a enfrentar o mesmo misto de emoções que senti ao sair de lá.

Atravessei o país de carro e, apesar da tentação de dar meia-volta, eu me forcei a continuar. Não foi fácil.

— Tem tanta coisa boa aqui fora — relembro, colocando os papéis no chão e envolvendo os braços ao redor dele de novo. — Garanto que você vai encontrar tudo o que procura. E até lá, Cal e eu estaremos aqui. Você não está sozinho.

Ele retribui o abraço.

— Fico muito feliz que você tenha alguém como Callahan. Está na cara que ele te ama.

E isso nunca foi tão nítido quanto agora, vendo como ele moveu montanhas para me manter aqui.

— É impressionante de ver.

As palavras me fazem chorar, porque sinto a mesma coisa por ele.

Jonathan ri baixinho.

— E ele é bem protetor em relação a você.

— Você tem tanto amor para dar… Não vejo a hora de você encontrar alguém pra receber todo esse amor. É uma sensação indescritível.

— Sério?

— Bom, primeiro você tem que passar vários dias isolado no topo de uma montanha… mas é, sim — respondo, sorrindo para ele, depois deixo os braços caírem ao lado do corpo. — Quer ficar pro jantar?

Ele nega com um aceno.

— Acho que ainda não estou pronto pra isso.

A recusa dói um pouco, mas eu respeito. Ele ainda está digerindo nossa separação. Tem um longo caminho pela frente.

— Claro, eu entendo.

Já virei o mundo dele de cabeça para baixo com o divórcio. Não preciso virar do avesso também.

— Acho que vou voltar pro hotel. Preciso de um tempo sozinho pra botar as ideias no lugar.

Dou um sorriso fraco. O pedido dele é familiar, e isso me traz certo conforto. Sempre que discutíamos em casa, ele preferia ficar sozinho para espairecer.

— Claro. Eu tenho uns dias de folga. Quer almoçar qualquer hora?

— Talvez… Ah, aliás. Criei um e-mail novo. Vou te mandar uns documentos pra, você sabe, a gente preencher.

Os papéis do divórcio.

Dou mais um abraço nele.

— Quero saber se você está bem.

Ele beija minha bochecha.

— Eu vou ficar — responde, e sinto que ele acredita nisso. — É uma mudança enorme, mas estou muito feliz por você e Callahan. De coração. Você merece alguém que esteja à sua altura… *Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês*, né?

— Planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e futuro — completo a passagem.

— Tchau, Prescott.

Jonathan acena em despedida, e eu encosto a cabeça no batente da porta enquanto o vejo se afastar. Bem lá no fundo, sei que essa foi a decisão certa para nós dois, mas isso não diminui nem um pouco a dor da separação.

49

Callahan

DA JANELA DO NOSSO QUARTO, vejo Jonathan entrar no banco de trás do táxi que o aguardava do lado de fora. Prendo a respiração ao sair para o corredor, sem saber em que estado Scottie vai estar. Desço as escadas em silêncio e a encontro ainda parada à porta, observando o carro se afastar.

Fico atrás dela, esperando com paciência.

— Ele aceitou o divórcio — sussurra.

Eu a seguro pelo braço e a viro de frente para mim, depois a envolvo em um abraço apertado.

— Mesmo assim é difícil, sabe? — choraminga.

Aceno de leve.

— Sim, linda. Eu sei.

— E você… você fez tudo isso por ele. Pra me manter aqui. Eu nem sei o que dizer. Como é que te agradeço?

A voz dela está embargada de choro, então lhe dou o tempo de que precisa para colocar tudo para fora, fazendo carinho em suas costas enquanto ficamos ali, abraçados, no hall de entrada vazio. Depois de um minuto, ela puxa o ar com força e solta uma respiração trêmula.

— Foi… Foi sobre isso que você conversou com ele no outro dia?

Ela se afasta um pouco, passando as mãos pelo rosto para enxugar as lágrimas. Enfio as mãos nos bolsos e dou de ombros.

— Dei uma pesquisada e encontrei um programa que achei que poderia ajudar. Eu não estava disposto a te deixar ir embora, mas sabia que você só ficaria em paz se Jonathan estivesse em segurança. Então fiz o que precisava ser

feito. Talvez a gente tenha tocado no assunto do divórcio, bem por cima.

— Bem por cima? — pergunta, ainda chorosa.

— Eu precisava falar com ele de homem pra homem. Nós dois nos importamos com você e… eu queria que ele entendesse quais são minhas intenções.

— Você tem intenções?

— Tenho.

Mesmo com o rosto vermelho de tanto chorar, ela cora ainda mais, em um tom mais profundo de cor-de-rosa.

— Não estou dizendo que vai ser agora — esclareço. — Primeiro vamos aos poucos, até estar tudo estável. Vamos melhorar como pessoas, como a gente combinou. A situação ficou mais séria, claro, e depois disso… quando for a hora certa… — Um sorrisinho se forma nos lábios dela. — Eu vou atrás de você, Prescott.

O sorriso dela se abre ainda mais.

— Eu ia adorar.

Entrelaço nossos dedos e a conduzo em direção às escadas.

— Sabe o que eu ia adorar?

Ela ri, me seguindo pelos degraus.

— Aposto que consigo adivinhar…

Eu a levo até o quarto, solto sua mão e entro no closet, onde pego minha mochila. Abro o zíper e retiro o item que espero que consiga dar uma animada nela.

Quando me viro, ela está tirando o moletom. A peça cai no chão, formando um montinho de tecido, e o olhar dela pousa nos tabuleiros de batalha naval nas minhas mãos. Ela explode em gargalhadas. É o melhor som do mundo depois de ouvir o choro sofrido dela lá embaixo.

— Espera! Isso é…

Ela tenta falar entre as risadas. Observo seu corpo, sem nada da cintura para cima. Nunca vou me acostumar com o quanto ela é irresistível.

— Já foi tirando a roupa antes mesmo de começar, linda? Gostei de ver.

Ela aponta para os tabuleiros.

— Você roubou o jogo lá da torre?

Faço um gesto indiferente.

— Queria uma lembrança.

O sorriso dela se alarga.

— Eu nunca vou te deixar ganhar.

Jogo os tabuleiros sobre a cama.

— Então vamos poupar tempo e ir direto ao que interessa.

A risada de Scottie é interrompida pelo som da campainha. Odeio o modo como o corpo dela fica tenso de repente, mas quando ela olha pela janela e vê o entregador da pizzaria parado na calçada, parece relaxar um pouco.

— Achei que hoje pedia uma jantinha tranquila — explico, dando um beijo no rosto dela.

— Gostei da ideia — responde, e se abaixa para pegar o moletom do chão. *Cacete*. Meus pensamentos impulsivos saem ganhando, e eu dou um tapa na bunda dela antes de sair pela porta. — Pode ir na frente, te encontro na sala de jantar.

Fomos interrompidos duas vezes essa noite, ambas por bons motivos: divórcio e pizza. Mas agora que não estamos mais esperando visitas, vou fazer questão de desligar aquela porcaria de campainha.

50

Scottie

Depois do jantar, Cal enfim começa a cumprir a meta de transar em todos os cômodos da casa. Foi um dia cheio de emoções, mas não consigo imaginar um jeito melhor de encerrar a noite do que na mesa de jantar. Ele me coloca na beirada e encosta a testa na minha, com as mãos no meu pescoço enquanto me segura. Quando os lábios dele roçam nos meus, é como se eu me apaixonasse tudo de novo. Esse homem fez tanto por mim, sempre me colocou em primeiro lugar. É mais do que amizade, mais do que paixão. É algo muito mais profundo do que jamais imaginei que o amor pudesse ser.

— O que eu faço com você, hein? — pergunta, com a voz rouca e grave.

— Me faça sua — sussurro.

Ele desce as mãos, agarra a parte de trás dos meus joelhos e me traz para mais perto com um puxão. Arranco o moletom, e em segundos estamos quase rasgando as roupas um do outro e jogando tudo no chão, do jeitinho que eu sempre quis.

— Tão docinha — murmura ele ao ver minha calcinha já úmida, então a agarra e a puxa para cima, até ficar bem apertada contra meu clitóris.

Solto um gritinho quando o tecido arranha minha pele sensível conforme ele estica com mais força.

— Você vai ser minha boa menina, não vai?

— Hummm.

A voz dele me traz de volta quando o prazer fica intenso demais, e garante que eu continue ali, no presente.

Eu me contorço, e ele arranca a calcinha das minhas pernas de uma vez.

Em seguida, afasta minhas coxas e cai de joelhos, soprando um jato de ar frio bem no meu centro. Depois do calor apertado do tecido, o contraste faz com que eu me arrepie da cabeça aos pés. Estou encharcada por ele. O dedo médio de Cal desliza para dentro de mim, e meus cílios tremem ao se fecharem. Meu Deus, isso é tão bom. Ele enfia outro dedo, e me deito de costas na mesa. A madeira fria intensifica cada sensação.

Adoro me sentir exposta assim para ele, porque o jeito como me olha, como se estivesse com fome, é algo que eu nunca tinha vivido antes.

— Cacete, que bocetinha linda você tem.

Ele faz movimentos de vaivém, e eu jogo o antebraço sobre a boca, tentando controlar a respiração. Nossos olhares se encontram quando ele curva os dedos lá dentro, rindo baixinho quando começo a me contorcer, como se tivesse orgulho de cada som abafado que arranca de mim.

— Isso mesmo, linda. Me dá todos os seus gemidinhos — rosna, passando a língua bem devagar pelo meu clitóris.

Arqueio as costas e prendo a respiração, tentando ficar quieta. Ele ergue a cabeça e retira a mão.

— Abre a boca, Prescott.

Eu me sento um pouco, entreabro os lábios, e Cal enfia os dois dedos lá dentro, espalhando meu gosto pela minha língua.

— Chupa até eu mandar parar.

No segundo em que minha boca envolve seus dedos, ele solta um gemido rouco, depois abaixa o rosto de novo entre minhas coxas e chupa meu clitóris com força. Minhas pernas tremem contra a mandíbula dele, e eu gemo alto. O calor explode ali embaixo e espalha ondas replicadas do mesmo prazer. É intenso demais. O brilho nos olhos dele é pura luxúria. Ele adora assistir enquanto eu me desfaço assim.

Os músculos da minha barriga se contraem à medida que o orgasmo se aproxima. Cal afasta o rosto de repente, e deixo escapar um choramingo frustrado.

— A primeira vez que você gozar hoje vai ser no meu pau.

Mal reconheço os sons desesperados que saem de mim, mas eles vibram contra a mão dele. Cal só observa, eu ali, nua, trêmula e necessitada, chupando os dedos dele com avidez. Meus olhos se perdem na cor de avelã dos dele. Até que ouço o som da fivela do cinto se abrindo.

Desço o olhar, ansiosa para ver o corpo dele. Cal substitui os dedos pela língua, me beijando até eu ficar tonta com o gosto e o toque dele. Estou perdida

na mistura de sensações quando sinto a cabeça do pau na minha entrada. Abro as coxas ainda mais. Ele desliza para dentro, se inclinando sobre mim, e solto um gemido de alívio puro.

Enlaço as pernas ao redor da cintura dele, os calcanhares cruzados, e ele entende a deixa. Começa a arremeter, dando uma estocada atrás da outra. Um braço envolve minha lombar, me segurando firme contra ele, enquanto a outra mão agarra meu cabelo e o puxa, erguendo meu queixo. A boca desce até o ponto onde meu ombro encontra o pescoço. Ele roça a ponta do nariz pela minha garganta até chegar de novo à linha da mandíbula, deixando um rastro de beijos vagarosos. Eu me arqueio contra ele, amando a sensação do peitoral roçando nos meus mamilos.

— Eu te amo — digo com um suspiro. Amo tanto.

Os lábios dele sorriem contra os meus antes de me beijar.

— Eu também te amo.

Com a boca na minha, as estocadas dele ficam mais fortes, e minha respiração falha. Callahan sensual é lindo, mas nunca me sinto tão desejada como nas vezes em que é bruto. Nada se compara a estar à mercê dele quando perde o controle. A paixão dele é selvagem, desenfreada. É sexy pra caralho.

— Mais forte, Cal — sussurro, querendo levá-lo ao limite.

As mãos ásperas agarram minhas curvas macias enquanto ele dá uma estocada atrás da outra, me tomando sem hesitar.

— Tão gostoso — murmuro.

As iminências do orgasmo me encontram de novo, e saboreio a sensação crescente de prazer.

Cal olha para baixo, admirando o encontro dos nossos corpos, e meu olhar acompanha o dele.

— Você está indo tão bem, Scottie.

Ele diminui o ritmo, desliza para fora e depois entra até o fundo de uma vez, forçando cada centímetro para dentro.

— Olha como você engole tudinho… Perfeita pra caralho.

Eu solto um gemido com a sensação de plenitude. Cada parte de mim se sente completa com ele. Ainda temos muito trabalho pela frente, mas quando estamos conectados assim, parece que podemos enfrentar qualquer coisa juntos. Nosso amor só vai ficar mais forte. Aperto as coxas ao redor dele enquanto o puxo para mais perto de mim.

— Tão linda. Você está indo tão bem. Vamos, está quase lá — incentiva, e meus músculos se contraem ainda mais ao redor do pau. — Dessa vez, você vai

gozar comigo, entendeu?

Dou um aceno ansioso contra o peito dele, desesperada por esse alívio. *Meu Deus*. O êxtase explode dentro de mim e começo a ver estrelas, enfim livre da tensão acumulada. Gozo mais forte do que nunca. Sinto o coração martelar nos ouvidos enquanto ele se enterra bem fundo e se desfaz dentro de mim.

Assim que nossos corpos desaceleram e a respiração ofegante se acalma, ele enrosca as mãos no meu cabelo. Nunca me senti tão em casa quanto agora, nos braços de Callahan. Arranho a nuca dele, provocando arrepios.

Isso é lar. Isso é amor de verdade. Isso é *viver*.

— Obrigada.

Ele ri baixinho.

— Pelo quê?

— Por ter lutado por mim.

Epílogo

Callahan

Um ano depois

O clima está do jeito que eu queria. Ainda faz muito frio no topo da montanha nas primeiras horas da manhã, antes de o sol nascer, mas não tem nenhuma tempestade nos prendendo aqui dessa vez. Na verdade, está até fazendo um calor atípico para essa época do ano. Scottie e eu fizemos a trilha ontem, juntos dessa vez, pela nova passagem que o serviço do parque abriu. Depois que as pessoas viram o resultado do deslizamento de rochas, Scottie virou uma espécie de celebridade local, a trilheira que sobreviveu.

Deitados na cama, ela gira nos meus braços até ficar de frente para mim. Tenho quase certeza de que ainda está dormindo. Passo o polegar pela cicatriz na testa dela, quase escondida pelo cabelo. Os fios ruivos continuam bagunçados depois da noite de ontem, quando a devorei nesta cama como já fiz tantas vezes. Eu a deixei cavalgar no meu colo até que gozasse sozinha. Olho de lado e sorrio com a lembrança.

Eu queria comemorar o quanto a gente evoluiu depois de um ano juntos, e que lugar melhor do que a torre onde tudo começou? É uma sensação surreal estar de volta aqui em circunstâncias tão diferentes. Até o visual mudou. Dessa vez, podemos deixar as venezianas das janelas abertas, o que nos permite aproveitar a vista panorâmica da torre, quentinhos e aconchegados em frente ao fogão a lenha.

Beijo a testa dela e saio da cama devagar para jogar mais um pedaço de

lenha no fogo e começar a preparar o café. O movimento a acorda. Ela pisca algumas vezes, depois me olha com um sorrisinho preguiçoso do outro lado do quarto enquanto monto o fogareiro.

— Eu te amo — sussurra Scottie, ainda na cama.

Ela me faz sorrir com uma paz que nunca conheci antes.

Nossa história de amor foi uma trilha cheia de curvas e obstáculos. Tivemos que lutar muito para chegar aqui, mas chegamos, e a vista fez valer cada passo do caminho.

— Eu também te amo.

Scottie

ENQUANTO A ÁGUA ESQUENTA, Cal volta para a cama e se aconchega atrás de mim, moldando o corpo ao meu. Não demora muito para a água começar a chiar, sinal de que está na hora de preparar o café instantâneo amargo que trouxemos. Ele se senta, mas eu o empurro de volta para o colchão.

— Deixa que eu cuido disso.

Estico as pernas para fora da cama, fico de pé e me espreguiço em frente às chamas do fogão a lenha. O calor é bem-vindo agora que saí dos cobertores quentinhos. Sirvo duas xícaras de café e as deixo de lado, olhando pela janela e admirando os raios de sol rosados que se insinuam por trás dos picos das montanhas.

— O sol está nascendo. Vou assistir lá fora — aviso, enfiando os pés nas botas geladas. Devia ter deixado as duas perto do fogo ontem à noite. — Quer ver comigo?

Visto o casaco e fecho o zíper, segurando a xícara fumegante contra o peito para me aquecer.

— Daqui a pouquinho — responde ele, e se aconchega ainda mais nas cobertas. — Estou confortável demais para me mexer.

Eu rio e abro a porta para o ar fresco da manhã, fechando rápido atrás de mim para não deixar o frio entrar. Ao pisar na passarela, agradeço em silêncio por ouvir o som seco das minhas botas em vez do estalar da neve da última vez.

Um ano atrás, o tempo não estava tão limpo quanto hoje, e eu estava ansiosa por esse nascer do sol mais do que por qualquer outra coisa… Bem, quase. Ontem à noite, Callahan caprichou em todos os detalhes românticos e ainda trouxe nosso adorado jogo de batalha naval, o que levou a muitos outros tipos de diversão. Por um momento, cheguei a achar que ele fosse me pedir em casamento, mas não fiquei chateada quando o pedido não veio. As coisas estão indo tão bem, então não tenho a menor pressa. Nunca imaginei que a vida pudesse ser tão maravilhosa. Nem sempre é fácil, mas sempre é boa. Não precisamos correr para o próximo passo. Seguimos no nosso ritmo.

A cereja do bolo foi conhecer o namorado de Jonathan na semana passada. Devo ter parecido uma completa maluca chorando daquele jeito, mas ver a felicidade e o *orgulho* nos olhos dele ao apresentar Oscar pra gente quase fez meu coração explodir. Respiro o ar fresco da manhã e recito baixinho minhas afirmações diárias.

— Nossa — diz Callahan, saindo da torre de bota e casaco.

— Não é lindo?

— Com certeza.

Ele passa os braços ao redor da minha cintura, me puxando para junto de seu corpo. Coloco a xícara no corrimão e me aninho no calor dele enquanto os raios espreitam por cima da montanha e pintam a paisagem de rosa e laranja. O sol nascente incendeia o céu.

Fico em silêncio, embasbacada com a paisagem à nossa frente. É difícil acreditar que seja assim todos os dias. Faço uma pequena oração silenciosa de gratidão por Callahan e pela beleza desse momento ao lado dele. Solto um suspiro quando estende uma caixinha na minha frente. Fico sem reação, com olhos arregalados.

Meu Deus.

Ele abre a caixa, revelando um anel maravilhoso com um diamante em forma de gota que reflete milhões de faíscas cintilantes à luz do nascer do sol.

— Amor verdadeiro não é a mesma coisa que amor à primeira vista. Não é a mesma coisa que primeiro amor. É ter alguém com quem você consegue enfrentar qualquer tempestade. É ter alguém capaz de ver tudo o que lhe falta e que ainda assim decide que você vale a pena. É lutar pela pessoa amada quando ela não sabe como lutar por si mesma. Amor verdadeiro é a pessoa que ilumina as partes mais escuras da sua alma para que a vida volte a florescer. É ouvir aquelas três palavrinhas e de fato entender o que elas significam.

Eu giro nos braços dele e agarro seus ombros largos. As lágrimas enchem meus olhos com todo o amor que sinto por esse homem.

— Ainda comigo? — pergunta.

Na ponta dos pés, encosto os lábios nos dele e estendo a mão esquerda.

Isso é real. É tudo o que sonhei a vida inteira, e encontrei com Callahan, no topo de uma montanha.

— Sempre.

Agradecimentos

Mark, meu amado marido, você sobreviveu a mais um livro. Não existe homem no mundo mais paciente e encorajador do que você. Obrigada pelos sacrifícios, pelos jantares e pelas palavras de apoio ao longo dessa jornada. Eu não conseguiria correr atrás desse sonho sem você ao meu lado. Eu te amo.

Paisley e Dani, vocês acreditam que a gente conseguiu? Como isso aconteceu tão rápido? A gente escreveu esses meninos em tempo recorde (eu escrevi, pelo menos). É uma honra dividir essa série com vocês. Foi incrível trabalhar juntas, colaborar e entrelaçar nossos personagens na linda cidadezinha de Sky Ridge! Sem vocês, não sei quando eu teria parado para escrever essa história que mora no meu coração há anos.

Bri, nossa editora de desenvolvimento. Obrigada por editar os três livros, garantindo que não houvesse furos graves na hora de entrelaçar nossas histórias e linhas do tempo. Como sempre, você foi um espetáculo. Fico muito feliz de ter você não só como minha editora, mas também como uma amiga próxima e confidente. Te amo muito!

Dee, minha preparadora de originais e amiga querida. Eu sei que falo isso o tempo todo, mas sou muito grata por ter encontrado você logo no começo dessa jornada e por ter alguém que não só corrige meus erros, como também me ajuda a melhorar como escritora. Tenho certeza de que você está aliviadíssima porque dessa vez não fiz ninguém "mastigar pensativamente". Um abraço bem apertado!

Cathryn, nossa diagramadora da edição original, que deixou os livros tão bonitos por dentro quanto são por fora e coordenou todos os projetos gráficos de miolo. Muito obrigada!

Loni, a Whiskey Ginger. Meu Deus, mulher. Você sabe criar uma capa como ninguém. Quando tive a ideia dessa série, nunca imaginei que teria uma capa à altura da história. Mas cá estou eu, torcendo para que a história faça jus à capa. Você é uma pessoa linda, por dentro e por fora, e foi maravilhoso conhecer você. Cape foi incrível. Sempre vamos ter as ostras.

Minha equipe de conteúdo: Catie (design gráfico), Rachel (gerente de marketing), Shannon (assistente pessoal e gerente do grupo de leitoras) e Kenz (TikTok/ Reels), que mantiveram tudo nos trilhos mesmo lidando com três autoras que tentaram descarrilar o projeto várias vezes! Esse lançamento não teria acontecido sem vocês. Obrigada pela dedicação infinita, pelo trabalho árduo e pela organização impressionante.

A quem fez a leitura beta da série: Jess, Kara, Katie, Mel, Rose e Trish. Vocês são surreais por terem lido três livros seguidos! Não sei como conseguiram, mas somos imensamente gratas pelo feedback de vocês. Nossos livros não seriam tão bons sem essa ajuda. E Callahan com certeza teria sido bem mais babaca.

Minha equipe de leitores beta: Catie, Emma, Kailey, Kenz, Lorelei, Nicole e Shannon. Vocês conseguiram mais uma vez. Obrigada por sempre encontrarem novas formas de deixar minhas histórias melhores e o sexo mais safado! Sou muito grata por ter a amizade de vocês, mesmo que eu não apareça no Discord tanto quanto gostaria. Com todo o carinho, Beefer Sutherland.

Nossa fantástica equipe de leitores de provas, que de algum jeito conseguiu ler os três livros em um curtíssimo espaço de tempo, em plena época de festas de fim de ano. Vocês conseguiram um feito quase impossível, e somos eternamente gratas pelas resenhas que tornam o dia do lançamento tão divertido! Esperamos que tenham amado!

Ao Sloane St. James Street Team: vocês arrasaram dessa vez! Muito obrigada por panfletarem tanto essa série incrível! Serei eternamente grata e honrada por vocês estarem dispostas a compartilhar meu conteúdo com seus seguidores.

Um carinho enorme para meu Good Girl Book Club! Fico com o coração quentinho só de pensar que um grupo de mais de mil e quinhentas leitoras se encontrou por causa da série *Lakes Hockey*. Que venham ainda mais leitoras no próximo ano!

Victoria Wilder, minha amiga maravilhosa, obrigada por me ajudar a consertar a orelha e deixar tudo incrível. O que eu faria sem você?

Lesley e o marido dela, meus especialistas em ambulâncias. Muito obrigada por revisarem aquela cena de sexo e garantirem que fosse a mais precisa possível.

S, eu não teria conseguido escrever este livro sem você. Seu conhecimento, orientação e paciência infinita me ajudaram a entender os bombeiros florestais e os enormes desafios que enfrentam. Mais importante ainda: seu humor, sua

vulnerabilidade e sua amizade me ajudaram a entender Callahan. Obrigada por dar vida ao meu personagem e por compartilhar um pedaço tão pessoal e importante de sua essência. Peço desculpas por ter deixado Callahan menos babaca do que você gostaria. Culpe os leitores beta.

C, obrigada por responder a todas as minhas perguntas e compartilhar toneladas de informações valiosas e relatórios! Espero que sua namorada goste da menção!

r/ wildfire. Essa comunidade é o grupo mais adorável de completos imbecis com quem já tive o prazer de interagir. Obrigada por me deixarem entrar no espaço de vocês para fazer perguntas e discutir cenários. Não consigo expressar quanto gostei de aprender sobre o trabalho que vocês fazem e ouvir suas histórias. Vocês são nojentos pra caralho. Nunca mudem.

GLOSSÁRIO

Águia: helicóptero.

Área queimada: área que já foi consumida pelo fogo.

Área verde: local repleto de vegetação que ainda não foi queimada.

Árvore morta: árvore ainda em pé, muitas vezes morta pelo fogo, que representa risco para bombeiros em operações terrestres.

Balde aéreo: balde suspenso por cabos em helicópteros, utilizado para transportar e despejar água ou retardante diretamente sobre o fogo. Os baldes aéreos podem ser reabastecidos em lagos ou rios e têm capacidade de comportar até 10 mil litros.

Besouros atraídos por fogo ou besouros *Melanophila*: insetos atraídos por incêndios florestais porque utilizam madeira recém-queimada ou ainda fumegante para depositar seus ovos. Reúnem-se bem próximos ao fogo e são dotados de uma mordida agressiva, podendo atacar bombeiros florestais que trabalham na linha de fogo.

Bolsão de cinzas: cavidade no solo preenchida com cinzas quentes e brasas.

Buggy: veículo de transporte com assentos, sem reservatório de água. Tem capacidade para até oito passageiros, permitindo o deslocamento de uma grande equipe até o local do incêndio.

Chefe da Divisão: pessoa responsável por implementar a parte designada do Plano de Ação do Incidente e por todas as operações realizadas na divisão ou grupo durante um incidente de incêndio florestal.

Combatente voluntário: bombeiro florestal voluntário.

Combustível em escada: materiais inflamáveis, como árvores pequenas ou galhos baixos, que possibilitam que o fogo suba do solo para a copa das árvores, aumentando a intensidade e o potencial de propagação. Quando o fogo "escala" as árvores, pode provocar incêndios de copa.

Comandante do incidente: líder no combate a um incêndio, responsável por coordenar dezenas de pessoas envolvidas no planejamento complexo, segurança, estratégia e operações de uma conflagração.

Coroamento: situação em que uma ou mais árvores entram rapidamente em chamas.

Corrente: unidade de medida utilizada em incêndios florestais. Equivale a cerca de 20 metros.

Crampons: placas metálicas com pontas fixadas a botas, utilizadas para caminhar sobre gelo ou para escalar superfícies rochosas.

Equipe de combate aéreo: grupo de bombeiros treinados e certificados para operar helicópteros no combate a incêndios.

Equipe de elite: grupo de bombeiros florestais com treinamento intensivo, principalmente responsável pelo combate direto ao fogo e pela construção de linhas manuais.

Equipe manual: bombeiros florestais polivalentes. Em geral, é composta de dezoito a vinte pessoas e trabalha escavando linhas de controle, cortando árvores e arbustos com motosserras e realizando queimadas controladas com tochas de gotejamento.

Equipe de veículo de combate a incêndio: equipe de até dez bombeiros vinculada a um caminhão-pipa, encarregada do combate inicial e direto a um incêndio florestal. Utilizam uma variedade de ferramentas, principalmente mangueiras de água.

Escala/ turno de serviço: designação ou atribuição de trabalho em um incêndio.

Foco secundário de incêndio: ocorrência em que brasas ultrapassam linhas de controle e se depositam sobre vegetação ou outro material inflamável, iniciando novas chamas.

Fogo de encontro, contrafogo ou queima de contenção: termos usados para designar a aplicação intencional de fogo no terreno, queimando a vegetação na frente ativa do incêndio com o objetivo de retirar o combustível disponível.

Incêndios de copa: ocorrem quando as copas das árvores entram em combustão. Em geral, são os incêndios de maior porte, com maior dificuldade de contenção e alta velocidade de propagação. Quando uma copa se incendeia, o fogo pode começar a se alastrar de árvore em árvore.

Linha de controle ou linha de contenção: qualquer barreira natural ou construída utilizada para impedir ou retardar o avanço do incêndio.

Linha de fogo ou aceiro: faixa de solo livre de vegetação, projetada para impedir ou direcionar o avanço do incêndio. Bombeiros podem escavar essa linha por conta própria, usando Pulaskis e outras ferramentas.

Localizador de incêndio Osborne: tipo de alidade utilizada por vigias de incêndio para determinar a direção (azimute) da fumaça e alertar as equipes sobre um incêndio florestal.

Meteorologista do incidente: profissional responsável por fornecer previsões meteorológicas durante o incêndio.

Nomex: nome popular do traje amarelo usado por bombeiros florestais. Nomex é uma marca registrada de um tecido resistente ao fogo, amplamente utilizado em aplicações industriais e em equipamentos de proteção contra incêndio.

Pedregulho/ detritos de talude: acúmulo de pequenas pedras soltas que se forma ou cobre uma encosta de montanha.

Ponto de ancoragem: local estratégico a partir do qual se inicia a construção de uma linha de controle do incêndio, em uma área naturalmente incombustível, como pedregulhos, cursos d'água ou trilhas. O objetivo de um ponto de ancoragem é impedir que o fogo se alastre para além da linha de

controle e prenda os bombeiros por trás.

Pulaski: ferramenta manual cujo cabeçote possui uma lâmina de machado de um lado e uma enxó do outro.

Queimada prescrita ou controlada: fogo planejado e iniciado de modo intencional para atingir objetivos específicos de manejo, como reduzir o risco de incêndios florestais e restaurar ecossistemas naturais.

Refeições prontas para consumo: ração individual, autossuficiente e leve, que fornece uma refeição completa para uma pessoa.

Rota de fuga: um trajeto predeterminado para permitir que os bombeiros se desloquem para um local seguro caso a situação se torne perigosa.

Stihl: marca de motosserra utilizada por bombeiros florestais para cortar arbustos, árvores mortas e detritos.

Tocha de gotejamento: ferramenta portátil usada para iniciar queimadas controladas e prescritas, gotejando combustível em chamas sobre o solo para provocar a ignição intencional.

Veículo de combate a incêndio: caminhão-pipa ou outro veículo terrestre capaz de transportar e bombear água por meio de mangueiras para combater as chamas.

Veículo utilitário *off-road*: veículo motorizado projetado para uso fora de estradas, geralmente maior que um quadriciclo.

Playlist

Disponível no Spotify com o QR Code abaixo:

Prólogo; “Breaking Point (FU)”, Logan Michael)
1. “Pesticides”, Moselle & Matt Hip
2. “Bride at a Bar”, Vwillz, Mike
3. “Weren’t For the Wind”, Ella Langley
4. “American Dream”, Drayton Farley
5. “Let it Burn”, Shaboozey
6. “Coal”, Dylan Gossett
7. “Risk”, Gracie Abrams
8. “Spin You Around”, Morgan Wallen
9. “Up In Flames”, Łaszewo
10. “Straight and Narrow”, Sam Barber
11. “FMRN”, Lilyisthatyou
12. “Unhealthy”, Anne Marie feat. Shania Twain
13. “Smoke and a Light”, Ole 60
14. “White Mustang”, Lana Del Rey
15. “Ghost In My Guitar”, Alana Springsteen
16. “Twin Flame”, Brennan Story
17. “A Lot More Free”, Max McNown
18. “Ain’t Doin’ Jack”, Josh Ross
19. “Fuck Your Sunshine”, Łaszewo
20. “Dead to Me”, Voilà
21. “World on Fire”, Nate Smith
22. “Amnesia”, Josh Abbott Band
23. “Civilian”, Wye Oak

24. “Backroad”, Lecade
25. “It Is What It Is”, Abe Parker
26. “Good Die Young”, Koe Wetzel
27. “Everything Under the Sun”, Waylon Wyatt
28. “The Emotion”, BØRNS
29. “If I Were the Devil”, Colby Acuff
30. “Hold On”, Chord Overstreet
31. “Red Flags”, Josh Ross
32. “The Night We Met”, Lord Huron
33. “I’m the Sinner”, Jared Benjamin
34. “Everything We Need”, Wilfred
35. “Wine into Whiskey”, Tucker Whitmore
36. “Pitchin’ Fits”, Drayton Farley
37. “WOW”, Zara Larsson
38. “A Cigarette”, Gavin Adcock
39. “Burning Down”, Alex Warren
40. “Feathered Indians”, Tyler Childers
41. “Make It Out Alive”, Matthew Gold
42. “Maxed Out”, Bayker Blankenship
43. “Love Is Beautifully Painful”, Darkrose Ghost Duet
44. “Religiously”, Bailey Zimmerman
45. “Beneath Oak Trees”, Dylan Gossett
46. “Half of Forever”, Henrik
47. “What He’ll Never Have”, Dylan Scott
48. “Let It Burn”, Jared Benjamin
49. “Holy Smokes”, Bailey Zimmerman
50. “Skin and Bones”, David Kushner

Epílogo; “Shake the Frost”, Tyler Childers

Confira nossos lançamentos,
dicas de leituras e
novidades nas nossas redes:

 @globolivros

 https://www.facebook.com/globolivros

 @GloboLivros

Copyright © 2026 by Editora Globo S.A. para a presente edição
Copyright © 2025 by Sloane St. James

Esta edição foi publicada em acordo com a Slowbuurn, um selo da Zando LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Fight*

Editora responsável: Amanda Orlando
Editora de produção: Viviane Rodrigues
Editores-assistentes: Rodrigo Ramos e Renan Castro
Assistente editorial: Camila Novaes
Preparação: Marcela Barros
Revisão: Juliana Oliveira e Bárbara Fazolari
Diagramação: Abreu's System
Capa: The Whiskey Ginger | @whiskeygingergoods
Adaptação de capa: Carolinne de Oliveira
Editora de livros digitais: Anastacia Cabo
Produção do e-book: Ranna Studio

1ª edição, 2026

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S767f

St. James, Sloane
Fogo / Sloane St. James; tradução Gabriela Peres Gomes. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Globo Livros, 2026. (Bombeiros de Sky Ridge; 1)
376 p.

Tradução de: Fight
ISBN impresso: 978-65-5987-338-8
ISBN digital: 978-65-5987-351-7

1. Romance americano. I. Gomes, Gabriela Peres. II. Título.

26-106188.2

CDD: 813
CDU: 82-31(71)

Carla Rosa Martins Gonçalves — Bibliotecária — CRB-7/4782

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Rua Marquês de Pombal, 25 — 20230-240 — Rio de Janeiro — RJ
www.globolivros.com.br